

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

**A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO INFANTIL NO TATAME**  
**EDUCACIONAL: OUVINDO PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE JANDIRA (SP)**  
**SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA**

**THATIANA FRANCELINO GUEDES PINEDA**

**SÃO PAULO**

**2010**

**THATIANA FRANCELINO GUEDES PINEDA**

**A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO INFANTIL NO TATAME  
EDUCACIONAL: OUVINDO PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE JANDIRA (SP)  
SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Prof. Dr, José Rubens Lima Jardimino  
(Orientador).

**SÃO PAULO**

**2010**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Pineda, Thatiana F. Guedes.

A formação docente em Educação Infantil no tatame educacional: ouvindo professoras do município de Jandira (SP) sobre a formação continuada. / Thatiana Francelino Guedes Pineda. 2010.

259 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2010.

Orientador (a): Prof. Dr. José Rubens Jardimino.

1. Educação Infantil. 2. Formação continuada. 3. Reflexão crítica. 4. Voz docente.

CDU 37

**A FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO INFANTIL NO TATAME  
EDUCACIONAL: OUVINDO PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DE JANDIRA (SP)  
SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA**

Por

**THATIANA FRANCELINO GUEDES PINEDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora, formada por:

---

Presidente: Prof. José Rubens Lima Jardimino, Dr. – Orientador, UNINOVE

---

Membro: Prof<sup>a</sup>. Yoshie Ussami Ferrari Leite, Dra. – UNESP

---

Membro: Prof. Carlos Bauer, Dr. – UNINOVE

---

Membro: Prof<sup>a</sup>. Ester Buffa, Dra. – Suplente, UNINOVE:

São Paulo, ..... de ..... de 2010.

À minha “pequena Júlia”, representando  
milhares de pequenas crianças  
merecedoras de uma Educação Infantil da  
melhor qualidade.

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos seguem ordem decrescente de contato com esta conquista, porém antes agradeço as crianças que passaram pela minha vida!

Dora, obrigada pela leitura e correção atenta do meu trabalho!

Agradeço à professora Yoshie que, atenciosa e gentilmente, contribuiu nesta realização pessoal com sábios posicionamentos. À professora Terezinha Rios, agradeço pelas inspirações que guardarei por todo caminho na educação. Aos professores e colaboradores da Uninove que sempre em prontidão, fizeram a diferença no meu trabalho. Ao professor Jardimino meu agradecimento especial, por ter acompanhado do começo ao fim. Guardarei as orientações desta pesquisa e todos os ensinamentos que me tornaram hoje uma educadora com novas perspectivas para a educação de nossas crianças.

Agradeço aos meus companheiros de mestrado: Ana, Júlia, Juliana, Leandro, Luciana, Rosângela, Rubem, Tsuzi... E, a tantos outros pela atenção e compartilhamento das angústias e vitórias deste trabalho.

Agradeço à SMEJ, aos funcionários da Câmara Municipal, aos munícipes e às professoras de Jandira que foram essenciais para este trabalho, contribuindo nas análises e na reconstrução histórica. Vitória! Agora temos material sobre a História da Educação de Jandira e, sobretudo, da Educação Infantil! Obrigada especialmente às professoras Anete e Leda, ao professor Roberto Piteri e ao senhor Clécio Soldé.

Às minhas amigas educadoras que compartilham comigo das angústias e da luta por uma educação melhor. À direção da E.M.E.B. Marcelo Faria Pereira pela compreensão nos momentos que precisei e a todos os educadores que me apoiaram. Às monitoras da Creche Olímpia M. de Brito, que me incentivaram em lutar pela formação de educadoras da Educação Infantil. Marlene, obrigada pela sua contribuição! Minha amiga Cida: agradeço-te, em especial, por tudo que fez por mim!

A oportunidade de concluir esta etapa da minha vida me leva a lembrar o começo da minha educação, ainda num colo atento. Aos meus pais o agradecimento é eterno. O meu orgulho é de estar a cada dia aprendendo com uma família tão presente. Obrigada por cada suor e pela expectativa na minha formação! Obrigada por tudo e por todos os dias! Às minhas irmãs, companheiras, incentivadoras... educadoras, que estiveram comigo durante toda minha formação e até no último momento depositaram tamanha atenção e dedicação. Ao meu companheiro Nilton, porque não posso chamá-lo somente de marido. Pois, no significado da palavra, companheiro é aquele que anda junto, e assim estamos seguindo. Agradeço-te por principalmente ter acreditado e investido nesta realização desde o início.

Agradeço em especial à minha Júlia, que na sua infância demonstrou paciência e amor. Cada segundo que aguardou por mim, sabendo que eu estava ao seu lado mesmo não estando perto. Você é meu orgulho e incentivo diário!

E a Deus, que apesar de intencionalmente ter deixado este agradecimento para o final, é o meu fôlego de vida constante. E principalmente nos momentos de solidão debruçada neste trabalho não me fez sentir só! A Ti toda honra!

## RESUMO

A proposta desta pesquisa foi de ouvir professoras de pré-escola do município de Jandira (SP) sobre como percebem na prática a formação continuada. Portanto, nosso objeto de estudo se constituiu da “voz” das professoras, sujeitos da pesquisa, de acordo com as delimitações necessárias: professoras participantes dos dois principais programas de formação em serviço oferecidos pela SMEJ, no período de 2003 a 2008, atendendo ainda outros critérios justificados no trabalho. A pesquisa foi desenvolvida principalmente com a análise de sete entrevistas semi-estruturadas com as professoras, mediadas pela teoria na área. A base teórica manteve o foco nas concepções históricas brasileiras de dois eixos deste trabalho: a Educação Infantil e a Formação Continuada. Além dessas etapas, pesquisamos documentos da SMEJ, coletamos depoimentos de professores e munícipes para o levantamento de dados históricos da educação no município e dialogamos com gestores e profissionais que participaram como formadores destes programas. Nosso objetivo principal foi contribuir para a reflexão sobre a formação continuada de professores da Educação Infantil, especificamente no município de Jandira, e dentro desta proposta, a voz das professoras revelou que os programas não consideraram as particularidades da Educação Infantil e contribuíram pouco para a reflexão-crítica da prática docente. As falas das professoras comprovaram também o que as pesquisas do campo apontam quanto à inadequação da formação docente e a não consideração das especificidades da Educação Infantil, reforçando e ampliando-as.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Formação Continuada; Reflexão-crítica; Voz docente.

## ABSTRACT

The purpose of this research was to listen to pre-school teachers of the city of Jandira (São Paulo State) on how they perceive the practice of the continued formation. Therefore, our object of study is consisted by the "voice" of the teachers, the research subjects in accordance with the demarcation needed: teachers who participated in the two main in-service training programs offered by SMEJ in the period 2003-2008, taking also into account other criteria justified at the paper. The research was conducted mainly by the analysis of seven semi-structured interviews with teachers, mediated by the theory in the area. The theoretical base has focused on Brazilian historical conceptions of two axes of work: Early Childhood Education and Continuing Education. Beyond these steps, we researched documents of SMEJ, collected testimony from teachers and residents to survey the historical data on education in the city and dialogued with managers and professionals who participated as trainers of these programs. Our main objective was to contribute to the reflection on the continuing education of Early Childhood Education teachers, specifically in the city of Jandira, and within this proposal, the voice of the teachers revealed that the programs did not consider the particularities of Childhood Education and contributed little on the reflection-criticism of the teaching practice. The testimonies of the teachers also confirmed what the field research point about inadequacy of teacher training and no account to specifics of Early Childhood Education, strengthening and expanding them.

**Keywords:** Continuing Education; Early Childhood Education; Reflection-criticism; Voice teacher.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	Foto Júlia .....	13
2	Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2005) .....	19
3	Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2005) .....	26
4	Mapa 1 – Escolas do município de Jandira .....	36
5	Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2005) .....	44
6	Foto – Turmas nos anos 70 do 1º Jardim de Infância de Jandira (a) .....	69
7	Foto – Placa do Instituto JMC .....	72
8	Foto – Entrada do Instituto JMC em 1.948 .....	72
9	Foto – Atual Casa da Cultura JMC .....	72
10	Foto – Turma da Escola Mista da Parada Jandira em 1.938 .....	74
11	Foto – Professor Vicente Themudo Lessa .....	75
12	Foto – Galpão do Grupo Escolar .....	75
13	Foto – Reinauguração do Grupo Escolar Prof. Vicente Themudo Lessa ...	75
14	Foto – Reinauguração do Grupo Escolar com desfile da 1ª Fanfara de Jandira .....	75
15	Foto – Raphael Gióia Martins .....	78
16	Foto – Turmas nos anos 70 do 1º Jardim de Infância de Jandira (b) .....	79
17	Foto – Turmas nos anos 70 do 1º Jardim de Infância de Jandira (c) .....	79
18	Foto – Pré-escola na década de 90 com o ex-prefeito Roberto Piteri .....	80
19	Foto – Pré-escola de 1.983 .....	81
20	Foto – Professoras com alunos de pré-escola (site) .....	90
21	Foto – Crianças de pré-escola em atividade de culinária (2007) .....	110
22	Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2006) .....	158
23	Foto – Primeira Estação de Trens de Jandira .....	175
24	Foto – Jandira: Memórias de uma Cidade .....	176
25	Foto – Vista parcial da zona industrial (década de 1970) .....	178
26	Foto – Plebiscito em 08/12/63 no Instituto JMC (a) .....	180
27	Foto – Plebiscito em 08/12/63 no Instituto JMC (b) .....	180
28	Foto – Brasão da Cidade de Jandira .....	181
29	Foto – Vista parcial do centro de Jandira (cartão postal de 08/12/1999) ...	182
30	Foto – Professora Leda Santos (década de 1980) .....	183
31	Foto – Professor Roberto Piteri (2010) .....	192
32	Foto – Professora Anete Fontoura (2009) .....	195
33	Foto – Professora estagiando no Jardim de Infância Caetano de Campos (1965) .....	199
34	Foto – Sr. Clécio Soldé (2009) .....	200
35	Cópia ilustrativa do Jornal de Convocação dos Professores Concursados em 1.990 .....	228

## LISTA DE GRÁFICOS

1	Instituições que atendem a pré-escola no município .....	36
2	Porcentagem de alunos na pré-escola .....	36
3	Número de matrículas em São Paulo e Jandira de 2000 – 2008 .....	56

## LISTA DE QUADROS

1	Programas de Formação no período de 2003 a 2008 direcionados à Educação Infantil, no município .....	41
2	Entrevistados para apuração de dados sobre a história da educação de Jandira .....	41
3	Entrevistados – Gestores .....	43
4	Estabelecimentos e alunos da rede municipal .....	76
5	Organização dos módulos e cargas horárias do Programa RCNEI .....	117
6	Professoras participantes dos programas de formação continuada .....	119
7.a.	Caracterização das professoras entrevistadas .....	121
7.b.	Formação institucionalizada .....	121
7.c.	Experiência e opções profissionais .....	121
7.d.	Formação continuada, leituras e eventos em educação .....	122

## LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

<b>ADE</b>	Auxiliar de Desenvolvimento Educacional
<b>Aise</b>	Assessoria Institucional Sócio-Educacional
<b>Andi</b>	Agência de Notícias dos Direitos da Infância
<b>Anped</b>	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
<b>Cefans</b>	Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
<b>CEI</b>	Coordenadoria de Educação Inclusiva
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>Copedi</b>	Congresso Paulista de Educação Infantil
<b>CPTM</b>	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
<b>EAD</b>	Educação a Distância
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>E.M.E.B.</b>	Escola Municipal de Educação Básica
<b>E.M.E.F.</b>	Escola Municipal de Ensino Fundamental

<b>E.M.E.I.</b>	Escola Municipal de Educação Infantil
<b>Funabem</b>	Fundação Nacional do Bem-estar do Menor
<b>Fundeb</b>	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação
<b>Fundef</b>	Fundo de Nacional de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e da Valorização dos Profissionais da Educação
<b>GT</b>	Grupo de Trabalho
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>INEP</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
<b>Ipream</b>	Instituto da Previdência Municipal de Jandira
<b>JMC</b>	José Manoel da Conceição
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>LIPHIS</b>	Linha de Pesquisa em História e Teoria da Profissão Docente e do Educador Social
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>Mieib</b>	Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil
<b>Mobral</b>	Movimento Brasileiro de Alfabetização
<b>OMEP</b>	Organização Mundial da Educação Pré-escolar
<b>PME</b>	Plano Municipal de Educação
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>RCNEI</b>	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
<b>SAM</b>	Serviço de Assistência aos Menores
<b>SMEJ</b>	Secretaria Municipal de Educação de Jandira
<b>Undime</b>	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
<b>Unicef</b>	Fundo das Nações Unidas para a Infância
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1. MEMORIAL – UMA PROFESSORA DESENHADA PELA INFÂNCIA: A PRETEXTO DE UM MEMORIAL</b> .....	14
<b>2. INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>3. MODELANDO O PROJETO DE PESQUISA</b> .....	27
3.1. DO QUE ESTAMOS FALANDO .....	27
3.2. OS CAMINHOS QUE PERCORREMOS .....	32
<b>4. A EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA</b> .....	45
4.1.A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL ANTES DA LDB Nº 9394/96 .....	47
4.1.1. Os espaços de atendimento à infância .....	48
4.1.2. Os órgãos públicos e a infância .....	54
4.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL POSTERIOR À LDB E A REALIDADE NAS PESQUISAS .....	57
4.3. REFORÇANDO A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS.....	64
<b>5. DO CENÁRIO BRASILEIRO À EDUCAÇÃO INFANTIL EM JANDIRA</b> .....	70
5.1. A EDUCAÇÃO EM JANDIRA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS .....	71
5.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL EM JANDIRA: UMA HISTÓRIA CONTADA POR PROFESSORES .....	77
5.3. RECORTES DO DOCUMENTO PROPOSTA DO PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JANDIRA/SP 2008-2018 .....	85
<b>6. O CENÁRIO DA FORMAÇÃO DOCENTE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO</b> .....	91
6.1. FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL – UM PANORAMA HISTÓRICO .....	94
6.2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA INFÂNCIA PRESENTES NO TATAME EDUCACIONAL .....	99
6.3. CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA .....	103
<b>7. COM A PALAVRA, AS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE JANDIRA</b> .....	111

7.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PROGRAMAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO .....	111
7.1.1. Programa Letra e Vida .....	112
7.1.2. Programa RCNEI – Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil .....	114
7.2. CARACTERIZAÇÃO DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS .....	119
7.3. DIÁLOGOS COM OS GESTORES DA SMEJ SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL E FORMAÇÃO CONTINUADA .....	122
7.4. A VOZ DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR SOBRE SUA FORMAÇÃO CONTINUADA .....	128
7.4.1. Contexto pré-escolar e concepções de Educação Infantil nas entrevistas ..	129
7.4.2. Concepções de formação continuada e as opiniões das professoras nas entrevistas .....	143
<b>8. CONCLUSÃO .....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>183</b>



Dizia o livro: “As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão”.

Refleti muito sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1.

[...]

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo.

Responderam-me: “Por que é que um chapéu daria medo?”

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre necessidade de explicações detalhadas. Meu desenho número 2

[...]

As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jibóia abertas ou fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. [...] As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar a toda hora explicando.

(SAINT-EXUPÉRY, *O pequeno príncipe*, 2006, p. 9-10).

1. Foto de Júlia.

## 1. MEMORIAL – UMA PROFESSORA DESENHADA PELA INFÂNCIA: A PRETEXTO DE UM MEMORIAL

Não me julgo uma professora por acidente, mas formada por rabiscos meio tortos, porém muito coloridos pela infância. (Thatiana Pineda).

Meus pais tornaram a educação um dos pilares mais valorizado na minha vida. Apesar da formação escolar incompleta, buscaram colocar minhas irmãs e eu em boas escolas até quando possível, investiram cada centavo do trabalho num futuro melhor e acreditaram, essencialmente, que o estudo seria a única herança jamais retirada de nós. A cobrança rígida da nossa dedicação aos estudos incutia em uma enorme preocupação com um futuro melhor.

Minha infância foi um período muito marcante sempre ligado aos estudos, de forma companheira e prazerosa, pela minha família e pelas minhas professoras. Passei pela fase da educação básica e valorizei cada aprendizado escolar, desde a década de 1980, no “Parquinho Pinóquio<sup>1</sup>”. Não cursei o magistério e durante toda adolescência sonhei trilhar nos desenhos da Arquitetura – daí a epígrafe. Ainda muito jovem, ao escolher o curso superior, tentei o que desejava, porém financeiramente foi impossível naquele momento. Por conta da minha idade meus pais insistiram que eu devesse optar por um curso em faculdade mais próxima que me garantisse uma profissão e que futuramente me daria condições de subsidiar meu sonho. Foi assim, que sem muito discernimento, optei pela Licenciatura em Pedagogia.

O primeiro ano foi de verdadeira insatisfação, não conseguia compreender os autores, as teorias, as críticas das alunas que já lecionavam, sobretudo o programa

---

<sup>1</sup> Nome de referência na década de 1980 à atual E.M.E.I. Alice Manholer Piteri, em Osasco/SP, inaugurada em 1982. Essa é uma nomenclatura diminutiva dos Parques Infantis como Kuhlmann Jr. (2000) e Oliveira (2002) comentam na história da Educação Infantil anterior a atual LDB.

curricular. Foi quando surgiu a oportunidade de estagiar na área de treinamento em recursos humanos que me obrigava dar continuidade àquele curso. Nesse momento meus pais me orientaram a esperar e dar sequência aos estudos, eles sabiam que mais tarde eu poderia dar valor àquela escolha meio imposta pelas condições reais da minha família.

Quando iniciei os estágios obrigatórios do curso minha dúvida cresceu: seria realmente naquilo que desejava atuar? Neles fiz observação em escola particular, pública, ensino fundamental, médio e em administração escolar, no entanto pouco me identifiquei em tais situações. Dessa forma, três anos depois, ali estava eu, com um diploma na mão, mas sem expectativa de atuação docente.

Por curiosidade, logo em seguida prestei alguns concursos em cidades da Grande São Paulo e ingressei na docência em Educação Infantil no município de Jandira. Não conhecia a cidade, a escola, ninguém daquele lugar, mas decidi arriscar para definir minha atuação profissional. Quando me vi no meio daquelas 40 crianças, de quatro e cinco anos, perdidas na sala de aula olhando para mim, “aquela situação me exigiu uma ação: naquele ano escolhi pela docência em Educação Infantil”. Essa foi a melhor escolha que fiz. A infância coloriu minha vida de maneira inusitada, era como se todo aquele “valor pela educação” desde meus primeiros anos se refletisse naquelas crianças.

Com enormes dificuldades na prática docente percebi, então, que a minha formação acadêmica não havia me preparado para situações reais no ambiente escolar. O curso de Pedagogia que fiz era focado na alfabetização e no desenvolvimento dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental e não me servia na Educação Infantil. Nesse momento comecei a buscar “novas leituras na área” e a elaborar dia após dia, na prática, cada aula dada conforme percebia as



reais necessidades, mas mesmo assim a dificuldade era de conciliar as leituras com a realidade.

O município de Jandira é um “pequeno pedaço do bolo” do território brasileiro no qual encontramos as crianças na miséria – não me refiro apenas às condições financeiras, mas às sociais, às carências familiares, à cultura – fazendo, nós, professoras, presenciar situações de verdadeiro abandono e que nos confundem quanto ao papel da educação, do social e da real atuação (o que muito me ocorreu). Esclareço sobre este cenário, pois retomo “as novas leituras na área” que fiz; é claro que não foram pesquisas e artigos que retratavam essas condições de transição entre o cuidar e o educar, a educação e o social, comum desde o surgimento da Educação Infantil, mas eram leituras de materiais disponíveis nas mãos de professoras: *Revista Nova Escola*. Elas davam dicas práticas de aula, com linguagem simplificada que tornavam tudo possível.

Por vários motivos a *Revista Nova Escola* constitui-se em objeto de estudo que apresenta de maneira exemplar a configuração da semicultura na sociedade globalizada contemporânea. Seu modelo editorial apresenta-se como uma tradução, para termos próprios à educação, do mesmo modelo seguido pelas demais revistas de entretenimento do Grupo Abril. Sua fórmula consistiria, assim, de se descaracterizar a categoria “professor” da especificidade que ela possui, reduzindo-a a mais um dentre outros estereótipos da indústria cultural. Assim como para a adolescente vende-se *Capricho*, para a mulher madura vende-se *Nova*, para o macho vende-se *Playboy*, para o homem de negócios vende-se *Exame*, da mesma forma, para o professor, vende-se *Nova Escola*. Estas publicações, bem como outras, de grande tiragem, parecem obter popularidade e sucesso em termos comerciais por seguirem um modelo editorial baseado em estereótipos análogas àquelas apontadas por Adorno em sua análise da coluna astrológica do *Los Angeles Times*. [...] Enquadrado como mais um dentre os estereótipos da sociedade de massas, o professor, ao lado da adolescente, da mulher madura, do macho, do homem de negócios etc, se vê anulado como um sujeito universal capaz de pensar o todo. Desincumbido de sua especificidade, ao professor resta apenas o consumo distraído de fórmulas que o põem em sintonia com uma totalidade que assim permanece imune à crítica. (BUENO, 2006, p. 7).

Destaco estas leituras que fiz, pois acreditei estar no caminho certo, pensamento comum entre as professoras da educação básica, e esse material me serviu de suporte até a entrevista deste programa de mestrado.

A minha profissionalidade se estruturou numa busca contínua pela luta por uma “Educação Infantil da melhor qualidade”. A cada carência que percebia, eu buscava novos caminhos e a formação continuada me parecia uma possibilidade favorável.

Naquela ocasião o departamento de educação jandirense se estruturava com nova administração e oferecia mais cursos de formação, como assim classificava. Eu, com muita ansiedade, procurava participar de todos que promoviam, mesmo não sendo direcionados à Educação Infantil. Aqueles encontros me despertaram muitas inquietações e, em conversas com outras professoras, percebi que as críticas coincidiam a respeito dos que não condiziam com a prática na sala de aula. Além desses cursos, preocupada em melhorar minha atuação docente, acreditei que a Pós-Graduação *Lato-Sensu* em Psicopedagogia pudesse contribuir com teorias sobre o desenvolvimento da criança, o que de certo modo colaborou, no entanto, a frustração ocorreu nos atendimentos clínicos do estágio, pois atendi crianças que não apresentavam problema algum, mas acreditavam nas palavras dos pais e professores de que não eram tão boas quanto as outras.

Por três anos atuei também na coordenação pedagógica de Educação Infantil e conheci a dura realidade de uma creche pública. Refiro-me assim, pois a inadequação do prédio, a falta de recursos, a superlotação nas salas, o número reduzido de profissionais, o assistencialismo, muitas vezes a desvalorização das profissionais e a ausência de formação, tornavam o dia-a-dia na creche muito desgastante. Porém, apesar da escolaridade incompleta e sem formação na área de

educação de muitas monitoras, a vontade de aprender, a disponibilidade de compartilhar suas angústias e dificuldades com as crianças de zero a três anos e a autonomia incentivada pela direção da unidade escolar, me motivavam a buscar por melhores conhecimentos e adequações na área. A preocupação constante com a formação dos profissionais que tinham contato direto com as crianças me proporcionou momentos de debate e de reflexão constantes com eles.

Outra experiência que muito me enriqueceu foi o convite para assumir a coordenação do Departamento de Inclusão da Secretaria de Educação do município, responsável pelos alunos portadores de necessidades especiais que estavam nas escolas. Apesar da porcentagem mínima desses alunos matriculados em creches e pré-escolas, foi possível perceber a dificuldade dos profissionais em cuidar e educá-los numa mesma proposta.

Em todas as experiências profissionais a docência era o meu foco. Todas elas e a busca de melhorar a cada dia minha prática docente me destinaram a esta pesquisa acadêmica.

Querem saber dos meus pais nesse momento? Ganharam mais um aliado, que acredita na continuidade dos estudos e é “meu parceiro incentivador de uma educação melhor”. Esse alicerce, somado ao objetivo de passar esse mesmo valor da educação à minha “pequena” Júlia, me trouxeram até aqui.

Ser professora-pesquisadora, sobretudo da Educação Infantil, me faz aprender ao ensinar. Compartilho hoje de uma das “pérolas” de Terezinha Rios: “Uma das coisas que realizo com maior alegria é ensinar, fazer aulas.” (RIOS, 2006, p. 17).



Até os oito anos, Tistu não soube o que era escola. Dona Mamãe, com efeito, tinha preferido começar em casa a instrução do filho, ensinando-lhes os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo. Os resultados, é preciso reconhecer, não eram maus. [...]

Quando Tistu atingiu os oito anos, Dona Mamãe considerou sua tarefa terminada. Era necessário confiar Tistu a um professor de verdade. [...]

Na tarde do terceiro dia, o professor entregou a Tistu uma carta para seu pai.

Na dita carta o Sr. Papai teve a desdita de ler estas palavras:

“Prezado Senhor, o seu filho não é como todo mundo. Não é possível conservá-lo na escola.”

A escola devolvia Tistu a seus pais.

(DRUON, *O menino do dedo verde*, 2008, p. 23 e 25).

2. Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2005).

## 2. INTRODUÇÃO

A formação docente em Educação Infantil passou a fazer parte oficialmente do tatame<sup>2</sup> educacional brasileiro a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) nº. 9.394 de 1996. Nesse contexto a conquista mais importante com essa política pública educativa foi a garantia legal de uma educação pública para a faixa etária de zero a seis anos. Sabemos que esta garantia nem sempre é real, tal como a exigência de formação dos professores que atuam com essas crianças. Outro problema refere-se às críticas da formação inicial de professores, inclusive para a etapa da Educação Infantil. Todas estas questões justificam a extrema relevância em debatermos tais contradições entre a lei e a realidade e os prejuízos sofridos na formação docente. Para isso, nos propomos neste trabalho em utilizar três eixos norteadores: a Educação Infantil, a Formação Continuada e a Voz<sup>3</sup> docente.

A formação continuada vem sendo, atualmente, um tema privilegiado pelos pesquisadores da área de formação dos professores. No GT08 da ANPEd<sup>4</sup>, cresce consideravelmente o número de trabalhos a respeito dessa temática<sup>5</sup>. A demanda se dá em virtude da atuação dos professores da educação básica nos cursos de Pós-

---

<sup>2</sup> Antes de comentarmos a palavra “tatame”, devemos considerar que nas artes marciais o uso desse essencial objeto é tido como um espaço sagrado. As artes marciais são práticas de combate para lutas e guerras, normalmente para a defesa pessoal em uma situação de risco. Seu enfoque principal é para a formação do caráter do ser humano, tanto que no Japão, “estas artes são chamadas de Bu-Dô ou Um caminho educacional através das lutas”. (Wikipédia, acesso em: 1 mar. 2010). A luta sempre tem um objetivo definido para o término. Exige-se sempre quando estiver em cima do tatame elegância, respeito e disciplina. O tatame cobre o “dojo”, lugar que se trilha um caminho. Recorremos a esses conceitos para explicitar o uso da palavra “tatame” no título deste trabalho, em que temos por objetivo demonstrar uma luta pelo respeito aos direitos da educação na infância, num momento histórico que se corria o risco de permanecerem excluídos.

<sup>3</sup> Utilizamos a palavra VOZ no sentido de OUVIR as professoras de educação infantil.

<sup>4</sup> GT08 (Grupo de Trabalho) – Formação de Professores da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Disponível em: [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br).

<sup>5</sup> Ver BRZEZINSKI, Iria; GARRIDO, Elsa. (2001).

Graduação, especialmente mestrado, seja por uma necessidade de refletir sobre sua prática e/ou buscar ferramentas metodológicas para o dia-a-dia do seu trabalho em sala de aula, ou também por exigência do seu empregador (as redes de ensino municipal e estadual).

Após a promulgação da LDB nº. 9394/96, essa preocupação atingiu as professoras da Educação Infantil, uma vez que a exigência é que todos os docentes da educação básica sejam formados em nível superior. Daí a necessidade desses profissionais de gerir sua carreira e sua formação. Com isso há naturalmente uma grande demanda para os cursos de educação continuada em serviço ou em programas de Pós-Graduação.

Os programas de educação continuada para professoras desse nível de ensino — dadas as suas especificidades — vêm sendo discutidos na área e as críticas a tais programas revelam muitas inadequações no processo formativo dos professores. Esse nível da educação tem suas particularidades e estas nem sempre são consideradas como apontam pesquisas nessa área: Azevedo e Pacheco (2001); Fernandes (2001); Campos, Füllgraf e Wiggers (2006) comentam:

Referente à formação de professores, parece que já existe uma consciência bastante disseminada de que a oferta existente [...] não responde às necessidades de qualificação requeridas para atuação em creches e pré-escolas. Assim, os desafios encontram-se [...] também na inadequação dos cursos existentes às necessidades de formação para a educação infantil. (CAMPOS; FÜLLGRAF; WIGGERS, 2006, p. 118).

Esse quadro de crescente demanda para formação continuada de professoras da Educação Infantil e o debate efervescente que se produz na área nos remetem a uma reflexão sobre os saberes profissionais necessários a essas

profissionais da Educação, e se esses são organizados e ministrados pelas instituições de formação. “A questão chave é: as especificidades para o docente desse segmento são consideradas nesse processo formativo?”

Sabemos que a necessidade de professores, a partir da década de 90 do século passado, para essa área foi imensa e o oferecimento de formações em instituições particulares de forma aligeirada foi uma realidade, sem contar a proposta de formação a distância de Pedagogia que, conforme dados do Ministério da Educação (MEC), foi a área que mais cresceu nos programas de Educação a Distância (EAD). Tudo isso coloca a formação do professor numa qualidade, no mínimo duvidosa. Para Educação Infantil o distanciamento aparenta mais agravado, pois como proporcionar uma formação para essa etapa da educação que, até então, não era reconhecida legalmente? Arroyo (1999) aponta que não estamos formando professores, mas sim os deformando.

Diante desse quadro retornamos nosso olhar à formação continuada dessas professoras que, apesar de terem instrução superior, enfrentam na sala de aula com crianças de zero a cinco<sup>6</sup> anos de idade inquietações as quais esperam serem discutidas nesses momentos formativos, no que pesem as problemáticas enfrentadas por elas que convivem diariamente com a importância de se refletir sobre a educação desde o primeiro ano de vida. Confirmando tal importância, pesquisas e divulgações da neurociência, no final do século XX, vêm tratando sobre a necessidade de investir na educação durante a infância. Se quisermos retroceder à educação da modernidade, podemos vê-la historicamente num dos manifestos de Martinho Lutero (2000) no século XVI, que afirmou uma maior possibilidade de

---

<sup>6</sup> A Lei nº 11.274 de 6 de fevereiro de 2006 que regulamenta o Ensino Fundamental de nove anos, altera a faixa etária da Educação Infantil anterior definida pela LBD 9394/96 (0 a 6 anos).

aprendizado quando a criança é educada ainda pequena, e que essa responsabilidade não cabia apenas aos pais, mas também era dever das autoridades.

[...] infelizmente a maioria das pessoas mais velhas não é capaz disso. Não sabe como educar e ensinar crianças. Elas próprias não aprenderam nada a não ser encher a barriga. Para ensinar e educar bem as crianças, é necessário gente especializada. (LUTERO, 2000, p. 18).

Podemos observar também nas cartas de Gramsci, citadas por Nosella (2008) – um de seus intérpretes no Brasil – considerações sobre a educação da criança do ensino nessa faixa etária, suas ocupações e o momento mais adequado de iniciar a educação do homem. Para ele a criança já aprende nos primeiros dias de vida e, posteriormente, essas experiências contribuíam na aprendizagem da linguagem.

[...] a criança se desenvolve intelectualmente de modo muito rápido, absorvendo desde os primeiros dias de vida uma quantidade extraordinária de imagens que são recortadas depois dos primeiros anos, e que irão guiá-la naquele primeiro período de juízos reflexivos, possíveis depois da aprendizagem da linguagem. (NOSELLA, 2008, p. 103).

A educadora que participa da instrução da criança nesse momento de aprendizagem contínua necessita ser ouvida a respeito da sua formação, seu profissionalismo, sua docência. Esta é a nossa proposta principal na pesquisa, que, além de refletir sobre as expectativas dessas profissionais quanto aos programas oferecidos, optamos em dialogar com elas para analisar nos discursos o impacto da formação continuada para o seu trabalho docente de acordo com as especificidades da Educação Infantil.



Esclarecemos que este trabalho se refere ao docente no feminino pela grande representação da mulher na Educação Infantil e, por Jandira não ter professores (masculino) nessa etapa de ensino, o que conseqüentemente possibilitou entrevistas somente com professoras. Retomaremos esta questão de gênero quando trataremos da história da Educação Infantil no Brasil, mais à frente.

Este trabalho está em sintonia com outras pesquisas realizadas no interior da Linha de Pesquisa História e Teoria da Profissão Docente e do Educador Social (LIPHIS) que analisaram a eficácia de determinados programas de formação continuada (SANTOS, 2005), pesquisas sobre formação em serviço na Educação Infantil (SANTOS, 2008), tal como a formação inicial do professor de Educação Infantil (ALMEIDA, 2005), no entanto, essas pesquisas priorizaram a análise dos programas realizados nas redes de ensino. A nossa, por outro lado, buscou ouvir e dar “voz às professoras de pré-escola” sobre o verdadeiro impacto da formação continuada na sua prática docente.

Ao introduzirmos o leitor nesta pesquisa dividimos este trabalho em capítulos que nos possibilitaram a aproximação com as concepções históricas da educação na infância e da formação docente. No Capítulo 3, “Modelando um Projeto de Pesquisa”, apresentaremos a justificativa da pesquisa, as delimitações do objeto, metodologia e detalhes necessários para a organização desta dissertação.

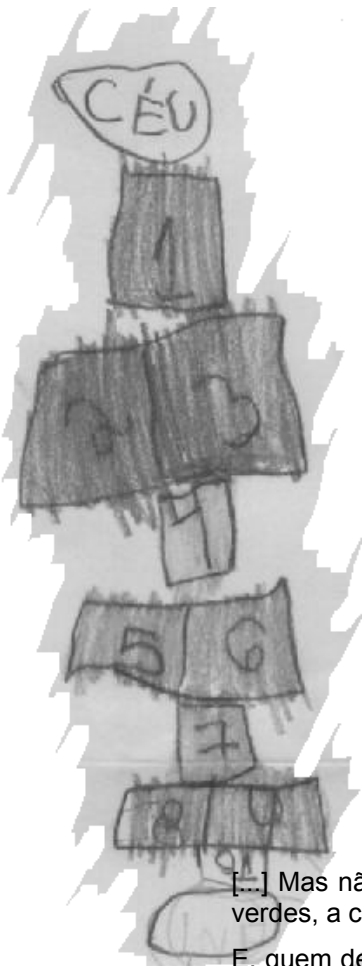
No quarto capítulo, “A Educação Infantil brasileira”, entenderemos por meio de um percurso teórico/bibliográfico, a concepção de Educação Infantil na sua história brasileira, subdividindo-o em compreensões anterior e posteriores à LDB nº 9394/96. Em seguida no Capítulo 5, “Do cenário brasileiro à Educação Infantil em Jandira”, abordaremos a trajetória e dados da Educação Infantil no município

elaborada através de documentos, registros e por diálogos com educadores e munícipes que presenciaram esses momentos de desenvolvimento na educação.

Já no Capítulo 6, “Cenário das Pesquisas em Formação Continuada”, destacaremos sobre a formação docente no Brasil desde seu surgimento e abordaremos pesquisas recentes que veem discutindo essa temática no decorrer da educação nas últimas décadas.

O Capítulo 7, “Com a palavra, as professoras de Educação Infantil de Jandira”, caracterizaremos os programas de formação em serviço ocorridos em Jandira, por meio de diálogos com as formadoras e documentos, as professoras de pré-escola entrevistadas e, como julgamos relevante, também neste capítulo incluiremos o posicionamento dos gestores da SMEJ quanto a o que compreendem dos pontos que norteiam esta pesquisa. Pretendemos assim, relacionar as concepções de Educação Infantil e de Formação Continuada dos capítulos anteriores às respectivas análises das entrevistas sobre o impacto da formação continuada na prática docente na Educação Infantil.

Na sequência, em “Conclusão”, apresentaremos nossas considerações finais fazendo uma triangulação dos dados obtidos nas entrevistas mediados pela teoria, a fim de contribuirmos para reflexão da formação continuada de professores de Educação Infantil no município neste momento de grandes avanços da educação básica nacional.



[...] Mas não, mas não, o sonho é meu e eu sonho que deve ter alamedas verdes, a cidade dos meus amores.

E, quem dera, os moradores e o prefeito e os varredores e os pintores e os vendedores fossem somente crianças.

Deve ter alamedas verdes, a cidade dos meus amores.

E, quem dera, os moradores e o prefeito e os varredores os pintores e os vendedores, as senhoras e os senhores e os guardas e os inspetores fossem somente crianças.

(BUARQUE, *Os Saltimbancos*, 2009, p. 16).

3. Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2005).

### 3. MODELANDO O PROJETO DE PESQUISA

A proposta neste capítulo é de situar o leitor como este trabalho foi realizado, caracterizando o projeto de pesquisa elaborado para a Linha de Pesquisa LIPHIS, com foco na formação de professores da Educação Infantil. As considerações e debates sobre o primeiro projeto permitiram sua ampliação e definição exata para pesquisa.

#### 3.1. DO QUE ESTAMOS FALANDO

Estruturar um projeto de pesquisa acadêmica foi uma experiência comparada a modelar massinhas na infância. Pegamos um pedaço da massa, ou seja, uma questão a ser pesquisada, amassamos, sentimos, construímos, desconstruímos, modelamos passo a passo o projeto e, partindo dele, no caminhar, ainda fizemos pequenos e grandes ajustes esperando agora, no término, contribuir com nossa conclusão provisória sempre aberta a novas reconstruções.

Sobre a temática desta pesquisa, foi possível encontrar no campo acadêmico educacional uma considerável produção na área, em que muitas analisaram a eficácia da formação inicial e outras, determinados programas de educação continuada em serviço de docentes da Educação Infantil. No entanto, ouvir professoras a respeito desse processo formativo foi uma proposta para olharmos por outros horizontes a questão da formação de docentes desse nível da educação

básica, considerando suas realidades, carências, analisando o impacto desse processo formativo para sua prática docente.

Na primeira leitura feita para esta pesquisa, atentamos aos debates da Educação Infantil que confirmam a sua importância, debatem os processos das alterações legislativas e apontam as conquistas requeridas pela sociedade para a educação de crianças menores de sete anos.

Em termos científicos, as descobertas da neurociência declararam que, desde o nascimento até os três anos de idade, o cérebro da criança é mais sensível às conexões cerebrais, portanto, os estímulos oferecidos na infância são fundamentais, o que nos remete a refletir sobre o preparo do profissional que os proporciona. No entanto, mesmo com a comprovação e divulgação dessa informação sobre o desenvolvimento da criança, pais e autoridades públicas não demonstram muito interesse. Isso foi possível perceber por meio da reportagem feita pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (CAFARDO, 5 jun. 2005), onde foi constatado que os pais não priorizam a formação do educador, por outro lado, estão preocupados com o cuidado e o bem-estar dos seus filhos. A pesquisa destaca ainda que o investimento em Educação Infantil é o menos favorecido comparado às demais etapas de ensino, por implicar em altos custos. Outro artigo do *Jornal da Tarde* (REHDER, 8 nov. 2006) refere que, ao haver investimento na Educação Infantil, os problemas são minimizados nos Ensinos Fundamental e Médio. Assim como no Brasil, países de primeiro mundo como Estados Unidos e Canadá também não valorizam os anos educacionais que antecedem o Ensino Fundamental. Diferentemente, podemos apontar Cuba como exemplo de uma política educacional bem sucedida, em que praticamente 100% de suas crianças, de zero a seis anos, estão na escola. No

questo formação de professores destacamos a França que exige para os que atuam nesse nível da educação uma formação no mínimo com mestrado.

No Brasil, desde a LDB nº. 9.394/96, a Educação Infantil passou a fazer parte da educação básica. Em contrapartida, pesquisas apontam variadas concepções de Educação Infantil nas visões dos docentes que nela atuam, atribuindo valores e significados bem diferenciados (AZEVEDO; PACHECO, 2001), negando o seu verdadeiro papel. Apesar de alguns educadores compreenderem o desenvolvimento da criança na fase de zero a cinco anos, eles ainda caracterizam o fato delas estarem na escola para preencher o tempo enquanto os pais trabalham. Outros educadores ainda consideram a fase da Educação Infantil como anos preparatórios para o Ensino Fundamental, tendo espantosamente ainda, alguns profissionais que acreditam estar fazendo um favor aos pais, com uma visão primitiva e assistencialista da Educação Infantil.

A escola de crianças de zero a cinco anos tem como principal função promover a infância explorando as suas potencialidades. Esse é um momento de intenso desenvolvimento, com necessidades de estímulo contínuo, com ritmos e limites diferenciados, que já estão em processo de aprendizagem.

Uma pesquisa realizada por Kappel, Carvalho e Kramer (2001) investigou as diferentes razões pelas quais as crianças frequentam creches e pré-escolas, alegando a necessidade de uma formação específica para os profissionais que nelas atuam. Tal preocupação tem alargado seu espaço a cada dia, visando à melhoria desse nível da educação, com foco no desenvolvimento integral da criança, excluindo o caráter assistencialista e a concepção que nega a necessidade de qualificação desse profissional, como antes se fazia (KUHLMANN JR., 2000).

A valorização da Educação Infantil no âmbito da educação básica se faz necessária para um desenvolvimento completo da criança inclusive de um corpo docente mais crítico e preparado. É possível afirmar que tivemos grandes avanços, pois hoje a busca por qualificação vem crescendo e sendo mais procurada por esses profissionais. A formação continuada ganha espaço no campo educativo, no entanto a atenção nesse setor, dada pela formação continuada em serviço de profissionais da Educação Infantil, necessita de um olhar mais atento com um foco definido para suas especificidades e necessidades. Alguns fatores desestimulam a carreira docente desse nível da educação básica, dentre eles destacamos a falta de assessoria e de recursos pedagógicos para a formação específica, visando à realidade nas instituições escolares e à prática pedagógica diária. Isso prejudica a identidade do professor quanto à sua realização profissional, que se reflete na identidade do aluno quanto ao seu desenvolvimento e formação.

A Educação Infantil no Brasil tem demonstrado consideráveis avanços a partir da Constituição Federal de 1988 e, mais precisamente, após a LDB de 1996, ainda que consideremos que há um distanciamento entre as leis e a realidade das instituições e dos profissionais (CAMPOS; FÜLLGRAF; WIGGERS, 2006). Faz parte dessas modificações a qualidade desses profissionais, tendo a formação composta não somente em sua fase inicial, mas também na proposta de uma formação continuada a fim de que o professor obtenha um desenvolvimento ininterrupto em sua carreira.

A proposta-chave da formação continuada visa à prática e de momentos que proporcionem a reflexão-crítica da prática. Outras duas chaves desse processo formativo, de acordo com o levantamento inicial, referem-se também ao contexto histórico/social e à visão do professor como pesquisador.

Estamos nos referindo a uma teoria que examina como uma pessoa enxerga as próprias realidades em que está envolvida. [...] A pedagogia crítica surgiu de uma necessidade de se dar nome à contradição entre o que as escolas dizem fazer e o que elas realmente fazem. Esta posição tem pontos fortes e fracos. (GIROUX, 1999, p. 177).

Giroux (1997, 1999) traz contribuições para a formação de professores com a concepção da Pedagogia Crítica, em que considera a formação integral, a qual um professor crítico estimule o aluno a também ser crítico, gerando um processo de reflexão-crítica, no qual se parte sempre da realidade vivenciada. A Pedagogia Crítica é vista como geradora de processo de transformação, visando uma forma de liberdade humana. Uma de suas considerações para a formação continuada diz respeito à importância da prática docente, assim como a necessidade de relacionar a teoria à prática, de maneira que possa ser mais clara e produtiva para os professores em sala de aula.

Alguns trabalhos identificaram as necessidades formativas dos professores em atuação (AZEVEDO; PACHECO, 2001). Todavia apontam exatamente a necessidade de uma tendência mais crítica, com conhecimento teórico-prático da realidade, que considere a criança no seu contexto social e cultural para tal proposta educacional. Existem também trabalhos recentes que afirmam a necessidade da formação continuada ser modificada, a fim de contextualizá-la dentro de seus objetivos ligados à realidade, considerando as experiências e conhecimentos construídos durante a docência desses profissionais (BRZEZINSKI; GARRIDO, 2001).

A formação dos docentes da Educação Infantil necessita ser específica para a área, com foco nessa etapa de desenvolvimento da criança. O fato de esses professores participarem de programas direcionados às outras etapas da educação



básica, como exemplo, com foco para o Ensino Fundamental, estes não respondem a angústias e carências de suas atribuições no seu trabalho docente.

### 3.2. OS CAMINHOS QUE PERCORREMOS

A questão desta pesquisa está centrada no que “as professoras de pré-escola de Jandira percebem de impacto da formação continuada na sua prática docente”, considerando as especificidades da Educação Infantil (se forem realmente consideradas) e se estes momentos formativos proporcionam reflexões-críticas da prática docente. Esclarecemos que não demos enfoque à eficácia dos programas, mas à opinião das profissionais quanto às suas expectativas docentes no processo de formação continuada.

A pesquisa tem como objetivo principal contribuir para a reflexão sobre a formação continuada de professores da Educação Infantil nesse período de avanços da educação de crianças menores de sete anos no Brasil. Outros objetivos são de investigar se os programas de formação continuada propõem momentos de reflexão na prática, levando em consideração as particularidades da educação de crianças pequenas, também de refletir sobre as expectativas dos professores frente aos programas oferecidos e observar o que percebem de contribuição, no sentido de favorecerem a sua prática com esse processo formativo. Na conclusão deste trabalho pretendemos também triangular a voz das professoras, dos gestores e dos profissionais que participaram como formadores sobre as concepções e propostas acerca da Educação Infantil e da Formação Continuada.

A problematização desta pesquisa nos levou a definir os objetivos, a metodologia e algumas hipóteses de trabalho, sendo elas: a) Quanto mais participação em programas de formação continuada melhor será a prática docente, podendo ser percebidas no planejamento das aulas, em atualizações teórico-práticas, na reflexão-crítica do professor e na sua postura com pais e alunos, dentre outras; b) Tendo em vista que há uma minoria de programas específicos para essa área, as docentes apresentam mais expectativas de contribuições para sua atuação na pré-escola dos programas direcionados para as outras etapas da educação básica, apesar de colaborarem pouco para o seu desempenho com crianças da Educação Infantil; c) Apesar das críticas aos programas de formação, as professoras ainda julgam a formação continuada como contribuidora na sua docência; d) As docentes da Educação Infantil apresentam maior dificuldade em se atualizarem especificamente na área, ficando à mercê do senso comum sem fazerem uma reflexão-crítica da sua prática.

Pesquisas na área e as leituras contribuíram para base teórica deste trabalho no que diz respeito à Educação Infantil (KUHLMANN JR., 2000; KAPPEL; CARVALHO; KRAMER, 2001; MONARCHA, 2001; OLIVEIRA, 2002; KRAMER, 2006b) e à Formação Continuada (BRZEZINSKI; GARRIDO, 2001; CAMPOS; FÜLLGRAF; WIGGERS, 2006; NOSELLA, 2005; SANTOS, 2008; GATTI; BARRETO, 2009; GOMES, 2009), das professoras desse nível de ensino da educação básica. Dois grupos de trabalho da ANPEd foram chaves para a coleta de dados bibliográficos: o GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, e o GT08 – Formação de Professores. O levantamento teórico sobre o tema para elaboração do projeto de pesquisa partiu, a princípio, do desejo de caracterizar os debates e as concepções

no decorrer da história da educação brasileira sobre a Educação Infantil e a Formação Continuada.

Foram necessárias algumas delimitações para o projeto de pesquisa, portanto em primeiro lugar definimos “como campo de estudo a cidade de Jandira/SP”, justificado pela proximidade da realidade da pesquisadora. O município de Jandira está localizado a 32km da capital paulista, fazendo divisa com Barueri, Carapicuíba, Cotia e Itapevi, na região metropolitana oeste de São Paulo. O território jandirense pertenceu a Cotia até 1963, tendo como principal função servir de rota de abastecimento de locomotivas da atual Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), que foi um dos trampolins para o desenvolvimento da cidade. Seus muros foram se estruturando e se ampliando em volta da estrada de ferro. Em 1973 foi inaugurada a entrada da Rodovia Castelo Branco que liga o município a São Paulo. Essa via de acesso rapidamente favoreceu a rota de transportes com desenvolvimento da industrialização e, conseqüentemente, a vinda de operários e familiares para a região, contribuindo até hoje para o expressivo aumento populacional, com mais de 120.000 habitantes. Essa realidade urbana imposta pela proximidade com a grande metrópole a colocou, não faz muito tempo, na categoria de uma das cidades mais violentas da região metropolitana de São Paulo.

Nos últimos anos o sistema educacional de Jandira vem se modificando para suprir a demanda crescente da população. Dentre várias ações desenvolvidas nas áreas sociais do município, a educação tem ganhado destaque e, nesse processo, a formação de professores tem sido focada. Alguns feitos aconteceram à medida que foram se estruturando as instituições educacionais do município:

- Em 2003 criou o Departamento de Assessoria Institucional Sócio-Educacional (Aise), atual Coordenadoria de Educação Inclusiva (CEI), com equipe multidisciplinar

para assessorar o corpo docente frente às dificuldades com os alunos portadores de necessidades especiais, proporcionando momentos de orientação e formação em educação inclusiva.

- Três anos depois a Diretoria de Educação foi transformada em Secretaria da Educação consolidando as mudanças, estruturando departamentos e acompanhando a evolução da educação municipal.
- Em 2007 inaugurou a Universidade Aberta<sup>7</sup> e a Casa do Professor<sup>8</sup> – Centro de Formação Continuada, Projetos e Currículo da rede de ensino com a preocupação da qualificação da população e de sua própria equipe. De acordo com a declaração em entrevista com a Coordenadora da Casa do Professor, professora Liliane Barbosa:

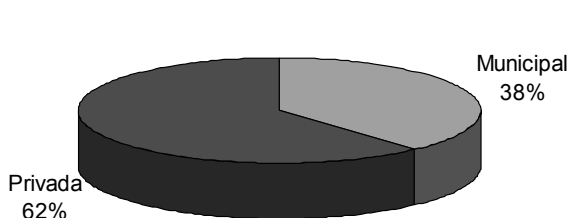
[...] a Casa do Professor surgiu para suprir uma necessidade de formação dos professores no município. Toda ação de formação pedagógica, de acompanhamento, de suporte técnico-pedagógico deveria sair da Casa do Professor. Então, um grupo pensou por um bom tempo o que seria viável ser desenvolvido no município para resolver essa questão, que ainda não está resolvida, mas esse grupo foi criado para atender o professor. Nós temos professores de áreas específicas, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências... todas as áreas e a partir de um concurso esse grupo foi formado. [...] (Informação verbal da professora Liliane Barbosa, 19 ago. 2009).

- Em 2008 no nível pré-escolar da rede municipal foram registradas 13 (treze) escolas com salas de alunos de quatro a seis anos de idade; mais de 100 (cem) professoras efetivas e 20 (vinte) contratadas para suprir a demanda de 3.290 (três

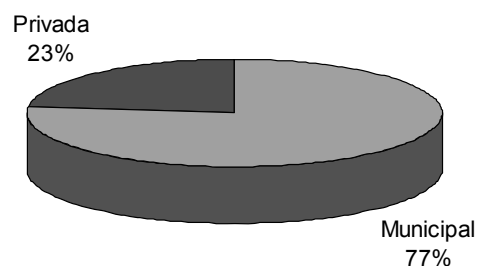
<sup>7</sup> A Universidade Aberta é um projeto do Ministério da Educação para oferta de cursos gratuitos a distância em parceria com universidades públicas. O pólo dessa universidade fica na E.M.E.F. Moisés Cândido Vieira, nas proximidades do centro de Jandira, com cursos superiores de Administração (Universidade Federal de Ouro Preto), Sistema da Informação e Pedagogia (Universidade Federal de São Carlos), com capacidade de atender uma média de 200 alunos.

<sup>8</sup> A Casa do Professor iniciou suas atividades em agosto de 2007 no prédio da Secretaria Municipal de Educação de Jandira, constituída por profissionais administrativos e pedagógicos, nos quais são professores coordenadores de área concursados com setores por áreas do currículo, com foco de trabalho de orientação pedagógica dos educadores da rede por meio de formação continuada e demais ações (*Documento de Proposta do Plano Municipal de Educação, 2008*).

mil, duzentos e noventa) crianças, porém enfatizamos que o município ainda conta com 21 (vinte e uma) instituições privadas que atendem aproximadamente 1.000 (hum mil) alunos.

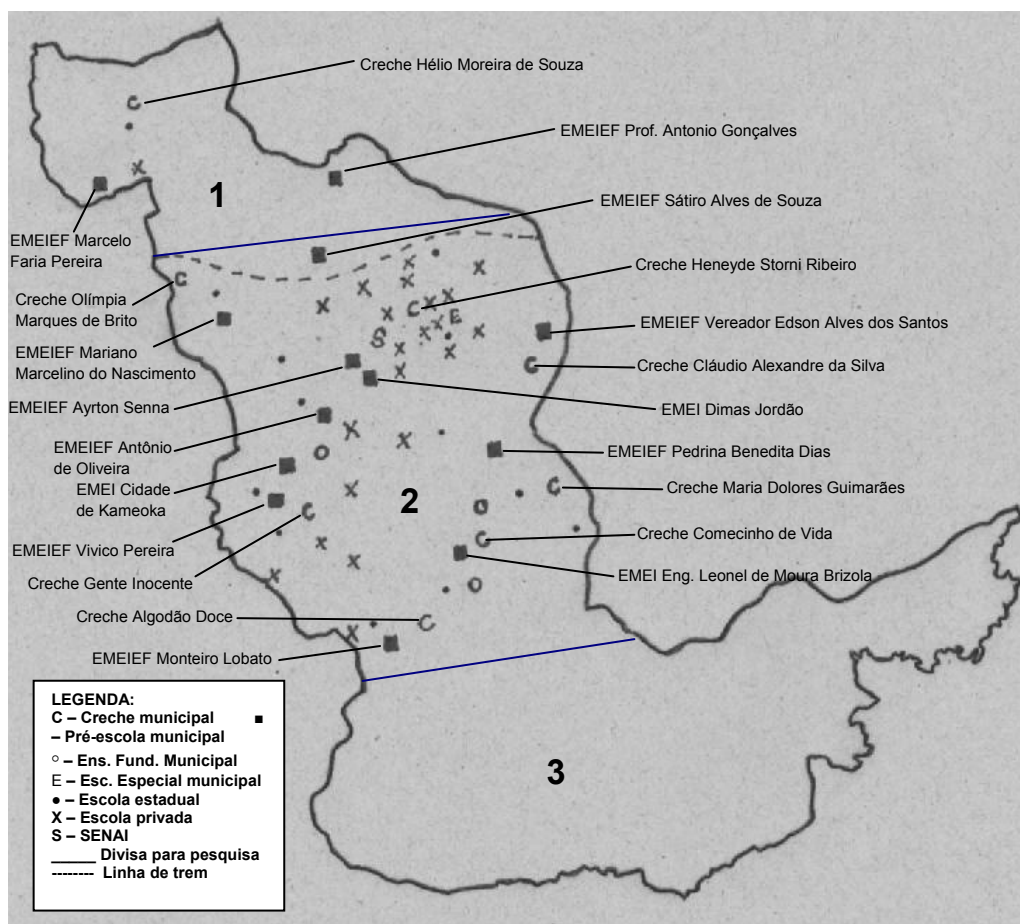


**Gráfico 1 – Instituições que atendem a pré-escola no município**



**Gráfico 2 – Porcentagem de alunos na pré-escola**

Fonte: PME, 2008.



**4. Mapa 1 – Escolas do município de Jandira**

Jandira tem uma área total de 17,5 km<sup>2</sup> dividida em 97 bairros e no mapa 1 percebemos que muitas regiões ainda estão sem escolas. Observamos também que a maioria das escolas está na região central do município (área 2), diferentemente das áreas que classificamos de 1 e 3 no mapa. A justificativa da área 1, sem escolas, compõe-se de um espaço de lazer e de uma parte industrial e, na área 3, existem o Cemitério Alpha Campus e condomínios de médio e alto padrão, porém nas duas áreas há moradores que dependem de escolas mais distantes.

Outro quesito que nos motivou a escolher Jandira como local de pesquisa se deu pelo fato de não haver nenhuma pesquisa acadêmica (dissertação e tese) na área da educação desse município, podendo esta ser considerada inédita, contando somente com uma tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), por autoria de Alexandre Souza da Rocha (2007) com tema “Objetos, atos e situações no morar na periferia da metrópole”.

Sobre os registros históricos do município, além de informações do *site* oficial da Prefeitura Municipal, encontramos alguns breves dados em reportagens de jornais locais e num livro que remontou seu desenvolvimento até o início da década de 1980 (PRADO, 1991). Esses materiais foram cedidos por uma professora, antiga moradora da região, visto que nem mesmo na biblioteca municipal constava algum registro com dados da cidade. Mais recentemente, outro livro, com poesias e crônicas do ex-vereador Nicanor Pereira (2007), também nos serviu de complemento à pesquisa. Esse exemplar foi adquirido de um munícipe antigo, funcionário da Câmara Municipal de Jandira, já que a edição não é mais comercializada desde o falecimento do autor.

Delimitado o campo pesquisado, em seguida, determinamos investigar somente as “professoras de pré-escola” no campo da Educação Infantil, visto que a cidade, até 2009, não possuía professoras para as creches e as monitoras que atuam muitas sequer têm formação específica em educação; a verdade é que ainda existem monitores que surpreendentemente não sabem ler e escrever, tendo apenas o Ensino Fundamental incompleto. Do total de professoras da rede municipal, aproximadamente 70% possuem formação superior, na sua maioria em Pedagogia ou Normal Superior.

A pesquisa terá como base os programas de formação em serviço realizados entre 2003 e 2008. Um dos motivos dessa definição se deu pelo posicionamento da Secretaria Municipal de Educação ter declarado que não havia documentos anteriores a 2003 sobre os programas de formação continuada, pois não receberam nenhum registro da administração passada, e que a partir desse período, tinham registros mais consideráveis do departamento. No entanto, o que mais nos assegurou essa delimitação foi o fato que em 2003 aconteceu em Jandira o primeiro concurso público priorizando a formação superior para docentes em Educação Infantil, como consta no edital:

**Tabela 1 - EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO – PMJ 001/2003**

EDITAL DO CARGO CARGOS DE ESCOLARIDADE: ENSINO SUPERIOR

[...] 01. Dos Cargos, Vagas, Referência, Remuneração, Carga Horária, Escolaridade Exigida e Requisitos Mínimos [...]

<b>CARGOS</b>	<b>VAGAS</b>	<b>REF.</b>	<b>REMUNERAÇÃO</b>	<b>CARGA HOR.</b>	<b>ESCOLARIDADE EXIGIDA E REQUISITOS MÍNIMOS</b>
Professor de Educação Básica Infantil I	120	M_06	R\$ 600,00	Mínima de 20h/s	Ensino Médio Completo em Magistério ou a modalidade Normal ou Ensino Superior em Curso de Licenciatura de Graduação Plena em Pedagogia, com habilitação específica para Educação Infantil e/ou para as primeiras

- PEI I					séries do Ensino Fundamental ou Curso Normal Superior de Formação de Professores para Educação Infantil e/ou para as primeiras quatro séries do Ensino Fundamental.
---------	--	--	--	--	---

[...]

07. Dos títulos [...]

Item	Natureza do Título	Pontos
01	Doutorado na área de Educação cursado em Instituição Educacional de Ensino Superior devidamente reconhecida e recomendada pelos órgãos educacionais pertinentes.	10,00
02	Mestrado na área de Educação cursado em Instituição Educacional de Ensino Superior devidamente reconhecida e recomendada pelos órgãos educacionais pertinentes.	6,00
03	Pós-Graduação / Lato-Sensu / especialização na área de Educação – Curso com o mínimo de 360 horas expressamente, declaradas no título reconhecido por Instituição Educacional de Ensino Superior devidamente credenciada.	3,00

Fonte: EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO – PMJ, 24/02/2003.

Apesar de ser um município com ações recentes de formação continuada, o dirigente e a equipe da Secretaria Municipal de Educação se mostraram receptivos e cooperativos com este trabalho, podendo servir de referência a outras cidades que precisam re/estruturar o setor da educação.

A abordagem do tema justifica-se exclusivamente por duas razões: atuar na Educação Infantil como docente proporcionou um contato com as dificuldades e ansiedades na prática pedagógica e por, também, ter participado do processo de Formação Continuada na condição de docente e na coordenação pedagógica, ambas na mesma área, percebendo as disparidades entre os assuntos tratados e a realidade na sala de aula.

Somando-se ao interesse pessoal, este tema conta com grande relevância social, pois se trata de uma necessidade imediata para melhorias na educação



brasileira, inclusive pela necessidade de rever as carências da Educação Infantil no sistema educacional, sobretudo do processo formativo dos docentes.

Finalizando a primeira etapa de modelagem do projeto de pesquisa, de acordo com os processos de orientações descritos, e com o estudo exploratório da bibliografia do tema em curso, realizamos uma coleta de dados sobre a educação no município, dados estes que nos permitiram compor as hipóteses já apresentadas no projeto. Foi feita também pesquisa documental para levantamento histórico da formação continuada ocorrida no município, incluindo descrição dos programas, metodologia, materiais, dentre outros dados importantes sobre eles e sobre o corpo docente. Nos documentos foram identificados mais de 70 (setenta) programas de formação continuada no período pesquisado, sendo que pouco mais de 20 (vinte) com participação das docentes de pré-escola e menos de 5 (cinco) foram específicos para elas. Destas ações, apenas 13% tiveram a carga horária superior a 30 (trinta) horas e a maioria das restantes foram encontros formativos com menos de 10 (dez) horas. Observamos também nos registros que somente o Programa de formação em serviço “Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEI)” foi específico para a Educação Infantil (creche e pré-escola), com o total de 172 horas. Outro programa que teve participação considerável de professoras da última fase da pré-escola foi o “Letra e Vida”, com 180 horas, que apesar de ser direcionado à alfabetização dos primeiros anos do Ensino Fundamental, foi dada a elas abertura de participarem. Especificamente para nossa análise optamos pelos dois programas citados, ocorridos entre 2006 e 2008, conforme os dados fornecidos pela SMEJ, dos quais analisamos a carga horária, conteúdos específicos e maior participação dos professores de pré-escola, que serão detalhados no Capítulo 7.

ITEM	PROGRAMA	ANO	CARGA HOR.	PÚBLICO ALVO
01	Creche: Explorando potencialidades, construindo conhecimentos.	2005	12hs.	Monitores de creche.
02	<b>Programa Letra e Vida.</b>	<b>2006/2007</b>	<b>180hs.</b>	<b>Professores alfabetizadores.</b>
03	<b>RCNEI – Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil.</b>	<b>2007/2008</b>	<b>172hs.</b>	<b>Profissionais da Educação Infantil.</b>
04	Programa de Educação Inclusiva.	2008	12hs.	Educadores que atuavam com alunos portadores de necessidades especiais.

Quadro 1 – Programas de Formação: período de 2003 a 2008 direcionados à Educação Infantil, no município

Fonte: a autora.

Como não foi possível identificar nos documentos a trajetória da Educação Infantil no município, dialogamos com professores, autoridades e munícipes que presenciaram desde a primeira escola da região até os dias atuais. Agregamos então, registrar a história da educação de Jandira, principalmente da Educação Infantil como outro objetivo da pesquisa. Veja o quadro a seguir:

ITEM*	NOME	FORMAÇÃO	LIGAÇÃO COM O MUNICÍPIO
01	<b>Leda Pereira dos Santos</b>	Letras (1989) e Pedagogia (1992)	Munícipe e professora em Jandira, acompanhando a Educação Infantil há mais de 25 anos.
02	<b>José Roberto Piteri</b>	Física e Matemática (1976)	Professor atuante em Ensino Médio por 10 anos e ex-prefeito por dois mandatos em Jandira, inclusive em 1983 quando oficialmente foram criadas salas de pré-escolas municipais na rede.
03	<b>Anete Fontoura</b>	Normalista da Caetano de Campos (1965)	Primeira professora do primeiro jardim-de-infância de Jandira na década de 1960, atuando mais de 25 anos na educação municipal.
04	<b>Laura dos Santos</b>	Não especificado	Moradora há 54 anos na região central de Jandira, ex-esposa do Sr. Henrico Grosso, que cedeu o local comercial para formação do primeiro jardim-de-infância da cidade.
05	<b>Jorge Burger Neto</b>	Não especificado	Família Burger é uma das pioneiras de Jandira. Morador há 63 anos na região central e ex-estudante da segunda escola da cidade.
06	<b>Clécio Solde</b>	Não especificado	Chegou em Jandira em 1947, um dos principais representantes da luta pela emancipação da cidade e seu segundo prefeito, em 1969.

Quadro 2 – Sujeitos entrevistados para apuração de dados sobre a história da educação de Jandira

\* Relacionados na ordem cronológica das entrevistas.

Fonte: a autora.

Esta etapa do trabalho foi um momento de intensa busca pelas informações, utilizado como levantamento de dados. Entrevistas com educadores relataram a história da educação em Jandira de crianças menores de sete anos, visto que em nenhuma das fontes bibliográficas consultadas constavam elementos a respeito do primeiro jardim-de-infância jandirense. Além dos sujeitos da pesquisa, que contribuíram ricamente, outros como: educadoras da rede, trabalhadores da Câmara Municipal de Jandira, do Instituto da Previdência Municipal de Jandira (IPREJAN) e moradores se interessaram e buscaram colaborar ao máximo.

Outro momento especial da pesquisa foi o estágio final de estruturação do questionário e do roteiro de entrevistas com as sete professoras que participaram dos dois principais programas de formação continuada proporcionados pela Secretaria Municipal de Educação. Para selecionarmos essas sete professoras utilizamos os seguintes critérios: a) Concursadas na rede municipal; b) Professoras atuantes na Educação Infantil; c) Professoras com ensino superior de cursos que habilitam para Educação Infantil (Pedagogia e Normal Superior); e d) Com mais de 70% de participação dos programas. Acreditamos que as entrevistas foram um momento especial da pesquisa, concordando com Szymanski, Almeida e Prandini (2008) quando descrevem:

[...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: o entrevistador e entrevistado. (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2008, p. 12).

As entrevistas consideraram principalmente a concepção de Educação Infantil das professoras, a de Formação Continuada, a opinião delas quanto aos programas

pesquisados e, principalmente, o que percebem de impacto desse processo formativo na sua prática docente.

Após entrevistas com as docentes e encaminhamentos de análise, fizemos ainda diálogos com gestores do processo de formação continuada dos professores da rede, que destacaremos na “Conclusão”.

ITEM*	NOME	FORMAÇÃO	REPRESENTAÇÃO IMPORTANTE NO MUNICÍPIO
01	<b>Liliane de Almeida Barbosa</b>	Letras (2000) e Pedagogia (2005)	Coordenadora da Casa do Professor e atuou na educação jandirense como professora mais de 10 anos.
02	<b>Paulo Edson de Paiva</b>	Especializações em Fisiologia, Prática de Ensino e Didática; Graduação em Ed. Física (1986) e Pedagogia (1992).	Atual Secretário de Educação do município. Professor mais de 20 anos, já lecionou no Ensino Fundamental, Médio e Superior.

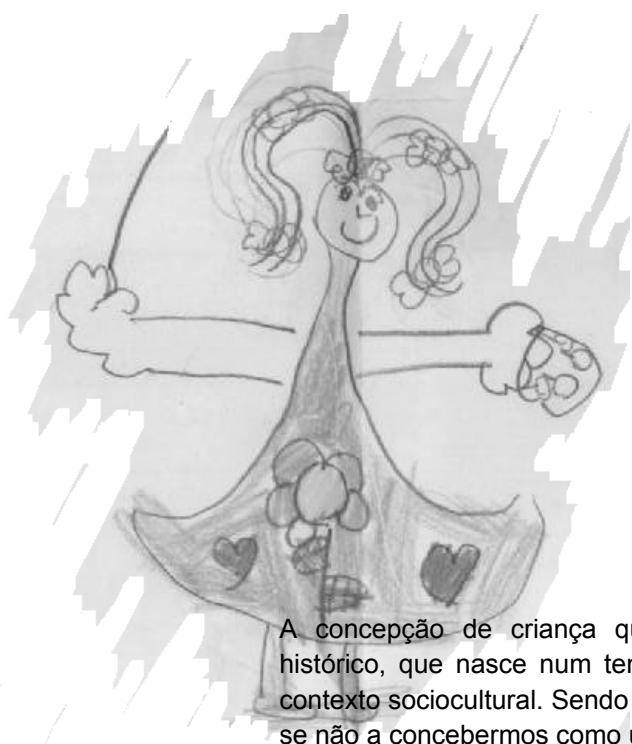
Quadro 3 – Entrevistados – Gestores

\* Relacionados na ordem cronológica das entrevistas.

Fonte: a autora.

A expectativa primeira deste trabalho é que seja um treinamento inicial para um aprofundamento na reflexão sobre a formação docente na área de Educação Infantil, a fim de contribuir para o ensino no município de Jandira.

Para tanto, abordaremos no capítulo a seguir considerações sobre a história da Educação Infantil no Brasil, acompanhando o surgimento e a contribuição das instituições para crianças menores de sete anos, tal como a infância foi tratada diante dos órgãos públicos, investigando as diversas concepções de educação e de crianças na sociedade.



A concepção de criança que adotamos considera-a como um sujeito histórico, que nasce num tempo, numa classe social e num determinado contexto sociocultural. Sendo assim, ela não pode ser um cidadão do futuro, se não a concebemos como um sujeito do presente.

(KRAMER; LEITE; NUNES; GUIMARÃES, 1999, p. 85).

5. Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2005).

#### 4. A EDUCAÇÃO INFANTIL BRASILEIRA

Iniciamos este capítulo trazendo à memória um personagem dos primórdios da educação da modernidade que, já naquele momento, abordou a educação de crianças pequenas com um método inovador para seu tempo, que se pode considerar quase anacrônico. Os manifestos do século XVI, de Lutero, já apontavam a necessidade de um ambiente lúdico para a criança diferente do âmbito familiar. Conforme nos indica Jardimilino (2009):

Parece um tanto fora de lugar falar em ludicidade na educação, no tempo de Lutero, quando a criança ainda era pouco considerada, tida como um adulto em miniatura, um projeto. Mas, também nesse aspecto, Lutero se antecipou ao seu tempo: sua concepção de infância na relação com a educação ressaltava o prazer na arte de brincar, pular e dançar. [...] Sua luta era para que fossem incorporadas as questões lúdicas no processo didático pedagógico, diferentemente, portanto, das concepções de jogo e de brincadeira como entretenimento da família e dos jovens na vida cotidiana. (JARDILINO, 2009, p. 58 e 63).

A educação de crianças pequenas antecede os jardins-de-infância<sup>9</sup> de Froebel em 1840, o qual tem sua teoria muito valorizada pelo campo acadêmico mundial que pesquisa sobre a fase da Educação Infantil, que após 1860 se difundiu internacionalmente. Esclarecemos, no entanto, que neste trabalho abordamos a educação de “crianças menores de sete anos no Brasil”.

---

<sup>9</sup> A denominação “Jardim-de-infância”, o *Kindergarten*, utilizada por Frederico Guilherme Froebel, para designar a escola infantil inaugurada por ele, oficialmente, em 28 de julho de 1840, em Bad Blankenburg, na Alemanha, aparece como instituição pré-escolar tipicamente educativa. Ao escolher esse nome para seu instituto, Froebel opta por uma metáfora do crescimento da planta. Na observação da natureza, percebe que cada planta pertence a uma espécie, tem características próprias e exige do jardineiro cuidados especiais relativos à época de plantio, poda, constância na rega e outros, para crescer. “[...] ao comparar o desenvolvimento da criança ao de uma planta, atribui à jardineira, à professora de educação infantil, e aos esforços conjuntos da escola e da família a tarefa de propiciar o desenvolvimento intelectual, emocional, físico, social e moral da criança [...] O *kindergarten* froebeliano destina-se à educação de crianças de 3 a 7 anos”. (KISHIMOTO, 1988, p. 32).

A infância – do vocábulo latino *infantia*: o que ainda não fala, ou idade até aos sete anos – na história é pesquisada em várias áreas, como a medicina, a psicologia, a sociologia, a “educação”. Neste capítulo faremos uma “linha do tempo sobre a educação da infância brasileira”, pois consideramos a história neste momento como base para nossa interpretação da situação atual da formação docente na Educação Infantil.

A educação pré-escolar pode ser focalizada através de suas diversas circunstâncias: a sala de aula e as atividades pré-escolares, as condições socioculturais da comunidade na qual se insere, a situação do país e até o contexto mundial. Por essa razão, muitas são as indagações que permeiam a educação pré-escolar, desde as mais gerais até as específicas. (NICOLAU, 1990, p. 23).

Percebemos nas leituras consultadas que a história da Educação Infantil é ligada a diversos fatores que durante décadas de luta, originaram a Educação Infantil que temos hoje, dentre eles podemos destacar a presença da mulher no mercado de trabalho, aos problemas sociais, ao mínimo de investimento, a despreocupação com a boa qualidade, e principalmente a negação aos direitos da criança. A infância vem percorrendo um longo caminho de busca por seus direitos e a educação é um deles que com lutas, conquistas, retrocessos e contradições fez sua história. História essa, que não podemos deixar de frisar nossa indignação por uma população excluída desde os primórdios e que recentemente foi reconhecida como uma das etapas da educação do cidadão brasileiro.

Apenas para melhor organizarmos nosso debate dividimos a Educação Infantil no Brasil em dois períodos: o que se refere às instituições de crianças de zero a seis anos, anteriores à legislação que a definiu como a primeira etapa da educação básica – a LDB de 1996 – e o posterior a ela. Porém, veremos que não

significa dividi-la em períodos: bom e ruim, pois os problemas que aparentemente deixariam de existir com as alterações da legislação, ainda estão presentes em nosso território nacional.

#### 4.1. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL ANTES DA LDB Nº 9394/96

Não é pretensão nossa resumir em algumas laudas a educação da infância brasileira com mais de 500 anos de história, mas compartilhar momentos que contribuíram para melhor compreensão deste trabalho, os quais envolveram a criança na busca pelos seus direitos – o direito à educação. Vemos que a educação das crianças não iniciou com a LDB de 1996, mas esta foi uma estaca de vitória na legislação educacional que omitiu essa população desde o período da colonização.

No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, bebês abandonados pelas mães, por vezes filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas “rodas de expostos” existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII. (OLIVEIRA, 2002, p. 91).

A citação acima ilustra o cenário da situação que muitas crianças foram expostas antes do período republicano. As crianças brasileiras, assim como em outras civilizações, tiveram educadores domésticos que eram responsabilizados por elas desde muito pequenas. Podemos perceber na obra de Ina Von Binzer (1994) – *Os meus romanos* – onde descreve, através de cartas que enviava à sua amiga na Alemanha, como era cuidar dos filhos dos senhores na segunda metade do século XIX num país tropical. Mas, além desses educadores domésticos, como eram



chamados, existiram lugares que abrigavam crianças marginalizadas socialmente. Kuhlmann Jr. (2000), Monarcha (2001), Kramer (2006a), dentre outros pesquisadores, apresentam estudos sobre a história de instituições que atendiam crianças menores de sete anos fazendo uma retrospectiva explanatória sobre o período anterior às leis que defendem os seus direitos (ECA, 1990) e garantem a sua educação (LDB nº. 9.394/96).

#### 4.1.1. Os espaços de atendimento à infância

Até 1874 existia no Brasil a “Casa dos Expostos” ou a “Roda” para crianças pequenas bastardas, não desejadas, que eram ali abandonadas ainda recém-nascidas, sem qualquer informação sobre a família e sustentadas por amas-de-leite. Já para os maiores de dez anos, que não apresentassem problemas de saúde, o Estado fundou entre as décadas de 1840 a 1870 “Instituições para Aprendizizes Marinheiros”. Essas crianças eram consideradas na legislação, preconceituosamente, como infratores.

Nesse mesmo período a grande taxa de mortalidade infantil se tornava visível como um problema nacional, tal situação estimulou a atuação de entidades filantrópicas e religiosas. Os espaços que cuidavam das crianças faziam uso delas para interferir na família através de orientações às mães, o que ocorreu desde o período de colonização do Brasil, com a catequização dos pequenos índios. A mortalidade infantil intensa também despertou ações por higienistas para atendimento a essas crianças e orientações feitas às famílias de cuidados sanitários. Percebemos na história que até os anos de 1930 a criança foi vista pelo assistencialismo, com atendimento médico sanitário, distante de preocupações

educacionais. Por este motivo, observamos a presença de médicos que tiveram seus nomes registrados na história da infância brasileira, como o Dr. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897) e Dr. Ulisses Pernambucano de Mello Sobrinho<sup>10</sup> (1892-1943).

Menezes Vieira criou em 1875 o primeiro jardim-de-infância privado do Brasil no Rio de Janeiro, no Collegio Menezes Vieira, com direção de sua esposa, D. Carlota de Menezes Vieira. Foi aberto para servir meninos de três a seis anos da elite, com atividades diversificadas nas áreas de desenho, ginástica, pintura, linguagem, escrita, leitura, cálculo, história, geografia e religião. Maria Helena Camara Bastos (2001) realizou estudo sobre esse jardim-de-infância do colégio, inclusive sobre métodos de ensino, registros, prêmios e sua busca pelo reconhecimento pedagógico. Esse jardim-de-infância serviu de referência para outras instituições por utilizar, principalmente, as teorias froebelianas.

Em 1877 foi inaugurado o Jardim de Crianças da Escola Americana,<sup>11</sup> em São Paulo, dirigido por Miss Phoebe Thomas, ligada a missionários norte-americanos. Eles muito contribuíram para a expansão do jardim-de-infância no Brasil com teorias modernas da criança.

Poucos anos depois surgiram os jardins-de-infância públicos em escolas, como a Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo (1896) e, entre 1909 e 1922, mais três no Rio de Janeiro: Campos Sales, Marechal Hermes e Barbara Otoni (OLIVEIRA, 2002).

---

<sup>10</sup> Dr. Ulisses Pernambucano – Professor e diretor da Escola Normal Oficial de Pernambuco, já antecipava, naquela época, que as futuras professoras devessem ter conhecimento sobre as crianças portadoras de deficiência mental que poderiam receber em suas classes, inclusive no jardim da infância. (OLIVEIRA, 2002).

<sup>11</sup> Destacamos que o Jardim de Crianças da Escola Americana deu origem à Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A criação do jardim-de-infância anexo à Escola Normal Caetano de Campos contou com os que celebraram, mas também os que se opuseram às propostas, como José Feliciano de Oliveira, ex-professor da Escola Normal, alegando que nessa fase de desenvolvimento infantil a educação deveria ser estritamente materna. Outro oponente, João Köple, fundador da Escola da Neutralidade e ex-professor do Colégio Rangel Pestana, publicou diversos artigos em jornais da época manifestando sua oposição às mesmas propostas. Todos esses artigos contrários à inovação da Escola Normal de São Paulo foram respondidos por outros a favor, que foram utilizados por Monarcha (2001), juntamente com os dois volumes publicados em 1896 e 1897 da *Revista do Jardim-de-Infância*, para análise, a fim de verificar e avaliar as finalidades atribuídas ao jardim-de-infância na época. A repercussão dos textos trazidos na revista foi tão notável que influenciou as concepções sobre o ensino da infância por décadas. Além dessa revista, os que incentivavam o jardim-de-infância contavam com o *Guia para as Jardineiras*, como manuais de ensino que apostavam no método froebeliano utilizado na época. Apesar de a revista ter somente dois volumes publicados, ela contribuiu positivamente no cenário educacional no final do século XIX e início do século XX, principalmente para as questões da educação da infância brasileira.

Durante esse período que surgiram os jardins-de-infância, os debates da nova proposta de atender as crianças de três a seis anos, que até o momento eram totalmente esquecidas, ganhou proporção e, de acordo com Kramer (2006b) por conta disso, foi criado em 1899, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância no Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Eles atenderam especificamente crianças menores de oito anos desvalidas de cuidados. Esse instituto contribuiu com a criação de creches, jardins-de-infância, maternidades, a realização de encontros,

publicações e com a organização do Departamento da Criança no Brasil, em 1919. Esse departamento era de responsabilidade do Estado, no entanto a implementação e as atribuições ficaram a cargo do instituto que promovia diversas ações de cuidados às crianças desfavorecidas e que, inclusive, organizou o primeiro e o segundo Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (1922 e 1933).

Destacamos que as ações nesse período foram extremamente assistencialistas e médicas, com mínimas ações educacionais. Após a década de 30 do século passado, o cenário da infância e, conseqüentemente, da sua assistência foi lentamente alterado com total influência das mudanças políticas e econômicas da época.

Na década de 1940 se concretizou a proposta do Parque Infantil, em São Paulo, que foi modelo nacional de instituição infantil que se diferenciou pela faixa etária atendida: “Uma característica distinta da instituição era a sua proposta de receber no mesmo espaço as crianças de 3 ou 4 anos e as de 7 a 12, fora do horário escolar.” (KUHLMANN JR., 2000, p.9). Existiu ainda a Casa da Criança por mais de dez anos entre as décadas de 1940 e 1950, com integração da creche à escola primária, com atividades extras.

A existência das instituições de crianças pequenas era dirigida aos filhos de mães<sup>12</sup> da camada mais pobre até a década de 1940. Os imigrantes tinham conhecimento de movimentos europeus e norte-americanos nessa mesma época, que por sua vez, eram trabalhadores com idiomas diferentes e organizavam escolas para seus filhos ficarem. A saída das mulheres de classe média ao mercado de trabalho após o final da Segunda Guerra Mundial, aumentou a procura por vagas nas instituições e toda essa demanda promoveu o atendimento de crianças em

---

<sup>12</sup> A lei trabalhista na década de 1920 previa creches nas fábricas para filhos de mães operárias.

instituições particulares. A expansão da rede particular de educação infantil foi tão intensa que Campos (2009) demonstrou dados de 2003: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), crianças de classe média compunham a maior porcentagem das matriculadas na Educação Infantil, principalmente entre quatro e seis anos (idades que antecediam a alfabetização).

Nos textos consultados termos como creche, jardim-de-infância, escolas maternais, centros de recreação, dentre outros, são utilizados para nomear instituições que atenderam crianças antes do período escolar. Por um momento na história houve a diferenciação entre maternal e jardim-de-infância, sendo o primeiro para crianças de 2 a 4 anos e o segundo para as de 5 e 6 anos. Ocorreu também sequenciação de nomenclaturas: berçário, maternal, jardim e pré-escola.

Como podemos perceber as instituições começaram a atender primeiramente crianças acima de dois anos e tempos mais tarde os bebês também chegaram; afinal, com a presença da mulher no mercado de trabalho, principalmente após a década de 1930, as legislações asseguravam o afastamento do trabalho após o parto, respeitando a amamentação, no entanto o tempo era insuficiente para o período de aleitamento da criança.

Uma das consequências da Primeira Grande Guerra, com o aumento do número de mulheres nas fábricas, pelo fato de os homens estarem em batalha, foi a reorganização da divisão do trabalho e do espaço: locais para aleitamento e introdução de mulheres como supervisoras. (BOEL; AGUSTINI, 2008, p. 23 e 24).

No Brasil ocorreu como na França e outros países que, após a descoberta da “amamentação artificial”, a criação de creches se tornou favorável. Como prova disso, Kuhlmann Jr. (2000) destacou que na França, em 1844, a creche foi criada

quando “[...] com as descobertas no campo da microbiologia, que viabilizaram a amamentação artificial – que a creche encontra condições mais efetivas para se difundir interna e internacionalmente, chegando também ao Brasil.” (KUHLMANN JR., 2000, p. 7).

A criação de creche em universidades e órgãos públicos também se tornou tendência, era nítida a necessidade de maior campo para instituições que atendessem a infância. Em 1967, o Plano de Assistência ao Pré-Escolar, em “situação de emergência” sugeriu que as diversas denominações religiosas criassem “Centros de Recreação” (KUHLMANN JR., 2000). O Movimento de Luta Pró-Creche no final da década de 1970 teve grande influência nas discussões da educação infantil, quando com a ausência de políticas públicas voltadas para crianças de zero a seis anos e o precário atendimento das instituições que já existiam, geraram um movimento social de busca pelos interesses, na sua maioria mulheres, que organizavam e articulavam atividades coletivas de reivindicações pela infância.

As instituições de educação infantil tanto eram propostas como meio agregador da família para apaziguar os conflitos sociais, quanto eram vistas como meio de educação para uma sociedade igualitária, como instrumento para a libertação da mulher do jogo das obrigações domésticas, como separação dos limites da estrutura familiar. As idéias socialistas e feministas, nesse caso, redirecionavam a questão do atendimento à pobreza para se pensar a educação da criança em equipamentos coletivos, como uma forma de se garantir às mães o direito ao trabalho. A luta pela pré-escola pública, democrática e popular se confunde com a luta pela transformação política e social mais ampla. (KUHLMANN, 2000, p.11).

A linha do tempo da história da educação infantil que seguimos até o momento – anterior a LDB de 1996 – acompanhou o surgimento das instituições que atenderam a faixa etária que estamos pesquisando, porém Kramer (2006a) analisa órgãos de ordem pública e privada para caracterizar a concepção da infância na

educação pré-escolar, que classifica de compensatória. Esta análise também contribuiu para o cenário que pretendemos construir até o término deste capítulo: a conquista da infância pelo seu direito à educação no Brasil.

Parte-se do princípio de que a educação pré-escolar é hoje proposta como educação compensatória, e se recorre ao passado para que se possa melhor compreender o que essa “compensação” significa, e de que maneira ela se apóia em um conceito único de infância. (KRAMER, 2006a, p. 63).

#### 4.1.2. Os órgãos públicos e a infância

Para tomarmos conhecimento dos órgãos públicos voltados à assistência infantil, em 1940, uma das divisões do Departamento Nacional de Saúde foi substituída pelo Departamento Nacional da Criança, que tinha propostas direcionadas à saúde da criança e depositavam a maior responsabilidade da situação precária das condições infantis à família, desconsiderando a situação econômica e social do país. Ao tratarmos desse período histórico da infância no Brasil, apesar de não ser o foco deste trabalho, devemos lembrar das condições da criança trabalhadora previstas na Constituição de 1937, que eram consideradas menores operários.

Além da área da saúde, o Departamento de Justiça Nacional também desenvolveu ações visando favorecer os menores abandonados com a criação do Serviço de Assistência aos Menores (SAM), em 1941. Por falta de condições necessárias para garantir a readaptação dos menores, o SAM foi substituído pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem). Esses órgãos, apesar de não serem de caráter pré-escolar, favorecem a interpretação da concepção de infância assistencialista e punitiva na época.

Percebemos que historicamente a criança sempre ficou na dependência da disponibilidade dos interesses do governo, contando com entidades particulares, religiosas e filantrópicas, visto que o governo afirmava não ter condições de assumir total responsabilidade sobre suas crianças. Exemplo disso, foi a criação no Brasil, em 1950, do escritório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)<sup>13</sup>, em João Pessoa e, em 1953, por iniciativa privada, do comitê brasileiro da Organização Mundial da Educação Pré-escolar (Omep)<sup>14</sup>, ambos favoreceram questões problemáticas sobre a infância brasileira.

Na década de 1970, o Ministério da Educação passou a administrar a educação pré-escolar, quando além da suposta solução para o problema social infantil, começou-se também a pensar numa educação preparatória para a alfabetização, visto que um dos maiores problemas na época era o analfabetismo. Entre as décadas de 70 e 80 do século passado, as lutas e reivindicações pela educação infantil foram feitas por mulheres, educadores e por aqueles que buscavam a democracia. Por fim, na Constituição de 1988 a criança e sua educação ganharam espaço na lei e nas discussões, em que a educação passou a ser direito da criança e dever do Estado. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, também foi um marco para a infância e o reconhecimento dos seus direitos na sociedade. O documento já esclarecia no artigo 54 que o “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos” era dever do Estado. Mais tarde na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, se definiu o direito à educação de zero a seis anos como a primeira etapa de ensino da educação básica. Todo este processo de ganhos da infância na legislação nacional não foi natural, foi um período de grande luta e conquista para as crianças menores

---

<sup>13</sup> Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). Disponível em:< [www.unicef.org.br](http://www.unicef.org.br)>.

<sup>14</sup> Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (Omep). Disponível em:<[www.omep.org.br](http://www.omep.org.br)>.



de sete anos, pois a educação era somente de direito a partir da fase fundamental de ensino, o que deixava totalmente excluído o direito dos pequenos cidadãos. Há 13 anos houve uma ruptura na educação a partir da LDB, quando as crianças passaram a ter amparo jurídico na educação pública – uma população até então excluída.

Em 1979 pouco mais de 5% das crianças de zero a seis anos era atendido no pré-escolar, número que cresceu dez anos depois para 14,7%; porém considerado ainda um índice pequeno. Em 1996, a Educação Infantil já subdividida, a creche (0 a 3 anos) era de 7,43% e a pré-escola (4 a 6 anos) era de 48,22%. Além desses números, uma pesquisa feita sobre o perfil das crianças brasileiras menores de sete anos que frequentavam as instituições, de acordo com os resultados obtidos da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE (KAPPEL; CARVALHO; KRAMER, 2001) apresentou características dessas crianças matriculadas, da família, das que não estão matriculadas, dentre outros índices que nos confirma a importância de pesquisas na Educação Infantil. Vejamos os índices de matrículas de São Paulo e Jandira, de acordo com os censos do Inep:

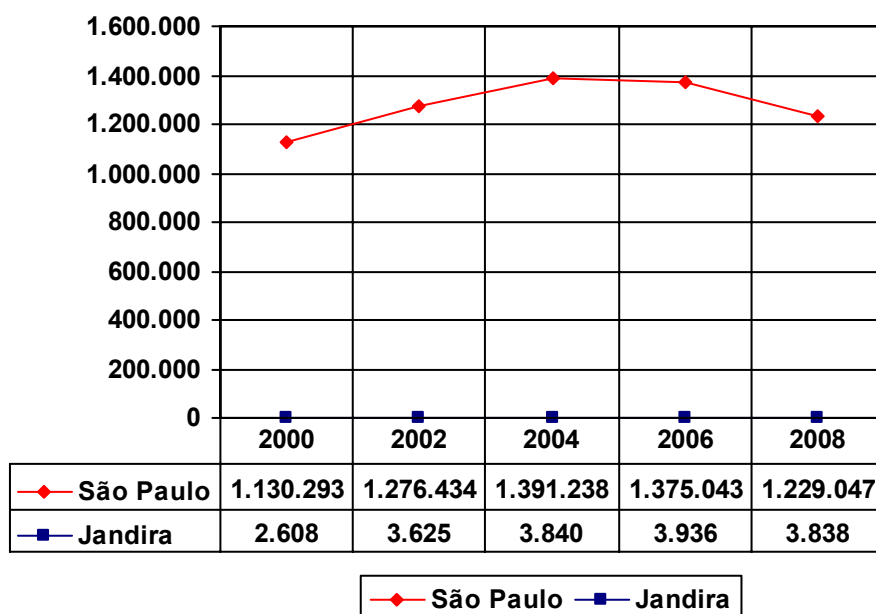


Gráfico 3 – Número de matrículas em São Paulo e Jandira de 2000 – 2008 / Fonte: Inep (out. 2009).

Apesar da grande diferença entre os números de São Paulo (Estado) e de Jandira, percebemos que ambos tiveram ascendência de matrículas entre os anos de 2000 e 2004, no entanto o índice de São Paulo desde 2006 mostra uma queda e, Jandira apresenta a mesma situação dois anos depois. O objetivo de sinalizar estes dados, antes das leituras feitas dos destaques da Educação Infantil posterior à LDB nº 9394/96, se dá ao fato de ilustrarmos o atual cenário.

O retrato atual da Educação Infantil brasileira é a resposta ao seu passado durante todo século XX e a prioridade da educação de crianças menores de sete anos que nunca existiu no sistema de ensino. A infância atravessou a etapa médico/sanitária até o começo do século passado, logo depois instalou-se a etapa do total assistencialismo e atualmente permanece médico, sanitário, assistencial e educacional – todos precários. O direito da classe dominada pela Educação Infantil é mais agravante, pois vemos o ganho que houve a partir da LDB, mas esses ainda não são totalmente contemplados com seus direitos.

Evidentemente, o atendimento ao pré-escolar em nada irá alterar a infraestrutura econômica da sociedade brasileira. [...] não é dele que depende a mudança social. No entanto, a educação pré-escolar precisa ser considerada como um direito dos filhos das classes sociais dominadas, a quem são dificultadas, e até mesmo impossibilitadas, as mínimas condições de vida. Não se pode esquecer que as análises sobre o tipo de educação pré-escolar proposta se referem a apenas 3,51% de 21 milhões de crianças que têm – todas – o direito de recebê-la. (KRAMER, 2006a, p. 91).

#### 4.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL POSTERIOR À LDB E A REALIDADE NAS PESQUISAS

As menções feitas na LDB nº 4024/61 sobre a educação de crianças menores de sete anos, dizem respeito ao atendimento em escolas maternais e jardins-de-

infância, mencionando ainda no seu texto que empresas que mantivessem mulheres no seu quadro de funcionários seriam “estimuladas a organizar e manter” instituições com parceria, ou não, com os órgãos públicos para o atendimento de seus filhos (artigos 23 e 24 da lei). Já a Lei 5692/71 dispôs que os sistemas devessem velar para que essas crianças menores de sete anos recebessem a educação nas escolas maternas, jardins-de-infância ou outras instituições, o que não contribuiu para a situação da educação da infância. Portanto, a Educação Infantil precisou de uma segunda LDB para ser reconhecida no sistema de ensino em 1996. O ganho com a Lei nº 9394/96, em termos de legislação nacional, foi especial para a criança brasileira, concordamos com Saviani (2004) quando classificou essa lei como o maior legado do século XX para a Educação Infantil.

Podemos considerar, nesse cenário da Constituição de 1988, até a data deste trabalho, mais de 20 anos com direito da criança à educação de qualidade, em que, mesmo considerando os avanços, há muito a ser feito para aproximar os escritos da lei à realidade.

O trabalho sobre pesquisas na área de 1996 a 2003, elaborado por Campos, por Füllgraf e Wiggers, *A qualidade da educação infantil brasileira – Alguns resultados de pesquisa* (2006), se caracterizou principalmente pela comprovação do distanciamento da aplicação da lei à realidade. Este documento é importante para os pesquisadores de Educação Infantil, que foi organizado em quatro temáticas: Profissionais de educação infantil e sua formação; Propostas pedagógicas e currículo para educação infantil; Condições de funcionamento e práticas educativas no cotidiano das instituições; e Relações com as famílias.

Maria Malta Campos sintetizou no artigo *Educação Infantil* (2006), as mudanças previstas na LDB 9394/96:

Essa definição legal introduziu mudanças importantes: primeiro agregou as creches para crianças de 0 a 3 anos aos sistemas educacionais; segundo, definiu como formação mínima para os professores o curso de magistério do nível médio e como meta, a formação em nível superior; terceiro, estabeleceu claramente a responsabilidade do setor público com respeito à oferta de vagas na Educação Infantil, respeitando a opção das famílias, ou seja, sem o caráter obrigatório que caracteriza o Ensino Fundamental; e quarto, adotou um critério universal – o da idade – para diferenciar a creche da pré-escola, esta última dirigida às crianças entre 4 e 6 anos de idade. A legislação também determinou que os municípios devem, prioritariamente, atender à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental. (CAMPOS, 2006, p.2).

Ressaltamos que a idade determinada na lei é uma das diferenciações entre a creche e a pré-escola. A carga horária entre elas também é diversificada, sendo a creche em horário integral e a pré-escola em meio período ou em turnos. No entanto é válida para ambas a discussão que deve ser principalmente de caráter educativo, não só assistencial. Contudo, mesmo posteriormente a LDB, a atribuição das vagas, principalmente das creches públicas, são priorizadas de acordo com as necessidades da família, se caracterizando como assistenciais.

Uma questão que aparenta ser atual, no entanto perpassa séculos, refere-se ao papel da educação de crianças de zero a seis anos. O cuidar e o educar se misturam confundindo todos os papéis. Oliveira (2002) afirma que “Creches e pré-escolas não devem nem substituir a família nem antecipar práticas tradicionais de escolarização.” (OLIVEIRA, 2002, p. 38). Cuidar e educar a “criança pequena” são atos herdados da responsabilidade familiar, principalmente materna, o que até hoje faz predominar a presença de mulheres nessa etapa de ensino. É essencial destacarmos aqui que as profissionais são quase na totalidade mulheres, uma discussão sobre gênero que percorre por toda a história da Educação Infantil. Cerisara (2002) trata sobre essa questão, da

[...] constituição feminina das profissionais de educação infantil, sendo o gênero entendido como constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e como um primeiro modo de dar significado às relações de poder. [...] eixos fundamentais da socialização feminina, a maternagem e o trabalho doméstico, uma vez que em nossa sociedade tanto na esfera doméstica (famílias) quanto na esfera pública (creches e outras instituições de educação infantil), a responsabilidade pela educação e cuidado das crianças pequenas é das mulheres. (CERISARA, 2002, p. 22).

A pesquisa (2003) organizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) afirma que 85% dos profissionais do magistério da educação básica são do sexo feminino. Os dados são demonstrados com números por etapas de ensino, iniciando somente a partir da 4ª série do Ensino Fundamental, ou seja, não aparecem referências sobre a Educação Infantil, no entanto descrevem que a proporção de mulheres diminui gradativamente conforme aumenta a série. Atentando a essa informação do INEP, comprovamos que é na Educação Infantil o maior número de mulheres atuantes como professoras, apesar do documento se referir a “professores de educação infantil”.

A ANPEd, fundada em 1976, reúne anualmente educadores e pesquisadores, organizados em Grupos de Trabalho – GT de acordo com o campo temático estudado. Dentre eles o GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, que por todo tempo desde a sua criação, foi atuante nas discussões e adequações das legislações, assim como a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime)<sup>15</sup> (fundada em 1986, com sede atual em Brasília) e o Movimento Interforuns de Educação Infantil do Brasil (Mieib)<sup>16</sup> que conta com a participação de diversos fóruns estaduais de Educação Infantil do Brasil desde 1999.

---

<sup>15</sup> Undime – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, fundada em 1986, exercendo representações nas discussões da educação infantil pública. Disponível em: <[www.undime.org.br](http://www.undime.org.br)>.

<sup>16</sup> Mieib – Movimento Interforuns de Educação Infantil do Brasil, tendo seu primeiro encontro com participantes atentos às discussões da educação infantil na 22ª Reunião da ANPEd, em 1999. Este

Um dos principais materiais do MEC, conhecido pelos professores devido a sua distribuição nas escolas, são os volumes dos Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil (RCNEI). Conforme Martinez e Palhares (2005) 700 pareceristas da área de Educação Infantil receberam o texto preliminar dos Referenciais para opinar, no entanto as respostas foram bem diversificadas. No momento de descrever os programas de formação continuada dos quais as professoras entrevistadas participaram em Jandira, nos aprofundaremos nas críticas desse material, que o foi “material chave” para as discussões. Uma pesquisa realizada pelo Mieib (2002) descreveu que o objetivo do MEC com esse material distribuído em escolas de todos os estados foi de “[...] socializar a discussão sobre as práticas pedagógicas nesse nível de ensino, sugerindo formas de ações adequadas às necessidades educativas e de cuidados específicos, próprias à faixa etária de 0 a 6 anos.” (MIEIB, 2002, p. 17).

O Plano Nacional de Educação (PNE), sancionado em 2001 pela Lei nº 10.172, propõe metas para o desenvolvimento educacional do país e aconselha que cada Estado e Município as elaborem em concordância, sugerindo orientações à Educação Infantil, de acordo com 25 metas e objetivos descritos no texto, visando a ampliação e a melhoria de atendimento às crianças menores de sete anos.

Outros dois documentos relevantes para a etapa de ensino pesquisada, referem-se à Lei nº 11.274/06, conhecida como a “Lei do Ensino de Nove Anos” e a transição do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef) para Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). A lei mencionada de 2006 altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da atual LDB,

---

movimento é representado por fóruns de diferentes estados brasileiros. Disponível em: <[www.mieib.org.br](http://www.mieib.org.br)>.

dispondo o Ensino Fundamental com duração total de nove anos, que obriga a matrícula da criança aos seis anos de idade, com implantação total da lei até 2010. A proposta traz em seu documento o objetivo de assegurar que todas as crianças tenham mais oportunidades num tempo maior na escola. Este debate ainda está um tanto dividido, pois há os que condenam, os que aprovam e os que simplesmente aceitam. É histórico e muito comum separar a Educação Infantil do Ensino Fundamental, não só com as crianças, também com os docentes, no entanto há criança de cinco anos, que está para completar seis, que está no meio dessa confusão e disputa, quando, na realidade, ela apenas percebe essa divisão, não por si mesma, mas pelo cotidiano na escola. As críticas de pesquisadores da Educação Infantil apontam principalmente por uma escolarização precoce. Outros acreditam como uma medida positiva dessa política educacional, por garantir que crianças menos privilegiadas tenham oportunidade de vagas nas escolas públicas antes dos sete anos de idade. No entanto as principais discussões têm sido em torno das práticas pedagógicas com estas crianças menores no Ensino Fundamental. Kramer (2006b) expressa sua opinião pensando na criança como criança

Meu ponto de vista é o de que o planejamento e o acompanhamento pelos adultos que atuam na educação infantil e no ensino fundamental devem levar em conta a singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural, na educação infantil e no ensino fundamental. Isso significa que as crianças devem ser atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar) e que tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental sejamos capazes de ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não só como alunos. (KRAMER, 2006b, p. 110-111).

Quanto à transição do Fundef para o Fundeb, também há opiniões diversas. A aprovação do Fundeb instituído pela Emenda Constitucional nº 53, de 19 de dezembro de 2006, convertida na Lei nº 11.494/07, com previsão de total implantação em 2009, com vigência até 2020, substitui o Fundef criado em 1998. As

discussões são acerca dos benefícios que o Fundeb pode favorecer à qualidade da Educação Infantil e, principalmente da persistência histórica da disparidade entre as leis e a realidade. Apesar do Fundef ter vigorado após a LDB de 1996, ele priorizou o Ensino Fundamental e excluiu as creches e pré-escolas das fontes de financiamento. Não podemos deixar de confirmar um ganho para a Educação Infantil, visto que pela primeira vez o financiamento da educação de crianças menores de seis anos fez parte das propostas legais nacionais. Esse financiamento diz respeito não somente aos recursos físicos e materiais para as crianças, quanto para os profissionais da educação que nela atuam, como, por exemplo, a sua formação em serviço, que é o foco deste trabalho. No entanto é desigual e insuficiente para as necessidades da Educação Infantil que há décadas tem sido marginalizada e esquecida no Brasil. Há uma mobilização nacional representada por entidades que lutam pelos direitos educacionais da criança, tendo como um dos veículos de divulgação o Mieib, intitulada como “Fundeb pra Valer”<sup>17</sup>. Seus integrantes acompanham e se articulam para que a proposta desse novo fundo para a educação garanta a expansão e a melhoria da qualidade da Educação Infantil. O maior desafio desse movimento diz respeito a manter o investimento do Fundeb para as creches, que depois de tanta luta no Congresso, corre o risco de ser excluída por conta da Proposta de Emenda Constitucional nº 415/2005, que destina recursos somente para as pré-escolas, comprometendo a educação de 11,3 milhões de crianças de zero a três anos de acordo com a comissão dessa mobilização.

Percebemos a luta no tatame educacional brasileiro da Educação Infantil até hoje, seja pelo seu financiamento, pela melhoria da qualidade de educação para as crianças de zero a seis anos, como pela melhor formação docente que atua nessa

---

<sup>17</sup> Fundeb pra Valer. Disponível em:< <http://www.campanhaeducacao.org.br/fundebpravalor>>. Lema: “Direito à Educação começa no berço e é pra toda vida!”. Acesso em: 25.fev.2010.



etapa de ensino. A importância da Educação Infantil tem sido debatida e se feito presente na sua aplicação e na legislação nacional, e sua história nos mostra o progresso conquistado com veemência e o lugar que ocupa atualmente.

[...] é ótimo que prepare, sob todos os aspectos, pois nossos indicadores de aproveitamento na escola primária são obscenos. Então, se preparar, ótimo. Mas não é só isso. A infância da criança está sendo vivida neste momento, e é bom que ela seja bem vivida. Se a criança passa 8 horas por dia numa instituição de educação infantil, praticamente está passando a infância ali. Então precisa brincar, desenvolver-se, socializar-se, criar habilidades motoras etc. O Brasil deu um passo importante na definição de sua legislação. Somos vistos com muita curiosidade pelos analistas de políticas educacionais internacionais, porque foi um país que fez isso de forma ousada. Pegou a faixa de 0 a 6 anos e colocou inteira na educação. Outros países, como a Suécia, estão fazendo isso só agora, e depois de um grande debate. (CAMPOS, 2009, p. 14).

#### 4.3. REFORÇANDO A CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS

A criança passou por diversas concepções ao longo dos tempos e neste momento, acreditamos que o passado nos faz refletir a situação do presente. Atualmente está bem disseminada a ideia que a criança está em processo de desenvolvimento desde o nascimento e que há necessidade de um espaço de socialização e de aprendizagem, e não do isolamento ou só do cuidado. Tal compreensão não surgiu junto com a educação de crianças pequenas há séculos atrás, mas foi se transformando juntamente com a luta por uma Educação Infantil de boa qualidade. Em decorrência a prática pedagógica de docentes da Educação Infantil deve-se inserir na mesma linha de concepção.

No início da sociedade, e por muito tempo na história as crianças eram tidas como um pequeno adulto, onde faziam trabalhos de adultos, vestiam-se, se

comportavam e eram tratados como tal. A partir do momento que a criança deixou de ser tratada dessa forma e passou a ser considerada socialmente criança, abriram-se portas para a família exercer uma educação autoritária, diversas vezes repressiva, que se confundia com a dependência de cuidados familiares.

Outra situação que perdurou por séculos foi a compreensão de que as crianças menores de sete anos necessitavam apenas do cuidado no lar, seja materno ou por cuidadores domésticos.

Em seguida, com o aparecimento de instituições para crianças pequenas e em razão da situação social e econômica do final do século XIX, foi se construindo lentamente a necessidade de inseri-las nesses espaços, prevalecendo ainda a disciplina rígida e o cuidado assistencial.

No momento em que a preocupação era com a alta taxa de mortalidade infantil e com os abandonos nas rodas, a concepção de criança tinha por base a vergonha indesejável e a ausência do vínculo com as famílias, prevalecendo a proposta médico/higienista. A ligação criança-saúde-cuidado durou (ou dura) décadas, se mantendo no período da industrialização e na entrada das mulheres nas atividades econômicas.

A partir da década de 1970 a preocupação com o analfabetismo alterou a concepção de educação de crianças menores de sete anos, passando a ser também compreendida como um momento preparatório, de cunho pedagógico. Desde então, seguindo os debates e as conquistas de direitos da criança, a concepção de Educação Infantil se in/define numa dicotomia entre o cuidar e o educar.

Nas duas últimas décadas a ciência com pesquisas sobre o desenvolvimento da criança tem contribuído para a atual concepção da educação na infância com

propósito de socialização, desenvolvendo práticas educativas no coletivo, considerando-a um sujeito histórico, num contexto sociocultural, favorecendo seu desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social (DORIGO; NASCIMENTO, 2007).

Nesta concepção não há separação entre o cuidar e o educar, no entanto o assistencialismo, principalmente atrelado a população menos favorecida, necessita ser transformado.

Essa concepção de assistencialismo como um serviço prestado ao pobre, está ainda muito presente na consciência das pessoas, pois mudar uma concepção requer muito mais que apenas mudar a prática, os móveis, o espaço, requerem principalmente assumir as especificidades da educação infantil, mudar conceitos, rever as diferentes concepções sobre a infância, entender as relações sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas. (DORIGO; NASCIMENTO, 2007, p. 27).

As práticas trabalhadas na criança de zero a seis anos causam efeitos no crescimento e na formação do indivíduo. Portanto, a formação do professor atuante nessa etapa da educação necessita se conscientizar do seu papel e da importância dessas reflexões.

A atual proposta da Educação Infantil, já com a sua concepção atualizada, não mais assistencialista, com enfoque educacional, ou seja, transformando-se em uma proposta pedagógica aliada ao cuidar, procura atender a criança de maneira integral, respeitando suas especificidades. De acordo com a LDB de 96, ficou determinada a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, tendo as seguintes disposições:

Art. 22. A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p. 9 e 13).

Machado (1999), Kishimoto (2002), Kramer (2005 e 2006a) e Campos (2006) contribuem com suas pesquisas para tal concepção, além das definidas na LDB.

Hoje tem-se um consenso de que a criança descobre a todo o momento e aprende no contato com um ambiente variado, de forma integrada, através de situações do cotidiano, como no próprio brincar – proposta essa que associa intimamente ao prazer.

O ambiente na Educação Infantil é de suma importância, pois deve favorecer as variadas formas de exploração do seu desenvolvimento, como a do seu corpo, da sua imagem, do outro, das relações com o outro, da expressão verbal, das diversas formas de comunicação, que possibilitem seu crescimento e a abertura de contribuição para a transformação social.

Apoiando-se na proposta crítica com fundamentação psicocultural da Educação Infantil Kramer (2005) privilegia os fatores sociais e culturais no desenvolvimento da criança e acrescenta metas na construção dos seus conhecimentos:

[...] a construção da autonomia e da cooperação, o enfrentamento e a solução de problemas, a responsabilidade, a criatividade, a formação do autoconceito estável e positivo, a comunicação e a expressão em todas as formas, particularmente ao nível da linguagem. [...] Assim, não estamos interessados em apenas formar crianças que sejam “inteligentes” [...] Na nossa concepção, o desenvolvimento infantil pleno e a aquisição de conhecimentos acontecem simultaneamente, se caminhamos no sentido de construir a autonomia, a cooperação e a atuação crítica e criativa. (KRAMER, 2005, p. 37).

Todas essas considerações e contribuições para a Educação Infantil foram propostas debatidas por décadas. Sendo assim, é possível afirmar que a transição de concepções de crianças e sua educação sempre estiveram ligadas ao cenário econômico/sócio/político, considerando o tempo, o local e o papel do homem nele.

A concepção de criança vem mudando ao longo dos tempos revelando as diferentes maneiras de se considerar a criança dependendo da cultura, etnia e da classe social a qual pertence, revelando assim a diversidade cultural e social que compõe a sociedade brasileira. (DORIGO; NASCIMENTO, 2007, p. 28).

Neste capítulo consideramos historicamente a concepção de Educação Infantil no cenário brasileiro a fim de compormos a base teórica para as análises das entrevistas com as professoras de pré-escola de Jandira, no entanto, cabe-nos a seguir contextualizarmos, também com base na história, o cenário educacional jandirense que essas professoras vivenciam diariamente, para assim aproximarmos as concepções.



Nos jovens, repousa a esperança  
Que os pais ousaram sonhar.

Que sejam as nossas crianças,  
O futuro deste lugar.

(PEREIRA, *Um hino para Jandira*, 2007, p. 50).

6. Foto – Turmas nos anos 70 do 1º Jardim-de-infância de Jandira (a).

## 5. DO CENÁRIO BRASILEIRO À EDUCAÇÃO INFANTIL EM JANDIRA

Neste capítulo, pedimos licença em adentrar um pouco mais fundo na história da educação da cidade, visto que em toda a sua existência não foi feito um registro sobre a “linha do tempo da educação jandirense” e esta é uma oportunidade, não só de oficializar sua história, como de homenagear os seus educadores passados e atuais que se dedicam às crianças desta cidade. Reconhecemos que este não é um trabalho de história da educação, mas reforçamos o privilégio que contribuirmos com a sua história para compreender a Educação Infantil e a formação docente atual.

Esta dissertação não analisa a história de Jandira, no entanto é apropriado que o leitor fique mais próximo da realidade para compreender esta pesquisa e principalmente perceba a “importância de ouvir professores na construção do registro histórico da educação”, esse motivo explica a citação de trechos das entrevistas. Outra proposta de citar essas falas é a de que o leitor possa se sentir personagem no momento dos diálogos. Fizemos ainda uso de registros de jornais, do livro que remonta a história de Jandira até os meados de 1980 (PRADO, 1991) e das poesias e crônicas de outro livro sobre a cidade (PEREIRA, 2007), em seguida, o documento sobre o projeto de lei do Plano Municipal de Educação elaborado em 2008. Além desses registros escritos, utilizamos entrevistas com professores que deixaram suas marcas na educação jandirense, já caracterizados no Capítulo 3.

## 5.1. A EDUCAÇÃO EM JANDIRA: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS

A “primeira escolinha rural” para as crianças da região do subdistrito de Cotia – Jandira<sup>18</sup> – surgiu em 1922 por iniciativa dos moradores conforme registros nos documentos, porém essa escola é pouco conhecida pelos munícipes.

Em 1928 com apoio das Igrejas Presbiterianas do Brasil<sup>19</sup> foi fundado o Instituto J.M.C., antes Curso José Manoel da Conceição<sup>20</sup>, nome dado em homenagem a esse ex-padre que se dedicou ao desenvolvimento da educação. O primeiro presidente deste instituto foi o seu fundador, o reverendo Dr. William Alfred Waddell<sup>21</sup>. Conforme Soldé, essa foi a escola mais importante da região, fechando suas portas em 1969:

[...] mas de todas elas a mais importante foi o Instituto de Educação José Manoel da Conceição. Pra mim uma das primeiras faculdades que teve na região. Então, Teologia, era a principal formação de pastores... Mas também se formava em muita coisa. Inclusive tem um genro meu que o pai dele foi um dos dirigentes desse colégio, era o Dr. Eduardo Gouveia Mendonça, hoje advogado da Câmara. [...] mais de 200 alunos na época [...] vou lhe dizer uma coisa, tem o Boanerges Ribeiro<sup>22</sup>, ele foi 18 anos presidente do Mackenzie, quem que não conhece o Mackenzie? Uma das primeiras universidades de SP, era subsidiada pelos americanos [...] quando não houve mais condições de pagar as despesas que tinha aqui no JMC, eles fecharam as portas [...] (Informação verbal do ex-prefeito Clécio Soldé, em 21 out. 2009).

<sup>18</sup> Consta o registro histórico da cidade desde a sua criação no Apêndice deste trabalho.

<sup>19</sup> Percebemos que o desenvolvimento de Jandira é muito ligado a nomes de representantes do presbiterianismo, principalmente na educação e na democracia do município.

<sup>20</sup> José Manoel da Conceição, primeiro pastor evangélico brasileiro, é muito importante para a história protestante no Brasil e, sobretudo em Jandira, visto que foi homenageado dando o nome de Instituto J.M.C., além do que, encontramos sobre ele nas bibliografias, uma curiosidade sobre seu ministério itinerante, de incansáveis viagens para pregação, nos quais consta em um dos livros de Jandira (PEREIRA, 2007) que na sua primeira viagem missionária a Sorocaba em 1866, provavelmente, tenha percorrido pela Estrada Velha de Itu, atual Vila Márcia de Jandira, tendo descansado na “sombra do figueirão” (árvore que é um dos símbolos do município).

<sup>21</sup> William Alfred Waddell, outro nome, dentre vários protestantes que marcaram história em Jandira, foi professor, pastor e também presidente do Mackenzie College em 1914, a quem pertencia o sítio em Jandira que se instalou o instituto.

<sup>22</sup> Boanerges Ribeiro, falecido em 2003, foi presidente do Mackenzie e autor de vários livros sobre a história do presbiterianismo no Brasil.





7. Foto da Placa instalada no terreno que era pertencente ao Instituto J.M.C. (Tirada em out. 2009).



8. Foto da entrada principal do Instituto José Manoel da Conceição, J.M.C. – Foto de 1948. (PEREIRA, 2007, p. 24).



9. Foto da atual Casa da Cultura – José Manoel da Conceição que era um dos alojamentos masculinos (Tirada em out. 2009).

[...] Que saudade eu tenho do JMC...  
Soldados de Cristo formava, também.

Serviu-nos de escola, pra vida vencer,  
De Jandira, o nome, espargindo além.

(Trecho do verso Jandira em Versos – *A Epopéia de uma cidade*).  
(PEREIRA, 2007, p. 31).

Nas antigas terras do Instituto J.M.C. estão atualmente a Secretaria Municipal de Cultura, a Câmara Municipal, o Auditório Municipal, a Prefeitura Municipal de Jandira e a Igreja Presbiteriana J.M.C. Trabalhadores da Câmara Municipal de Jandira mostraram o terreno do antigo Instituto e frisaram que a ponte de madeira que passava sobre os trilhos da locomotiva era o que separava o alojamento feminino do masculino, confirmaram ainda que a maioria dos alunos vinha de outros

estados e países como Cuba e Estados Unidos. De acordo com Prado (1991) funcionava em sistema de internato para ambos o sexo, oferecendo os mais eficientes métodos de ensino<sup>23</sup> da época, abrangendo primário, admissão, ginásial, colegial, instrumental musical, órgão, piano etc. Percebemos o prestígio desse local, que dentre outros acontecimentos, realizou a votação para a emancipação da cidade e foi o primeiro local a receber energia elétrica.

[...] um semi-internato que pertencia ao colégio MACKENZIE de São Paulo , e ele ficava exatamente lá no alto, onde tinha o Teatro do J.M.C. [...] fazíamos as nossas festinhas de fim de ano; local bem confortável, com poltronas bem arrumadas, um palco muito grande com cortinas, e o local também que era usado para grandes eventos e palestras. Lá também eram recepcionados grandes políticos e empreendedores que lá iam comprar terrenos para as futuras indústrias que ali foram se estabelecer com a isenção de taxas da prefeitura, dado pelo então prefeito Oswaldo Sammartino, a fim de expandir e ser conhecido, pois tinha recém se emancipado de Cotia e também para criar novos empregos locais. (Informação verbal da professora Anete Fontoura em 26 out. 2009).

Em registros sobre as primeiras escolas de Jandira, o ensino público já apareceu como um grande problema e, somente 40 anos após (sem data exata) a chegada da família Sammartino às terras do Sítio das Palmeiras<sup>24</sup>, a cidade recebeu a primeira escola com verba pública. Com o aumento de crianças na região, Henrique Sammartino conseguiu, pelo Estado, instalar a segunda escola rural, chamada depois de “Escolinha Mista da Parada Jandira”, que em uma única sala, um barracão rústico, atendeu crianças em idade escolar por várias gerações, sendo anos depois transferida para um “sobradão” semiabandonado. Jorge Burger Neto

---

<sup>23</sup> A educação católica teve grande influência no Brasil, chegada com os portugueses em 1500, no entanto, o protestantismo começou a se difundir aqui, após o século XIX, com missionários americanos. A educação sempre foi uma das prioridades dessa igreja e colégios protestantes começaram a se instalar nessa mesma época. Os métodos de ensino visavam o progresso da sociedade e contradizia os métodos tradicionais do catolicismo.

<sup>24</sup> Nome dado às terras compradas em 1912 no km. 32 da Estrada de Ferro Sorocabana, quando começou a se povoar a cidade.

falou com muito carinho sobre o período que estudou nessa escola, desde 1953, cursando da 1ª a 3ª série, pois a partir da 4ª série os alunos seguiam para outras escolas, em Itapevi ou Barueri (municípios vizinhos). Além desses dados, conta que: “Era onde é hoje a Casas Bahia. Funcionava só das 8 às 12hs, depois fechava [...] Minhas professoras foram Dona Zuleica, Dona Norma e Dona Clarice.” (Informação verbal do Sr. Jorge Burger Neto, em 15 out. 2009).

[...] E, naquela *Escola Mista*  
 Desta *Parada Jandira*,  
 Teve o seu nome na lista,  
 com seu futuro em mira,  
 Marcando esta outra conquista  
 Que, hoje, tanto admira. [...]  
 (Trecho do verso *Reminiscências*). (PEREIRA, 2007, p. 24).



10. Foto – Estudantes da Escolinha Mista da Parada Jandira – 1938. (PEREIRA, 2007, p. 25).

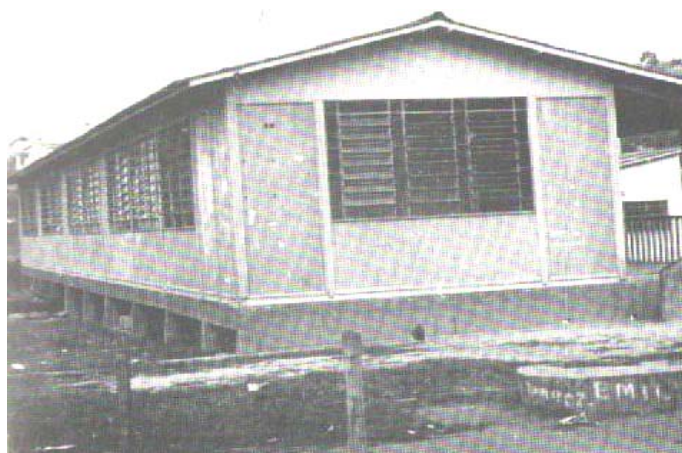
Em 1957, com verba pública, foi construído na praça um galpão de madeira para funcionar o “Grupo Escolar” depois dado o nome do Professor Vicente Themudo Lessa<sup>25</sup>. Quase dez anos depois, por não dar conta do número crescente de crianças, foi construído o Anexo I para mais 90 alunos. A atual diretora da escola, professora Célia Maria Targina, declarou que a secretaria não dispõe de fotos nem documentos antigos, mas nos cedeu um impresso onde afirma que o seu patrono, o

<sup>25</sup> Vicente do Rego Themudo Lessa foi o primeiro historiador do presbiterianismo brasileiro, escrevendo diversas obras. O único documento encontrado na cidade, inclusive na própria escola na qual é patrono declara que ele foi professor no Instituto J.M.C., porém sobre este fato há contradições de municípes antigos de Jandira, conforme o Sr. Clécio Soldé declarou em entrevista.

professor Vicente Themudo Lessa, foi professor do Instituto José Manoel da Conceição, em Jandira de 1930 a 1937, no entanto, em diálogo com o senhor Soldé, este alegou desconhecer tal fato. Em 1972 ocorreu a inauguração do prédio de alvenaria bem próximo daquele local para onde a escola foi transferida, com muita festa. O galpão de madeira passou a ser sede da prefeitura da cidade.



11. Prof. Vicente Themudo Lessa - Foto tirada do seu retrato que está na secretaria da escola (out. 2009).



12. Foto do Galpão de madeira do Grupo Escolar de Jandira, posteriormente Prof. Vicente Themudo Lessa. (PRADO, 1991, p. 29).



13 e 14. Fotos da reinauguração do Grupo Escolar "Prof. Vicente Themudo Lessa", em 1972, pelo ex-prefeito Clécio Soldé, com desfile da 1ª Fanfarra de Jandira (Fotos cedidas pelo ex-prefeito, Sr. Clécio Soldé, out. 2009).

Além dessas importantes instituições de ensino em Jandira, alguns acontecimentos marcaram a história da educação do município, como:

- A rede municipal de Jandira iniciou seu atendimento em 1983 com as primeiras salas oficiais de pré-escola.
- Em 1997, ocorreu a municipalização do ensino na educação básica incluindo a educação infantil conforme a definição da Lei de Diretrizes e Bases Nacional, porém atualmente ainda existem salas em escolas estaduais que atendem alunos das séries iniciais.
- Um dos acontecimentos mais importantes na área da educação foi a conquista, com grande luta, do Plano de Carreira do Magistério Municipal, aprovado pela Lei Municipal nº 1.374 de 27 de dezembro de 2002.
- O ensino superior no município é recente, com a presença da Prefeitura, que em 2004 estabeleceu em regime de colaboração com a Fundação Hermínio Ometto – Uniararas, o ensino superior noturno em uma de suas escolas municipais e, a implantação de um pólo da Universidade Aberta em parceria com o Governo Federal. O município ainda conta com a Faculdade Eça de Queiroz, instituição privada, desde 2006.

Dessa forma, Jandira apresentou em 2008 um quadro dos estabelecimentos e dos alunos na rede municipal. Vejamos:

Níveis / Modalidades de Ensino	Total de estabelecimentos	Mun.	Est.	Priv.	Nº de alunos na rede municipal
Educação Infantil – Creche	25	8	-	17	1.147
Educação Infantil – Pré-Escola	34	13	-	21	3.290
Ens. Fundamental – 1ª à 4ª série	24	13	4	7	6.589
Ens. Fundamental – 5ª à 8ª série	18	-	13	5	-
Ensino Médio	17	-	13	4	-
Educação Especial	2	1	1	-	157
EJA – 1ª à 4ª série	6	6	-	-	312
EJA – 5ª à 8ª série	8	-	7	1	-
Ed. Profissional e Tecnológica	10	-	9	1	-
Educação Superior	1	-	-	1	-
<b>Total de alunos na rede municipal de ensino</b>					<b>11.495</b>

Quadro 4 – Estabelecimentos e alunos da rede municipal

Fonte: SMEJ (Dados disponibilizados no Plano Municipal de Educação de Jandira, 2008).

Os dados do quadro anterior foram coletados pela Secretaria de Educação e assessoria a fim de elaborar o primeiro Plano Municipal de Educação da rede de ensino, o qual até a data desta pesquisa não foi aprovado pela Câmara de Vereadores. No entanto, destacaremos outras informações relevantes desse documento mais adiante, após apresentarmos a história da educação infantil jandirense.

## 5.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL EM JANDIRA – UMA HISTÓRIA CONTADA POR PROFESSORES

O início da pré-escola foi muito importante, pois foi a semente que germinou no que temos hoje. (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 24 mar. 2009).

Esclarecemos de antemão que essas histórias não constam em nenhum registro da cidade, ou melhor, em nenhum dos livros e documentos consultados. Percebemos que a Educação Infantil foi esquecida na história escrita, por esse motivo nesta pesquisa daremos espaço especial à história oral, em que dialogamos com educadores que presenciaram os momentos marcantes da educação de crianças jandirenses menores de sete anos.

Soldé revelou que a educação infantil iniciou no município atendendo crianças de zero a três anos logo após a emancipação da cidade, no entanto, não foi possível, até a data desta pesquisa, descobrirmos exatamente onde e em que ano esse fato ocorreu. Porém, a educação de crianças de quatro a seis anos iniciou oficialmente quando na posse do prefeito Oswaldo Sammartino, em 1967, promoveu no município o primeiro concurso para cargos públicos, em que uma das vagas foi

para professor. Anete Fontoura, normalista da Escola Normal Caetano de Campos<sup>26</sup>, foi aprovada e a ela foi cedido um estabelecimento na antiga Rua Jandira, o bar de Henrico Grosso (já falecido) – Bar São Jorge, para funcionar o primeiro jardim-de-infância (local onde conversamos com a sua ex-esposa, dona Laura dos Santos):

[...] A primeira escolinha de crianças pequenas de Jandira foi aqui. Eu fui inspetora, auxiliar de limpeza, cozinheira [...] passou muitas crianças por aqui. Aqui era o pré. A aula era nessa salinha e o recreio, as brincadeiras era aqui na rua. Com a entrada do Clécio aí saiu daqui e foi lá pro Palmares e depois pro lugar onde hoje é a biblioteca. (Informação verbal da dona Laura dos Santos, em 15 out. 2009).



O jardim-de-infância que funcionava num pequeno estabelecimento precisou ser transferido por duas vezes para se tornar o “Jardim-de-Infância Municipal Raphael Gióia Martins”<sup>27</sup>, que atendeu crianças de seis anos de todos os bairros vizinhos. Atualmente, nesse local, funciona a Biblioteca Municipal Dorvalino Albino Teixeira, mais conhecida por estar situada na Praça Oito de Jandira.

15. Gióia Jr. com seu pai Raphael Gióia Martins (Foto disponível em: <<http://reverendoorlando.blogspot.com/2009/09/meu-pai.html>>. Acesso em: 29 out. 2009).

Destacamos alguns recortes da entrevista para ilustrar esse momento:

[...] Quando cheguei em Jandira isso foi muito problema! Porque uma escola modelo, escola normal número 1 do Brasil, chega lá você conhece todos os métodos com muito material, com a classe que não condiz com a realidade de quando cheguei em Jandira. Eu tive um choque! Então tudo aquilo que eu aprendi, eu falei: Meu Deus, eu vou ter que adaptar um pouquinho de cada método. Vamos ver o que vai funcionar. E assim eu fiz. [...] Lá quando

<sup>26</sup> Foram destinados alguns comentários sobre a sua formação na Escola Normal Caetano de Campos em sua entrevista (anexa) cedida a esta pesquisa.

<sup>27</sup> O protestantismo teve grande participação no desenvolvimento da cidade de Jandira, principalmente por conta do Instituto J.M.C. e pela presença de representantes importantes da Igreja Presbiteriana. Um deles, foi Raphael Gióia Martins (pastor e professor do Instituto J.M.C.) que foi homenageado ao se tornar patrono do primeiro jardim-de-infância do município.

eu cheguei, as crianças eram paupérrimas, pra você ter noção, não tinha uma avenida asfaltada. Quando eu lá cheguei, me deram pra eu dar aula um bar. O bar do Henrico Grosso, que era um bar mesmo, não tinha carteira, não tinha armário, não tinha mesa, não tinha teto, não tinha nada (*risos*), não tinha nem banheiro. O recreio inclusive era feito na rua, na terra e como as crianças não tinham materiais, eu tinha que improvisar. [...] Daí eu tive que ir para o Palmares porque chovia muito lá dentro, não tinha banheiro e eu fui provisoriamente pro Colégio Palmares, lá eu fiquei dois anos. Enquanto isso, o prefeito Oswaldo Sammartino tinha o projeto da escola Raphael Gióia Martins, que foi concluído com o prefeito Clécio Soldé. E ali sim, ali começou uma escola maravilhosa, bem equipada [...] As mães no início não entendiam o que era a pré-escola [...] Quando começaram a perceber o quanto tinha dado resultado [...] começou a se espalhar pela cidade, era a única classe, eu comecei com quinze alunos, vinte, trinta... Eu era a única professora, cheguei a 45. [...] Tinha hora pra tudo. Tinha hora de coordenação motora, tinha hora da matemática, tinha hora da linguagem oral [...] (quanto à alfabetização) Eu comecei com o método global. Eu apresentava palavra e cortava: ma-ca-co [...] eles faziam no papel a letra C: onda vai, onda vem. Do C passava para o A, tudo seguidinho, depois passava... a letra G tinha o rabo do gato [...] Era muito fácil alfabetizá-los assim. [...] (quanto à brincadeira) Que delícia que era! Porque essas crianças eram bem caipiras, então elas adoravam essas brincadeiras que hoje não tem mais [...] (Informação verbal da professora Anete Fontoura, em 20 jun. 2009).

[...] as matrículas começaram logo no início de Fevereiro de 71, e como tinha sido anunciado em faixas, quando lá cheguei, a fila dava volta no quarteirão, e eu assustada, fui pedir ao prefeito uma segunda professora, que foi a minha primeira estagiária Maria do Carmo Ribeiro, e que estava se formando no Colégio de Freiras em Osasco [...] (Informação verbal da professora Anete Fontoura, em 26 out. 2009).



16 e 17. Fotos de Turmas dos anos 1970 no primeiro jardim-de-infância de Jandira (Fotos cedidas pela professora Anete Fontoura).

Oficialmente, a pré-escola no município de Jandira iniciou em 1983 quando o professor José Roberto Piteri assumiu a prefeitura local. Um cenário de desenvolvimento revelava grande desafio de ampliação do ensino municipal.



Jandira ainda estava começando. [...] a parte industrial estava começando na época, [...] tínhamos um comércio médio na cidade, a população era uma população pequena na época, aproximadamente uns 40.000 habitantes. Nós tínhamos uma influência muito grande da Estrada de Ferro, a FEPASA, nós éramos praticamente uma cidade dormitório, a nossa população trabalhava em São Paulo, usando os meios de transporte ou os trens da FEPASA, que hoje é a CPTM. Era uma cidade de início, uma cidade gostosa, com uma população totalmente amiga, muito próximo um do outro, todos se conheciam, uma cidade em São Paulo, mas com características de interior na época. [...] a educação, por nós sermos da área, era um desafio. [...] tínhamos as escolas estaduais, que o Estado administrava, mas nós queríamos fazer uma rede municipal, uma rede de ensino pré-escolar. Quando nós entramos tínhamos somente uma única escola pré-escolar que era, onde hoje é a biblioteca, na Praça 8 de Jandira. [...] Nós ficamos com o desafio de finalmente promover a rede pré-escolar para que ela crescesse bastante. Inicialmente nós entramos em contato com as escolas estaduais e onde existia qualquer espaço, qualquer lugar ou sala que nós pudéssemos montar nossa rede municipal nós começamos alocar [...] Fazíamos tudo separadinho, era administração municipal, não tinha nada a ver com administração estadual, mas usamos o espaço físico do Estado. Ao mesmo tempo em bairros distante nós fomos alugando alguns espaços, algumas casas, fomos comprando, e montando a rede escolar alugada [...] Tanto é que nós começamos com 180 crianças no início do nosso governo, e terminamos o governo com 2000 vagas de alunos na pré-escola. Nós aumentamos o número de vagas na rede pré-escolar e depois no decorrer do tempo, nós tiramos do espaço físico do Estado e fomos passando para nossa rede própria, e ao mesmo tempo nós fomos fazendo também um trabalho de creches. Quando nós entramos também não tínhamos nenhuma creche [...] nós dávamos atendimento para



18. Foto do ex-prefeito Roberto Piteri com turma de pré-escola na década de 1990. (foto cedida pela professora Leda dos Santos).

a criança desde o primeiro ano e fazíamos a pré-escola no mesmo espaço físico da creche. [...] Eu creio que já existia pré-escola na região, Barueri é uma cidade mais antiga, Cotia, Itapevi, já existia, mas eu não sei em que grau de atendimento. A demanda era muito grande [...] muitas mães que trabalhavam, por isso a necessidade de fazer as creches [...] nós criamos também a escola especial pra atender as crianças que eram portadoras de deficiências [...] que atendia também crianças na idade de pré-escola até idades maiores também. (Informação verbal do ex-prefeito Roberto Piteri, em 17 jun. 2009).

Sem estrutura administrativa e física, de maneira bem precária, foram contratadas professoras e os núcleos foram montados em espaços vagos das escolas estaduais e de estabelecimentos comerciais da cidade, de acordo com a demanda, especialmente para as mães que trabalhavam.

Uma coisa interessante foi que desde o início foram colocadas professoras, pessoas que tinham o magistério na época, ainda não se falava de Pedagogia. Eu acredito que isso foi um diferencial, ele teve uma visão de

pegar pessoas com formação [...] (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 24 mar. 2009).

Com a educação não podemos brincar, temos que fazer o que é mais correto, então nós tivemos esse cuidado, por sermos professores, já sermos da área, nós privilegiamos professores da nossa cidade, pegamos professores que já estavam formados, não professores com muita experiência, estávamos começando naquela época, mas todos formados, preparados para dar o melhor ao ensino, de atendimento das nossas crianças. (Informação verbal do ex-prefeito Roberto Piteri, em 17 jun. 2009).

[...] Tínhamos os alunos e mais nada [...] No Fátima, tinha uma sala que funcionava num salão alugado [...] Nós tínhamos postos de pré-escola [...] não sei se poderia ser chamado de departamento de educação, mas existia uma pessoa responsável e qualquer problema que tivesse, você procurava essa pessoa. A nossa escola não tinha telefone, nós tínhamos que ir no orelhão, deixava os alunos ali para ir telefonar, se precisasse socorrer, ele vinha com o carro dele [...]. (Informação verbal da professora Leda, em 24 mar. 2009).



19. Foto da 1ª turma de pré-escola em 1983 no porão da escola “EE Maria Cristina Lopes” (Foto cedida pela professora Leda dos Santos – à direita).

Inicialmente eram chamados de núcleos, que mesmo nessas condições, a demanda foi favorecendo a criação de mais salas para crianças menores de sete anos. Com o crescimento, a solução imediata foi implantar salas de pré-escola nas escolas estaduais de Ensino Fundamental. Essas professoras organizavam reuniões em pequenas salas das escolas e trocavam atividades, visto que era novidade para todas e, a partir dessas trocas, programavam suas aulas. Como comentado pela professora Leda dos Santos (2009) na entrevista, as atividades tinham “caráter preparatório” de alfabetização, trabalhava-se a lateralidade, sequenciação,

coordenação motora, incluindo contos e atividades lúdicas, de forma improvisada. Sete anos após a iniciação das salas de pré-escola, em 1990, aconteceu o concurso<sup>28</sup> municipal para professores. Segundo a mesma professora, ele foi muito importante por trazer pessoas de fora, com outras experiências e conhecimentos para o município jandirense. No ano seguinte, com a consolidação da atual Lei de Diretrizes e Bases de 1996, o município abriu concurso para mais professores na rede devido à municipalização do ensino na educação básica:

Outro momento importante, que eu não sei se trouxe benefício ou prejuízo foi à municipalização<sup>29</sup> em 1997. Aconteceu que os professores que trabalhavam só na educação infantil foram convidados a ir para o fundamental, eles foram e acabaram deixando a educação infantil, tendo uma perda, pois esses profissionais que já estavam há muito tempo, tinham experiência, deixaram de atuar na educação infantil para o fundamental, mas depois vieram outros que trouxeram coisas novas. (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 24 mar. 2009).

[...] o processo tem sido permeado de problemas que se parecem eternizar no ensino público, pois a expansão repentina das redes municipais começou a provocar, o que tudo indica, um rol de intervenientes, evidenciando que a tensão entre a expansão da coberturas dos serviços educacionais e a manutenção da sua qualidade é realmente difícil de ser resolvida. (MARTINS, 2003, p. 236).

Na década de 1990 a cidade apresentava um cenário bem diferente, segundo o ex-prefeito Roberto Piteri em 1993 exerceu seu segundo mandato na cidade, numa administração muito mais complexa do que na década passada. Em poucos

---

<sup>28</sup> Conforme cópia do documento anexo.

<sup>29</sup> Essa crítica nos motivou a outro momento de diálogo com a Professora Leda para esclarecimento, na qual alegou que o processo de municipalização ocorreu com muitas críticas dos professores e da população, pelos seguintes motivos: 1) a Administração fez de forma “caseira” o processo de transferir as professoras de Educação Infantil para o Ensino Fundamental, isso acarretou indisposição entre os professores das duas etapas de ensino, além de prejudicá-las perdendo suas pontuações para atribuição e tempo de serviço no município referente aos anos anteriores. 2) a Educação Infantil ficou como segundo plano, ficando visível a sua manutenção com sobras do Fundef, inclusive no que dizia respeito ao salário, materiais, formações e assessoria. 3) a municipalização de imediato foi feita até a 8ª série do Ensino Fundamental e isso foi um fracasso devido ao município não conseguir atender a demanda de 1ª a 4ª série, muito menos aos anos seguintes. Contudo, declarou como positivo o fato dos alunos do Ensino Fundamental terem recebido professoras experientes e os benefícios do Fundef para melhorias nas escolas, inclusive em formações.

anos a população cresceu muito vinda de outros estados e de regiões centrais de São Paulo, com isso os problemas de vagas nas escolas, de moradia, de saúde, de trabalho e, conseqüentemente, da violência aumentaram, e o orçamento da cidade não acompanhou essa demanda. Desde então o número de vagas para crianças na fase pré-escolar tem crescido na rede consideravelmente, apesar de ainda ser insuficiente. Por essa razão, a Secretaria da Educação conta com parcerias entre entidades e organizações não-governamentais para atendimento de aproximadamente 500 crianças que não são atendidas pela rede – “Ainda não temos escolas em todos os bairros de Jandira. Nunca foram construídas escolas para pré-escola, elas foram mais adaptadas.” (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 24 mar. 2009).

Até 2007 a rede municipal manteve salas de pré-escola e de creches no mesmo prédio, permanecendo até os dias atuais somente com salas de pré-escola compartilhadas com as de Ensino Fundamental. Evoluindo juntamente com esse quadro, em 2008, a Secretaria de Educação foi a repartição pública com mais servidores, composta por aproximadamente 100 funcionários, entre efetivos e contratados, incluindo coordenadores, supervisores, equipe pedagógica, departamento de manutenção das escolas e transporte.

Alguns eventos de Jandira são históricos e tem a maior representação de participação dos funcionários públicos da Secretaria da Educação, que são: a Festa Junina, o Desfile Cívico da Independência, a Comemoração do Dia das Crianças e a Formatura de alunos da pré-escola da rede municipal; abrimos um parêntese aqui para informar que nem todas as atividades são de caráter educativo apesar de ser considerado dia letivo de trabalho do professor.

Quanto à formação em serviço oferecida aos professores da rede municipal por muito tempo aconteceu esporadicamente, sem monitoramento e avaliação posterior, organizada geralmente por empresas contratadas. Com a criação do Departamento de Assessoria Institucional Sócio-Educacional (Aise) para apoiar o corpo docente frente às dificuldades com os alunos portadores de necessidades especiais e, com a inauguração da Casa do Professor, ocorreu uma centralização da formação continuada dos professores, de acordo com as necessidades apontadas.

[...] mas ainda é necessário de mais formações, ainda deixa a desejar. Pois o Fundef, não nos dava verba, e o que acontecia com Jandira? Tínhamos que ficar com o que sobrava do fundamental, pois era tudo preparado para eles e o que sobrava colocava-se na educação infantil, na pré-escola. Nós ficávamos sempre com o mínimo. Agora, com o Fundeb<sup>30</sup>, aí sim, eu acredito que isso vá melhorar positivamente, mas ainda está bem no início. (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 24 mar. 2009).

Uma problemática muito discutida sobre a pré-escola no município diz respeito à carga horária insuficiente, que desde 1983 fala-se em mudança, mas permaneceu até 2009 com somente três horas. O maior motivo que os governantes alegavam como justificativa para essa carga horária mínima aos alunos de 4 a 6 anos, centraliza-se no aumento populacional acelerado impossibilitando suprir a demanda e, a carência de recursos, é a explicação para a falta de investimento na melhoria da qualidade na Educação Infantil.

Os educadores que concederam as entrevistas para o levantamento histórico da educação infantil jandirense expuseram suas opiniões sobre o desenvolvimento vivido da cidade e, sobretudo, do ensino municipal:

---

<sup>30</sup> Fundeb – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação, instituído pela Emenda Constitucional nº 53/06 (regulamentado pela MP nº 339/06), abrange o financiamento da creche ao ensino médio, porém uma das maiores críticas se norteia da desproporção do valor definido à Educação Infantil das demais etapas de ensino e que é insuficiente para melhorar a qualidade de creches e pré-escolas, além disso o Movimento “Fundeb Prá Valer!” debate sobre a retirada da creche do Fundeb, depois de muita luta para se conquistar. (ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância, 2005 – Disponível em: <[http://www.campanhaeducacao.org.br/fundebpravalerepopup\\_andi.htm](http://www.campanhaeducacao.org.br/fundebpravalerepopup_andi.htm)>. Acesso em: 28 out. 2009).

[...] Jandira serviu de escola para professoras de outras regiões, como Osasco. O desenvolvimento da educação foi percebido pelos pais e, prova disso era a participação deles. Os pais reconheceram o meu trabalho e muitas crianças passaram por mim e conseqüentemente pela educação de Jandira. O crescimento foi muito grande. (Informação verbal da professora Anete Fontoura, em 20 jun. 2009).

[...] Eu cresci lá, fui criança, jovem, adulto, meus filhos todos nasceram lá, tive a oportunidade de ser prefeito por 10 anos. Construí, ajudei a colaborar com o desenvolvimento da cidade, então, eu tenho o maior carinho pela cidade. Eu acho que Jandira teve um desenvolvimento desordenado por estarmos num município da grande SP, [...] mas a cidade foi acompanhando o desenvolvimento. A rede de ensino aumentou muito [...] nós tínhamos problema na cidade, as escolas pichadas [...] hoje a própria população cuida, tem os filhos que nasceram na cidade, eles mesmos começam a cuidar, da árvore, da escola, de um bico de luz no poste. A cidade hoje está indo bem, está integrada, eu acho que a cidade está num desenvolvimento natural para sua época. (Informação verbal do ex-prefeito Roberto Piteri, em 17 jun. 2009).

Me sinto um pouco orgulhosa de ter participado da história, desde o início e por ter existido momentos difíceis [...] mas eu sempre encarei como um desafio. Tudo pode acontecer. Quando eu cheguei na minha sala, eu tinha os alunos e mais nada, não tinha material, não tinha nada e eu encarei como um desafio. Com essas mudanças todas que estão ocorrendo na educação, tem que sempre estar procurando se atualizar... eu tive que mudar muito. [...] as mudanças acontecem todo momento, tem que mudar praticamente todo dia. Eu encaro como um desafio e procuro colaborar. Eu tenho um carinho especial por essa educação de Jandira. Além de ser munícipe aqui, ter nascido aqui, de gostar da cidade, eu gosto da educação de Jandira. [...] Essa questão da carga horária, eu sempre briguei, participei dessas lutas do Plano de Carreira, foi uma luta desde 83 e só em 2002 saiu nosso Plano de Carreira. É uma luta, mas não podemos desistir. Eu vou tentando contribuir e aprender. (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 9 jun. 2009).

### 5.3. RECORTES DO DOCUMENTO-PROPOSTA DO PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JANDIRA/SP 2008-2018

Um dos níveis de ensino de que trata o Plano Municipal de Educação (PME) é a Educação Infantil, apresentando o seguinte diagnóstico:

Seguindo-se uma tendência nacional, o município de Jandira vem registrando um crescimento do atendimento na Educação Infantil para as crianças de 0 a 5/6 anos. Conforme estabelecido pela LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9394/96), essa primeira etapa da Educação Básica é de responsabilidade do município.

Esse crescimento de matrículas nos últimos anos pode ser explicado por dois fatores básicos:

- . A mudança na organização e estrutura familiar nos dias de hoje (a mulher passou a trabalhar fora com mais frequência);
- . Reconhecimento da importância da Educação nos primeiros anos de vida, graças ao avanço nas pesquisas científicas sobre o desenvolvimento da criança. (PME, 2008, p. 53).

A pré-escola no município, de acordo com o documento, no segundo semestre de 2008, havia diminuído o número de alunos de 3.290 para 2.837, distribuídos em 120 salas; número reduzido comparado aos anos anteriores, alertando sobre as transferências e evasões, que somadas totalizaram 453 crianças no decorrer dos primeiros meses letivos. O documento registra que as crianças apontadas nesses índices deixaram a rede municipal e foram transferidas para outros municípios ou para rede particular. Ressaltamos também que as turmas de pré-escola atendiam, até 2009, nos períodos da manhã, intermediário, tarde e vespertino, com carga horária de 3 horas.

Outro item relevante desse documento foi a coleta de dados para elaboração de metas do plano, que descreve a preocupação de adequação da infraestrutura, tanto física quanto material das escolas. Os dados indicaram que 47% dos fatores analisados foram insatisfatórios de acordo com os parâmetros utilizados na pesquisa. Antecipamos que essas informações são identificadas nas falas das professoras entrevistadas, assim como a participação dos pais e da comunidade, demonstradas como um dos critérios regulares nas pesquisas de acordo com o PME.

O que podemos descrever desse documento, por ora não aprovado pela atual gestão, são os itens previstos como objetivos e metas para a Educação Infantil (creche e pré-escola) na rede municipal, que além das adequações necessárias são:

6.b)<sup>31</sup> que, em 3 (três) anos, 100% (cem por cento) dos professores tenham habilitação específica em nível superior, magistério/normal, e que em 6 (seis) anos, 70% (setenta por cento) tenham formação específica de Nível Superior.\*\*

7. A partir da vigência deste plano, somente admitir novos profissionais do magistério da Educação Infantil que possuam a titulação mínima em nível médio, modalidade magistério/normal, valorizando-se os profissionais licenciados em curso específico de nível superior.

8. No prazo de 1 (um) ano, a contar da implantação deste PME, elaborar e colocar em execução Programa de Formação em Serviço, preferencialmente em articulação com Instituições de Ensino Superior.

24. Incentivar a oferta de cursos de formação de professores de Educação Infantil de nível superior, com conteúdos específicos, de modo a atingir a meta estabelecida pela LDB para a década da educação.\*\*

35. Assegurar no prazo de 1 (um) ano a contratação através de Concurso Público de professores para exercer a função docente nas creches municipais, mantendo-se os Monitores e ADEs.

39.<sup>32</sup> Assegurar a construção de prédio municipal destinado à Casa do Professor, visando melhorias nas condições de desenvolvimento de atividades de capacitação pedagógica dos professores como reuniões pedagógicas, palestras, cursos, simpósios, encontros e outros, com toda infraestrutura necessária para tais atividades.

40. Incluir o Profissional de Educação, especialista na Educação Infantil, na Casa do Professor.

(\*\*) É exigida a colaboração da União.  
(PME, 2008, p. 69-71).

A valorização do professor é descrita neste documento como item necessário para o cumprimento das metas estipuladas, sendo obtidas com medidas que “[...] simultaneamente na melhoria da formação inicial dos professores [...] garantia do processo de formação continuada [...]” (PME, 2008, p. 133). As coletas de dados para compor as metas para essa valorização indicaram que a maioria dos professores municipais exerce função docente também na rede estadual e privada, apontando ainda o nível de escolaridade dos professores da rede municipal na seguinte tabela:

---

<sup>31</sup> Observamos um grande atraso comparando à legislação, visto que define como meta somente a formação mínima exigida na atual LDB somente para 2011.

<sup>32</sup> Esclarecemos que a proposta do PME é a construção de prédio para a Casa do Professor, por atualmente ocupar dois andares do prédio da Secretaria Municipal de Educação, o que não é suficiente para a proposta.



**Tabela 69: Rede Municipal – Professores por Nível de Escolaridade (2006-2008)**

Níveis de Escolaridade	2006	2007	2008
Ensino Médio com Magistério/Normal	100	85	75
Ensino Superior com Licenciatura em Pedagogia	184	189	202
Ensino Superior com outras Licenciaturas	94	98	110
Curso Normal Superior	22	33	32
Ensino Superior sem Licenciatura	1	1	-
<b>TOTAL DE PROFESSORES</b>	<b>401</b>	<b>406</b>	<b>419</b>

Fonte: ICD – Caracterização e Atendimento das Unidades Escolares (PME/Jandira, 2008, p. 134).

A porcentagem de professores pós-graduados na rede ainda é pequena, representando cerca de 10% em *Lato-Sensu* e 0% em *Stricto-Sensu* (mestrado e doutorado).

Quanto ao tempo de serviço na educação básica temos outra tabela (PME, Tabela 71 – p. 135):

**Tabela 71: Rede Municipal – Professores por Tempo de Serviço na Educação Básica (2008)**

Redes da Educação Básica	Até 3 anos	De 4 a 6 anos	De 7 a 10 anos	De 11 a 15 anos	De 16 a 20 anos	Mais de 20 anos
Na Educação Básica – Rede Municipal	104	149	63	53	35	9
Na Educação Básica – Todas as Redes	67	87	68	85	65	47

Fonte: ICD – Caracterização e Atendimento das Unidades Escolares (PME/Jandira, 2008, p. 135).

Dentre os objetivos e metas, ressaltamos:

7. Apoiar e incentivar a generalização, nas instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, de cursos regulares noturnos e cursos modulares de licenciatura plena que facilitem o acesso dos docentes em exercício à formação nesse nível de ensino.
8. Apoiar e incentivar as universidades e as demais instituições formadoras a oferecer no município, cursos de formação de professores, no mesmo padrão dos cursos oferecidos na sede de modo a atender à demanda local e regional por profissionais do magistério graduados em nível superior nos primeiros cinco anos de implantação do PME.
9. Apoiar e incentivar a promoção, nas instituições públicas e privadas de nível superior, da oferta, na sede ou fora dela, de cursos de especialização voltados para a formação de pessoal para as diferentes áreas de ensino e,

em particular, para a educação especial, a gestão escolar, a formação de jovens e adultos e a *educação infantil* (grifo nosso) nos primeiros cinco anos da implantação do PME.

10. Apoiar e incentivar ações, estabelecendo convênios entre a Secretaria Municipal de Educação e Instituições de Ensino Superior, para que no prazo de dez anos, 100% dos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (em todas as modalidades da rede municipal de ensino) possuam formação específica de nível superior, de licenciatura plena em instituições qualificadas.

13. Garantir, a curto prazo, que o sistema municipal de ensino mantenha programas de formação continuada de professores alfabetizadores, contando com a parceria das instituições de ensino superior sediadas as respectivas áreas geográficas.

15. Apoiar e incentivar a criação, gradual da oferta de cursos de mestrado e doutorado na área educacional e desenvolver a pesquisa neste campo.

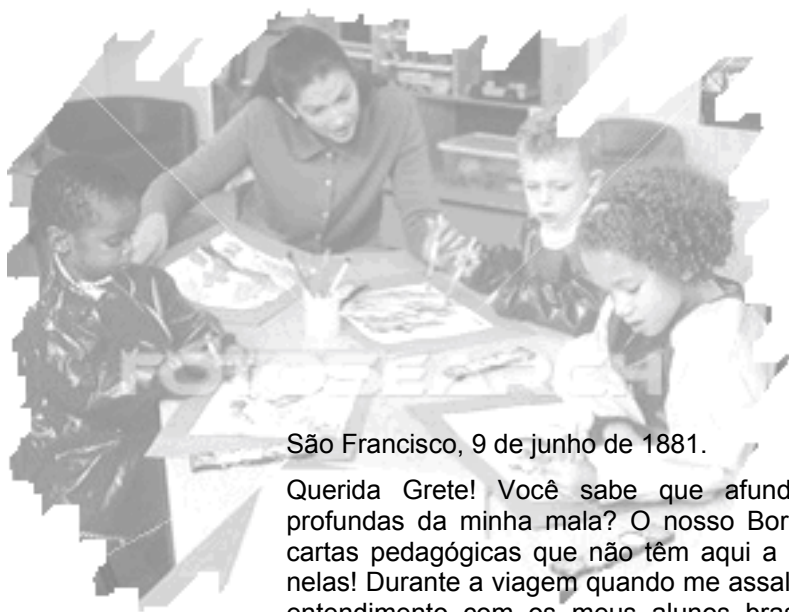
20. Capacitar, em serviço continuamente, 100% dos profissionais da educação do município, durante a vigência deste plano.

(PME, 2008, p. 136-137).

Salientamos que a descrição dessas metas nos serviu como um panorama em que se encontra a Educação Infantil na rede municipal.

Quanto aos recursos aplicados em educação, o documento revela uma diminuição na Educação Infantil entre os anos de 2004 a 2007 (2004 – R\$ 5.412.707,08 / 2007 – R\$ 4.960.309,62); no entanto, não consta esclarecimento para tal redução. Esses foram os dados mais relevantes do documento que propõe o Plano Municipal de Educação. Acreditamos que com o panorama das leituras consultadas, com o desenvolvimento histórico da Educação Infantil, em especial desse nível da educação básica em Jandira e de sua docência, possamos aproximar claramente os cenários de pesquisas sobre a formação de professoras da primeira etapa de ensino.

Tendo já explorado a história da educação infantil no Brasil e em Jandira, procuraremos a seguir, com base em leituras bibliográficas sobre a formação docente, contextualizar informações que nos serviram de referência para as análises desta pesquisa.



São Francisco, 9 de junho de 1881.

Querida Grete! Você sabe que afundi hoje nas profundezas mais profundas da minha mala? O nosso Bormann, ou melhor, suas quarenta cartas pedagógicas que não têm aqui a menor utilidade. E confiava tanto nelas! Durante a viagem quando me assaltava o receio de não chegar a um entendimento com os meus alunos brasileiros, lembrava-me sempre do livrinho prestimoso, entre meus apetrechos de viagem, e sentia-me logo mais calma, dizendo-me: “faça assim”!... E agora? Grete: creio que o próprio Bormann não saberia muitas vezes como agir aqui... Sinto-me desnordeada entre tantas coisas inatingíveis, mas patentes e sempre presentes!

Esta abençoada família tem doze filhos e sete deles sob meu punho pedagógico. Às sete horas da manhã, começa. [...]

Sinto-me salva, mas meio esgotada, quando às oito horas, chegam “os pequenos”. Mesmo malcriados, ao menos são crianças e somente a mais velha já tem qualquer coisa da Santa Inquisição! [...] Fazem tudo o que digo, aprendem tudo o que lhes dou para resolver e assim mesmo irritam-me inexplicavelmente.

Tenho certeza que não me querem mal e às vezes acho os menores bem engraçadinhos.

[...]

Sua Ulla.

(BINZER, *Os meus romanos*, 1994, p. 22-24).

20. Foto – Professoras com alunos de pré-escola (site)

## 6. O CENÁRIO DA FORMAÇÃO DOCENTE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

A vida urbana indicava a necessidade de outro tipo de profissional para formar a juventude. [...] A formação é a pedra de toque dessa nova visão pedagógica. Para ensinar e educar bem as crianças e a juventude era necessária gente especializada. Para isso, Lutero advogava um estudo mais prolongado e intensivo para as pessoas que se qualificam para os cargos de professores (as), de pregadores e de outras funções. Ou até mesmo se dedicarem exclusivamente aos estudos. Para Lutero, apesar da necessidade, o aligeiramento não era a melhor saída. (JARDILINO, 2009, p. 68-69).

Não é objetivo deste trabalho demonstrar concepções pedagógicas de Lutero<sup>33</sup> como atuais para o nosso século, mas sim indicar que a educação na infância e a formação de professores também fizeram parte de seu pensamento pedagógico. Na epígrafe acima podemos perceber que a preocupação com a formação de professores é antiga. Jardimino (2009) comenta as propostas de Lutero no século XVI e nos faz, por hora, pensar que este clássico está presente na nossa época. Ao acompanharmos a história da educação percebemos que a formação sempre foi um quesito especial nas discussões sendo retrato dos variados períodos históricos.

Assim como as pesquisas desenvolvidas no âmbito da formação de professores, a formação da docente atuante na Educação Infantil cresceu consideravelmente após a década de 90 do século passado por razão primordial das alterações legislativas e, neste capítulo, nos propomos a organizar o cenário destas pesquisas.

---

<sup>33</sup> O município de Jandira teve uma grande influência do Protestantismo na Educação e Lutero, que fez referência à educação em seus manifestos, pode ser considerado clássico na reforma protestante, por esse motivo iniciamos os capítulos teóricos sobre a Educação Infantil e Formação de professores com suas referências.

Enfatizamos que a formação de professores para a Educação Infantil é mais complexa do que a formação para as demais etapas da educação, visto que na legislação esta preocupação existe há pouco mais de uma década. Após a LDB de 1996, definiu-se a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica e, conseqüentemente, preocuparam-se com uma exigência mínima de formação. A precariedade da formação inicial de docentes para atuação com crianças menores de sete anos gera um debate constante e requer mais atenção por parte dos gestores dos sistemas de ensino e das instituições formadoras. A formação no ensino superior é importante na trajetória das professoras de Educação Infantil, visto que é o momento de debates teóricos e de problematização das práticas desenvolvidas na escola, portanto o estágio universitário deveria ser o momento de reflexão sobre a teoria e prática na Educação Infantil, conforme Marineide Gomes (2009) destaca.

Os trabalhos que nos serviram de luz para compreensão da formação docente foram organizados cronologicamente de acordo com os períodos tratados. Acreditamos que, iniciarmos referenciando a formação de professores no Brasil a partir das Escolas Normais, seria ocultar a gênese dessa história, por esse motivo mergulhamos no texto de Nosella (2005) que nos apresentou essa temática ainda no Brasil Colônia. Essa escolha justifica-se por ele traçar claramente o papel do professor e/ou educador na sociedade, acompanhando os períodos políticos brasileiros. Em seguida, três pesquisas serviram-nos de pilares para organizarmos os debates da formação docente a partir da década de 1990. Dos anos de 1992 a 1998 a pesquisa dos trabalhos apresentados no GT Formação de Professores da ANPEd (BRZEZINSKI; GARRIDO, 2001), apesar de não ser específica na área de Educação Infantil nos permitiu visualizar as discussões acirradas desse momento.

Em paralelo, outro trabalho que analisa fatores de qualidade da Educação Infantil, sendo um deles a formação de professores, no período de 1993 a 2003, contribuiu como comparativo das pesquisas e nos ilustrou um período de transição da atual Lei de Diretrizes e Bases (CAMPOS; FÜLLGRAF; WIGGERS, 2006). Esses materiais nos apresentaram um cenário largo dessa questão, no entanto o recorte deste trabalho refere-se à formação continuada em serviço de professoras de Educação Infantil, sendo assim a dissertação de mestrado de Rúbia Santos (2008), que pesquisou os trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) que analisaram diferentes programas de formação continuada para professores de Educação Infantil, no período de 1996 a 2004, nos favoreceu na compreensão e análise. Dois materiais recentes, sugeridos pela banca de qualificação, também contribuíram para nossa pesquisa teórico/bibliográfica, que foram de Gatti e Barreto (2009) sobre os professores do Brasil em geral e, de Marineide Gomes (2009) que demonstrou sua pesquisa sobre a formação de professores na Educação Infantil.

Antes de iniciarmos as referências destas pesquisas, detalhamos a seguir algumas definições do dicionário escolar por ser o material mais acessível aos professores e à sociedade, como um todo.

**for.ma.ção** [pl.:-ões] s.f. **1** criação, constituição <f. do universo> **2** posicionamento, ordenamento **3** conjunto dos cursos concluídos e graus obtidos por uma pessoa <f. universitária> **4** maneira como uma pessoa é criada <vé-se que teve excelente f.> (HOUAISS, 2008, p. 356).

**con.tí.nuo** adj. **1** sem interrupção ➤ constante **2** que se repete a intervalos breves e regulares; sucessivo [...]. (HOUAISS, 2008, p. 187).

**pro.fes.sor** \ô\ s.m. **1** pessoa que ensina uma arte, uma ciência, uma técnica, uma disciplina **2** quem tem como profissão dar aulas em escola ou universidade; docente **3** fig. Indivíduo especializado em algo ■ adj. **4** que exerce a função de ensinar ou tem diploma ou título para exercer essa profissão ■ COL magistério, professorado ~ professoral adj.<sub>2g</sub>. (HOUAISS, 2008, p. 607).

A intenção de descrever os significados das três palavras-chave deste debate – formação, continuada (contínuo<sup>34</sup>) e professor – de acordo com o dicionário escolar, se dá ao fato de demonstrarmos o que é possível compreender sobre eles. Ou seja, quanto à formação continuada de professores, percebemos que ela se dá de uma maneira institucionalizada através de curso e na sociedade continuamente, voltada àquele que ensina algo no qual foi habilitado. As análises das pesquisas, de certo modo, demonstram essa definição. Iniciemos, então, o cenário histórico da formação docente.

## 6.1. FORMAÇÃO DOCENTE NO BRASIL – UM PANORAMA HISTÓRICO

Se pensarmos que nosso país acabou de completar 510 anos, poderíamos até dividir o primeiro período de formação dos professores em 490 anos, que seria agrupar praticamente toda sua história. É claro que essa ideia não é para demonstrar que a formação foi a mesma nesses longos anos, mas sim de perceber que, demorou praticamente isso para se pensar na formação docente de Educação Infantil. Também é discutível que já com as Escolas Normais, na transição do período republicano, algumas instituições de crianças menores de sete anos recebiam professoras, mas somente em 1996 foi definida uma formação para atuar na primeira etapa da educação básica. A questão torna-se mais ofensiva quando lembramos, que muitas vezes, a determinação da formação docente prevista na legislação fica à margem da educação, pois existem ainda instituições, principalmente em creches, que permitem profissionais com formação em desacordo com a lei.

---

<sup>34</sup> Utilizamos o termo “contínuo”, pois no dicionário escolar não consta a palavra “continuada”.

A criança sempre existiu e a sua educação passou por vários olhares, talvez por isso é que nos comove ver a citação do trecho do diálogo entre Fênix, o educador, e Aquiles – trecho utilizado por Paolo Nosella (2005) ao definir o educador.

Como poderia eu, caro filho Aquiles, ser deixado aqui sozinho, sem ti? O velho cavaleiro Peleu (teu pai) mandou-me ficar sempre contigo, desde o dia em que te enviou, ainda criança, de Fítia, para junto de Agamenon, quando nada ainda conhecias da guerra que envolve a todos igualmente, nem dos conselhos onde os homens adquirem fama. Ele me mandou junto a ti, portanto, para ensinar-te todas essas coisas: a ser um bom orador de palavras e um bom executante de ações. [...] Para tua atual grandeza, eu te eduquei, amando-te no coração, pois com ninguém ias jantar ou cear nos paços, até que eu te pusesse em meus joelhos e cortasse a carne e te desse de comer e pusesse o vinho em teus lábios. Muitas vezes molhaste a túnica sobre a minha veste, derramando o vinho com teu descuido infantil. Muito trabalhei e sofri por ti, pensando que os deuses jamais me dariam um filho: tornei-te meu filho, Aquiles, semelhante aos deuses. (HOMERO, 1996, p. 100-101 apud NOSELLA, 2005, p. 28-29).

A questão principal refere-se à diferenciação além da aproximação de educador do professor “[...] todo professor é educador, mas o inverso não se aplica, pois nem todo educador é professor.” (NOSELLA, 2005, p. 67) e, da concordância com Freire e Gramsci, “[...] professor e educador não se separam; o primeiro informa e o segundo dá o sentido humano e ético da própria informação.” (NOSELLA, 2005, p. 70). As palavras “professor” e “educador” vêm tomando novos sentidos no percurso histórico e cada uma ocupa posição privilegiada nos variados momentos. Na Educação Infantil a palavra “educador” sempre foi mais forte do que nas demais etapas de ensino. As crianças tiveram seus educadores domésticos, que aos poucos deixaram de ser só de uma única criança para abranger um coletivo nas instituições.

No Brasil Colônia a catequização dos índios era feita por padres franciscanos e jesuítas, cuja intenção nesse período era de exploração econômica e de



conversão ao catolicismo. A necessidade de ensinar ofícios profissionais fez do clero, instrutores de jovens e, nesse mesmo momento surgiram os seminários.

As Escolas Normais<sup>35</sup> iniciaram suas atividades, no final do século XIX, para uma elite. Logo essa desigualdade social começou a ser denunciada e a preocupação não era quanto à qualidade da educação, mas a universalização do ensino primário – a ideia de escola para todos.

O esforço em prol das instituições responsáveis pela formação do magistério, processando-se conjuntamente e como resultado da valorização do ensino público primário, e das iniciativas de disseminá-lo e aprimorá-lo, fez dessas duas modalidades de ensino – primário e normal – as mais bem aquinhoadas pelo poder público estadual durante toda a Primeira República; o ensino superior e sobretudo o secundário foram objeto de empenho e atenção consideravelmente inferiores. (TANURI, 1979, p. 220).

Além do ensino de segundo grau, em 1939, depois de regulamentada, a Pedagogia em universidades públicas e privadas foi disseminada no campo educacional, assim como cursos de Pós-Graduação *Lato* e *Stricto-Sensu* para todas as habilitações. O aumento de escolas privadas não aconteceu só no terceiro grau, mas em todo o sistema, “inclusive de crianças abaixo de sete anos”. Nesse período de tremenda industrialização e urbanização os problemas da má formação docente e as condições prejudicadas (principalmente sobre a superlotação nas salas de aula, baixa remuneração e sobrecarga de trabalho) dos professores geravam debates, e nesses rumores foi sancionada a primeira Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº.

---

<sup>35</sup> Aparentemente fadada a ruínas, por inúmeras vezes a Escola Normal de São Paulo ocupou certa centralidade do imaginário das classes sociais paulistas; no transcorrer da Monarquia e da República, mudou várias vezes de configuração e receberam outras tantas denominações oficiais: Escola Normal, Escola Normal de São Paulo, Escola Normal da Capital, Escola Normal Secundária, Escola Normal Primária, Instituto Pedagógico, Instituto de Educação e Escola Caetano de Campos, entre outros. (MONARCHA, 1999, p. 13) – Não convém aqui abrirmos essa discussão, mas acrescentamos esta citação para ilustrar uma parte do percurso das instituições brasileiras de formação docente. Sugerimos também os estudos de Leonor Tanuri (1979) quanto aos dados e análises referentes ao Ensino Normal em São Paulo.

4.024/61). Com o Golpe Militar de 64, o autoritarismo e o tecnicismo predominaram na educação.

Com a Lei nº 5692/71 as Escolas Normais foram extintas e substituídas pelo curso de Magistério (antigo segundo grau), quando a necessidade de professoras primárias era imediata. Esse curso foi criado em períodos noturno, diurno e integral, em instituições públicas e privadas, enfim, de várias formas que possibilitasse a mais rápida formação e produção – essa expressão sintetiza o fato de muitos estudantes estudarem num período e trabalharem no outro para ter uma profissão; todavia perdeu suas especificidades no currículo por demandar as disciplinas comuns de ensino médio, conforme comentado por Gatti e Barreto (2009).

Durante o período tido por base a Lei Nº. 5692/71, a proposta era erradicar o analfabetismo através do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral)<sup>36</sup> e para as demais propostas do governo, houve crescimento de professores para a Habilitação Específica para o Magistério oferecidos em períodos diurno e noturno e nos Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefans). A criação dos Cefans, em 1982, tinha intenção de melhorar a formação docente, que era mantido em período integral, com duração de três anos e com bolsa de estudo, o que de fato aumentou a qualidade da formação. Nesse período a formação era muito debatida como treinamento técnico e algumas pesquisas<sup>37</sup> apontam que a teoria e a prática era um dos pontos principais de debate para um ensino melhor.

O uso do termo educador na década de 1980 tentava romper com o modelo tecnicista criticado na educação e, nesse mesmo momento, a partir de 1984, em que Nosella (2005) chama de “Nova República e o neoliberalismo”, as professoras

---

<sup>36</sup> Ver Paolo NOSELLA (2005).

<sup>37</sup> Ver Júlio Emílio Diniz PEREIRA (2000).

primárias também saíram às ruas nas greves e somaram-se às reivindicações docentes e da população.

Lutas pela democratização da escola pública, somadas a pressões de movimentos feministas e de movimentos sociais de lutas por creches, possibilitaram a conquista, na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino. (OLIVEIRA, 2002, p. 115).

Nesse período, surgido de grandes movimentos sociais e de lutas, tivemos a consolidação da Constituição Federal de 88 e de uma segunda Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Os Cefans foram fechados logo após a implantação da LDB por modificar essa formação para o nível superior. Até então, a maioria dos professores tinha formação em nível médio e a lei previa adequação no prazo de dez anos, crescendo consideravelmente a demanda para os cursos de Pedagogia e Normal Superior (GATTI; BARRETO, 2009).

Os cursos específicos se confirmavam em um fracasso. A formação de professores passou para esfera do ensino superior com debates concentrados sobre o professor pesquisador e o professor reflexivo, aliando a pesquisa às atividades docentes. Ainda na década de 1980, mais precisamente em 1983, a ANPEd iniciou o GT Licenciaturas, nome original do atual GT Formação de Professores, organizando encontros e reunindo pesquisas relevantes na área.

Apesar do foco desta pesquisa ser Educação Infantil, Brzezinski (2008) comenta a LDB dez anos depois da sua promulgação e nos chama atenção para a Lei 11.274/2006 quanto à alteração do ensino fundamental de nove anos, que impactou a formação de professores de educação infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental nos últimos anos. Apesar dos comentários sobre esta lei já

assinalados no Capítulo 4, Brzezinski (2008) confirma as críticas acerca do despreparo dos professores em atuar com tais mudanças e a descontextualização dos cursos de formação inicial e continuada. Sobre a Lei 11.274/2006, ela afirma a necessidade de um redimensionamento dos cursos de formação de professores, visto que:

[...] as matrizes curriculares dos cursos de formação de professores para a educação básica não contemplam essa particularidade, seja nas universidades, seja fora delas. O que se constata é que a maioria dos cursos mantém a formação de professores centrada na organização curricular voltada para as séries anuais de escolarização: da 1ª à 4ª e da 5ª à 8ª. (BRZEZINSKI, 2008, p. 179).

Outro documento no qual Brzezinski (2008) se posiciona é em relação à Resolução CNE/CP n.1, de 18/02/2002 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica na licenciatura de graduação plena, onde julga que “O CNE desperdiçou a oportunidade de transformar as Diretrizes de formação de professores para a educação básica em um expressivo mecanismo de política global de formação e de valorização de profissionais de educação [...]” (BRZEZINSKI, 2008, p. 184). Concordamos com seu posicionamento visto o retrocesso e a desvalorização do curso da Pedagogia.

Tendo agora um cenário da história da formação docente passemos, então, para a presença da formação docente em Educação Infantil mais especificamente.

## 6.2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA INFÂNCIA PRESENTES NO TATAME EDUCACIONAL

Para abordarmos a formação de professoras de Educação Infantil utilizamos informações da publicação recente de Bernardete Gatti e Elba Barreto (2009) sobre

os professores e o cenário da educação brasileira. Os mais relevantes são: a) Em 2006 totalizou 212.501 professores na Educação Infantil, sendo 98% mulheres; b) Mais de 73.000 destes professores com formação superior; c) Comparada aos outros níveis de ensino, a Educação Infantil apresentou o maior número de funções docentes na categoria de leigos, somando 11.261, sendo no nordeste a maior concentração deles. Estes dados ilustram o cenário docente que atua com crianças de zero a seis anos.

A pesquisa de Brzezinski e Garrido (2001) com análise dos trabalhos apresentados no GT8 de Formação de Professores da ANPEd, no período de 1992-1998, confirma o quanto a formação de professores tem crescido consideravelmente como tema de discussões para uma melhoria da educação brasileira. Alguns fatores relevantes da pesquisa contribuíram para este trabalho no que diz respeito aos cursos de formação que habilitam para atuação na Educação Infantil.

Desde a LDB nº. 9394/96 considerou-se a habilitação em modalidade normal (nível médio), antiga habilitação de magistério e os cursos superiores de Pedagogia e Normal Superior. De ambas as habilitações as pesquisas apontaram principalmente as contradições das disciplinas teóricas das práticas e, também, alegaram deficiências dessas formações que prejudicavam a atuação docente das mesmas, porém quanto aos cursos de Pedagogia, considerou ainda, a discordância da legislação com a realidade. Sendo assim, é comprovado no cenário educacional que a dificuldade da formação docente da Educação Infantil complica, pois além da existência persistente de profissionais sem habilitação mínima exigida, as que são qualificadas foram frutos dessas condições de formação superior.

Na pré-escola, mesmo antes da atual LDB, havia professoras habilitadas em modalidade normal (ensino médio) e com formação superior ligadas aos sistemas de

ensino, porém, as creches, ligadas aos órgãos sociais tinham, e ainda têm consideravelmente, uma realidade bem prejudicada quanto à formação de seus profissionais.

A formação continuada foi outra estrutura de organização do estudo de Brzezinski e Garrido (2001) que trouxe considerações relevantes ao nosso cenário sobre as pesquisas em formação de professores. Aproveitamos para destacar que dos 70 (setenta) trabalhos analisados, a formação continuada foi a segunda mais abordada, totalizando 24%. As considerações imediatas da pesquisa se referem que “[...] formação inicial e formação continuada não são mais do que dois momentos de um mesmo processo.” (BRZEZINSKI; GARRIDO, 2001, p. 83). As críticas também apontam para a inadequação de treinamentos prontos, distanciados da realidade do professor, além de serem “descontextualizados”, “intensivos”, “rápidos” e “massificados”.

Diante dessa nova concepção de formação continuada, vai sendo ultrapassada a idéia de que a formação em serviço seja realizada em treinamentos. [...] Rejeitam-se os encontros e cursos intensivos e rápidos, “massificados”, assim como os “pacotes encomendados”, produzidos à distância das salas de aula, que não valorizam os saberes construídos pelos professores, não relacionam os aspectos teóricos aos problemas concretos vividos pelos docentes e propõem atividades descontextualizadas do projeto político-pedagógico da escola [...] (BRZEZINSKI, GARRIDO, 2001, p. 87).

Nesse artigo as autoras sintetizaram bem a importância da formação continuada, a sua demanda crescente e como deve ser esse processo formativo quando afirmam que

[...] a formação continuada é bastante investigada e passa a ser entendida como complementar à formação inicial e como processo de

desenvolvimento global do professor, integrando as dimensões do ser, do saber e do saber fazer. (BRZEZINSKI; GARRIDO, 2001, p. 94).

Outro fator refere-se à verificação do impacto da formação continuada na melhoria da qualidade da prática docente, conseqüentemente do ensino, que destacaremos ao analisar a voz das professoras de pré-escola sobre essa mesma vertente. Observamos também que nenhuma pesquisa analisada contemplou a formação do professor de Educação Infantil; Santos (2008) fez abordagem em seu trabalho da desproporção das pesquisas na primeira etapa de ensino, dos demais níveis.

Cada vez tomamos mais conhecimento que os debates apontam a formação inadequada e ineficiente de professoras no geral, sobretudo da Educação Infantil e retomamos o olhar ao problema de que essas professoras mesmo tendo a habilitação exigida na LDB vigente, com tais deficiências, estão nas escolas atuando e o que resta: apostar pela formação continuada que vá ao encontro dessas carências formativas. De acordo com as análises de pesquisas feitas sobre a formação continuada de professores de Educação Infantil, por Rúbia Santos (2008), constatou-se que:

[...] o meio acadêmico vem se preocupando com essa realidade, no sentido de compreender como se configura a formação continuada de professores da educação infantil, adequados às especificidades desse nível de ensino, na medida em que aponta os acertos e equívocos das experiências já implementadas. (SANTOS, 2008, p.85).

Quanto às análises feitas das produções acadêmicas (mestrado e doutorado), sobre a formação continuada de professores de Educação Infantil, Santos (2008) constatou que o modelo do professor reflexivo é tomado na maioria das pesquisas como referencial de formação, e que

Os estudos realizados direcionam-se para problemáticas existentes no campo educacional, tais como a delimitação do perfil do profissional de Educação Infantil, a definição de políticas públicas que contemplem esta etapa da educação e de uma concepção de criança que abranja todas as especificidades dessa faixa etária. (SANTOS, 2008, p. 90-91).

A Educação Infantil apresentou avanços no seu percurso histórico e a formação dos profissionais que nela atuam, também teve alterações positivas. Estudo recente do MEC (2008) sobre o perfil do professor brasileiro foi debatido por Maria Malta Campos no V Congresso Paulista de Educação Infantil (Copedi, 2009), em que declarou não acreditar serem dados confiáveis, porém interessantes no debate que se estreita entre o professor da educação infantil e sua formação, tais como: do total de professores da Educação Básica (1.882.961), 240.523 estão na Pré-escola; e sobre a Formação – 86,9% com habilitação exigida pela LDB, sendo 41,3% em nível médio (normal ou magistério) e 45,5% em nível superior (licenciatura). Com os dados de Gatti e Barreto (2009), já descritos, e estes de Campos (2009) percebemos uma diferença crescente de 2006 para 2008.

Esses dados revelam que realmente a formação docente em Educação Infantil tem dado passos largos após a adoção das atuais políticas educacionais, porém não podemos esquecer de como essa formação se dá na prática dos docentes, ou melhor, considerar que esse processo formativo, incluindo a formação inicial e formação continuada, necessita ser privilegiado nas pesquisas acadêmicas a fim de buscar por uma “Educação Infantil da Melhor Qualidade”. Optamos aqui em qualificar o termo “qualidade” norteados pela concepção de Terezinha Rios (2006), visto que os discursos acerca não só da Educação Infantil, mas da educação no geral utilizam-se muito do termo:



É comum utilizarmos o conceito de qualidade como se ele já guardasse uma conotação positiva [...] Entretanto, a qualidade é um atributo essencial da realidade. Há *boa* e *má* qualidade nos seres com que nos relacionamos, nas situações que vivenciamos. Trata-se, assim, de *qualificar a qualidade* [...] (RIOS, 2006, p. 21, grifos do autor).

### 6.3. CONCEPÇÃO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Assim como a concepção da Educação Infantil sofreu modificações nos períodos históricos, a Formação Continuada também adquiriu novas formas, principalmente após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi uma das alavancas que motivou a ocorrência da formação em serviço nas próprias instituições escolares e o crescente oferecimento pelos sistemas de ensino. O documento revela que:

Art. 61. A formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço;

II – aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituição de ensino e outras atividades.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive, nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: [...]

II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; (BRASIL, 1996, p. 24-25).

Além dos artigos da LDB citados, convém esclarecer que em 2002, na sua segunda edição, a Secretaria de Educação Fundamental disponibilizou o material dos Referenciais para Formação de Professores, que destaca sobre a formação continuada:

A formação continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoiar-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de auto-avaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais. Porém, um processo de reflexão exige predisposição a um questionamento crítico da intervenção educativa e uma análise da prática na perspectiva de seus pressupostos. Isso supõe que a formação continuada estenda-se às capacidades e atitudes e problematize os valores e as concepções de cada professor e da equipe. [...]

A formação continuada feita na própria escola acontece na reflexão compartilhada com toda a equipe, nas tomadas de decisão, na criação de grupos de estudo, na supervisão e orientação pedagógica, na assessoria de profissionais especialmente contratados, etc. Outras formas, tais como programas desenvolvidos com várias escolas, intercâmbios, cursos, palestras, seminários, são importantes meios de atualização, de troca e de ampliação do universo cultural e profissional das equipes. Entretanto, não deve perder de vista a ligação com as questões e demandas dos professores sobre seu trabalho. [...]

As indicações que se seguem partem do princípio de que a formação continuada de professores deve responder tanto às necessidades do sistema de ensino quanto às demandas dos professores em exercício. (BRASIL, 2002, p. 70-71 e 131).

A partir da segunda metade da década de 1990, uma concepção muito debatida, propunha um redirecionamento da formação para o professor-pesquisador, privilegiando a visão do professor como “agente político, compromissado com a transformação social das camadas populares.” (PEREIRA, 2000, p. 51). Ainda nesse mesmo período, a formação continuada passou a centrar-se na reflexão docente sobre a prática, sendo assim, o espaço escolar se tornou campo favorável dessa formação, permitindo que as práticas pedagógicas e experiências vivenciadas no ambiente escolar pelos professores, fossem expostas pelos mesmos, de maneira a refletir criticamente, proporcionando uma reelaboração constante da sua prática de formação e autoformação (GOMES, 2009). Imbernón (2001) propõe que a formação desenvolva conhecimentos, habilidades e atitudes para criar profissionais reflexivos ou investigadores críticos sobre a própria prática.

De acordo com Kramer (2006b) as secretarias de educação muitas vezes proporcionam aos docentes capacitações fragmentadas, sem aprofundamento para

uma reflexão da prática docente e outras vezes encontros que visam impactar as atitudes dos professores culpabilizando-os no processo, como se toda melhoria do ensino dependesse somente deles. A crítica dessas alternativas de formação em serviço é por não promover uma autonomia no professor para repensar sua prática educacional, visando uma ação escolar de qualidade, crítica e que beneficie as crianças no seu desenvolvimento.

As necessidades formativas envolvem as dificuldades advindas da profissionalização do professor e essas, devem especialmente ser consideradas em todo processo de formação (PIMENTA, 1999). Relembrando as palavras de Brzezinski e Garrido (2001), citadas no Capítulo 4, há uma concepção bem disseminada no campo das leituras de formação docente que esse é um processo, englobando a formação inicial e a formação continuada, destacando ainda que tal processo inicia antes mesmo da sua formação acadêmica. A formação continuada é um diálogo com a formação inicial, como proposta de se refletir sobre o conhecimento e a prática docente.

A formação continuada tem sido debatida nos últimos anos por pesquisadores, educadores e em termos de legislação. A busca por cursos presenciais, semipresenciais e a distância tem sido mais procurada nos últimos anos, com o propósito de atualização e aprofundamento de conhecimentos. Há também uma intenção de “formação compensatória” para suprir as deficiências da formação individual (GATTI; BARRETO, 2009). A concepção central refere-se à formação docente ocorrendo ao longo da vida e da carreira profissional, e a reflexão-crítica, nesse momento, é tida como elemento essencial de debate. “Necessitamos de professores críticos, transformadores, criativos e que valorizem a educação como instrumento necessário à construção da cidadania.” (LEITE, 2002, p. 195).

Giroux propõe uma reflexão sobre os docentes como intelectuais transformadores e da proposta de uma pedagogia crítica para a transformação social e política. Tal concepção envolve ideias de liberdade, igualdade e democracia, que, não envolve somente o professor, mas toda comunidade escolar e fundamentalmente, os alunos. Quanto à comunidade, o autor sugere uma maior proximidade do professor aos que a compõem, a fim de transformar ações de poder e de discriminação da sociedade. Já sobre o envolvimento com o aluno estabelece em propor a própria transformação social, através do pensar e da ação crítica. Contreras se reporta a essa ideia de Giroux mencionando o professor crítico “educando seus alunos como cidadãos críticos e ativos, comprometidos com a construção de uma vida individual e pública digna de ser vivida, guiados pelos princípios de solidariedade e de esperança.” (CONTRERAS, 2002, p. 161).

Um dos exemplos que Giroux (1997) acrescenta no pensamento crítico refere-se à forma em que a informação é selecionada pelo professor como um mero conteúdo sem qualquer ligação entre os fatos e os valores, o que pode se transformar em um abismo de os alunos aprenderem somente o fato ocorrido sem compreender suas consequências finais. Se trouxermos esse exemplo para atuação docente no período pré-escolar, perceberemos que não é assim tão distante como aparenta, pois um dos pontos-chave que compõe a concepção de Educação Infantil é da proposta de estímulos na criança para ser a contribuidora na transformação social. Outro exemplo que nos faz compreender a pedagogia crítica em nosso sistema atual de ensino reporta-se à alfabetização, que vai além de ensinar as letras e palavras, mas a de uma alfabetização crítica, ou melhor, “a capacidade de ler criticamente” (GIROUX, 1997) – inspirado nas ideias de Paulo Freire. Na educação

infantil o contato com o letramento nos ampara numa prática pedagógica crítica à caminho da alfabetização.

[...] a alfabetização permitiria que as pessoas decodificassem seus mundos pessoais e sociais e, assim, estimularia sua capacidade de questionar mitos e crenças que estruturam suas percepções e experiências. A alfabetização, como Freire nunca se cansa de nos dizer, deve estar ligada a uma teoria do conhecimento que esteja em consonância com uma perspectiva política libertadora e que dê expressão máxima à elucidação do poder das relações sociais no ato de conhecer (GIROUX, 1997, p. 120).

Aproximarmos a pedagogia crítica à reflexão crítica, não significa apenas uma reflexão da prática docente, mas a abrangência de uma análise e questionamento da estrutura escolar e as limitações impostas por ela. McLaren (2000) debate ainda, dentro de uma pedagogia crítica, que é gerada num contexto histórico e social de um determinado período, e da necessidade de “[...] tornar o senso comum, o conhecimento naturalizado e transformá-los em novas possibilidades de reflexão. Em outras palavras, podemos dar os passos para interrogar criticamente nossas formações enraizadas.” (McLAREN, 2000, p. 49).

A proposta central nessa concepção para as análises que seguirão norteia-se pela concepção de reflexão-crítica, que envolve a reflexão dos problemas e experiências vivenciadas em sala e nas estruturas educacionais, que estão presentes nos discursos de professoras de pré-escola.

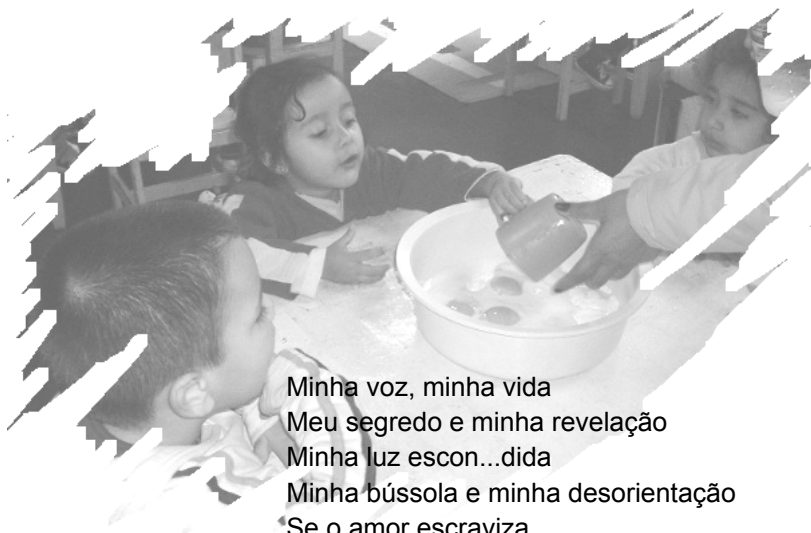
Como professores comprometidos com o projeto de uma pedagogia crítica, temos de interpretar o campo do popular para investimentos que ao mesmo tempo distorçam e restrinjam as potencialidades humanas e aquelas que dão “voz” às possibilidades não realizadas. (GIROUX, 1999, p. 235).

Torna-se impossível pensar em melhoria de qualidade da Educação Infantil sem se pensar na formação docente dessa etapa de ensino. A qualificação das professoras atuantes na educação de crianças de zero a seis anos, apesar dos avanços com as legislações nas últimas décadas, é emergencial e essencial para o desenvolvimento integral da criança.

Neste capítulo buscamos traçar o percurso da formação de professores no Brasil, os debates de pesquisas na área e as concepções para análise das falas das professoras entrevistadas, a fim de construirmos um cenário da formação continuada das docentes da primeira etapa de ensino da educação básica.

Trabalhar numa creche, numa pré-escola ou num centro de educação infantil nem sempre é uma tarefa fácil. Enfrentar com disposição e dedicação o choro das crianças, as brigas ou o xixi fora de hora quando há falta de brinquedos e materiais adequados, quando os espaços são mal aproveitados, os salários são baixos e a formação teórica é insuficiente, é um desafio cotidiano para os profissionais de educação infantil. Muitas vezes nos perguntamos se não seria mesmo muito melhor para a criança ficar em casa, com sua mãe. Nessas ocasiões se pudéssemos escolher, se a criança pudesse escolher, talvez fosse essa a decisão. Todavia, sabemos que é possível organizar o cotidiano de uma instituição de educação infantil de forma a que se torne um espaço de convivência agradável para crianças pequenas e adultos, com muita alegria, risos e afetividade. [...] Comprova-se, cada vez mais, que a convivência entre crianças de 0 a seis anos é decisiva para seu enriquecimento pessoal, desde que a instituição ofereça as condições fundamentais para satisfazer as necessidades de crescimento, desenvolvimento e bem-estar dessas crianças, promovendo a ampliação das experiências vivenciadas por elas e a apropriação de significados e conhecimentos delas decorrentes. [...] Para que isso ocorra uma das condições básicas é a de que os projetos de formação dos profissionais de educação infantil explorem as especificidades da área [...] (MACHADO, 1999, p. 93 e 94).

A citação do trecho de Machado foi reservada para este fechamento teórico sobre a formação de professores, sobretudo da Educação Infantil, a fim de darmos sequência no próximo capítulo à VOZ das professoras, que julgamos fundamental para este trabalho.



Minha voz, minha vida  
Meu segredo e minha revelação  
Minha luz escond...dida  
Minha bússola e minha desorientação  
Se o amor escraviza  
Mas é a única libertação  
Minha voz é precisa  
Vida que não é menos minha que da canção.

(Minha voz, minha vida – Caetano Veloso).

21. Foto – Crianças de pré-escola em atividade de culinária (2007)

## **7. COM A PALAVRA, AS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE JANDIRA**

Este capítulo apresenta diálogos com sete professoras da rede municipal de Jandira, sujeitos desta pesquisa, buscando compreender como perceberam a importância da formação continuada e o respectivo impacto em sua prática docente. Consideramos, para isso, as concepções de Educação Infantil, de formação docente, sobretudo de formação continuada e a importância desse processo formativo na carreira. Para contextualizar a análise, caracterizamos os programas oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Jandira (SMEJ) por meio de entrevistas com dois profissionais que participaram como formadores. Por fim, entendemos ser importante o diálogo com os gestores, quanto à compreensão destes, naquilo que norteia as propostas para a docência da etapa pré-escolar.

### **7.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PROGRAMAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO**

A opção pelo período e pelos programas de formação em serviço foi discriminada no Capítulo 3 deste trabalho, no entanto, apenas para retomarmos a essa questão, cabe-nos, aqui destacar que, durante o período de 2003 a 2008 no município, dos quatro programas que especificamente abrangeram as professoras de pré-escola, dois deles tinham carga horária de 12 (doze) horas e os outros dois carga superior, que foram os escolhidos: a) Programa “Letra e Vida” (180 horas); e b) Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil – RCNEI (172 horas). Estes dois programas foram considerados pela coordenadora da área pré-escolar municipal, Marli Lobato, os principais momentos de formação continuada para as



professoras da rede. Vejamos a seguir a caracterização destes dois programas e das professoras de pré-escola participantes e entrevistadas para este trabalho.

### 7.1.1. Programa Letra e Vida

O programa de formação continuada “Letra e Vida” aconteceu em parceria com a Secretaria Estadual de Educação. Para tanto duas coordenadoras foram indicadas a participar quinzenalmente de encontros do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores para acompanhar a formação e a supervisão da execução do programa no município. O documento descreve assim:

O Programa de Formação de Professores Alfabetizadores é um curso de aprofundamento, destinado a professores e formadores, que se orienta pelo objetivo de desenvolver as competências profissionais necessárias a todo professor que ensina a ler e escrever. Por intermédio deste projeto serão oferecidos meios para criar um contexto favorável para a construção de competências profissionais e conhecimentos necessários a todo professor que alfabetiza. Que condições são essas? Um grupo de formação permanente, um modelo de trabalho pautado no respeito aos saberes do grupo e em metodologias de resolução de problemas, materiais escritos e videográficos especialmente preparados para o curso e uma programação de conteúdos que privilegia aqueles que são nucleares na formação dos alfabetizadores. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001, p. 5).

Os principais objetivos da SMEJ com a oferta desse programa aos professores alfabetizadores da rede (professores do terceiro ano pré-escolar, das primeiras séries do Ensino Fundamental e EJA) era de: a) Contribuir para a valorização profissional dos professores; b) Favorecer a ampliação do universo cultural dos educadores; c) Promover mudanças na prática pedagógica docente a fim de garantir a aprendizagem de todos os alunos e; d) Subsidiar o trabalho

pedagógico de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem das escolas.

No seu planejamento, o programa previa 160 (cento e sessenta) horas na carga horária de encontros semanais com os professores e mais 20 (vinte) horas de trabalhos pedagógicos extraclasse. No total, seriam 180 (cento e oitenta) horas de acompanhamento dos professores cursistas através de reuniões de reflexão sobre a prática, visitas às salas de aula e elaboração dos materiais didáticos dos encontros.

O programa foi dividido em três módulos que abrangeram os seguintes temas:

- Módulo I - Concepção de formação; Concepção de ensino; Concepção de aprendizagem; Hipóteses de escrita; Hipóteses de leitura; Estratégias de leitura; Alfabetização em contextos letrados (alfabetização e cultura escrita); Planejamento; Avaliação.
- Módulo II - Organização do trabalho pedagógico (modalidades organizativas); Agrupamentos produtivos; Análise de atividades; Estratégias de leitura/hipóteses de leitura; Revisão de texto do ponto de vista discursivo; Revisão de textos bem escritos; Identificação da concepção implícita no trabalho pedagógico (discutindo práticas tradicionais – ditado, cópia e leitura em voz alta).
- Módulo III - Projetos didáticos de leitura e escrita; Alfabetização de jovens e adultos; Estratégias para formação de leitores; Sistema alfabético e norma ortográfica; Pontuação; Gramática; Avaliação.

Todos os módulos utilizaram dois materiais essenciais, sendo textos escritos aos professores formadores e cursistas e, 30 (trinta) vídeos produzidos especialmente para o programa de formação.

O programa foi desenvolvido no período de maio de 2007 a outubro de 2008 com 3 (três) turmas, totalizando a participação de 90 (noventa) professores alfabetizadores da rede municipal, sendo apenas 18 (dezoito) da pré-escola.

A professora Liliane Barbosa (entrevistada em 2009), Coordenadora da Casa do Professor da SMEJ e uma das formadoras do Programa “Letra e Vida”, detalhou informações relevantes:

[...] A principal necessidade do Letra e Vida foi por ser um programa que contempla a alfabetização em contextos, para tirar um pouco aquela alfabetização tradicional, por meio de sílabas e letras, ampliando mais os horizontes dos professores alfabetizadores. Só que o Letra e Vida acabou não sendo só para os professores alfabetizadores, porque nós temos alunos de quarta série, agora quinto ano, que não está alfabetizado. Todo professor precisa fazer um curso que mostre para ele a necessidade de trabalhar com esses alunos que não são alfabetizados, trabalhar com salas heterogêneas, com alunos diferentes, com agrupamento, e essa era a nossa necessidade. [...] enquanto a gente não fechou o quadro que contemplava os professores das primeiras séries do Fundamental, a gente não pôde abrir para professores do Infantil [...] e eles nos surpreenderam porque era mais legal trabalhar com eles do que com os professores do Fundamental. Eles tinham uma visão muito mais próxima daquilo que discutíamos. [...] O que nós mais esperávamos em desenvolver nesses professores era a autonomia de planejar e executar as suas aulas, melhorar as intervenções junto aos alunos, o trabalho de agrupamento. Falo como formadora de Letra e Vida que nosso maior objetivo era ver o professor elaborar uma atividade que contemplasse exatamente aquilo que os alunos dele precisam, nem mais nem menos, era trabalhar com que o aluno sabe e com o que deveria aprender. [...] os professores de pré-escola nós conseguimos ver resultados. [...] Prática de leitura em sala de aula, [...] no preparo de aula, [...] na escolha do material didático... [...] O ponto negativo para o professor de Educação Infantil foi exatamente ocupar as vagas que sobraram, isso foi ruim. E como a gente trabalhou com turmas muito numerosas, foi difícil atender especificamente esses professores e pensando nisso, pouco tempo teve dos formadores irem acompanhar as atividades desse professor em sala. [...] o ponto positivo foi de ter a possibilidade de mexer nessas concepções [...] de que dá para trabalhar com heterogeneidade, [...] algumas coisas foram boas de mostrar para eles a importância da rotina, isso é uma coisa que a Educação Infantil tem costume de fazer, mas otimizando essa rotina. (Informação verbal da professora Liliane Barbosa, em 19 ago. 2009).

#### 7.1.2. Programa Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil – RCNEI

O programa desenvolvido de julho de 2007 a dezembro de 2008 abrangeu, em 4 (quatro) turmas, um total de 70 (setenta) participantes, no entanto, apesar da

disponibilidade de vagas para docentes da pré-escola, somente 10% (07 professoras) foram ocupadas por elas, sendo as demais por monitores da Educação Infantil.

O nome dado ao programa de formação continuada foi o mesmo do material elaborado e divulgado pelo MEC – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Esse programa se ateve aos três volumes publicados em 1998 (Vol. 1. Introdução; Vol. 2. Formação pessoal e social; Vol. 3. Conhecimento do mundo). De início, por uma iniciativa do Departamento de Educação Infantil da SMEJ, o programa partiu do reconhecimento que os profissionais dessa etapa de ensino da rede, principalmente os monitores de creche, não tinham participado de qualquer momento de formação continuada específico para suas necessidades com crianças menores de sete anos. Sendo assim, duas formadoras do departamento, elaboraram e iniciaram o programa com o foco de divulgar e conciliar o material do MEC. A segunda etapa do programa foi organizada pelos professores coordenadores de área específica da Casa do Professor em módulos, direcionados às áreas do conhecimento abordadas no mesmo material e no Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado: Parâmetros em Ação – Educação Infantil, desenvolvido pela Secretaria de Educação Fundamental do MEC (1999). Tal documento declarou como finalidade:

Como uma ação inicial, a SEF/MEC oferece às secretarias de educação e escolas/grupos de escolas interessados em implementar os Referenciais Curriculares a realização, em parceria, da atividade PARÂMETROS EM AÇÃO. Essa atividade foi planejada para ser realizada em um contexto de formação de profissionais de educação, propiciando o estabelecimento de vínculos com as práticas locais e tendo como finalidades:

- Apresentar alternativas de estudo dos Referenciais Curriculares a grupos de professores e a especialistas em educação, de modo que possam servir de instrumentos para o desenvolvimento profissional desses educadores.

- Analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais (Educação Infantil e Ensino Fundamental) elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação, norteadoras do trabalho das escolas.
- Contribuir para o debate e a reflexão sobre o papel da escola e do professor na perspectiva do desenvolvimento de uma prática de transformação da ação pedagógica.
- Criar espaços de aprendizagem coletiva, incentivando a prática de encontros para estudar e trocar experiências e o trabalho coletivo nas escolas.
- Identificar as idéias nucleares presentes nos Referenciais Curriculares e fazer as adaptações locais necessárias, atendendo às demandas identificadas no âmbito do estado/município ou da própria escola.
- Potencializar o uso de materiais produzidos pelo MEC.
- Incentivar o uso da TV Escola como suporte para ações de formação de professores. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999, p. 9).

As críticas de pesquisadores sobre os RCNEI foram as mais variadas possíveis, de acordo com o material organizado por Faria e Palhares (2005) como:

a) A incompatibilidade do material com a realidade da educação infantil no Brasil; b) A falta de formação dos profissionais que atuam nessa etapa de ensino; c) Sobre as especificidades da educação infantil não garantida no documento; d) A inadequação das propostas de atividades sugeridas nos volumes divulgados; e) A extensão do documento e sua linguagem padronizada; e, f) Principalmente quanto ao prazo extremamente curto para análise do material pelos pareceristas que receberam solicitações do MEC.

Apesar das críticas, muitos alegaram que há a necessidade de se considerar o material, visto que antes dele não havia nenhuma referência aos profissionais atuantes na primeira etapa da Educação Básica. Cerisara (2005) comenta sobre os pareceres e as atenções relevantes desse material:

Lendo os pareceres, foi ficando claro que a produção na área, no período de 1993 a 1998, coordenada pela COEDI, atendia perfeitamente aos anseios das pessoas que atuam nas instituições e era o que havia de melhor em termos de definição para a área neste momento histórico. Por isso, mesmo que o RCNEI tenha sido aperfeiçoado, melhorado, adaptado, ele continua significando uma ruptura com o que vinha sendo produzido e como o que vinha sendo defendido como a especificidade da educação infantil.

Assim, gostaria de finalizar este trabalho reafirmando que as preocupações e alertas feitos nos pareceres permanecem e devem estar presentes na continuidade deste processo [...] com o intuito de lutar para que a especificidade a educação infantil seja garantida. (CERISARA, 2005, p. 44).

No entanto, apesar dos posicionamentos de pesquisadores quanto ao RCNEI proposto pelo MEC, este foi o material “base” do programa de formação continuada oferecido aos profissionais da Educação Infantil da rede municipal de Jandira.

No documento cedido pela SMEJ foi descrito que a intenção do programa era propiciar momentos agradáveis de aprendizagem coletiva e de aprofundamento do estudo dos Referenciais Curriculares elaborados pelo MEC. Com isso, os objetivos principais eram de intensificar o gosto dos participantes pela construção coletiva do conhecimento pedagógico, favorecendo o desenvolvimento pessoal e profissional dos mesmos e, principalmente, criar novas possibilidades de trabalho com os alunos para melhorar a qualidade de suas aprendizagens.

O programa foi desenvolvido em 172 (cento e setenta e duas) horas, organizado em 11 módulos:

<b>MÓDULO</b>	<b>TEMA</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
<b>01</b>	A instituição e o projeto educativo	16 horas
<b>02</b>	Aprendizagem: cada uma que essas crianças falam...	16 horas
<b>03</b>	Brincar: a fada que vira professora ou o faz de conta invade a sala de aula...	14 horas
<b>04</b>	Identidade e Autonomia: o que é igual em todas as crianças é o fato de serem diferentes entre si	18 horas

<b>05</b>	Cuidados: quem educa cuida	12 horas
<b>06</b>	Movimento: a criança e o movimento	16 horas
<b>07</b>	Artes: botando a mão na massa	18 horas
<b>08</b>	Música: música também se aprende	14 horas
<b>09</b>	Linguagem oral e escrita: ler e escrever podem ser úteis para mim também!	16 horas
<b>10</b>	Natureza e Sociedade: um novo olhar para velhos assuntos	16 horas
<b>11</b>	Matemática: gerando e construindo compreensão em matemática	16 horas
<b>TOTAL DE CARGA HORÁRIA:</b>		<b>172 HORAS</b>

Quadro 5 – Organização dos módulos e cargas horárias do Programa RCNEI

Fonte: a autora.

Assim como dialogamos com uma das formadoras do Programa “Letra e Vida”, também conversamos com a professora Leda dos Santos (entrevistada em 2009), que foi uma das formadoras do Programa RCNEI. Suas palavras principais foram:

[...] muitos que estavam ali na formação nem conheciam os Referenciais Curriculares e nós usamos esse material como base da proposta. [...] A formação foi dividida em módulos, cada um tratava de uma área: Artes, Linguagem Oral e Escrita, Música, Movimento... [...] A carga horária inicial era de 120 horas, só que por questão de local, em que as pessoas consideravam de difícil acesso, houve problemas de pessoas que começaram a faltar, a desistir [...] O objetivo da Secretaria, principalmente por parte do Secretário, era frisado que tivesse bastante impacto na rede, que houvesse mudança no comportamento dos profissionais. [...] As turmas eram divididas em monitores e professores separados. Só que, por conta do horário teve uma turma que ficou com mais monitores e outras com mais professores, e outra turma para os coordenadores pedagógicos de creches e pré-escolas, para que passassem ao grupo, no entanto eles não foram convidados e sim convocados a participar [...] Infelizmente, acredito por os professores na grande maioria ter dois empregos, eles não participaram muito, foi mais os monitores de creche, alguns que até estavam no início acabaram desistindo [...] Em conversas que tínhamos com eles, nós sentimos. As pessoas que foram, realmente ficaram, assistiram, essas pessoas mudaram [...] eles perceberam que precisam de um programa de formação continuada, não só pelo certificado, mas que é importante aprender, conhecer coisas novas. [...] Infelizmente um dos pontos negativos foi de não conseguir atingir nosso objetivo que era atingir toda rede, outro eu acredito que foi a quebra por sair pessoas. O curso de coordenadores, infelizmente não finalizou [...] (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 24 mar. 2009).

## 7.2. CARACTERIZAÇÃO DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Vejamos o quadro a seguir:

PROGRAMA DE FORMAÇÃO	CARGA HORÁRIA	TOTAL DE PARTICIPANTES	PROFESSORAS DE PRÉ-ESCOLA	ENTREVISTADAS
Letra e Vida	180h	90	18	07
RCNEI	172h	70	07	02
<b>TOTAL DE PROFESSORAS ENTREVISTADAS:</b>				<b>07*</b>

Quadro 6 – Professoras participantes dos programas de formação continuada

\* Duas professoras entrevistadas participaram dos dois programas.

Fonte: a autora.

Observamos pelo Quadro 8 que, das 25 (vinte e cinco) participações docentes nos dois programas de formação em serviço oferecidos pela SMEJ, 7 (sete)<sup>38</sup> professoras foram entrevistadas. Essa delimitação seguiu alguns critérios, que foram: a) Professoras concursadas da rede municipal de Jandira; b) Professoras atuantes em pré-escola na rede; c) Professoras com ensino superior concluído de cursos que habilitam para atuação em Educação Infantil (Normal Superior e Pedagogia); d) Participação mínima de 70% das cargas horárias dos programas de formação analisados.

Inicialmente as sete professoras preencheram um questionário que nos permitiu caracterizá-las com informações pessoais relevantes: a) 80% têm de 30 a 40 anos de idade e residem no município de Jandira; b) Cinco delas finalizaram o ensino médio anterior à atual LDB, sendo a maioria em magistério de escola pública; c) Quanto à formação superior das professoras, os dados são: 90% finalizaram

<sup>38</sup> Destacamos que de início a proposta era entrevistar oito professoras, no entanto uma delas, por várias, vezes não conseguimos contato, por conta de suas ausências na escola.



posterior à atual LDB e todas em instituições privadas, sendo apenas 1 (uma) em Curso Normal Superior e as demais em Pedagogia; d) Somente 1 (uma) professora concluiu Pós-Graduação *Lato-Sensu* e 3 (três) estão cursando (todas em Psicopedagogia).

Quanto à experiência docente: a) 90% declararam ter mais de nove anos de atuação, sendo 3 (três) delas, entre 14 e 20 anos; b) Sete professoras lecionam em Jandira, desde o concurso de 2003 e, apenas 1 (uma), atua entre 14 e 20 anos, no município; c) Destas, 5 (cinco) acumulam experiência somente na rede pública de ensino; d) Além da atuação em pré-escola, 5 (cinco) já atuaram em creches e no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano; e Todas optaram preferencialmente pela pré-escola.

No quesito formação continuada, questionamos sobre os três últimos programas de formação dos quais participaram com mais de 30 (trinta) horas, tendo 5 (cinco) delas atingido as 180h do curso “Letra e Vida” e as demais somaram mais de 300 (trezentas) horas. Perguntamos também quanto às leituras e à participação em eventos ligados à educação: a) Todas têm como leitura principal a *Revista Nova Escola*; b) Seis leem livros e trabalhos acadêmicos, sendo que os livros mais consultados são os didáticos; c) Quatro professoras participaram no último ano da Feira de Educação SABER.

Nos quadros seguintes apontamos características de cada professora entrevistada. Neste caso, optamos em substituir os nomes das professoras pelas cores mais conhecidas das crianças, para preservar sua identificação na rede. Antecipamos que nos quadros demonstrativos, apenas para melhor identificação dos dados, definimos que o Programa “Letra e Vida”, por ter iniciado dois meses antes, está classificado como FORMAÇÃO 1 e o Programa RCNEI, como FORMAÇÃO 2.

	DATA DA ENTREVISTA	PROFESSORA (COR)	IDADE	RESIDE EM JANDIRA	PROGRAMA DE FORMAÇÃO
1	Mar/09	Amarela	31 – 35 anos	Sim	1 e 2
2	Mar/09	Azul	36 – 40 anos	Sim	1
3	Jun/09	Branca	41 – 45 anos	Sim	1
4	Jun/09	Laranja	36 – 40 anos	Não	1
5	Ago/09	Preta	36 – 40 anos	Sim	1
6	Ago/09	Rosa	46 ou mais	Não	1
7	Ago/09	Verde	31 – 35 anos	Não	1 e 2

Quadro 7.a – Caracterização das professoras entrevistadas  
Fonte: a autora.

	PROFESSORA (COR)	ENS. MÉDIO			ENS. SUPERIOR			ESPECIALIZAÇÃO	
		MAG.	PÚBL.	ANO	CURSO	PÚBL.	ANO	CURSO	CONCL.
1	Amarela	NÃO	SIM	1994	PEDAG.	NÃO	2002	-	-
2	Azul	SIM	SIM	1992	PEDAG.	NÃO	1996	-	-
3	Branca	SIM	NÃO	1986	PEDAG.	NÃO	2008	-	-
4	Laranja	SIM	SIM	2000	NORMAL	NÃO	2005	PSICOP.	NÃO
5	Preta	SIM	SIM	1991	PEDAG.	NÃO	2005	PSICOP.	NÃO
6	Rosa	SIM	SIM	1993	PEDAG.	NÃO	2000	PSICOP.	SIM
7	Verde	SIM	SIM	1998	PEDAG.	NÃO	2007	PSICOP.	NÃO

Quadro 7.b – Formação institucionalizada

Legenda: MAG. – Magistério; PÚBL. – Público; ANO de conclusão; CURSO: PEDAG. – Pedagogia e NORMAL – Normal Superior; CURSO: PSICOP. – Psicopedagogia; CONCL. – Já concluído.

Fonte: a autora.

	PROFESSORA (COR)	EXP. EM EDUCAÇÃO	EXP. EM JANDIRA (EDUCAÇÃO)	FASES QUE LECIONOU	PREFERÊNCIA DE ATUAÇÃO
1	Amarela	9 – 13 anos	5 – 8 anos	C / P	P
2	Azul	14 – 20 anos	5 – 8 anos	C / P / EF / EM	P
3	Branca	5 – 8 anos	5 – 8 anos	C / P	P
4	Laranja	9 – 13 anos	5 – 8 anos	C / P / EF	P
5	Preta	14 – 20 anos	14 – 20 anos	P / EF	P
6	Rosa	14 – 20 anos	5 – 8 anos	P / EF	P
7	Verde	9 – 13 anos	5 – 8 anos	C / P / EF / EM	P

Quadro 7.c – Experiências e opções profissionais

Legenda: fases que lecionou e preferências: C – Creche; P – Pré-escola; EF – Ensino Fundamental; EM – Ensino Médio.

Fonte: a autora.

	PROFESSORA (COR)	CARGA HORÁRIA EM F.C.	LEITURAS	EVENTOS
1	Amarela	352 horas	A e B	B
2	Azul	162 horas	A, B e C	A e B
3	Branca	175 horas	A e C	A
4	Laranja	280 horas	A e C	-
5	Preta	210 horas	A, B e C	A e B
6	Rosa	310 horas	A e C	A
7	Verde	384 horas	A, B e C	C

Quadro 7.d – Formação continuada, leituras e eventos em educação

Legenda: carga horária em formação continuada nos últimos 3 anos, acima de 30 horas; LEITURAS: A – Revistas e Jornais; B – Artigos acadêmicos; C – Livros e Trabalhos; EVENTOS: A – Feiras; B – Congressos; C – Outros.

Fonte: a autora.

### 7.3. DIÁLOGOS COM OS GESTORES DA SMEJ SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL E FORMAÇÃO CONTINUADA

Reconhecemos que a proposta deste trabalho foi ouvir as professoras de pré-escola sobre o que percebem na prática da formação continuada, inclusive, consideramos relevante verificar o que o Secretário de Educação (professor Paulo Edson) e a Coordenadora da Casa do Professor (professora Liliane Barbosa) compreendem a respeito da Educação Infantil e da Formação Continuada que têm orientado as propostas da atual gestão. Além disso procuramos captar das suas falas as necessidades observadas por eles para a etapa pré-escolar, no que diz respeito a formação docente.

Vejamos com relação à Educação Infantil:

Professora Liliane Barbosa – Pra mim, educação infantil é um momento de trabalhar [...] todos os estímulos para o desenvolvimento da criança. [...] trabalhar com a criança tudo aquilo que ela já tem, que ela está no processo biológico, mas a gente aproveita isso e traz questões pedagógicas na escola, sem escolarizar. [...] Eu penso que o mais importante na educação infantil tem a ver com o desenvolvimento psicomotor. [...] professor de educação infantil, ele vê o ser humano como um todo, pensa na realidade com muito mais facilidade que o professor de ensino fundamental, embora nem sempre ele tenha formação adequada, mas ele tem mais visão do todo

do que o professor de ensino fundamental. [...] Porque quando a gente fala de educação infantil, agora nós estamos até vivendo um momento legal. Porque com essa questão da educação básica foi incluída como uma parte obrigatória do ensino, então a coisa melhorou um pouco, mas a gente sabe que a educação infantil sempre ficou para trás, os professores que eram contratados, às vezes nem precisavam ser professor, então a gente passou por momentos muito difíceis na educação infantil, nacionalmente falando. [...] crianças de quatro anos, acabaram de sair da creche, então as pessoas ainda olham pra esse lugar como espaço de cuidar, de deixar a criança lá porque a mãe não tem onde deixar, então ainda tem essa visão assistencialista sim, de entregar, de se preocupar com o alimento simplesmente e não se preocupar com a questão pedagógica, desenvolvimentista. (Informação verbal).

Professor Paulo Edson – Educação infantil...é...creche. A creche começava pela formação social. A legislação permitiu que viesse para a educação. Aqui, no nosso município, nós temos monitores, muitas vezes monitores de creches, sem uma formação do ensino médio e hoje está na educação. [...] A preocupação nesse momento é que a sala de aula seja atendida com profissionais com formação adequada, é o primeiro passo porque é aí que nós temos condições de melhorar o infantil. [...] nós temos pré-escola que não tem banheiro adequado, que não tem um computador, que não tem lençol, não tem a estrutura mínima necessária pra uma pré-escola, uma creche pra se lecionar com dignidade, mesmo pro ensino fundamental. Partindo desse princípio, a primeira coisa é arrumar a casa, por que assim o professor que lá está, ele vai falar o seguinte: como que eu vou trabalhar? Vocês não dão a mínima condição! Parte lúdica, você já deu uma circulada, nem toda escola tem uma quadra, ou melhor, um espaço para as crianças se exercitar. Nós sabemos que a educação, não basta somente um espaço físico sete por sete, a famosa sala de aula. Condições de trabalho pedagógico, HTPC de forma proveitosa, material didático. (Informação verbal).

Nos trechos citados, percebemos que a concepção assistencialista para os gestores é mais notória do que a visão preparatória da pré-escola. A professora Liliane Barbosa salientou bem esse reconhecimento pela sociedade, principalmente no ano inicial da pré-escola, mas destacou a importância do papel educacional da criança nesse momento de desenvolvimento. No diálogo com o professor Paulo Edson identificamos não só o assistencialismo, mas um enfoque maior direcionado aos problemas da creche ao se referir à Educação Infantil, provavelmente pela sua situação mais precária. Todavia, a pré-escola tem suas particularidades e necessidades emergentes e, estas não estão sendo consideradas. Três pontos

ainda merecem destaques nesta questão: a) A partir de 2010 a carga horária da pré-escola foi ampliada para 5 horas (há de se preocupar quanto a estrutura para essa criança num período maior) e que, as creches receberam professoras pelo período de 3 horas, a partir do mesmo ano; b) Ambos gestores deixaram clara a situação quanto à formação inadequada dos profissionais da Educação Infantil no município e suas preocupações nesse sentido; c) Um retrocesso na história da Educação Infantil do município não pode ser negado frente a proposta assistencialista da Creche Noturna, que funciona desde 2009 em uma das creches centrais da rede. Em 26 de março de 2010, na Universidade de São Paulo (USP), em reunião do Fórum Paulista de Educação Infantil (FPEI), Ana Paula Soares<sup>39</sup> debateu sobre as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e, uma de suas falas quanto à sistematização da educação infantil foi de que, o Fundeb não pode ser usado para custear Creches Noturnas, Mães Crecheiras, Creches Domiciliares e outros projetos assistenciais que os municípios muito questionam, pois essas propostas não estão de acordo com as diretrizes curriculares para Educação Infantil, mas, sim, políticas para a infância. Portanto, podemos declarar que Jandira com a proposta da Creche Noturna incita seus munícipes a concretizar uma concepção retrógrada e assistencialista da Educação Infantil. Vejamos o posicionamento do professor Paulo Edson quanto à Creche Noturna de Jandira:

Professor Paulo Edson – [...] a obra que começou em maio e está terminando, deve terminar agora em meados de novembro, dando condições de atender as pessoas na Creche Noturna. Nós só temos essa certeza de que à noite a criança dorme. Algumas mães têm a necessidade por trabalhar no polo industrial da região de Jandira e não ter com quem deixar a criança. Eu lembro que a conselheira tutelar disse que nós tínhamos essa dificuldade. Encontravam criança de 8 anos cuidando do irmãozinho, cinco, seis em casa, enquanto a mãe estava fora trabalhando.

---

<sup>39</sup> Ana Paula Soares (USP-Ribeirão Preto) participou do processo de elaboração das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e compôs a mesa de debate do FPEI com Lígia Maria M. L. Leão de Aquino (UERJ-UCP).

Então a demanda municipal fez com que pudesse abrir um espaço à noite pra que a mãe deixasse seu filho com segurança, pra que o Conselho Tutelar, o CTCA que é, que são as pessoas que cuidam da questão da adolescência na cidade, pudesse também fiscalizar. Então é esse o primeiro critério. Agora, posturas educacionais, nós podemos oferecer à noite, um local adequado para as crianças ficarem, com profissionais adequados, professores, monitores, nessas condições e atender uma demanda do município. [...] Nesse período da noite essa criança já teve uma atividade intensa durante o dia. Automaticamente deve ter ficado em uma unidade escolar, já teve seu trabalho, ela quer dormir, porque no dia seguinte também vai ter um outro dia. Pensar em educação à noite, nessas condições, não tem outra forma, passa a ser de um cunho social também. (Informação verbal).

Souza (2007) complementa sobre a concepção assistencialista na Educação Infantil anulando uma legislação conquistada com muita luta e os verdadeiros objetivos da educação de crianças menores de sete anos.

Estas propostas, cunhadas nos modelos assistencialistas e de educação compensatória, influenciaram sobremaneira os educadores, forjando uma educação baseada nos cuidados físicos e atividades 'educativas' de caráter moralista e escolarizador. Transformar essa realidade, imposta por um vínculo assistencial, significa não só lutar contra as barreiras legais instituídas pelo discurso oficial, mas também rever concepções sobre a infância e a criança, sobre as desigualdades sociais, sobre o papel da sociedade frente à educação de crianças pequenas e admitir as especificidades da infância e da educação infantil. (SOUZA, 2007, p. 9).

Quanto à Formação Continuada, nos diálogos com os gestores, a concepção está mais definida, observemos:

Professora Liliane Barbosa – [...] a gente vê a formação continuada como processo contínuo como já diz o nome, mas não aquela formação que se preocupa simplesmente com conteúdos, para eu saber o conhecimento didático. O conhecimento didático tem que ser importante, mas a gente vê que o, a prática pedagógica tem que ser colocada em pauta. Então, a gente prioriza nas nossas formações a, o saber é... do professor enquanto professor. Então, o que que ele sabe quando ele vai dar aula e como a gente pode, dentro da nossa atuação, melhorar isso. A partir do que ele já faz, a gente melhorar o que ele pode fazer. [...] a formação continuada deveria ser, deveria acontecer na HTPC, pra gente né. Porque nosso trabalho deveria ser um trabalho complementar. O coordenador pedagógico deveria ser o parceiro mais experiente na escola, que tenha essa condição de dar toda essa formação e esse apoio ao professor, teórico e prático. [...] Um programa de formação continuada... é uma pergunta difícil

de responder, inclusive eu bato muito nisso. Eu acho que formação continuada deveria ser é, não pela questão da carga horária, eu acho que todo professor deveria receber formação durante o ano inteiro. Por mais que a gente tenha aquelas formações de 20 horas, 30 horas, 40 horas, mais uma formação que vá direto aquela necessidade do professor. Porque é, nós somos um departamento que cuida exatamente disso. Então você vai a escola, você já diz, ah eu tenho dificuldade de preparar uma aula que eu consiga contemplar várias disciplinas. Então a gente tem que formar um grupo, uma oficina e trabalhar com isso. Então eu imagino que a formação continuada tem que também partir daquilo que o professor precisa. Se a gente ensina, que a gente tem que trabalhar com os alunos seus conhecimentos prévios, então o professor também tem que ser assim. Porque ele também já sabe muita coisa. Então muitas vezes as formações, elas são chamadas de continuadas, mas não continuam muito. Elas começam de novo aquilo que as pessoas já sabem. Então quando chega no momento que ela deveria aprender algo novo, ela já está terminando de novo a formação. Então, eu acho que a formação continuada tinha que ser um processo que cada um se encaixa no ponto que ele precisa. (Informação verbal).

Professor Paulo Edson – Primeiro uma gestão continuada. Nós temos aqui algumas dificuldades estruturais: de prédios, de organização, nós temos uma secretaria com condições de trabalho, mas escolas sem condições escolares de receber os alunos que nós temos. Portanto, a continuidade na educação em Jandira, eu creio que desde 64 não existe essa continuidade, cada vez que troca de governo muda. Então, nós estamos preparando agora um plano de carreira para que nós tenhamos possibilidades de ter uma educação com continuidade pra cidade. [...] Terminar um curso superior, não dar continuidade e continuar na rede de ensino alfabetizando, educando, mostrando algumas técnicas educacionais sem formação adequada, sem ter uma continuidade ao curso acadêmico que fez [...] A diferença é essa: quem tem habilidade, quem tem a... o jeito de alfabetização não pode ser contemplado de uma outra forma, deve ser habilitado para aquela função, dar um curso de capacitação, porque é uma dívida alfabetizar. [...] No primeiro momento dificulta, mas cabe ao secretário de educação, as pessoas que estão trabalhando com a educação básica no município, fazer a adequação, fazer a formação, voltar à primeira pergunta, fazer a formação continuada desses profissionais. Crítica pessoal é...nós sabemos que as pessoas que fizeram um magistério em anos aí, ahh...tem uma posição muito melhor hoje do que quem fez pedagogia e está terminando o curso de pedagogia agora, porque não venceu isso, então eu espero que o sistema nacional de ensino consiga montar um curso de pedagogia com condição de colocar os profissionais no mercado de trabalho qualificado. (Informação verbal).

Verificamos na fala da professora Liliene Barbosa o reconhecimento da relação teoria/prática nos programas de formação em serviço, considerando os conhecimentos e interesses dos professores nesses momentos, inclusive nas Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) que ocorrem nas escolas. Observamos,

também, que considerou apenas parte do processo de formação continuada, ou melhor, destacou as ações promovidas pela Secretaria de Educação. Quanto ao secretário de educação, ele focou a defasagem da formação inicial (inclusive quanto aos atuais cursos de pedagogia) e a necessidade da sua continuidade. Porém, quando se referiu à gestão continuada e declarou que, a cada vez que há troca de governo, muda a continuidade do processo educativo em Jandira. Questionamos o fato de que ele destacou de que estavam criando um plano de carreira, mas que, na realidade estão apenas modificando um já existente do governo anterior. De acordo com informações de integrantes da comissão (profissionais de educação da rede municipal) organizada para a discussão e reformulação do plano de carreira vigente, uma assessoria contratada o finalizou e alterou artigos que já haviam definido. Declaramos que até a finalização deste trabalho o documento não foi aprovado na Câmara de Vereadores para a divulgação e implementação do mesmo. Outra questão, quanto ao diálogo com o professor Paulo Edson, se deu ao classificar a alfabetização como “dáviva”, anulando o processo de formação docente, ou seja, contradizendo o que declarou sobre a formação inicial e continuada do professor.

As expectativas das professoras foram abordadas nas entrevistas e uma das propostas da formação continuada é de contemplá-las interligando-as às necessidades da rede de ensino, por isso, questionamos a coordenadora da Casa do Professor a esse respeito:

Professora Liliane Barbosa – As principais dificuldades são em relação com a formação continuada e a formação inicial, que muitos não tem curso superior ainda e nem perspectiva de fazer. [...] Principalmente com relação ao movimento, arte, música, a gente percebe, às vezes eles caem muito na questão da linguagem escrita e da matemática, muito é... tradicional e não conseguem trabalhar movimento e arte e a música. [...] a gente prioriza a questão do letramento, de vivenciar o ambiente de futura escrita, de relacionar com escrita muito cedo, isso sim. Inclusive a gente orienta desde a creche pra trabalhar com leitura, colocar cartazes, mas que isso não seja pra virar um saber é... escolarizado: oh, vamos lá, colocar o aluno pra



escrever no caderno! Inclusive a gente tem um certo problema com folhas mimeografadas, o professor quer fazer tudo no mimeógrafo, quer fazer aquelas atividades já prontas, pra passar os pontinhos, de ligar, essas coisas. (Informação verbal).

Para este trabalho dialogamos com as formadoras dos programas “Letra e Vida” e RCNEI, com o Secretário de Educação, com a coordenadora da Casa do Professor, sabendo das suas opiniões, concepções e necessidades, porém o nosso foco é a voz das professoras, e agora, diante do material exposto, analisaremos, por fim, os sujeitos da pesquisa.

#### 7.4. A VOZ DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR SOBRE SUA FORMAÇÃO CONTINUADA

Acreditamos que este seja o momento mais privilegiado da nossa pesquisa, haja vista que observamos nas palavras das professoras de pré-escola de Jandira todas as indagações que nos propomos desde o início: a) Sua formação, seu profissionalismo e sua docência; b) As concepções de educação infantil e sua prática com as crianças; c) As concepções de formação continuada, suas expectativas, críticas, opiniões sobre os programas oferecidos pela SMEJ e principalmente, o impacto desse processo formativo na sua prática docente.

A VOZ das professoras, tornou-se um eixo primordial deste trabalho, lembrando que, utilizamos a palavra VOZ no sentido de OUVI-LAS, não apenas dar voz na perspectiva mais sociológica.

A nossa proposta foi de transcrever trechos das sete entrevistas, sem alteração da palavra das professoras, a fim de que os leitores sintam-se envolvidos nesse processo da pesquisa.

Esclarecemos de início, que no momento da análise das entrevistas optamos em separar os contextos e as concepções de EDUCAÇÃO INFANTIL de FORMAÇÃO CONTINUADA das professoras entrevistadas, para contemplarmos o que há em comum nas suas falas, como também nas contradições entre elas, porém reunimos os depoimentos na conclusão deste trabalho.

#### 7.4.1. Contexto pré-escolar e concepções de educação infantil nas entrevistas

Existe uma enorme discrepância entre a valorização dada à criança a nível do discurso e a situação real da infância brasileira. Constatei, além disso, que se estabelece um vínculo entre a discussão sobre a situação da infância e a idéia de que *“a criança de hoje é o cidadão de amanhã”* ou, ainda, a de que *“atender a criança hoje é preparar um futuro melhor e uma sociedade diferente”*. As causas da situação atual são localizadas no passado e os frutos do trabalho do presente são projetados para o futuro, deixando-se de lado as possibilidades de mudança no presente (KRAMER, 2006a, p. 109, grifos do autor).

Professora Rosa – [...] porque tem gente que entra na escola e não se atenta pra nada, pensa que porque é criança você vai dar qualquer aulinha e enrolar. Não! Não é criança. É criança, mas é um cidadão que você está formando. Você tem que levar a sério, são seres pequenos que vão ser grandes, vão ser adultos e quando tiver lá no final, eles vão lembrar do que você falou, da aula que você deu.

Identificar a concepção de Educação Infantil nos diálogos com as professoras, bem como sua prática pedagógica, requer antes de tudo considerá-la histórica e socialmente no contexto pré-escolar.

Na primeira etapa das entrevistas as questões foram relativas ao interesse de formação na área educacional e ao início da atuação das professoras na educação

infantil. Com elas, detectamos que: a) Três professoras não desejavam atuar no magistério e foram influenciadas pela família, as demais optaram por atuar sem formação específica em escolas e por vontade própria; b) Todas as professoras iniciaram sua docência na Educação Infantil, porém somente duas desejavam e as outras por falta de opção. Vejamos nas falas:

Professora Amarela – Essa ideia veio aflorar quando eu atuei como monitora numa creche em Itapevi, ou melhor, numa pré-escola. Então eu me interessei pelo assunto e achei que eu poderia fazer mais. Procurei estudar e me matriculei num curso de Pedagogia. [...] eu comecei a trabalhar com crianças e eu me apaixonei pela causa e fui procurar me atualizar.

Professora Azul – Na verdade foi meio sem intenção. Eu me mudei para Jandira, não conhecíamos nada e a minha mãe não deixou eu estudar à noite, onde tinha contabilidade e curso normal, aí eu fui fazer o magistério para ter uma profissão – Quanto a trabalhar na educação infantil: foi a chance que eu tive de iniciar na educação infantil, prestei o concurso, comecei a trabalhar com educação infantil, gostei, tentei trabalhar em outras fases, não me adaptei e prefiro até hoje, tenho preferência pela educação infantil.

Professora Laranja – [...] Por gosto mesmo, porque a família tem bastante professores e então eu estava sempre por dentro do que eles faziam e eu gostava do que eles faziam.

Professora Preta – [...] Foi uma escolha do meu pai, no começo. Até fiquei muito revoltada, porque ele decidiu. [...] Foi traumatizante. [...] Eu fiz a matrícula para contabilidade na época. Aí ele: não, de jeito nenhum. Ele foi lá, cancelou a matrícula e fez para magistério.

Professora Verde – Bom, quando eu terminei o meu ensino fundamental, aí eu fiz um vestibular, aí eu entrei no Cefam, porque o meu sonho sempre foi ser professora.

Após identificarmos o início da formação e da atuação das professoras na Educação Infantil, na segunda etapa das entrevistas procuramos identificar e caracterizar suas concepções e práticas sobre essa mesma etapa da educação básica. As palavras das professoras de pré-escola se fizeram marcadas pelo assistencialismo mascarado e, principalmente, por um período preparatório para

uma “escola de verdade”, como se, naquele momento a criança não estivesse em um ambiente escolar. Quanto ao assistencialismo, a Professora Amarela afirmou: “Eu creio que está se mudando essa concepção, mas ainda é vista sim, por conta da própria história. Seria preciso trabalhar nas políticas públicas, trabalhar os pais, os professores para poder estar realmente mudando isso.” É interessante esta fala considerando que também se faz necessário trabalhar os professores para a mudança de uma concepção assistencialista na Educação Infantil, contanto que os próprios professores que nela atuam estejam inseridos, já outra professora trouxe uma concepção bem retrógrada: a de que a criança está na escola por necessidade da família: professora Laranja: “A educação infantil é uma necessidade [...] mais da família do que da escola”.

Outras professoras também observaram sobre o assistencialismo:

Professora Azul - Ela ainda é vista como um meio de se chegar às urnas com votos. Então assim, ela está lá dentro da educação básica, simplesmente no papel, mas na prática, ela ainda é vista como assistencialista. Você tem que cuidar não educar, tanto que eles sobrelotam as escolas, as creches e até os primeiros [...] sem se preocupar com a educação, com o que você vai trabalhar com a criança [...] é claro que isso é mais visível nas creches, mas existe na pré-escola.

Professora Laranja – Porque alguns pais acreditam no desenvolvimento e outros porque eu acho que tem bastante programa do governo, se o seu filho está ali matriculado, ele vai ter o benefício em casa. Na realidade, na minha visão de professora e da sociedade mesmo, que, eu nunca, nunca dependi, graças a Deus, de um benefício do governo, mas pelo que eu percebo, na sociedade está sendo dessa forma. [...] o governo coloca como assistencialista. Porque se tem por exemplo, duas mães querendo colocar e não tiver vaga, vai colocar a mãe que trabalha. Então, ainda está assistencialista devido à formação social das pessoas. [...] mas a visão está sendo mudada, tanto na creche como também na pré-escola, porque, pelo fato de que, a criança está vindo, está aprendendo, então não é mais assistencialista. Agora, tem o fato de ser assistencialista e ser paternalista. O governo está fazendo com que a educação vire paternalista. Então, estão deixando a obrigação dos pais. Os pais deveriam ter mais obrigações. [...] se ele não tem mais condição, então isso é problema social. Então, a prefeitura acha que tem que dar material escolar, que tem que dar roupa, que tem que ser assim, então está virando assistencialista! Ela tem que dar condição pro pai comprar o material que quer.

Observamos que o assistencialismo nas falas das professoras está direcionado aos programas sociais, às condições da sociedade e dos sistemas educacionais. Em contrapartida, quando questionadas sobre a presença do assistencialismo na pré-escola, muitas vezes sobressaem os desabafos da crise de identidade das professoras, quando não são consideradas como esperam pelos envolvidos no processo escolar. A confusão entre o “cuidar e educar”, “sou tia ou professora”, “se eu não alfabetizo, somente brinco, o quê eu sou?”, vejamos:

Professora Branca – [...] os pais acham que estamos aqui para ser babá dos filhos, na verdade. Muitos pais, eles não acreditam que puseram os filhos na escola para serem alfabetizados, que a educação se dá em casa, que aqui a gente só auxilia.

Professora Rosa – [...] somos tratados, assim como quase que umas tias e o fundamental ele é mais respeitado como professor, embora todos nós somos professores, é lógico. Mas eu vejo essa diferença assim. [...] porque a gente queria ser respeitado como professor, né? Todos somos professores, educadores e a gente vê, às vezes na escala, na escala assim de, como que eu posso te dizer.... De cima assim, o que vem de lá da secretaria ou mesmo da escola, dos diretores. Porque você às vezes, você não é bem reconhecida.

Professora Verde – [...] porque infelizmente pra sociedade, a educação infantil é aquela que apenas cuida. Então é aquela tia, aquele assistencialismo. Até para alguns pais também é dessa maneira. Então, primeiro dia de aula: Eu sou a professora! Aí tem pai que questiona, eu falo: Não, não vem questionar porque nenhum policial você chama de tio. Então cada um tem a sua função! .

Nestes trechos dos diálogos há uma indecisão entre babá, professora alfabetizadora, auxiliar da educação, tia, professora, educadora, cuidadora, enfim, sem o reconhecimento do seu verdadeiro papel. Marineide Gomes (2009) analisa a crise de identidade profissional de docentes da Educação Infantil e esclarece-nos que um dos fatores para isso, se dá em razão das condições de trabalho e da ausência do seu reconhecimento nos sistemas de ensino. Afirma também que o

isolamento que elas sofrem é o principal causador da desvalorização, do não reconhecimento profissional e da qualidade das relações interpessoais. Concordamos com Gomes (2009, p. 32) quando tratamos a identidade nos referindo à relação “[...] o ‘outro’ ou ‘os outros significativos’ têm o papel fundamental na construção da identidade de ‘si’, pois é na interação e no diálogo com eles que o sujeito passa a desenvolver a consciência sobre si mesmo.”

Percebemos que os outros “significativos” que Gomes (2009) declara, não são apenas os que fazem parte do ambiente escolar, mas a sociedade no geral. No discurso de uma das professoras isso ficou muito óbvio: Professora Rosa – “[...] quando você se refere, o que você é, se você falar [...] se você disser até numa loja, qualquer coisa, se você disser que é um professor de Educação Infantil, eles já te olham assim....com outros olhos, entendeu? Não sei, mas alguma coisa tem.” Isto nos daria outra tese, no entanto nossa demonstração aqui, tem a finalidade de apontar o contexto no qual as professoras de pré-escola estão inseridas para compreendermos suas concepções de Educação Infantil.

O assistencialismo presente na pré-escola, como já esclarecido, apareceu um tanto encoberto com a crise de identidade das professoras e as condições sociais, no entanto a classificação de pré-escola preparatória para uma “escola de verdade” foi muito às claras, nas palavras das professoras. Observemos:

Professora Azul – Então eu acredito assim... A criança que tem uma educação infantil bem trabalhada ela vai bem na escola. (Em qual escola? Logo ela responde – grifo nosso) [...] as pessoas que trabalham com fundamental do 2º ao 5º ano que a criança que veio da educação infantil são as que menos apresentam dificuldades.

Professora Laranja – [...] não deixa de ser escola. O próprio nome diz: é um pré, você está iniciando. [...] é como se fosse um cursinho para você saber o que é uma escola. .

Professora Preta – [...] ali que a gente começa a preparar pra escola. [...] tem toda aquela preparação pro ensino fundamental. .

Professora Rosa – Educação Infantil é uma educação que [...] você já tem que preparar ela para escola. .

Percebemos que as professoras têm a preocupação de preparar a criança para uma “escola de verdade”, ou melhor, para o Ensino Fundamental. O “caráter preparatório”, presente na concepção histórica da Educação Infantil foi contemplado em vários papéis: pelas professoras, pelos pais, pela sociedade e pelos interesses públicos. Kramer (2006a) argumenta que:

A educação da criança de 0 a 6 anos não tem o papel nem o poder de evitar, por antecipação, os problemas da escola de primeiro grau, nem é tampouco descomprometida dessa escola. Sua função é a de favorecer o desenvolvimento infantil e a aquisição/construção dos conhecimentos relativos ao mundo físico e social [...] À medida que esse papel é exercido, [...] irão conferir contribuições importantes às crianças e poderão – se desenvolverem um trabalho pedagógico de qualidade – contribuir significativamente para a escola de primeiro grau. (p. 127).

Tal concepção de educação pré-escolar preparatória já é considerada na própria formação docente, visto que os cursos de Pedagogia privilegiam principalmente as discussões da educação dos primeiros anos do Ensino Fundamental, assim como os programas de formação continuada, que retrocedem à década de 1970 quando o grande interesse na proposta pré-escolar era em torno dos problemas relativos ao analfabetismo brasileiro. Isso é fato da história, no entanto, o maior agravante que consideramos na voz das professoras, é o fato delas próprias, indiretamente, desvalorizarem a fase dessas crianças de quatro e cinco anos na escola e o seu próprio papel nesse processo.

Havemos de considerar também, que dentro de uma concepção assistencialista e preparatória, algumas professoras apresentaram seus enfoques no desenvolvimento da criança. Abrimos aqui um parêntese para destacarmos que nos chamou atenção a presença da expressão “base de tudo” nos diálogos com as professoras quando questionamos sobre o que entendem por Educação Infantil, como exemplo, citamos as informações verbais: Professora Amarela – “Acredito que a base de tudo é a educação infantil”; Professora Azul – “Olha, é à base de tudo”; Professora Branca – “Eu acho muito importante. É a base...”, dentre outras. A expressão aparenta um discurso pronto incorporado por elas a fim de ocultar uma ausência de definição da especificidade da educação pré-escolar. Quando pedimos mais descrição dessa “base”, muitas vezes era resumido como: Professora Preta – “Eu acho assim, que é a fase mais importante.” Foi necessário questionarmos em outros momentos para compreendermos as suas concepções de Educação Infantil e seus objetivos no desenvolvimento das crianças.

Retornando aos enfoques principais no desenvolvimento das crianças dados nas entrevistas pelas professoras nas suas atividades foram: de formação de personalidade, socialização, integração, autonomia, coordenação motora e psicomotora (esses foram os termos utilizados pelas professoras nos diálogos), vejamos nas próprias palavras dos sujeitos de pesquisa:

Professora Amarela – A formação da personalidade da criança está de 0 a 7 anos, então é de supra importância [...] Eu procuro estar ouvindo eles, procuro partir da realidade deles com que estou trabalhando. Os conteúdos às vezes, eu estou com uma coisa e eles mudam totalmente para outra coisa. Eu tenho que estar ouvindo essa criança e entendendo ela como criança, naquela faixa etária, tentando não atropelar as coisas, acompanhando o seu momento. .

Professora Branca – Pra mim é a socialização, a integração com os outros, eles aprendem a ser mais independente, a dividir... .



Professora Laranja – Nossa! Aprende tudo, a independência, a conviver, a coordenação motora, porque eles têm um espaço dentro de casa, da coordenação motora [...] a habilidade visual, a coordenação motora fina, o desenvolvimento global, não tem, não tem explicação de tanto que muda. .

Professora Preta – Eu vejo mais a parte psicomotora, né? A parte motora, o psicológico da criança, o carinho.

Outros pontos que consideramos relevantes no conjunto das entrevistas, foram: a) A expressão “aprendizagem”, ou o ato de aprender, foi pouco considerado nas falas das professoras, os dois únicos momentos que apareceram foram os dois descritos no trecho anterior citado; b) O lúdico, apesar de estar presente em quase todas as entrevistas, foi demonstrado por elas com muita dificuldade de descrição desse momento, provavelmente por todas terem reclamado da falta de espaço físico e de materiais nas escolas. Outro fato se dá, também, ao que os “outros” atribuem ao brincar (desvalorizando-o) na pré-escola; c) As considerações dos conhecimentos prévios da criança, da sua percepção de mundo e dos seus interesses ficaram explícitos somente em duas entrevistas, que foram das duas professoras que participaram do Programa RCNEI da SMEJ: Professora Amarela – “Eu procuro estar ouvindo eles, procuro partir da realidade deles com que estou trabalhando” e Professora Verde – “[...] estar ali mediando e cada vez mais aumentando o conhecimento prévio que o aluno já tem. [...] de início eu sempre [...] faço um levantamento prévio dos meus alunos e trabalho o projeto identidade. Por quê? Porque eu preciso saber o que sabem, quem são eles e eles também descobrirem quem são [...]”; d) A interdisciplinaridade nos planejamentos foi identificada somente em uma das professoras, pois as demais demonstraram uma fragmentação bem definida nas áreas de conhecimentos<sup>40</sup> específicas da Educação

---

<sup>40</sup> Os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil definem áreas de conhecimentos específicas da educação infantil: a Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Artes Visuais, Natureza e Sociedade, Identidade e Autonomia, Música e Movimentos.

Infantil. Ressaltamos que não foi considerado apenas o uso da palavra “interdisciplinar”, mas foi possível perceber na contextualização da sua aula:

Professora Verde – “Tudo de uma maneira interdisciplinar, tudo dentro desse projeto. E assim, nesse projeto eu coloco as brincadeiras, eu já coloco todos os movimentos e trabalho a parte jogos e brincadeiras de A à Z, artes e desenhos. [...] eu faço aquela rotina de contagem meninos e meninas, a contagem do calendário, uma roda de conversa, faço geralmente uma leitura no início. Essa leitura às vezes é o que eles trazem, às vezes eu que trago, é atual ou não. [...] eu trago um jornal [...] porque o infantil eles não sabem folhear um jornal [...] também os movimentos no caderno e sempre deixo um tempinho de pelo menos uns 20 minutos pra recreação. Porque eu acho que é um momento muito importante pra eles, que é o faz de conta. .

A preocupação com a alfabetização na pré-escola também foi outro ponto que consideramos relevante nas entrevistas, pois uma das professoras se vê obrigada a alfabetizar as crianças de pré-escola e outra declarou enfaticamente sua proposta interligando a uma de suas expectativas da formação continuada:

Professora Laranja – [...] eu acho que é assim, é tudo muito radical. Ou você alfabetiza na pré-escola ou você não alfabetiza, não existe um meio-termo, eu acho que deveria existir um meio-termo. Porque se a criança tem necessidade de aprender você pode colocar pra ela, mas se a criança não está preparada, você não tem que forçar. Infelizmente aqui no Brasil é assim, ou você alfabetiza – e você é obrigada a alfabetizar, encher a criança de livros e folhas – ou você não alfabetiza e aí vem um e fala que você não está fazendo nada.

Professora Branca – É um momento sim de alfabetização, porque é onde a gente começa a inserir informações e eles vão absorvendo. É uma fase de alfabetização sim. [...] Eu trabalho muita coordenação, mas também muita leitura, muita parte escrita também. [...] Bom programa de formação que tivesse um auxílio na preparação de atividades, que seja voltada ao lúdico, mas que fosse voltada a alfabetização das crianças. Seria mais a prática diária, que ajudasse a gente a preparar uma boa aula e que o aluno saísse alfabetizado da pré-escola.

Cabe ou não alfabetizar na pré-escola? Esta polêmica já é discutida há décadas. Kramer e Abramovay (1985), debateram sobre a questão “há exigência de

alfabetizar na pré-escola, ou há necessidade”, quando as classes populares tinham expectativas de que a pré-escola pudesse evitar a exclusão dos alunos com dificuldades de alfabetização no primeiro ano do antigo primeiro grau (como era chamado o ensino fundamental) e as pesquisas indicavam as particularidades e intenções do período pré-escolar.

Partindo do princípio de que a educação é uma prática social e de que as crianças são seres sociais, acreditamos que a pré-escola e a escola que lhes oferecemos e o processo de alfabetização que lhe propomos precisam levar em conta a vida, a dinâmica, o movimento da realidade que as rodeia, que nos rodeia, da qual fazemos parte e buscamos constantemente compreender e transformar. (KRAMER; ABRAMOVAY, 1985, p. 106).

Considerando que a Educação Infantil tem a proposta do desenvolvimento global da criança, a decisão não é de alfabetizar, mas envolvê-la no mundo das linguagens orais e escritas, na sua realidade e necessidade. No entanto, nas entrevistas percebemos que não há clareza da especificidade da educação infantil e isso gera uma insegurança das professoras em debater essa questão, inseri-la na sua prática pedagógica, demonstrando angústia nas expectativas da formação continuada – perceberemos, mais à frente, ao comentarmos sobre suas opiniões do Programa de formação “Letra e Vida”.

Na segunda etapa das entrevistas, a fim de caracterizarmos suas concepções de Educação Infantil e sua prática, as professoras definiram pontos críticos comuns dessa etapa de ensino, os quais não se diferenciam das leituras que fizemos durante o período histórico da Educação Infantil, e que são: a) A péssima estrutura dos espaços físicos da escola; b) A falta de materiais e apoio pedagógico; c) A ausência de tempo para confeccionar os recursos pedagógicos que precisam; d) A superlotação das turmas de pré-escola; e) A mínima parceria e acompanhamento

dos pais e da gestão escolar; e f) Quanto aos alunos de quatro e cinco anos, a indisciplina foi declarada praticamente por todas as professoras como fator que dificulta o rendimento de suas aulas. Percebemos que este último item, a indisciplina das crianças, pode ser resultado do conjunto de críticas que apontaram – logo, é possível imaginar uma sala superlotada, numa escola com péssimas instalações físicas para a idade, sem recursos, sem espaço, sem apoio e discernimento da gestão quanto às necessidades e propostas reais para a Educação Infantil – somado ao desconhecimento ou à má compreensão das professoras quanto ao momento de desenvolvimento psíquico-comportamental da faixa etária em questão, isso torna comum tal problema, fazendo com que classifiquem muitas crianças como hiperativas (diagnóstico complexo, definido somente por especialistas médicos).

Professora Amarela – Infelizmente o resíduo do passado de ser assistencialista. Você vê salas mal planejadas, com estruturas mal feitas para educação infantil. É ver torneiras altas, banheiros altos, salas pequenas, sem espaço, sem pátio para a criança brincar. Eu acho que tem muito a trabalhar. [...] Eu acho que é a falta de apoio, agora que está se pensando em materiais pedagógicos para crianças. Os professores praticamente têm que fazer tudo, e é complicado, por falta de tempo, de disponibilidade para estar confeccionando jogos, porque a criança precisa trabalhar com jogos para aprendizagem. Os materiais em si, eu acho que o município de Jandira ainda é muito pobre, há muito que se fazer. Minhas maiores dificuldades, eu creio, que são essas... A indisciplina dos pequenos também se torna difícil, a falta de parceria com alguns pais e, às vezes, a insensibilidade de alguns gestores.

Professora Azul – [...] a educação infantil, agora com a chegada do Fundeb, vai melhorar bastante [...] o número excessivo de alunos em sala de aula, porque assim, para você fazer um bom trabalho, você teria que ter, ou um monitor constante dentro da sala para estar te apoiando, ou um número menor de alunos.

Professora Branca – Acho que em todas as salas, ainda é o comportamento. [...] eles não param para ouvir, toda hora parando, vamos lá, conversando com eles, [...] são hiperativas, não conseguem parar, porque para eles estão aqui só para brincar.

Professora Laranja – [...] hoje a pré-escola ela não é agradável, e coloca em cima do professor que o professor tem que fazer com que a escola seja alegre, mas o que eles esquecem é que o professor para fazer uma escola alegre, ele precisa ter recursos pra isso. Ele não tem que ficar fazendo nada de sucata, eu acho que essa não é a obrigação do professor. [...] ele pode até fazer por prazer junto com os alunos, mas não falar assim pra ele: olha, você não tem recursos, porque você não quer. Tem sucata, você faz de sucata. [...] se tivesse espaços, materiais pedagógicos pra você trabalhar, não é o papel que vai ensinar a criança aprender, a criança aprende, lógico, ela precisa escrever, desenvolver isso, mas falta muito recurso e a escola deixa de ser agradável [...] o professor fica sendo punido, por um aluno muito indisciplinado e que não quer aprender, e que o professor não tem essa obrigação de querer saber o porquê ele não quer aprender, isso é problema social. Então estão começando a inverter os papéis na escola. O professor, ele tem obrigação de ensinar da melhor maneira possível, ele deve mudar as suas aulas de vários jeitos. Agora, trocar papel social... [...] falam que a educação infantil faz parte da educação básica. Ela faz parte no papel, mas no concreto não.

Além dos pontos críticos citados pelas professoras que especificamos, poderíamos analisar outros fatores que contribuíram para o contexto pré-escolar das escolas municipais de Jandira, no entanto nos atemos ao fato delas considerarem estes fatores relevantes nas suas expectativas para a formação continuada. Elas acreditam que o fato de o município oferecer um programa de formação, as escolas receberiam mais materiais pedagógicos, ou que o fato de tratarem dessas angústias nos encontros de formação, isso seria rapidamente resolvido. As soluções para a prática docente na pré-escola expressas nas falas das professoras exclusivamente por fatores externos, apostando até mesmo em receitas milagrosas como disciplinar as crianças ou alfabetizá-las sem refletir criticamente na sua verdadeira proposta de educação.

Quanto ao planejamento das aulas, três professoras definiram sua pesquisa semanal em livros didáticos e internet, sendo que as demais não determinaram um período específico para os preparos das aulas, mas utilizam os mesmos recursos. Questionamos também como encaravam as situações imprevistas no planejamento, o que no geral, afirmaram ser muito comum na pré-escola e demonstraram

tranquilidade de lidar com elas. Uma das professoras afirmou que bimestralmente elabora um projeto considerando seus objetivos para o desenvolvimento dos alunos, em conjunto com outra colega de pré-escola da rede municipal já prevendo, antecipadamente, essas possibilidades:

Professora Verde – [...] a gente sempre prepara o nosso calendário, então, por exemplo, quarenta dias letivos do 1º bimestre, por exemplo, a gente prepara geralmente uma atividade de pelo menos de 30 a 35, por que? Porque a gente sabe que tem dias que não dá [...] eu acho que é a flexibilidade. Deu, deu, não deu, não deu, amanhã a gente retorna. Por quê? Não adianta fazer qualquer coisa bagunçada, deixar a folha lá eles fazerem o que quiserem. Fazer uma atividade com eles sem ter um aprendizado realmente. Se não, não tem porque de dar.

A nossa proposta de conversarmos sobre a elaboração e a aplicação do planejamento das aulas das professoras entrevistadas foi de percebermos sua prática pedagógica, de captarmos as mudanças que tiveram durante sua trajetória docente na Educação Infantil e ao que atribuíram tais transformações. Seis professoras alegaram melhorias no preparo das suas atividades e três delas apontaram mudanças na postura com os alunos, tendo como principal contribuição, de acordo com cinco professoras, a prática diária da troca de ideias com outras professoras. Já a formação continuada e pesquisas/leituras foram apontadas somente por duas professoras:

Professora Amarela – [...] Por exemplo, eu brigava muito, achava que falar alto, gritar, resolveria o caso e não resolve nada, a sala fica mais bagunçada. Outra coisa, a criança rabiscou a atividade, antigamente eu rasgava aquilo, hoje eu não faço mais. Eu pego aquela atividade, coloco como primeira tentativa, ofereço uma outra para a criança e anexo, na hora da reunião eu coloco que essa foi a primeira, essa foi a segunda, olha como melhorou! Isso são coisas que melhorou muito. Essas diferenças eu atribuo às leituras, as discussões com colegas durante a formação de Pedagogia [...] são aos estudos mesmo. Estudar o funcionamento da criança, e quando você começa a entender como lidar com elas, vai melhorando.

Professora Branca – [...] eu era muito ligada a fazer atividades repetitivas, sempre estava guardando alguma coisa para amanhã, pro próximo ano [...] agora não, eu já vou buscando coisas novas.

Professora Laranja – [...] isso eu só aprendi com o tempo. Foi devagar, foi experiência mesmo. [...] Acho que é mais da experiência, acho que nenhuma formação traz realmente isso pra você não. Formação é muito conteúdo, muita coisa pra ler. Então, não traz receitinha de nada, então é muito difícil que curso te ensinou alguma coisa.

Professora Rosa – [...] eles já trazem muita coisa de casa pra gente e você tem que estar atualizado. Eu mudei bastante também. Através dos cursos também a gente vai aprendendo [...]a formação, as pesquisas e prática diária que a gente vai ver que não deve se apegar só naquilo. Deu certo? Deu, então vamos buscar coisas melhores, vamos inovando.

Professora Preta – [...] internet, os livros [...] muita conversa com as amigas [...] troca de livros, revistas. Adoro! (risos). Guia prático do professor.

As falas das professoras se cruzam entre a “contribuição da formação” e a “negação dela”. O que pretendemos dizer com isso? Que cada professora atribui um valor à formação para sua prática docente. Se compararmos as professoras Amarela e Laranja perceberemos claramente isso: uma (a Amarela) valoriza a formação superior, compreende a relação teoria/prática e reforça o que apontamos sobre a importância do conhecimento a respeito da etapa de desenvolvimento da faixa etária das crianças de quatro e cinco anos e o benefício na sua atuação, no entanto a outra professora (a Laranja) condena as leituras e todo o processo formativo docente, supervalorizando exclusivamente a prática, afirmando que cursos não contribuem em nada. Já a Professora Rosa dosa as contribuições da formação e da prática diária, considerando que ambas melhoraram seu desempenho. Essa questão nos dá margem para lembrarmos sobre os saberes docentes e sua complexidade. Os saberes práticos ou experienciais tendem a sobressair nas falas das professoras por estarem mais próximos do seu cotidiano, sem relação com os saberes científicos ou teóricos, sendo que são estes que dão autonomia às professoras para não aplicar apenas a teoria em prática, mas também questioná-la (FIORENTINI; SOUZA JR., MELO, 1998).

Quanto à troca de experiências entre as professoras como um dos fatores que atribuíram mudanças na atuação docente, Fiorentini; Souza Jr. e Melo (1998) também nos auxiliam na compreensão:

Embora o saber seja pessoal e evolua com o tempo e a experiência, ele é *cultural*, isto é, constitui-se “pela interação com os outros ‘membros da nossa cultura’”. O nosso saber não é isolado, ele é partilhado e transforma-se, modifica-se a partir da troca de experiências e da reflexão coletiva com os outros. (FIORENTINI, SOUZA JR., MELHO, 1998, p. 322, grifo do autor).

Acreditamos que estas entrevistas são insuficientes para analisarmos a prática pedagógica real das professoras, no entanto, auxiliam neste momento, para compreendermos o que elas pensam sobre a formação continuada.

#### 7.4.2. Concepções de formação continuada e as opiniões das professoras nas entrevistas

Ao entrevistar as professoras percebemos que suas concepções de formação continuada foram construídas pela experiência na participação dos momentos propiciados pela SMEJ e que, muitas vezes sobressaíram as opiniões que tinham deles. Por outro lado, lembrando que um dos critérios que utilizamos para a definição das professoras que seriam entrevistadas, era a formação superior completa de cursos que habilitam para a atuação em Educação Infantil, presumimos um conhecimento, mínimo que fosse, sobre a proposta da formação continuada e a necessidade da reflexão sobre a prática nesses momentos. No entanto, já no momento das entrevistas percebemos uma dificuldade praticamente geral de exporem o que compreendiam desse processo formativo.



Antes de abordarmos a formação continuada, na terceira etapa das entrevistas, buscamos identificar a relevância da formação superior das professoras para atuação em Educação Infantil, em que, “quatro professoras” alegaram “pouca contribuição” para a prática em sala de aula, tornando-se apenas mais uma habilitação para lecionar (visto a exigência da Pedagogia ou Normal Superior pela LDB), valorizando mais o curso do Ensino Médio na modalidade normal. Esse posicionamento das professoras reafirma as pesquisas (BRZEZINSKI; GARRIDO, 2001) citadas no Capítulo 6 sobre as críticas de defasagem e inadequação dos cursos superiores de formação de professores, incluindo os EAD, que podemos perceber na crítica da professora Laranja:

Professora Amarela – Deu uma base. Preparar, preparar... é a prática mesmo. Umhas adequações que eu tive que fazer, mas não dá nada pronto, o tempo todo você tem que estar lendo e na prática você consegue.

Professora Branca – Na verdade, não. Não para trabalhar com crianças de pré-escola. Deu umas ideias [...] o Normal Superior, o Magistério, Pedagogia é mais só uma habilidade a mais, conteúdo a mais.

Professora Laranja – Não. Ela não me preparou. O que eu tive, tudo foi o magistério [...] Eu queria ter feito Pedagogia mesmo e eu não pude fazer, por questão financeira. Aí eu fiz o Normal Superior [...] na realidade eu não tive professor, no curso do Normal Superior, eu tive tutor porque foi a distância, por isso eu falo que não teve boa qualidade. E lá na faculdade mesmo, na Pedagogia, não, eu estava ali, eu tinha uma dúvida, era direto. Esse negócio via *on-line*, eu não acredito muito, está muito avançado, mas infelizmente as pessoas esquecem que tem lá uma mensagem e que a sua dúvida está ali naquela hora, não é pra semana que vem a sua dúvida. E na faculdade todos os dias você vai lá ver, conversa com o professor, fica tudo melhor.

Professora Preta – Na verdade, antes foi por causa dos pontos. [...] eu demorei muito pra fazer. Dez anos eu demorei pra voltar a estudar. E na época foi exigência da LDB, logo quando surgiu a cobrança por curso superior, aí eu fui fazer. [...] O curso eu fiz voltado pra administração, porque eu já tenho magistério.

As outras “três professoras” alegaram que a formação superior “contribuiu” como podemos identificar nas falas:

Professora Azul – Sim, preparou bastante. Foi aquilo que eu falei, no magistério você sai cru, se depara com aqueles 40 alunos e você não tem noção do que fazer e na faculdade você já trabalha mais especificamente o infantil, o fundamental, então eu aprendi. A minha formação melhorou muito, tanto que após eu fazer a faculdade que eu decidi que realmente eu ficaria na educação infantil.

Professora Rosa – Olha, a Psicologia ajudou, Didática ajudou, foi um todo. Sociologia também, você tira um pouco de cada coisa, vê o que é melhor e aplica.

Professora Verde – Bom, a Pedagogia que eu fiz foi muito diferenciada porque era a pedagogia do Paulo Freire. Então assim: primeiro porque a gente tem que ter autonomia, segundo porque a minha faculdade ela me ensinou a pesquisar, terceiro porque eu tive professores maravilhosos principalmente de educação infantil e muitas propostas da creche da USP.

Abordamos trechos das entrevistas de todas as professoras em consequência das opiniões diversas sobre a formação superior, nas quais percebemos que não há um padrão entre os cursos e os motivos que as levaram a buscar tal formação, influenciaram no seu aproveitamento, seja pela busca por mais conhecimentos ou pelas exigências legais.

A quarta etapa das entrevistas tinha por objetivo principal perceber as opiniões quanto aos programas oferecidos pela SMEJ, mais especificamente o Programa “Letra e Vida” e Programa RCNEI e as concepções de formação continuada das professoras. Quanto aos programas oferecidos pela SMEJ, retomamos que nossa intenção não foi o de analisar a eficácia dos programas, mas de ouvir a opinião das professoras de pré-escola participantes para observar essa contribuição na prática docente das mesmas.

Sobre o Programa “Letra e Vida”, as sete professoras entrevistadas participantes tiveram opiniões aproximadas quanto à sua contribuição na atuação

em pré-escola: a) Todas afirmaram que o foco do programa foi a alfabetização e que a proposta foi estendida somente às professoras da terceira fase pré-escolar; b) Três professoras opinaram que o programa reforçou recursos de alfabetização que podiam ser utilizados na Educação Infantil, como listas de palavras, rótulos de embalagens, a leitura, o diagnóstico da leitura e da escrita, o uso das letras móveis, tal como a combinação de duplas entre os alunos; c) Todas as professoras concordaram que foi um programa direcionado à alfabetização de alunos do Ensino Fundamental, porém três delas declararam que foi necessário adaptar os conteúdos trabalhados para conseguirem aplicá-los nas turmas de pré-escola; d) Apenas uma professora se manifestou contrária às demais opiniões, alegando que a proposta de alfabetização foi inviável por conta da realidade diferenciada, inclusive pelo grande número de alunos na sala e pela falta de recursos didáticos nas escolas, não tendo ainda sugestões de atividades lúdicas para a alfabetização na pré-escola.

Professora Amarela – Reforçar o uso de listas, de rótulos, de coisa prática para alfabetizar essas crianças. Foi muito bom, reacendeu o que a gente trabalhava na sala de aula, esse curso veio para reforçar tudo isso.

Professora Branca – Acrescentou. O curso em si foi muito bom. Nas atividades eles deram bastante ideia pra gente trabalhar [...] Poderia ter outros cursos, mais específicos para educação infantil (grifo nosso). Eu consegui utilizar os materiais da formação com a pré-escola, eu usei nas leituras, nós aprendemos que tem que ser feita a leitura diária, diagnóstico, que nunca tinha feito na vida, e agora eu aprendi como fazer. Porque quando a gente fazia, era um ditado simples, agora a gente já sabe que tem que chamar o aluno. Pra gente avaliar mesmo como ele está. Pra mim foi muito bom.

Professora Rosa – [...] porque falava mais como lidar com o fundamental. Tinha mais coisas direcionadas para o fundamental. (grifo nosso) Teve também para pré, mas, assim, mais focado pro fundamental. [...] eu esperava que eles mandassem mais material didático para nossa escola, pra gente estar trabalhando, pra gente não ficar confeccionando as coisas com tanto papel, tanta coisa, mas ajudou sim, nesse sentido.

Professora Verde – [...] foi cansativo, mas foi prazeroso. Porque que é cansativo? Porque assim, querendo ou não devido nosso salário temos que ficar dobrando, trabalhando o dia inteiro, então muitas vezes eu cheguei no curso cansada e angustiada, mas depois de um tempo você relembra todas essas coisas, você relembra um vídeo que você assistiu, uma discussão que teve. Muita gente fala mal do “Letra e Vida”, que era o “Letra e Morte”, mas pra mim ele nunca foi [...] por mais que o “Letra e Vida” as pessoas falam que estava direcionado a 1ª a 4ª série o que eu pude aprender é assim, eu acho que cada pessoa tem que sugar o que ela tem de melhor, e ali eu consegui trazer muita coisa pro meu infantil [...] (grifo nosso) muitas coisas eu também tinha que fazer na sala de aula pra apresentar lá, como juntar grupos de aluno, fazer agrupamentos de alunos que sabem, com alunos que não sabem, então assim, isso pra mim foi uma base muito importante.

Professora Laranja – Bom, falou sobre trabalhar com letras móveis, eu já trabalhava com letras móveis, então não mudou nesse sentido para mim. Falou sobre trabalhar em duplas, eu não poderia fazer muito isso porque criança tem muita competição, então ela quer chegar, isso aí é um processo longo. [...] Então na pré-escola é mais longo. [...] ajudou muito pouco [...] eu acho que poderia ter ajudado mais, poderia ter sido passado de uma outra forma. Eu fui com muita sede ao pote, entendeu? [...] E pelo que eu fiquei esperando, eu recebi pouco. [...] Eu fui esperando... Talvez a gente está atrás de uma receitinha, né? Eu acho que é bem isso. Mas eu esperava que ensinasse mesmo eu trabalhar com criança de pré-escola com letras, com jogos, com brincadeiras, sabe? (grifo nosso) Pra mim, o “Letra e Vida” representava assim: dar mais vida ao conteúdo que você tem. [...] Eu acho que ajudou, mas nem tanto, eu esperava mais.

Acreditamos pertinente retornar à opinião das professoras descrita no “c”, pois temos um indicativo concreto de que o programa de formação “Letra e Vida” não levou em consideração as particularidades da educação infantil. Nos trechos das entrevistas que acabamos de citar, destacamos em grifos alguns depoimentos que comprovam claramente essa questão. Esse fato confirma a fala da professora Liliane Barbosa (coordenadora da Casa do Professor da SMEJ e uma das formadoras desse programa) quando compreende os pontos negativos do programa para as professoras de pré-escola:

O ponto negativo para o professor de Educação Infantil foi exatamente ocupar as vagas que sobraram, isso foi ruim. E como a gente trabalhou com turmas muito numerosas, foi difícil atender especificamente esses professores e pensando nisso, pouco tempo teve dos formadores irem acompanhar as atividades desse professor em sala. [...] (Informação verbal da professora Liliane Barbosa, em 19 ago. 2009).

A importância dos programas de formação de professores em contemplar as particularidades da Educação Infantil é uma crítica grande das professoras, pois percebemos no decorrer das entrevistas que esse fato interfere desde a construção da sua identidade docente ao preparo de suas aulas, quanto à compreensão e observação do desenvolvimento das crianças da faixa etária referida.

Além dos recursos de alfabetização sugeridos no programa mencionados pelas professoras nas entrevistas, a “leitura diária” para os alunos também foi muito marcante e se tornou uma prática comum entre elas por se tratar de uma das propostas-chave do Programa “Letra e Vida”, no entanto, percebemos nas falas que, o importante é a diversidade de textos e não os conteúdos e a exploração crítica deles pelos professores e alunos:

Professora Azul – “[...] é onde eu já coloquei, tirando várias coisas dessa formação continuada que eu trouxe pra minha sala a leitura diária, independente do texto que seja”; professora Rosa – “[...] a leitura que a gente não fazia diariamente com os alunos, trouxe um grande benefício pra eles. Porque eu não tinha o costume de ler todos os dias [...] Diferenciados textos [...] ficava só no conto de fadas [...] agora a gente varia [...] lê um jornal, vê a capa, depois outro dia conto de fadas, outro dia lenda e isso melhorou.”; professora Verde – “[...] no Letra e Vida se a Liliane não fizesse a leitura eu não ia ter o hábito da leitura, eu não ia descobrir o quanto a leitura é importante”.

A utilização da leitura diária poderia ser uma prática de reflexão crítica dos alunos trabalhada na educação infantil por uma professora crítica, no entanto, aparentemente não foi considerada na proposta do programa em foco.

Quanto ao Programa RCNEI, somente participaram duas das entrevistadas. Este foi específico para professores e monitores da Educação Infantil visando o conhecimento de todos os volumes dos Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil divulgados pelo MEC. A opinião das professoras coincidiu a

respeito do programa. Ambas destacaram o seu mau planejamento e o mínimo de professores da pré-escola participantes que o concluíram, porém os pontos positivos concentraram-se, principalmente, no conhecimento dos materiais, na troca de experiências entre colegas da mesma etapa de ensino e nos facilitadores do programa.

Professora Amarela – [...] as discussões foram proveitosas. Foi colocado todos os referenciais, todas as matérias que nós trabalhamos na educação infantil por especialistas, foi muito bom. Eu gostei muito. Como negativo foi o mau planejamento dele, como falei. Porque era bastante gente, a “mau” (grifo nosso) localização no início, por causa da demora de inauguração da Casa do Professor, enfim, se deslocar para lá, o pessoal não conseguia, era muito cansativo, não tinha ônibus.

Professora Verde – [...] o RCNEI também veio e ninguém queria saber como sempre, e quando eu vi, eu quis fazer porque eu fui conhecer o referencial na educação infantil quando eu entrei neste concurso de Jandira e eu li ele de ponta a ponta e eu me apaixonei. Muita gente fala que o que está ali é impossível, mas não é impossível, eu acredito muito no que está ali e então eu queria ver no curso. O ruim deste curso foi além do horário de quem quis fazer não poder realizar porque trabalha em outro município, [...] o que me deixou chateada neste curso é que não teve professor interessado. Professor que eu sei que tem tempo, que não quis fazer. Então assim, eu me via no curso só, a única professora. [...] profissionais maravilhosos, que se esforçaram tanto com materiais, tanto com conteúdo e praticamente escutaram muitas angústias, tanto de monitores como a minha. E o RCNEI complementou todas as dúvidas que eu tinha, é um eterno aprendizado que eu acho que cada vez mais a gente vai aprofundando.

Diante das falas, é essencial destacar o interesse das professoras em concluir o programa, visto que a maioria das professoras de Educação Infantil não participou e os problemas administrativos mencionados foram diversos; alguns deles também foram reconhecidos pela professora Leda dos Santos (uma das formadoras do programa):

No início dificultou muito o local da formação que o pessoal achou de difícil acesso. Muitas pessoas começaram e desistiram. [...] muitos não participaram dessa formação. [...] A princípio nós pensamos em dividir turmas de monitores e outras de professores de pré-escola, mas isso não

deu certo, porque não davam turmas e acabava tendo mais monitores do que professores numa determinada turma. [...] os professores de pré-escola tem dois vínculos empregatícios, trabalham em dois horários, foram os que menos participaram. (Informação verbal da professora Leda dos Santos, em 24 mar. 2009).

Enfatizamos, também, que esse programa foi o primeiro da rede com carga horária extensa, exclusiva para profissionais da Educação Infantil, isso certamente demonstra um avanço na concepção da gestão sobre as necessidades formativas do docente dessa etapa da educação básica, como sendo, também, uma conquista desses profissionais.

Uma interrogação que nos ocorreu durante a análise das entrevistas foi o fato de, nas falas das duas professoras que participaram dos dois programas de formação, ficarem mais destacadas as práticas que o Programa “Letra e Vida” desencadeou nelas do que as do Programa RCNEI, apesar do segundo ter sido específico para a Educação Infantil. A grande questão foi: se a exigência é que os programas sejam particularmente direcionados para a Educação Infantil, por qual razão o programa com propostas de alfabetização para o Ensino Fundamental foi o mais destacado pelas professoras? Será que as professoras são mais cobradas (ou se cobram) mais pela alfabetização na pré-escola, ou será que o Programa RCNEI apesar de ser específico na etapa da Educação Infantil, não contemplou na íntegra as necessidades da pré-escola? Ou ainda, será que o programa de formação RCNEI não impactou na prática os procedimentos das professoras como o Programa “Letra e Vida”? Além dessas, outras hipóteses podem surgir diante dessa questão, porém foi possível analisarmos que, apesar do seu direcionamento para a primeira etapa da educação básica, a pouca participação de professoras nas turmas de pré-escola desviou a atenção maior para os educadores de creche. Isso prejudicou o

aproveitamento das professoras para debater as experiências e as propostas com as crianças de quatro a seis anos e de refletir sobre as suas práticas docentes. Não basta apenas que os programas de formação tratem das especificidades da educação infantil, mas percebam e especifiquem as propostas de acordo com a faixa etária trabalhada, de zero a três anos e de quatro e cinco anos, pois a criança está na infância, mas tem e necessita de diferentes estímulos e desenvolvimentos ano a ano.

As opiniões das professoras referentes aos dois programas oferecidos pela SMEJ contribuíram para percebermos suas concepções de formação continuada, no entanto optamos, primeiramente, listar suas principais sugestões de formação continuada para depois analisá-las e formar tais concepções. São elas: a) Necessidade de mais atividades práticas nos programas de formação continuada, pois são muito teóricos, sem relação teoria/prática; b) Que auxilie na preparação de atividades lúdicas e de alfabetização para os alunos de pré-escola, o que podemos interligar com a preocupação do apenas “saber fazer”; c) Agregar ao processo de formação continuada um “plantão de dúvidas”, para eventuais esclarecimentos; d) Que o programa ofereça novidades para o aprimoramento da prática pedagógica, e igual espaço para esclarecimento de dúvidas; e) Que aborde as áreas de conhecimentos definidas para a educação infantil de acordo com o RCNEI nos programas de formação oferecidos; f) Que os facilitadores sejam especialistas na área de educação infantil e de preferência conheçam a realidade das escolas municipais de Jandira para proporem atividades possíveis; g) Os programas se tornam cansativos por terem uma carga horária extensa, no entanto quando são poucas horas, não há tempo suficiente para aproveitá-los. Percebemos que para solucionar esta contradição da carga horária dos programas, deram preferência a



um médio prazo; h) Quanto aos momentos que os programas devem ser oferecidos, houve uma divisão de opiniões, pois algumas acreditam que deveriam ocorrer fora do horário que lecionam para não comprometer os alunos e outras, por acumularem aulas em outros municípios, são contrárias, por falta de tempo e de que o professor merece este momento de reflexão; i) Acreditam que os programas oferecidos precisam de uma continuidade seguindo uma mesma proposta, sendo proporcionado e facilitado para que todos os professores de pré-escola possam participar; j) Uma das professoras incluiu a leitura como um momento de formação continuada; k) Apenas uma professora acredita na necessidade da inserção da coordenação pedagógica para contribuir na sua formação continuada e que os momentos de HTPC (hora de trabalho pedagógico coletivo) devem ser otimizados para esse fim – Esse posicionamento da professora coincide com a fala da professora Liliane Barbosa (Coordenadora da Casa do Professor) sobre a importância da HTPC e a formação do coordenador pedagógico para este momento, vejamos:

Professora Liliane Barbosa – Este ano inclusive, estamos desenvolvendo uma formação, aos coordenadores, aos diretores e aos vices voltadas para gestão e essas questões, então o diretor ele tem um coordenador, tem momentos de gestão administrativa, gestão pedagógicas, gestão de pessoas e agora com os coordenadores a gente quer focar os parâmetros nacionais da educação infantil. A gente está discutindo muito a questão de um currículo que priorize a questão do movimento, da música e das artes, então a gente faz um trabalho com o coordenador. Ainda não há trabalho como a gente sonha, tá um pouco distante daquilo que a gente quer, mas a gente já analisa a prática desse coordenador, pra melhorar a atuação dele. Lá pro 2º semestre a gente tem planos de já desenvolver com eles como eles fazem o HTPC, ir na escola se for o caso, então a gente vai fazer intervenções da Casa do Professor, mas já é uma forma de formar o coordenador. Ensinar, fazendo. (Informação verbal).

Abrimos um parêntese aqui para observarmos o papel do coordenador pedagógico na Educação Infantil, visto que pudemos perceber uma falha das

atribuições e da formação do coordenador pedagógico nas escolas, quando também há expectativas das professoras para que especialistas as auxiliassem como “plantão de dúvidas”, em outras palavras, essa não seria uma atribuição do coordenador? Essa questão nos daria outra pesquisa: qual o papel do coordenador pedagógico na Educação Infantil? Destacamos, aqui, a necessidade de reflexão do papel do coordenador pedagógico que observamos melhor nas falas das professoras quanto às suas expectativas.

Acompanhemos, então, as considerações sobre a formação continuada nas palavras das professoras:

Professora Amarela – [...] curso é sempre muito bem-vindo. Porém, os cursos mais práticos, eu sempre bato na mesma tecla: falta oficina para ter um espaço de fazer alguma coisa prática. Fica muito na teoria... [...] penso que a formação continuada deva ser um momento do professor estar se atualizando, tendo espaço de expor suas opiniões, ouvindo outras opiniões, tendo um apoio teórico-prático [...] só em você estar reunido com outras pessoas, trocando ideias, conversando, refletindo você já está aprendendo. E, às vezes é até repetitivo, mas sempre você está aprendendo alguma coisa.

Professora Azul – [...] eu acredito que eles ajudam muito [...] a formação continuada ela auxilia muito o professor que tem interesse e que ele não precisa fazer exatamente como ele viu ali, ele adequa à realidade dele [...] eu entendo que é um auxílio que o professor tem, entendeu? Que ali ele vai estar vendo novas diretrizes [...] que não adianta eu fazer aquele curso, me limitar aquela apostila e pronto, entendeu. Tenho que fazer aquele curso, trocar ideias, trocar experiências, e estar sempre em busca de novas coisas, em busca de novos cursos, em busca de novos aprendizados. Porque ah, legal: Fiz Letra e Vida, pronto [...] não olha mais pra mim porque eu já fiz minha formação continuada. [...] Então se eu fosse ficar lá na minha formação da faculdade, eu estaria brigando com o povo como eu disse até agora [...] a formação continuada, se você parar ali, você não tem como fugir.

Professora Branca – [...] os cursos, as formações, são muito boas. O professor que vai absorver, vai buscar, porque tem uns que fazem e guarda, aprendeu, aprendeu e ficou pra ele, não usa. Estão sempre renovando, sempre com ideias novas, às vezes não tão novas, mas coisas que a gente sabe que já esqueceu. Então é um lembrete mesmo. Vai continuando, vai reciclando, vai indo. [...] Eu nunca participei de uma formação específica para pré-escola. [...] Bom programa é aquele que tivesse um auxílio na preparação de atividades, que seja voltada ao lúdico, mas que fosse voltada

a alfabetização das crianças. Seria mais a prática diária, que ajudasse a gente a preparar uma boa aula e que o aluno saísse alfabetizado da pré-escola. Alguns instrutores, eu acho que são preparados para dar os outros, eu não posso falar que não. [...] Sobre os conteúdos, eu acho que tem que ter todos da grade, e que a carga horária fosse de 30, 40, no máximo 80 horas, se você faz um curso extenso, no final você já está cansado, já começa as faltas, dá problemas, então, um curso bem preparado, com a grade toda, vamos supor: Linguagem Oral e Escrita, Matemática [...] Os cursos deveriam ser fora do horário de aula, porque aí não prejudica a criança. Você saindo da sala, mesmo que fique um monitor, não é igual, cada um tem seu jeito.

Professora Laranja – [...] não é dar um cursinho aqui, parou, acabou, opa, que maravilha! Dez dessa escola, mais dez da outra escola e acabou. Aí vem um outro assim, bonitinho, com uma ideia mirabolante, vou fazer um cursinho. Oh, aquele curso é legal, vou vender esse curso pra prefeitura e vai fazer de novo. Não! [...] Eu acredito que teria que ser um curso voltado, por exemplo, eu fiz agora Letra e Vida, estou com a educação infantil, vamos ver agora um curso que encaixe no Letra e Vida, continue o Letra e Vida, isso é formação continuada, não é só o professor fazer qualquer curso e dizer: Ah! Eu estou continuando minha formação. Ele está continuando, mas não voltado pra área que ele está [...] quando você faz a aula dentro do seu horário de trabalho, no meu ver, eu acho que você faz com mais vontade, porque você não está na sua sala, mas você está em um outro lugar buscando algo pra sua sala. [...] tem que ser pessoas especialistas mesmo, em alfabetizar, pessoas especialistas em educação.

Professora Preta – Teria que ser um programa que tenha a ver com a nossa realidade, nada por fora, né? Que mostre coisas novas. Um futuro!

Professora Rosa – [...] é um aprimoramento que vai acontecendo, vai te dando mais clareamento, mais luz, vai vendo, vai percebendo [...] vai tirando o que é bom de lá e vai tentando adaptar. [...] que não tivesse tanta coisa teórica. Às vezes você vai no curso e volta desanimada, porque só tem leitura de texto, texto, texto e não têm assim, umas atividades lúdicas, coisas do dia-a-dia que acontece na sala de aula. Às vezes a gente volta até com problema também, em ter muita expectativa naquilo e voltou mais com teoria mesmo.

Professora Verde – Eu entendo que a formação continuada ela já tinha que ser no HTPC, porque é função do coordenador dar a formação continuada não passar os recados que tem que ser passados [...] a formação continuada para os professores é uma coisa chata, mas pra mim é a coisa mais maravilhosa que existe, eu acho que, um dia que eu saí da sala de aula é enriquecimento [...] eu acho o máximo, sabe, porque você fala com aquele poder assim, o poder assim, eu entendo desse assunto. [...] Eu defendo muito a formação e acho que todos os professores têm que fazer sim [...] eu fico muito triste quando eu não tenho um livro pra não ler. [...] Primeiro: Horários alternados. Segundo: que sejam dinâmicos. Terceiro: [...] que sejam de poucas horas [...] ou o resto do ano será cansativo. Então, assim, eu acho que ele tinha que ser uma coisa constante, o HTPC não é constante? Eu acho que isso também devia ser.

Percebemos que as concepções de formação continuada para as professoras não estão bem definidas, pois entreveem apenas os programas oferecidos pelas secretarias municipais nesse processo formativo docente. Se retornarmos ao quadro 8.b deste trabalho, perceberemos que apenas uma professora finalizou a especialização acadêmica e outras três estão ainda em curso, todas em Psicopedagogia, porém apenas uma considerou-a nas entrevistas como parte da sua formação continuada. Agora, também não podemos deixar de nos questionar por que todas em Psicopedagogia e não uma especialização em educação infantil? De acordo com Andrade (2004), nos países da América Latina, a procura pelos cursos de Psicopedagogia tem crescido muito, inclusive na Argentina e no Brasil. No início do século XXI, no Brasil contava com mais de 120 (cento e vinte) cursos de especialização em Psicopedagogia, cuja proposta está totalmente voltada ao indivíduo, na condição de aprendizagem.

[...] a psicopedagogia constitui um conjunto de práticas institucionalizadas de intervenção no campo da aprendizagem, seja como prevenção, seja como diagnóstico e tratamento de transtornos, seja como modificação do processo de aprendizagem escolar; uma área que estuda e trabalha com o processo de aprendizagem e suas dificuldades. (ANDRADE, 2004, p. 71).

Não enfatizamos nas entrevistas investigar o que levou as professoras a buscar pela mesma especialização, mas detectamos que a preocupação das docentes com as dificuldades de aprendizagem dos alunos, nas últimas décadas, é crescente. Isso não apenas em Jandira, mas em boa parte do território brasileiro, visto isso a oferta pelos cursos em Psicopedagogia.

Retornamos, então, ao fato da indefinição das professoras quanto à formação continuada docente. Durante as entrevistas ficou claro que as professoras limitam esse processo formativo aos cursos oferecidos pelas secretarias municipais de

ensino, as quais devem propor atualizações, trocas de experiências, o que condiz com a proposta da formação continuada, em contrapartida não conseguem, ou, os programas não proporcionam, a relação teoria/prática no trabalho docente.

O quê as professoras requisitam como prática e o quê elas condenam como teoria? Prática remete a prático, a praticidade, no sentido de propor aulas prontas, de definir objetivos específicos às atividades, de acordo com a etapa trabalhada, de ensinar como apresentar suas aulas para crianças de pré-escola. Seriam essas as receitas de educação? Mas, a prática que as professoras reivindicam também são as que condizem com a necessidade da pré-escola e não aquelas das outras etapas de ensino. A teoria que elas condenam por sua vez, são os textos, as leituras, mas também as propostas que também não tratam das especificidades da Educação Infantil e sua realidade com crianças de quatro e cinco anos de idade. A indefinição de concepção da Educação Infantil e da real proposta da pré-escola, por parte das professoras inclusive dos sistemas de ensino, são totalmente interligadas com a indefinição da concepção de formação continuada para docentes dessa etapa da educação básica, nesse período de avanços.

Por fim, finalizamos as entrevistas questionando as professoras sobre a importância da formação continuada à sua prática docente e suas afirmações foram:

Professora Amarela – Contribui sim, ajuda com os conteúdos, com as reflexões das práticas da gente, com a interação com outros colegas, outras experiências.

Professora Azul – [...] acredito sim e gostaria que o município sempre tivesse mais. Que a gente não tivesse só que estar indo buscando fora, que tivesse o espaço dentro da própria rede para gente estar sempre com essa participação continuada, mais pelos professores que tem interesse em fazer e desenvolver, porque alguns também querem fazer simplesmente porque é feito dentro do horário de trabalho e vão fugir da aula e chega lá, ficam duas horas lá cochilando, reclamando e depois voltam para sala de aula, como se nada tivesse acontecido.

Professora Branca – Vale a pena, tudo é válido. Sempre participar das formações, é coisa nova, a gente vai aprendendo e lembrando o que já sabe, às vezes a gente já esqueceu. É muito bom.

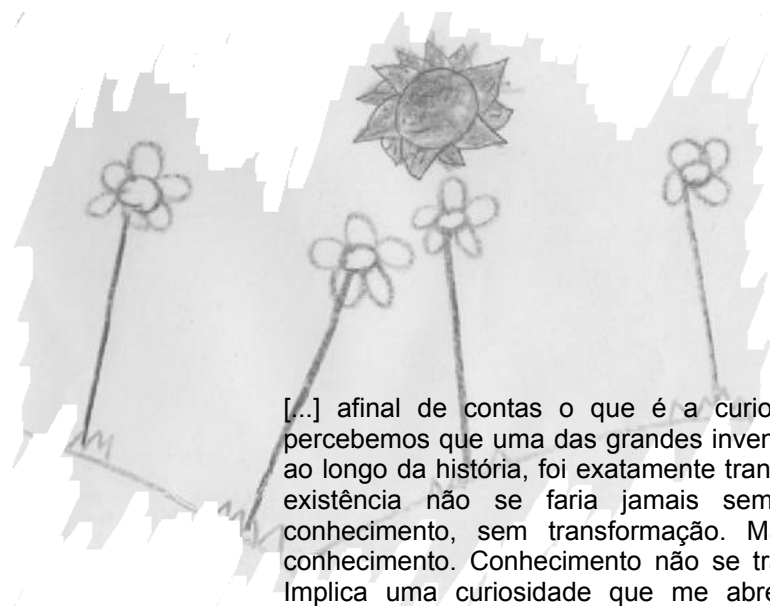
Professora Laranja – A formação continuada voltada para pré-escola, pode sim, se for boa, né?

Professora Preta – A gente sempre precisa de alguma coisa. Não pode parar, eu acho que sempre precisa de alguma coisa.

Professora Rosa – Ah, para mim são bons.

Professora Verde – Com certeza, eu aposto 100% nisso, a prática, a experiência, é importante. Ah, isso é só na teoria... É, é só teoria, mas ajuda a prática.

Todas as professoras demonstraram que, apesar das críticas, apostam na formação continuada, destacando suas considerações, confirmando uma das hipóteses destacadas no início deste trabalho.



[...] afinal de contas o que é a curiosidade, para o conhecimento? -, percebemos que uma das grandes invenções das mulheres e dos homens, ao longo da história, foi exatamente transformar a vida em existência – e a existência não se faria jamais sem linguagem, sem produção de conhecimento, sem transformação. Mas jamais com transferência de conhecimento. Conhecimento não se transfere, conhecimento se discute. Implica uma curiosidade que me abre, sempre fazendo perguntas ao mundo. Nunca demasiado satisfeito, ou em paz com a própria certeza.

(FREIRE, 1998, p. 46)

22. Desenho – aluno da 3ª fase pré-escolar (2006)

## 8. CONCLUSÃO

Ao nos predisporarmos a ouvir as professoras e a observar cada fala, percebemos que um caminho de pesquisa se abre a frente. Cada palavra chama atenção a uma necessidade, a uma reflexão, a desafios, especialmente na Formação de Professores atuantes na Educação Infantil, para que novas perspectivas de educação a nossas crianças sejam assumidas.

Ouvir as professoras de pré-escola nos proporcionou ver, de outros horizontes, as suas realidades, suas concepções, suas necessidades formativas e, mais especificamente, o que percebem na prática sobre a formação continuada. Considerar a história, neste momento, como base para nossa interpretação da situação atual da formação docente na Educação Infantil, também foi positiva e nos serviu para consolidarmos as concepções dos dois eixos centrais desta pesquisa: a Educação Infantil e a Formação Continuada; que, nos subsidiou a observar tais concepções no terceiro eixo: a “voz das professoras”. A consideração histórica que mencionamos abrange também a investigação histórica da educação do município de Jandira, a fim de cumprirmos um dos objetivos deste trabalho, que era de registrarmos as suas evoluções e retrocessos. Esse momento da pesquisa muito nos motivou quando percebemos dados inéditos da educação municipal que influenciou a região diretamente e que nos aponta neste momento, ainda outros caminhos de pesquisa.

Ouvimos também para a conclusão deste trabalho as formadoras dos programas “Letra e Vida” e RCNEI e a gestão da SMEJ. A triangulação das três posições nos permitiu visualizar o cenário educacional de Jandira e o caminho da



formação docente trilhado pelas professoras de Educação Infantil, no que diz respeito às reais propostas dessa etapa da educação básica em um momento de grandes avanços legislativos e históricos nacionais. Reforçamos porém, que na triangulação das falas o nosso foco de análise foi a palavras das professoras.

No entanto, antes de concluirmos sobre as análises das entrevistas, é crucial destacarmos que as leituras feitas para este trabalho nos fizeram perceber que as concepções de Educação Infantil e de formação continuada sofreram alterações durante a história da educação nacional. As leituras comprovaram também que a preocupação com a formação docente de Educação Infantil só se concretizou, tardiamente, nos debates do “tatame” educacional apenas na segunda Lei de Diretrizes e Bases em 1996. A partir daí pesquisas fermentaram os debates e comprovaram a importância da Educação Infantil dentro da educação básica, demonstrando inadequações do processo formativo docente que atua nesta etapa de ensino.

O sistema educacional de Jandira não difere dos demais, pois a pesquisa de campo, inclusive sobre a história da educação do município, comprovou a precariedade pré-escolar, a inadequação das propostas curriculares da educação infantil, as divergências legais, a dúvida quanto à formação docente e a espera das crianças por um direito adquirido – de uma educação de boa qualidade.

Mediados pela teoria, obtivemos resultados importantes nesta pesquisa, os quais pretendemos concluir, provisoriamente, neste momento.

Privilegiamos nas leituras a concepção de Educação Infantil e, observando os diálogos, concluimos que a concepção assistencialista e preparatória observadas nas escolas municipais de Jandira não se diferencia das pesquisas de Azevedo e Pacheco (2001), que mencionamos no início do Capítulo 3. Na realidade nosso

trabalho reafirma as pesquisas do campo e a necessidade de considerar que educação infantil não é apenas socialização, é também aprendizado; não é somente o bem-estar da criança, mas também o seu desenvolvimento integral; não é preparar para a alfabetização, é somar ao seu conhecimento de mundo as linguagens da sociedade; não é dar educação à criança, é garantir seu direito tardio pela legislação nacional. Desde a Constituição Federal de 1988 é de direito da criança a sua educação, mas há muito a ser feito para sua garantia. Frisamos que a principal função das escolas de Educação Infantil é promover a infância, explorando suas potencialidades, considerando o processo de aprendizagem que estão vivendo, aliando o cuidar à proposta pedagógica.

Quanto à formação docente, mais especificamente continuada, percebemos que há uma necessidade de “reflexão e compreensão” entre todos os profissionais da rede municipal de educação (professores, formadores, gestores e demais profissionais de apoio) sobre a real proposta da formação continuada, irrestrita às ações da Secretaria de Educação e, a “valorização e estímulo” aos professores de buscarem por esse processo formativo, a fim de que realmente consigam refletir e modificar a sua prática. Reconhecemos que a busca docente por mais qualificação tem crescido, no entanto é preciso considerar a questão de que não estão procurando na área específica, neste caso, em Educação Infantil. O que nos comprova isso é o fato da grande procura por especializações de psicopedagogia e pela minoria de programas específicos para a Educação Infantil, isso nos remete a confirmarmos a hipótese de que os professores desta etapa de ensino apresentam maior dificuldade em se atualizar especificamente na área, ficando, sim, à mercê do senso comum.

O desenvolvimento contínuo na carreira docente pode ser garantido com a ligação da formação inicial à formação continuada, focando a prática no sentido de proporcionar reflexão-crítica da prática, considerando o contexto social e histórico, estimulando a pesquisa e favorecendo a relação teoria/prática. Esta pesquisa confirma a necessidade de uma tendência mais crítica da formação continuada, contextualizando e relacionando à realidade, experiências e conhecimentos dos professores, conforme referenciamos no primeiro capítulo às pesquisas de Azevedo; Pacheco (2001) e Brzezinski; Garrido (2001).

A consideração da especificidade da Educação Infantil, no processo de formação continuada, foi uma questão que destacamos no início do trabalho e nos norteou durante toda pesquisa. Atentamo-nos a esta questão, pois consideramos uma das chaves para o reconhecimento de que a primeira etapa da educação básica tem o seu papel fundamental e particular na educação, e o professor que atua nela precisa conhecer o seu verdadeiro papel nesse processo. No entanto, foi possível identificar nas entrevistas que as professoras apresentam dificuldades de relacionar as propostas da Educação Infantil aos seus planejamentos e rotinas com as crianças. Todavia, as especificidades pré-escolares, como pudemos observar, não foram consideradas nos programas de formação continuada, visto que no Programa “Letra e Vida” o foco era a alfabetização nos primeiros anos do ensino fundamental e o Programa RCNEI, devido ao maior número de profissionais das creches, os professores de pré-escola foram menos privilegiados. Nossa intenção aqui não é desvalorizar os dois programas oferecidos pela SMEJ, com certeza a inclusão das professoras de pré-escola em programas com maior carga horária, principalmente para troca de experiências, foi positiva e, de certo modo, as professoras apontaram seus favorecimentos, mas nosso objetivo é o de contribuir

para a reflexão dos formadores e gestores para melhorar a educação pré-escolar do município.

Não nos cabe aqui generalizar a opinião das professoras, mas aproximar suas afinidades e as contradições entre elas para percebermos o impacto da formação continuada na prática docente. Reforçamos que a pergunta principal desta pesquisa foi: como as professoras percebem, na prática, o impacto da formação continuada? A pergunta não se referiu em verificarmos na prática os impactos, mas o que elas realmente percebiam, por isso a “voz das professoras”, se tornou o nosso objeto de pesquisa. O que concluímos neste momento, é que os dois programas oferecidos pela SMEJ impactaram, na visão das professoras, pouco na prática e, principalmente, não proporcionaram situações efetivas de reflexão-crítica da prática, perceptíveis nas falas das professoras. Essa confirmação foi possível a partir dos dois eixos estruturados (Educação Infantil e Formação Continuada), os quais consolidaram a observação na “voz das professoras” e de certo modo, o que também surgiu nos diálogos com as formadoras dos dois programas e com os gestores da secretaria de educação. A triangulação das entrevistas, privilegiando a fala das professoras, nos permitiu verificar de outros horizontes o que a teoria apontava: inadequações no processo formativo docente sem consideração das especificidades da pré-escola.

Diante disso, na nossa hipótese sustentamos de que maior participação dos professores em programas de formação continuada melhora a prática, contudo em Jandira, essa atitude não tem sido tão valorizada. Há necessidade de se repensar na proposta e no planejamento da formação docente em serviço na educação infantil, observando que incluir as professoras de pré-escola em programas direcionados às outras etapas da educação básica não tem colaborado para lidar

com crianças de 4 e 5 anos de idade. Isso, justamente, confirma outra hipótese desta pesquisa que, devido a minoria de programas específicos na área, as professoras geram expectativas quanto aos programas oferecidos aos demais colegas da rede, independente da contribuição destes às propostas da pré-escola.

Outra hipótese que lançamos no início deste trabalho e confirmamos nas entrevistas foi de que, apesar das críticas, as professoras continuam desejando e apostando na formação continuada. Percebemos que esse momento fora da sua sala de aula é aproveitado principalmente como um espaço de contato com colegas da mesma área para compartilharem das suas experiências e ansiedades, confirmando que falta direcionar estes debates para uma reflexão-crítica da prática gerando modificações e/ou reforçando atuações.

Por fim, a Educação Infantil, sobretudo a formação docente, nunca marcou tanta presença nos debates do tatame educacional brasileiro como nos últimos anos. Finalmente, após séculos, a criança foi amparada legalmente no seu direito à educação e, o profissional que atua com ela – também por lei – teve a exigência de uma formação específica. Assim, espera-se que o professor esteja bem qualificado e disposto a atuar de acordo com as particularidades dessa etapa de ensino para um desenvolvimento integral da criança. Sendo assim, reafirmamos que o nosso objetivo principal com esta pesquisa neste período de consideráveis avanços da educação básica foi de contribuir para a reflexão sobre a formação continuada deste profissional.

## 9. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patrícia Helena Ferreira de. *Formando formadores: uma análise dos programas de formação continuada dos Especialistas em Educação do Município de São Paulo (1989-1996)*. 2005. 187f. Dissertação. (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2005.

ANDI, Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Disponível em: <<http://www.andi.org.br>>. Acesso em: 28 out. 2009.

ANDRADE, Márcia Siqueira de. Rumos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia: análise crítica do surgimento da psicopedagogia na América Latina. *Cad. psicopedag.* São Paulo, v. 3, n. 6, p.70-71, jun. 2004. ISSN 1676-1049.

ANPEd, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em: 28 out. 2009.

ARROYO, Miguel G. Ciclos de Desenvolvimento Humano e Formação de Educadores. *Educação e Sociedade*, n. 68, p.143-162, dez. 1999.

AZEVEDO, Heloisa Helena; PACHECO, Roseli. *Necessidades formativas de profissionais de educação infantil*. In: GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2001.

BASTOS, Maria Helena Camara. Jardim de crianças: o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). In: MONARCHA, Carlos. *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BINZER, Ina von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 6. ed. rev. e bilíngüe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BOEL, Vanessa Rezende; AUGUSTINI, Carmem Lúcia Hernandes. A mulher no discurso jurídico: um passeio pela legislação brasileira. *Revista Horizonte Científico*, UFU, Uberlândia, v.1, n.9, p.1-29, 2008.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

\_\_\_\_\_. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA-SP, 1991.

\_\_\_\_\_. *FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério*. Lei nº 9.424/96, de 24 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. *Lei de regulamentação do Ensino Fundamental de 9 anos*. Lei nº 11.274/06, de 06 de fevereiro de 2006.

\_\_\_\_\_. *Plano Nacional de Educação*. Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Programa de desenvolvimento profissional continuado: Parâmetros em ação – Educação Infantil* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: A Secretaria, 1999.

\_\_\_\_\_. *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF : A Secretaria, 2002.2.ed.

\_\_\_\_\_. *Referenciais para Formação de Professores* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: A Secretaria, 2002.

\_\_\_\_\_. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: A Secretaria, 1998. v.1,2,3.

BRZEZINSKI, Iria; GARRIDO, Elsa. Análise dos trabalhos do GT Formação de Professores: o que revelam as pesquisas do período 1992-1998. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.18, p. 82-100, set./dez. 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). *LDB dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares*. São Paulo: Cortez, 2008.

BUARQUE, Chico. *Os saltimbancos*. Sérgio Bardotti (texto original), Luiz Enriquez Bacalov (música), Ziraldo (ilustrações). 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

BUENO, Sinésio Ferraz. *Semicultura e educação: uma análise crítica da Revista Nova Escola*. In: GT17, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2006.

CAFARDO, Renata. Nível de ensino não é prioridade para os pais: Pesquisa revela que a formação do professor fica em segundo plano. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 2005.

CAMPOS, Maria Malta; FÜLLGRAF, Jodete; WIGGERS, Verena. A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 127, p. 87-128, jan./abr. 2006.

\_\_\_\_\_. *A Educação Infantil frente a seus desafios*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p.1-14, maio 2009.

\_\_\_\_\_. *Educação Infantil*. 2006. Disponível em: <<http://www.idis.org.br>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

CERISARA, Ana Beatriz. *Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. A produção acadêmica na área da educação infantil com base na análise de pareceres sobre o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil: Primeiras aproximações. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (Org.). *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

DORIGO, Maria Helena Giroto; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura do. A concepção histórica sobre as crianças pequenas: subsídios para pensar o futuro. *Educere et Educare*, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 15-32, jan./jun.2007.



DRUON, Maurice. *O menino do dedo verde*. 82. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (Org.). *Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

FERNANDES, Sonia Cristina Lima. *Grupo de Formação – análise de um processo de formação em serviço sob a perspectiva dos professores da educação infantil*. In: GT07 – Educação de crianças de 0 a 6 anos. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, Paulo. *Novos tempos, velhos problemas*. In: SERBINO, Raquel Volpato (Orgs.). [et al.]. *Formação de Professores*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. – (Seminários e debates).

FUSARI, José Cerchi. Avaliação de modalidades convencionais e alternativas de educação contínua de educadores: preocupações a serem consideradas. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JR., C. A. (Org.). *Formação educacional*. São Paulo: UNESP, 1999, p. 221-224.

GATTI, Bernardete Angelina. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

\_\_\_\_\_.; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.

FIorentini, Dario; SOUZA JR., Arlindo José de; MELO, Gilberto Francisco Alves de. *Saberes docentes: um desafio para acadêmicos e práticos*. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolla; FIorentini, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (Org.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

FOTOSEARCH. Foto 20. Disponível em: <<http://www.fotosearch.com.br/UNX178/u19438414/>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

FUNDEB - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais da Educação. *Fundeb pra valer*. Disponível em: <<http://www.campanhaeducacao.org.br/fundebpravalor/>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais* – Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GOMES, Heloísa S. R.; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; BRANDINI, Regina Célia de Almeida. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília, DF: Líber Livro, 2006.

GOMES, Marineide de Oliveira. *Formação de professores na educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira *Estatísticas dos professores no Brasil*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 3 ago. 2009.

JANDIRA (Município). Secretaria de Educação Municipal. Edital de Concurso Público – PMJ 001/2003.

JANDIRA (Município). Secretaria de Educação Municipal. Plano Decenal da Educação do Município de Jandira/SP 2008-2018. Itu, SP: Ottoni Editora, 2008.

JANDIRA (Município). Prefeitura Municipal de. Disponível em: <<http://www.jandira.sp.gov.br>>. Acesso em: 24 out. 2009.

JARDILINO, José Rubens L. *Lutero & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KAPPEL, Maria Dolores Bombardelli; CARVALHO, Maria Cristina; KRAMER, Sonia. Perfil das crianças de 0 a 6 anos que freqüentam creches, pré-escolas e escolas: uma análise dos resultados da Pesquisa sobre Padrões de Vida/IBGE. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.16, p. 35-47, jan./abr. 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)*. São Paulo: Loyola, 1988.

\_\_\_\_\_. *Encontros e desencontros na formação dos profissionais de educação infantil*. In: MACHADO, Maria Lúcia de A (Org.). *Encontros e desencontros em Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.

KRAMER, Sonia; ABRAMOVAY, Miriam. Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, p.103-107, fev.1985.

\_\_\_\_\_.; LEITE, Maria Isabel F. Ferreira; NUNES, Maria Fernanda (Org.). *Infância e Educação Infantil*. Campinas: Papyrus, 1999.

\_\_\_\_\_. *Profissionais de Educação Infantil: Gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso*. São Paulo: Editora Ática, 2006b.

KUHLMANN JR., Moysés. História da educação infantil brasileira. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.14, p. 5-18, maio/ago. 2000.

\_\_\_\_\_. *Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica*. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. Formação de profissionais em educação infantil: Pedagogia x Normal Superior. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). *Encontros e desencontros em Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.

LUTERO, Martim. *Educação e reforma*. Porto Alegre: Concórdia, 2000.

MACHADO, Maria Lucia de A. Criança pequena, educação infantil e formação dos profissionais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, p. 85-98, 1999.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Encontros e desencontros em Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Multiculturalismo crítico*. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000. v. 3.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da praça: o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MARTINS, Ângela Maria. Uma análise da municipalização do ensino no estado de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 120, p.221-238, nov.2003.

MARTINS, Raphael Gióia. Disponível em: <<http://www.reverendoorlando.blogspot.com/2009/09/meupai.html>>. Acesso em: 29 out. 2009.

MOVIMENTO DE INTERFORUNS DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL. *Educação Infantil - Construindo o presente*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2002. Disponível em: <<http://www.mieib.org.br>>. Acesso em: 29 out. 2009.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. *Textos básicos de educação pré-escolar*. São Paulo: Ática, 1990.

NOSELLA, Paolo. *A formação do educador e do professor – esboço histórico*. In: JARDILINO, José Rubens Lima; NOSELLA, Paolo (Org.). *Os professores não erram – ensaios de história e teoria sobre a profissão de mestre*. São Paulo: Terras do Sonhar/Edições Pulsar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Antonio Gramsci para os educadores*. São Paulo: Uninove/UFScar, 2008.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINEZ, Cláudia Maria Simões; PALHARES, Marina Silveira. *A Educação Infantil – uma questão para o debate*. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (Org.). *Educação Infantil pós-LDB – rumos e desafios*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

OMEP - Organização Mundial para a Educação Pré-escolar. Disponível em: <<http://www.omep.org.br>>. Acesso em: 28 out. 2009.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. *Formação de professores – Pesquisas, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEREIRA, Nicanor. *Jandira – favo de mel: poesias, crônicas, relatos*. Itu, São Paulo: Ottoni Editora, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Saberes pedagógicos e atividades docentes*. São Paulo: Cortez, 1999.

PRADO, Waldomiro da Silva. *Jandira: Memória de uma cidade*. São Paulo: Empresa das Artes, Projetos e Edições Artísticas, 1991.

REHDER, Maria. *Educação: 1ª infância é esquecida*. *Jornal da Tarde*, 8 nov. 2006.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ROCHA, Alexandre Souza da. *Objetos, atos e situações no morar na periferia da metrópole – momentos e implicações*. 2007. 210f. Tese. (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SANTOS, Helvezier Ribeiro dos. *A formação continuada do professor de educação infantil: um estudo dos cursos de formação por SME e FABES no município de São Paulo*. 2005. 138f. Dissertação. (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2005.

SANTOS, Rúbia Duarte dos. *Formação Continuada dos professores da Educação Infantil: Análise da produção de teses e dissertações na Região Sudeste (1996-2004)*. 2008. 123f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2008.

SAVIANI, D. et al. (Org.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Maria Cecília Braz Ribeiro de. *A concepção de criança para o enfoque histórico-cultural*. Tese. (Doutorado) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2007.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda R. de, PRANDINI, Regina C. de A. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. 2. ed. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. Disponível em: <<http://www.undime.org.br>>. Acesso em: 28 out.2009.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. Disponível em: <<http://www.unicef.org.br>>. Acesso em: 28 out. 2009.

VELOSO, Caetano. Minha voz, minha vida. Intérprete: Gal Costa. In: *Gal Revisitada de Domingo 1967 a Minha Voz 1982*. Rio de Janeiro: Universal Music Brasil. Publicado em 2003. 1CD. Faixa 1.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em: 1.mar.2010.

## APÊNDICE

### A HISTÓRIA DE JANDIRA: O ESPAÇO GEOGRÁFICO DESTA PESQUISA



23. Foto da primeira estação ferroviária de Jandira, da antiga Estrada de Ferro Sorocabana, com vagão de trem que funcionava como bilheteria – Década de 1920. (PEREIRA, 2007, p. 28).

[...] Jandira, a mais linda e gloriosa,  
Deste imenso e querido Brasil,  
Tua gente que é mui laboriosa,  
Tem, no peito, um vigor varonil.

[...]

À frente, o Senhor, a guardar,  
Com Sua alerta sentinela;  
E, poderoso, a comandar  
Esta urbe mais rica e mais bela.

Nos jovens, repousa a esperança  
Que os pais ousaram sonhar.  
Que sejam as nossas crianças,  
O futuro deste lugar.

Operário e homem de empresa,  
Unidos no mesmo ideal,  
A lutar, com toda firmeza,  
Co'alegria e paz perenal.

[...]

Nota: estes versos, sob a forma de hino a Jandira, fizeram parte do concurso UM HINO PARA JANDIRA – Dez. 2005. (PEREIRA, 2007, p. 49-50).





24. Capa do livro *Jandira – Memória de uma cidade* – Década de 1940. (PRADO, 1991, capa).

Por essas palavras podemos imaginar o cenário visto em nosso campo de pesquisa. Até os anos de 1970, Jandira era uma cidade rural com poucas indústrias, com pessoas vindas de outras regiões de São Paulo que buscavam ali um lugar para o progresso do seu negócio, de escassos recursos. Dessa forma foi criada a Associação Industrial de Jandira, a fim de não só fazer benfeitorias às indústrias, mas a todo povo jandirense, que passando por histórias e lendas, pode ser chamada hoje de cidade industrializada. Destacamos que o maior material histórico da cidade foi organizado por um membro primário dessa associação.

JANDIRA – Etimologia: A palavra Jandira significa em Tupi abelha melífera, pois acreditamos que, possivelmente, seja Jandira corruptela de Jandaíra (do Tupi Yandaíra). S. F. Bras. Espécie de Abelha de mel, segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. (PRADO, 1991, p. 13).

[...] o nome da estação ferroviária de Jandira, gentileza da Diretoria da Estrada de Ferro Sorocabana a Henrique Sammartino, em agradecimento à boa vontade de Sammartino em doar àquela estatal uma área de terras para a construção do desvio ferroviário [...] Sammartino, por sua vez, sugeriu o nome de sua sobrinha, daí o doce nome JANDIRA. (PEREIRA, 2007, p. 58).

A história de Jandira é totalmente ligada ao imigrante italiano, Henrique Sammartino, chegado em São Paulo em 1889 nos acontecimentos da recém-proclamação da República. Reconstruindo sua vida e família no comércio do centro paulistano, adquiriu em 1912 uma área de terras no km. 32 da Estrada de Ferro Sorocabana – *Sítio das Palmeiras* (nome dado por ele diante da sua vista), dedicando-se ao plantio de árvores frutíferas e à pecuária, criando mais tarde uma fábrica de doce de leite. Colonos foram chegando e construindo novas casas no sítio. Com o falecimento de sua esposa, Dona Conceição Desidério Sammartino, em 1943, Henrique começou a doar lotes de terra destinados à “construção do grupo escolar, do posto de polícia, do posto de puericultura, de uma igreja católica” e a vender outros lotes facilitados desencadeando a “formação e desenvolvimento de uma cidade” (PRADO, 1991, p.21).

Jandira foi crescendo rapidamente, primeiro com o abastecimento de carvão das locomotivas, sendo instalada em 1925 oficialmente a parada de trens no km. 32 pela Estação de Ferro Sorocabana e segundo, pela construção do Trevo Jandira, que ligava a tão sonhada rota viária, levando em 1973 à rodovia Castelo Branco. Essa obra acelerou o desenvolvimento do Parque Industrial. O crescimento desordenado já era percebido nos anos 40 do século passado; Prado (1999) descreve que, de acordo com registros de 1950, a cidade tinha uma população de 1.475 habitantes; no início da década de 1970 o número subiu para mais de 16.000; em 2008, segundo fonte SEADE/IBGE<sup>41</sup>, o registro foi de 120.358 habitantes.

---

<sup>41</sup> Informação declarada no documento Proposta de Plano Decenal Municipal de Educação de Jandira (2008).



25. Foto da vista aérea parcial da zona industrial – anos 1970 (PRADO, 1991, p. 88).

Durante esse período de desenvolvimento da cidade alguns momentos foram importantes para os munícipes jandirenses, como a instalação do posto de telégrafo em 1931; a chegada da energia elétrica lentamente, a partir de 1948, tendo somente em 1956 a energia elétrica pública. Em 1949, devido ao crescimento populacional acelerado, Cotia cedeu uma subprefeitura na cidade; a primeira indústria, o grande Frigorífico de Jandira, por volta de 1960, que foi a alavanca para a industrialização no município e na época empregou mais de 300 pessoas da região. O primeiro posto telefônico foi inaugurado em 1972, e, esses progressos são percebidos nas falas de jandirenses que presenciaram esses acontecimentos. Na conversa com Soldé (2009) que, além de lamentar a diminuição do território jandirense em mais de dois quilômetros quadrados, fez críticas aos políticos que escolhem nomes de pessoas que não foram importantes para o desenvolvimento do município e que perdem dados históricos cada vez que prefeito novo assume, modificar nomes e dados de inaugurações. Alguns trechos dessa conversa demonstram esse percurso de progresso:

[...] muito do desenvolvimento da cidade coube ao Instituto JMC [...] aqui não tinha energia elétrica [...] eles tinham um motor que era do colégio e... você faz um favor pra uma ou duas pessoas, você vai... todo mundo acha que tem direito também e ele foi cedendo, cedendo energia elétrica até que estourou o motor. [...] eu fui um deles que precisou da energia elétrica e eles cederam, eu puxei duas lâmpadas. Daí o Sammartino conseguiu [...] a extensão da energia elétrica de Barueri até Jandira [...] com a energia elétrica houve transformação. Telefone foi a mesma coisa. Ginásio, colégio, bancos, dois bancos... o primeiro banco foi o Bradesco no fim do meu mandato, 73, onde está até hoje [...] o segundo foi o Banco Itaú. [...] O Paço Municipal de Jandira e o Fórum, foi eu e o Boanerges Ribeiro, que ajudou, que era presidente do Mackenzie, foi um dos pastores da nossa Igreja Presbiteriana JMC [...] De escola eu acho que hoje a gente está bem, cresceu muito [...] agora nós temos a faculdade FACEQ<sup>42</sup>, inclusive aquele prédio que ela está, ali foi a primeira indústria, que depois que eu consegui o trevo da Castelo de acesso pra Jandira com o governador [...] essa indústria era do Geraldo Jafer, concunhado do Maluf [...] depois vieram outras nessa parte. (Informação verbal do ex-prefeito Clécio Soldé, em 21 out. 2009).

Um dos fatos de destaque ocorreu na década de 1950, com a organização de uma comissão denominada União Pró-Jandira, com o objetivo de lutar pela emancipação do município, pertencente nessa época à Cotia, cujas terras eram disputadas também por Barueri e Itapevi, efeito que se concretizou somente com um plebiscito realizado em 8 de dezembro de 1963, no Instituto José Manoel da Conceição, garantindo vitória – enfatizamos aqui, a luta pela democracia como um princípio protestante – e, essa instituição possuía uma relevante importância política na cidade. No diálogo que tivemos com um dos principais representantes desse movimento, Sr. Clécio Soldé (2009) nos contou sobre esses dias de conquista:

[...] era para fazer numa escola que tinha na praça [...] dias antes do plebiscito caiu um temporal muito forte e nós conseguimos com a ajuda do pessoal salvar tudo e nós levamos lá pro colégio, que foi feito então a votação de emancipação de Jandira [...] (Informação verbal do ex-prefeito Clécio Soldé, em 21 out. 2009).

---

<sup>42</sup> FACEQ – Faculdade Eça de Queiroz, inaugurada em 2006.



26 e 27. Plebiscito em 8 de dezembro de 1963 no Instituto J.M.C., mais precisamente prédio Harper (PEREIRA, 2007, p. 57).

Em consequência da Revolução de 64, Jandira aguardou um ano mais para que seu primeiro prefeito Oswaldo Sammartino (filho do pioneiro imigrante italiano) assumisse, através do voto público. Consta em registro que no ano em que tomou posse, havia 1.285 crianças em idade escolar e apenas 827 frequentavam a escola, sendo construída para tanto uma escola estadual. Com essas conquistas, o desenvolvimento continuou na cidade, chegando a partir de 1976 também a água encanada sendo concluída a canalização apenas em 1983. A ampliação de comércios e indústrias na cidade foi responsável pelo aumentando acelerado da urbanização.

Frase – Lema da cidade: “Se o Senhor não guardar esta cidade, em vão vigiará a sentinela”. O brasão foi instituído em 1967, com o significado: “O brasão possui formato redondo peninsular evoca o passado da cidade. O primeiro campo de goles (azul) é o símbolo da intrepidez, das grandes conquistas e da disposição do povo de Jandira para o trabalho construtivo. A abelha e a colmeia, ambas de ouro, no primeiro campo de goles (azul), são a lembrança da origem brasílica do nome do município que quer dizer, abelha de mel ou melífera. No segundo campo, do mesmo esmalte, uma polia de ouro simboliza a indústria, que deu grande impulso ao progresso da cidade. No terceiro campo, de sinople (verde), está simbolizada a esperança, a riqueza do solo fértil do município, no qual grande parte de seus habitantes desenvolviam suas atividades agropecuárias. A faixa de prata ondulada, é o símbolo do rio Barueri-mirim, afluente do lendário rio Tietê, que foi a estrada líquida que levou em seu dorso os batelões de bandeiras ou monções com os bandeirantes, que fixaram no mapa da



América a fisionomia geográfica do Brasil. A coroa mural de prata é o símbolo do município. De modo geral no Brasil esta peça vem desenhada com uma torre e duas ameias. O escudete da coroa mural está colocado sobre a parte principal da coroa mural. (Disponível em: < [www.jandira.sp.gov.br](http://www.jandira.sp.gov.br) >. Acesso: 24 out. 2009).

28. Brasão da Cidade de Jandira (Foto retirada do *site* oficial da Prefeitura Municipal de Jandira. Acesso em: 24 out.2009).

Apenas em 2005 foi instituído, por concurso, o Hino Municipal de Jandira, oficializado pela Lei municipal nº 1.559, de 17 de abril de 2006.

#### HINO DO MUNICÍPIO DE JANDIRA

Letra por Miro Bastos e melodia por Miro Bastos e Adairson José da Silva

Oh Deus, salve a nossa cidade  
Jandira de um povo feliz  
És a estrela mais linda  
No coração do Brasil

Cidade de Sonhos e contos  
Terra de encantos mil  
És um pedaço do mundo  
No coração do Brasil

Oh Deus, guarde a nossa juventude  
Que a bandeira empunha e faz  
Que seja doce a nossa esperança  
Predomine o amor e a paz

Se o Senhor não guardar esta cidade  
Em vão vigiará a sentinela  
Se o Senhor não guardar esta cidade  
Em vão vigiará a sentinela

Jandira de tantos caminhos  
Que em favo de mel despertou  
Tens na figueira uma história  
Bandeirantes aqui descansou

És tão bela, oh minha Jandira  
És colo de mãe, pátria, amor  
Cortada a veia de um rio  
És calma, és forte, és flor  
És calma, és forte, és flor

Oh Deus, guarde a mão do trabalho  
Que na terra plantou e se fez  
Do progresso tão grande beleza  
Deslumbrante obra da natureza

Deslumbrante obra da natureza  
Deslumbrante obra da natureza

([www.jandira.sp.gov.br](http://www.jandira.sp.gov.br). Acesso: 24 out. 2009).



29. Vista parcial do centro do município de Jandira – cartão-postal de lembrança do 36º aniversário da cidade, em 8 dez. 1999. (Cartão cedido pelo ex-prefeito, Sr. Clécio Soldé – out. 2009).

## **ANEXO I. Entrevistas Complementares para a Pesquisa**

### **I. Professora Leda Santos (Formadora do Programa de Formação RCNEI, Secretária do FUNDEB e do Conselho Municipal de Educação).**

#### **a) Dia 24 de março de 2009 – 1ª Entrevista.**



#### **Como você veio a se formar e atuar como professora?**

Era um sonho desde criança, eu falava que ia ser professora! Quando eu cresci mudei um pouco de ideia, mas logo voltei para a ideia original. Na época que eu me formei, fiquei sem muita perspectiva de trabalho, mas aí quando surgiu um trabalho, surgiu logo dois. Numa semana comecei a trabalhar no Estado como eventual e uma semana depois fui chamada para trabalhar na Prefeitura. Achei que ia ficar em um só, mas as aulas foram se estendendo e estou até hoje.

#### **Você poderia nos contar um pouco da sua trajetória na Educação?**

Comecei como professora, trabalhei mais de 10 anos em sala de aula. Fui mudar de cargo só depois que fui efetivada em 1990, assumindo um cargo de coordenadora, mas eu sempre gostei muito da sala de aula. Eu acho que a sala de aula é onde você realmente investe e cumpre seu papel. Eu fui vice-diretora de escola, fui também diretora, mas fiquei pouco tempo, uns seis meses no máximo. Fui coordenadora da educação infantil na SME e supervisora de ensino.

#### **Como você definiria a educação infantil?**

É a base, o começo de tudo. É onde você tem que investir, porque a criança desde pequenininha ela consegue aprender e principalmente usando o lúdico você consegue ensinar muita coisa. É também uma fase que eles estão muito abertos para aprender, não para aceitar, mas para conhecer. É um momento ideal de você trabalhar com a criança.

#### **Você poderia nos relatar sobre o início da pré-escola em Jandira?**

A pré-escola iniciou em 83. Foi quando o prefeito estava assumindo naquela época, que era o Roberto Piteri, ele era professor, então ele fez a pré-escola existir. A pré-escola funcionava de uma maneira bem precária, nós não tínhamos estrutura nenhuma. Tínhamos os alunos e mais nada. As salas de aulas eram montadas até em estabelecimentos comerciais. No Fátima, tinha uma sala de aula que funcionava num salão alugado. Então ele foi criando esses núcleos nessa época, isso foi favorecendo a criação de mais, foi crescendo. No início tinham postos de pré-escola. Com o tempo foi percebendo que tinha a demanda de crianças, elas começavam a surgir, e começou a implantar nas escolas, junto com o ensino fundamental. Procuravam uma sala para montar a pré-escola, não sei se



poderia ser chamado de departamento da educação, mas existia uma pessoa responsável e qualquer problema que você tivesse, você procurava essa pessoa. A nossa escola não tinha telefone, nós tínhamos que ir ao orelhão deixava os alunos ali para ir telefonar, se precisasse socorrer ele vinha com o carro dele. Não tinha estrutura.

**Quem eram os profissionais que atuavam na pré-escola e se houveram, quais foram as alterações desses até hoje?**

Uma coisa que foi interessante foi que desde o início foram colocados professores, pessoas que tinham o Magistério na época, ainda não se falava em Pedagogia. Eu acredito que isso foi um diferencial, ele teve uma visão de pegar pessoas com formação, ao invés de uma pessoa que não tivesse para colocar lá. Com o tempo foram surgindo os monitores, estes sim não tinham Magistério, mas tinham formação de 1º grau para auxiliar.

**Poderia nos contar sobre as alterações, adaptações, desenvolvimento, crescimento e momentos importantes para a pré-escola no decorrer dos anos?**

Os professores mesmos traziam as atividades, a gente ia atrás, procurava, organizava reuniões numa salinha de escola e ali trocávamos idéia. A partir dessa troca que nós programávamos as atividades, cada um trazia sua contribuição, tanto que a pessoa que cuidava disso não era da área da educação, ele só tomava conta. Os professores eram contratados, o primeiro concurso que houve foi em 1990, sete anos depois. O primeiro concurso que estimulou que o professor tivesse formação universitária foi em 1997, que foi quando houve a municipalização, já havia a LDB e nos outros começou a exigir o curso superior. O início da pré-escola foi muito importante, pois foi a semente para germinar o que temos hoje. O concurso de 90 também foi importante, porque as pessoas tiveram acesso e até as pessoas de outro município vieram prestar concurso aqui. Outro momento importante que eu não sei se trouxe benefício ou prejuízo foi à municipalização em 1997. Aconteceu que os professores que trabalham só na educação infantil foram convidados a ir para o fundamental, e eles foram e acabaram deixando a educação infantil, tendo uma perda, pois esses profissionais que já estavam há muito tempo, tinham experiência, deixaram de atuar na educação infantil para ir pro fundamental. Mas depois vieram outros que trouxeram coisas novas.

**Existem parcerias com instituições particulares ou ONG (Organizações Não Governamentais) para atendimento das crianças em idade pré-escolar?**

Existe parcerias com entidades e ONGs. Escolas particulares não. Acredito, não ao certo, que umas quinhentas crianças hoje são atendidas por essas entidades. Ainda não temos escolas em todos os bairros de Jandira. Nunca foi construída escola para a pré-escola, elas foram mais adaptadas. Eram prédios que já existiam e foram adaptados e até hoje existem salas de pré que funcionam junto com o fundamental.

**Houve alterações na administração da educação pré-escolar no município, tal como investimento na área?**

Eu acredito que sim, mudou muito desde o início, hoje temos uma secretaria, na qual já foi um departamento. Apesar de não ter total autonomia sobre os recursos, mas hoje temos uma secretaria, estrutura, coordenadores, supervisores, centro de referência... Pessoas preparadas para dar suporte pedagógico tem também uma equipe de manutenção das escolas que antes não existia, então crescemos. Houve mudanças e melhoramos muito.

**E alterações quanto as etapas da educação básica nas mesmas escolas (ex.: creche e pré-escola, junto com ensino fundamental...) e os motivos que levaram a estas alterações?**

Já existiram salas de pré-escola junto com creches, hoje não. As creches estão separadas. Isso foi antes da LDB, pois as crianças elas ficavam na creche e ali mesmo eram atendidas na pré-escola.

**Sobre o início da formação continuada para os professores de pré-escola, seria possível você também nos relatar?**

No início as formações eram muito esporádicas. Geralmente contratavam-se empresas de fora, que vinham e davam a formação. Só que, o espaço entre elas eram muito grande. Era uma coisa individual de cada professor que ai aplicar ou não, não tinha uma cobrança. Com o tempo, com o surgimento dessa estrutura a formação passou a ter uma cobrança para se aplicar na sala de aula. Mas ainda é necessário de mais formações, ainda deixa a desejar. Pois o FUNDEF, não nos dava verba, e o que acontecia em Jandira? Tínhamos que ficar com o que sobrava do fundamental, pois era tudo preparado para eles e o que sobrava colocava-se na educação infantil, na pré-escola. Nós ficávamos sempre com o mínimo. Agora, com o FUNDEB, aí sim, eu acredito que isso vai melhorar positivamente, mas ainda está bem no início.

**Como você resumiria a educação infantil em Jandira vendo-a de quando começou até os dias atuais?**

Ela mudou muito do surgimento, aumentou bem o número de alunos atendidos, nós temos mais profissionais com formação de ensino superior por conta da LDB, os professores foram atrás, estudaram, já está se pensando mais na questão de formação, tem pessoas que dão suporte para os professores que estão em sala de aula... Tem ainda muito problema de carga horária, por ainda ser de três horas. Desde que eu entrei em 83 que se fala em mudar, mas não se consegui, porque não se constrói.

**O quê você entende por formação continuada?**

Entendo que são formações que aconteçam periodicamente, leve em consideração a necessidade do professor em sala de aula. Não preparar a formação só dentro do gabinete, mas saber o que está acontecendo lá na escola, e ser como a própria palavra diz: Continuada. Não adianta dar agora e daqui três anos dar outra, é preciso ter um espaço pequeno entre elas e ter acompanhamento.

**O quê para você seria um bom programa de formação continuada?**

Um bom programa de formação continuada tem que ter uma carga horária não muito longa nem muito curta, para não acabar se perdendo. Tem que ter a parte de oficinas, que esteja previsto trabalhos que os professores façam por conta da formação e pessoas preparadas, que realmente tenham a ver com aquele segmento. Às vezes pessoas que não entendem, vem falar com os professores e fica complicado.

**Quanto formadora pela SME de Jandira, qual a sua percepção dos momentos de formação oferecidos frente à realidade na escola vivenciada pelos professores?**

Eu acho que essa formação ainda fica perdida. Nós só conseguimos trazer quem quer fazer essa formação, não todos. Em Jandira nós não conseguimos fazer essa formação para

todos. Só dá para quem quer, quem tem tempo, quem consegue adequar sua carga horária, a maioria dos professores trabalham em dois empregos e não consegue adequar. Quando você faz no horário de trabalho, você deixa o aluno.

**Especificamente do programa do RCNEI, você poderia comentar sobre seu surgimento, a proposta, o preparo e o programa oferecido aos monitores e professores de educação infantil?**

O RCNEI surgiu da idéia da Marli Marques Lobato, ela era chefe do departamento de educação infantil na época, e viu a necessidade de se ter uma formação. Nós começamos a procurar material, livros, internet e nós não tivemos informação em lugar algum para dar essa formação. Nós mesmas que fizemos esse material e a proposta e apresentamos para o secretário da Educação da época, o Professor Paulo Cubaquini, ele viu, fez previsão de gastos... para ter uma idéia nós pensamos nisso em abril e conseguimos colocar em prática em agosto, pra você ter uma idéia como foi complicado. A proposta era preparar os professores e monitores para trabalhar com os referenciais curriculares que existe, pois muitos nem sabiam que existia. Muitos que estavam ali na formação nem conheciam os Referenciais Curriculares e nós usamos este material como base da proposta. Era uma referência que precisávamos ter, vendo essa necessidade nós preparamos todo material com base nele. A formação foi dividida em módulos, cada um tratava de uma área: Artes, Linguagem Oral e Escrita, Música, Movimento... Esses módulos seguiam uma programação de atividades para desenvolver com os alunos. A carga horária inicial era de 120 horas, só que por questão de local, em que as pessoas consideravam de difícil acesso, houve problemas de pessoas que começaram a faltar, a desistir e nós precisamos mudar essa carga horária.

**Como foi a escolha e o preparo dos formadores para esta formação? Vocês tinham clareza dos objetivos da SME?**

Os formadores na época foram escolhidos pela Marli, levando em consideração a experiência, porque eu tinha mais experiência com a pré-escola e a Vera Baraúna mais com creche. A proposta era que fizéssemos todo o programa juntas, o que foi pra mim um aprendizado, pois eu particularmente no início tive dificuldade, pois estava acostumada a fazer formação sozinha. Foi uma experiência gratificante. O objetivo da Secretaria, principalmente por parte do Secretário, era frisado que tivesse bastante impacto na rede, que houvesse mudança no comportamento dos profissionais em sala de aula, esse era o objetivo. Em algumas escolas que visitamos, nós percebemos esse resultado, mas de forma isolada e daquelas pessoas que realmente participavam. As turmas eram divididas em monitores e professores separados. Só que, por conta do horário teve turma que ficou com mais monitores e outras com mais professores, e outra turma para os coordenadores pedagógicos de creches e pré-escolas, para que passassem ao grupo, no entanto eles não foram convidados e sim convocados a participar.

**Durante o percurso do programa além dessas alterações e adaptações que comentou, tiveram mais algumas sobre a proposta? Poderia nos especificá-las?**

Sim, porque inclusive no meio disso eu acabei saindo dessa formação, desse cargo que eu ocupava e passei a ser supervisora, com isso foi necessário colocar outra pessoa, que no caso foi a Lúcia, da Casa do Professor. Depois eles fizeram mais alterações a partir da sua entrada, que acabou convidando outras pessoas da Casa do Professor e da AISE, aumentou o número de formadores. O que era uma ou duas pessoas formadoras, passou

para cinco ou seis na turma. Alterações no formato do curso e até no local, passando a ser na Secretaria da Educação que era mais próximo, aceitando o pedido dos alunos. A Casa do Professor mudou a dinâmica, dando sempre em dupla.

**Como você percebeu o aceitação e a participação dos professores de pré-escola para essa formação?**

Infelizmente, acredito por os professores na grande maioria ter dois empregos, eles não participaram muito, foi mais os monitores de creche, alguns que até estavam no início acabaram desistindo.

**Foi possível perceber impactos na prática desses professores participantes diante dos seus discursos e atividades propostas?**

Em conversas que tínhamos com eles, nós sentimos. As pessoas que foram, realmente ficaram, assistiram e essas pessoas mudaram. Deram até depoimentos que estavam aprendendo com o curso, tanto que nós conseguimos chegar até o final, teve até formatura para entrega dos certificados e eles até colocaram essa questão que foi válido, mas acredito que o impacto não foi em grupo, foi mais individual.

**Na visão de formadora, quais os resultados obtidos com essa formação de acordo com a proposta da SME?**

De acordo com a proposta da Secretaria foram poucos, pois como eu disse, eles queriam um impacto na rede, e infelizmente, não conseguimos por conta do numero de pessoas. Foram impactos isolados, que havia sim pessoas interessadas em melhorar sua prática em sala de aula.

**Poderia nos citar os pontos positivos do programa RCNEI?**

Eu acho que foi percebida a necessidade de formação para todos, eles perceberam que precisam de um programa de formação continuada, não só pelo certificado, mas que é importante aprender, conhecer coisas novas. Abriu a cabeça deles de procurar e até de cobrar da Secretaria, o que facilita, pois eles mesmos cobram e não ficam só esperando.

**E os pontos negativos?**

Infelizmente! Um dos pontos negativos foi de não conseguir atingir nosso objetivo que era atingir a rede, outro eu acredito que foi a quebra por saída de pessoas. O curso dos coordenadores, infelizmente não finalizou, ficaram com a carga horária bem menor, não participaram até o final. Os monitores continuaram e eles não puderam e assim deixaram de acompanhar um pouco o que era passado.

**Por fim, você acredita que a formação continuada possa contribuir para a atuação docente?**

Eu acredito que sim, tem que despertar, pois eu acredito que seja bem individual. Talvez não consiga com o grupo todo, mas individualmente você consegue. Na Educação não se consegue tudo ao mesmo tempo, você vai trabalhando aquela pessoa para que ela descubra que precisa ir atrás. Isso já é um grande sucesso. Ela não precisa esperar tudo chegar... A formação mostra para as pessoas que a Secretaria, as pessoas que trabalham lá se preocupam em melhorar seu trabalho.

## **b) Dia 09 de junho de 2009 – 2ª Entrevista.**

### **Observando todo esse material histórico de Jandira, você poderia nos contar sobre essa primeira escola infantil, anterior a 1983?**

Sim, antes de 83 tinha uma escola chamada Raphael Gioia Martins, que atendia toda a cidade de Jandira e nessa escola tinha uma professora que chamava Anette Fontoura, que desenvolvia esse trabalho educativo com as crianças. Ela era muito dedicada, eu cheguei a presenciar em reuniões do meu irmão, na década de 70. Eu admirava, achava bonito o jeito dela tratar as crianças, era super preocupada com a parte lúdica, o brincar, as crianças naquela época, acredito que vinham pra a escola, porque não tinha tanto mães que trabalhavam fora, eles iam mesmo pra brincar. Eu lembro, quantas vezes eu passava em frente e tinha várias crianças na tela, olhando lá dentro, eu tinha a maior vontade de entrar, eu já era maior e não podia estudar lá, as crianças ficavam vendo as outras brincando. Tinha gira-gira, trepa-trepa, balanças, era um lugar muito gostoso. Como era no centro de Jandira, todo mundo passava e olhava. Era muito procurado, acredito que todos os bairros de Jandira vinham estudar aí. Acabava tendo uns 25 alunos na sala. Ela era mantida pelo município para educação infantil.

### **Já existia creche anterior a essas salas de pré-escola?**

Eu sempre estive aqui em Jandira e não me lembro de ter creche na cidade.

### **Quais foram as primeiras escolas que receberam essas salas de pré-escola em 1983 e professores que permaneceram até hoje?**

As escolas foram a M<sup>a</sup> Cristina Lopes, que fica no Alvorada, e foi cedido um porão, que na época eles não estavam usando e ali foi chamado um núcleo, como era chamado. Existia um convenio com o Movimento da Alfabetização – MOVA, era mais ou menos como um Mobral, e aí montou também no Fátima, foi alugado um salão, tipo salão de comercio e foram colocadas carteiras lá e a professora dava aula. Tinha o palmares, agora Dimas Jordão, que tinha uma estrutura de escola, que antes era estadual, eu acredito que foi cedido para a Prefeitura, que o Estado, tava saindo de lá e deixou a escola. As professoras dessa época que estão até hoje são a Delmira Duca e a Sílvia Mendes, que permanecem até hoje. A Delmira trabalha no Moisés e a Sílvia no Antônio de Oliveira como professoras.

### **O que era ensinado para as crianças naquela época?**

Começou a crescer naquela época, então o que aconteceu... Assim que as mães foram percebendo que tinha pré-escola foram trazendo. Tinha 20, 25 alunos, não era muito mais que isso. Eu me lembro! O que a gente trabalhava era, naquela época tinha a 5692/61, tinha um material que falava que a gente tinha que preparar a criança para a alfabetização. Não era igual hoje que começamos a alfabetizar um pouco antes. Naquela época era preparar, era o período preparatório. Que era trabalhar com coordenação motora, lateralidade, discriminação visual, auditiva, então nós trabalhávamos essas coisas e também tinha a parte de brincadeiras, músicas, só o tempo que era muito curto. Quando a gente começou, começaram as orientações que devíamos trabalhar também a higiene, tinha a questão de escovar dente, merenda, incentivar a criança a ter uma alimentação saudável, complementar, eles comiam na escola e quando chegavam em casa às mães ficavam com eles, falava sobre isso, conversava com as crianças, com os pais em reuniões. Questões de

higiene, sobre problemas de saúde, doenças que a criança poderia ter, piolho, coisa que lembro, que naquela época era um assunto bem crítico, a gente sofreu muito com isso. Tínhamos que orientar muito as mães sobre isso. Naquela época as mães tinham o costume de colocar remédio, aquele remédio muito perigoso na cabeça das crianças, a gente morria de medo de acontecer algum acidente. Ficava muito preocupada com isso e tentava orientar bastante as mães. Uma coisa que infelizmente até hoje perdura é a carga horária, de só 3 horas. Fazer tudo isso era bem complicado. Com o tempo surgiu muita demanda, teve várias coisas, que com o tempo foi caindo fora. Nós fazíamos teste de acuidade visual, fazia, tudo que surgia para favorecer a criança, a gente fazia. Tudo nesse tempo, que era bem apertadinho mesmo. Tinha que ser ágil pra poder dar aula, trabalhar com isso, brincar... Brincar era essencial. Uma coisa séria, porque foram improvisadas as escolas, é que não tínhamos parquinho, não tinha brinquedo nenhum. Eles sofriam, sentiam falta disso. Não tinha estrutura de escola, parquinho, brinquedos e a gente improvisava os brinquedos, levava corda, bola, brincava no espaço que a gente tinha. Era coisa que eles sentiam bastante falta.

### **O quê significa ser educadora em Jandira e ter acompanhado mais de 25 anos da educação no município?**

Me sinto um pouco orgulhosa de ter participado da história, desde o início e por ter existido momentos difíceis, inclusive agora, estamos passando por um período bem complicado, mas eu sempre encarei como um desafio. Tudo pode acontecer, quando eu cheguei na minha sala, eu tinha os alunos e mais nada, não tinha material, não tinha nada e eu encarei como um desafio. Com essas mudanças toda que estão ocorrendo na educação, tem que sempre estar procurando se atualizar... Eu tive que mudar muito. Eu digo que antes eu era insegura, porque as mudanças aconteciam, na minha visão, um pouco mais demorada, agora não, as mudanças acontecem a todo o momento, tem que mudar praticamente todo dia, Eu encaro como um desafio e procuro colaborar. Eu tenho um carinho especial por essa educação de Jandira. Além de ser munícipe aqui, ter nascido aqui, de gostar da cidade, eu gosto da educação de Jandira. Eu tive oportunidade por várias vezes de sair, de fazer concursos em outros lugares, e eu sempre segui meu coração, e não a razão, por isso que até hoje eu estou aqui. Eu já tentei desvencilhar um pouco, mas é difícil, eu não consigo. Então eu sempre estou aí, lutando por essa educação. Essa questão da carga horária, eu sempre briguei, participei dessas lutas do Plano de Carreira, foi uma luta desde 83 e só em 2002 saiu nosso Plano de Carreira. É uma luta, mas não podemos desistir. Eu vou tentando contribuir e aprender.

### **c) Dia 20 de outubro de 2009 - 3ª Entrevista.**

Esclarecimento de algumas dúvidas, inclusive quanto ao tema da municipalização do ensino na rede municipal em Jandira.

### **Professora Leda, você pode falar como foi o processo de municipalização, quando ocorreu e as mudanças que tiveram?**

Iniciou em 97, 98, e seguiu em 98 e de início foi assim meio traumático, porque as pessoas foram pegas meio de surpresa. E aí, a rede passou a ter necessidade de professor para o fundamental. E qual foi a solução encontrada?.. tirar pessoas que trabalhavam na educação

infantil pra atender o fundamental. Só que isso foi feito de uma maneira, como que eu posso dizer, caseira, não foi feito de uma maneira legal, do jeito que deveria ter sido feita. As pessoas que eram concursadas pra educação infantil passaram a trabalhar no ensino fundamental e logo depois 1 ano, 2 depois, houve um concurso pra essas pessoas trabalharem no fundamental. Só que aí o que aconteceu, já havia pessoas que era da educação infantil dando aula pro fundamental. E no fim, eles não planejaram direito e ficaram faltando vagas pra quem fez o concurso no fundamental. E essas pessoas não se conformavam, em ter que assumir salas da educação infantil, sendo elas eram concursadas. E as pessoas que estavam atuando no ensino fundamental, entre aspas, não eram. E então isso foi um desgaste, que houve dos professores, até os professores ficavam meio assim, quem é, é do ensino fundamental parece que tinha, como é que eu posso dizer, melhor, de uma classe mais privilegiada, que no infantil não tinha muita importância e que o fundamental era o mais importante naquele momento. Então eles menosprezavam os professores do infantil. Então se vocês não sabem, porque vocês estão trabalhando. Então teve tudo isso e também uma reação da população. Até as pessoas entenderem o que aconteceu foi um pouco complicado. Houve manifestações, as pessoas fizeram, procuraram os vereadores da cidade, foi nas sessões da Câmara reclamar, foram na Educação, não foi muito calmo, foi um tanto agitado.

### **Quando acabou o processo de municipalização? Em que ano acabou?**

Ela não acabou, deu uma parada, pode se dizer. Em 99, já tava tudo adequado, as escolas que eram estaduais já haviam passado, por exemplo, o Margarida já tinha passado pra Prefeitura, o Gonçalves já tinha passado. Então aí deu uma acalmada. Já acomodou as pessoas, cada um já foi pro seu lugar. Deu uma acalmada e o pessoal começou a entender né, mais ou menos o processo, e aí houve um pouquinho de paz. Não teve mais aqueles tumultos, as pessoas começaram a entender. E foi assim também, porque o pessoal começou a entender que a cidade tinha uma demanda, que ser atendida. Porque até esse momento, a cidade só atendia educação infantil. Com as políticas de estado, de passar o ensino fundamental a ser responsabilidade do município, não tinha como Jandira não se adequar se não ela estaria fora do contexto né, nacional. Todas as, foi um processo gradativamente a rede estadual foi passando essas salas de fundamental para responsabilidade do município.

### **A municipalização aconteceu até a 8ª série? Como foi?**

Houve até a 8ª série só que não vingou pode se dizer durou eu acho que uns dois ou três anos até a 8ª série, só numa escola que foi a escola Moisés Cândido Vieira que tinham professores que trabalhavam de 5ª a 8ª mas não deu certo porque, porque a cidade não dava conta de atender o ensino fundamental. Como que ela se propôs de atender o ensino de 5ª a 8ª? E até pelas leis ela não poderia ter feito isso. Ela primeiro lá na LDB, depois quando surgiu a LBD, tudo, é.. De 96, dizendo que o município tinha que atender prioritariamente o ensino fundamental. Só depois que tiver bem atendido, ele pode passar pra outro nível. E Jandira, eu acho que se precipitou, achou que daria e acabou dando tudo pra trás.

### **Quais foram os pontos positivos desse período?**

Bom, os pontos positivos é que assim, é... Os professores que tinha bastante experiência foram pro fundamental, então eu acredito que isso foi um ponto positivo porque? Não fora pessoas que desconhecia. E para as crianças, isso foi bom, porque favoreceu a

aprendizagem, os professores já com experiência, isso foi um ponto positivo. E também que a partir da municipalização houve o, a implantação do FUNDEF. Aí a cidade passou a receber verbas, passou a ter condições de fazer coisas, que ela nunca fazia, porque ela só tinha verba da educação infantil, aquela bem pequena mesmo, bem ínfima. A partir desse momento ela teve condições de dar mais formação, de preparar melhor os professores, de é... Equipar as escolas com algumas coisas, como por exemplo, né?... o computador, coisa que antes ninguém nem, nunca tinha visto. Então, foram, foram sendo feitas coisas com essa verba, que só veio por conta da cidade ter ensino fundamental se não a cidade não receberia. Acho que isso foi um ponto positivo.

### **E os negativos?**

Os negativos é que a maneira como foi feita, não foi da maneira legal, isso nos trouxe muitos problemas que a gente enfrenta até hoje, problemas entre esses professores que são do fundamental e quem era do infantil, outra coisa que foi negativo foi que o infantil ficou para segundo plano. A partir do momento que houve verba pro ensino fundamental, as pessoas esqueciam da educação infantil. Então o infantil ficou assim, ele dependia de sobras, se tivessem sobras do ensino fundamental teria alguma coisa pro infantil. Então, os salários dos professores ficaram muito defasados, eles ficaram sem assistência, sem assessoria, praticamente nenhuma, porque todo mundo, era visível isso, todo mundo só se preocupava com o ensino fundamental. Então, o fundamental passou a ser a menina dos olhos e o infantil como se não tivesse muita importância, a final de contas eles ainda não tão, é...eles não precisam alfabetizar, eles ainda vão ser preparados futuramente, aí eles ficam meio renegados. Então, acho que isso foi um ponto negativo.

### **E a aceitação dos professores desse processo?**

Então, os professores é... De início, eu como professora de educação infantil eu me lembro bem, que nós achamos assim, que não seria uma coisa muito boa, pra nós e pros alunos. Mas depois a gente percebeu que isso acabou trazendo assim...um embate dos professores, ficava aquela briga na atribuição, quem vai pro infantil, quem vai pro fundamental, isso trouxe um desgaste muito grande...(pausa)...então é, a aceitação dos professores no início seria bom, eu mesmo como professora eu pensei que seria bom, mas só que da maneira que foi feita, nós acabamos depois tendo prejuízo, nós professores de educação infantil que fomos pro fundamental, nós não fomos de uma maneira legal, nós fomos através de um documento feito de próprio punho, que depois nós verificamos que não tinha legalidade nenhuma. Então, nós ficamos numa situação até constrangedora, porque as pessoas até falavam, como você assina um documento pedindo a exoneração do seu cargo? O processo de municipalização foi mesmo muito complicado.



**II. Professor José Roberto Piteri (Ex-prefeito de Jandira e atual Secretário de Obras e Construções de Barueri).**



**a) Dia 17 de junho de 2009.**

**Para início, tenho informações que o Sr. exerceu a função docente antes da política. Poderia nos dizer sobre a sua formação e atuação na educação?**

Bom, eu me formei professor nas matérias de matemática e física, já trabalhei como professor na região aqui de Carapicuíba, de Jandira e eu fiquei aproximadamente uns 10 anos no magistério como professor.

**Poderia nos contar um pouco sobre a sua ligação inicial com Jandira e sua trajetória política jandirense?**

Em Jandira, eu vim, muito pequeno, tinha 12 anos, quando meus pais fizeram a primeira padaria em Jandira, a cidade estava começando ainda, era uma cidade nova, e, ali nós crescemos juntos, estudamos, crescemos, nos formamos e pra entrar na política foi um passo. Já pertencia a famílias políticas de Osasco, meu tio tinha sido prefeito de Osasco, Guaçu Piteri, e pra entrar na política foi um passo. Por amizade que nós tínhamos na época, nós entramos na política e aí consegui ser prefeito da cidade por duas vezes.

**Qual era o cenário econômico, político e social de Jandira no seu mandato de 1983?**

(atividade econômica da cidade, meios de produção, as mães já trabalhavam, estrutura da prefeitura e ligações com a região, violência, problemas mais agravantes da cidade...).

Bom Jandira ainda estava começando, tinha uma influencia muito grande da Castelo Branco, que é uma rodovia que dá um acesso muito bom a nossa cidade, a parte industrial estava começando na época, a industrialização através da Castelo Branco. Nós tínhamos um comércio médio na cidade. A população era pequena na época, aproximadamente uns 40.000 habitantes. Nós tínhamos uma influência muito grande da Estrada de Ferro, a FEPASA, nós éramos praticamente uma cidade dormitório, a nossa população trabalhava em São Paulo, usando os meios de transporte ou os trens da FEPASA que hoje é a CPTM. Era uma cidade de início, uma cidade gostosa, com uma população totalmente amiga, muito próximo um do outro, todos se conheciam, uma cidade em São Paulo, mas com características de interior na época.

**E a educação?** (como era, principais escolas, as séries que atendiam, creche / pré-escola...)

**Como se deu o início de implantação das salas de pré-escola em 1983?** (demanda que necessitou – comunidade, mães, crianças, os bairros escolhidos, estrutura administrativa, física e material, a educação infantil na região – Barueri, Cotia, Carapicuíba, Itapevi...).

**A ampliação de salas de pré-escola aconteceu no seu mandato? Como e por qual motivo?**

Bom, a educação, por nós sermos da área, era um desafio. Nós, especificamente falando, porque na época nós tínhamos as escolas estaduais, que o Estado administrava, nós tínhamos, nós queríamos fazer uma rede municipal, uma rede de ensino pré-escolar.

Quando nós entramos, tínhamos somente uma única escola pré-escolar que era, onde hoje é a biblioteca, na Praça 8 de Jandira e nós tínhamos aproximadamente 180 alunos. Nós ficamos com o desafio de finalmente promover a rede pré-escolar e que ela crescesse bastante. Inicialmente nós entramos em contato com as escolas estaduais e onde existia qualquer espaço, qualquer lugar ou sala que pudéssemos montar nossa rede municipal, nós começamos a alocar. Tivemos em várias escolas, na escola do Jardim Lindomar, no Durvalino Teixeira e outras escolas, nós fomos e locamos salas de aula pré-escolar. Fazíamos tudo separadinho, era administração municipal, não tinha nada a ver com administração estadual, mas usamos o espaço físico do Estado. Ao mesmo em bairros distante nós fomos alugando alguns espaços, algumas casas, fomos comprando e montando a rede escolar alugada, e ao mesmo tempo paralelamente, fomos construindo outras escolas. Tanto é, que nós começamos com 180 crianças no início do nosso governo e terminamos o governo com 2000 vagas de alunos na pré-escola. Nós aumentamos o número de vagas na rede pré-escolar e depois no decorrer do tempo, nós tiramos do espaço físico do Estado e fomos passando para nossa rede própria, e ao mesmo tempo nós fomos fazendo também um trabalho de creches. Quando nós entramos também não tínhamos nenhuma creche ainda e, construímos algumas creches e ao mesmo nós dávamos um atendimento para a criança desde o primeiro e nós fazíamos a pré-escola no mesmo espaço físico da creche. Então nós começamos a dar o ensino pré-escolar, aumentamos e muito, e também começamos a creche nos bairros. Eu creio que já existia pré-escola na região, Barueri é uma cidade mais antiga. Cotia, Itapevi, já existia, mas eu não sei em que grau de atendimento, mas já existia. A demanda era muito grande, as mães procuravam, muitas mães que trabalhavam por isso a necessidade de fazer as creches, então a demanda era muito grande. Colocando na educação, que nos tínhamos um problema muito sério nessa época, nós tínhamos em Jandira também, como em todo lugar, algumas crianças que precisavam de ensino diferenciado, nós criamos também a escola especial pra atender as crianças que eram portadoras de deficiências e nós inauguramos neste mandato a escola especial, que atendia também crianças na idade de pré-escola até idade maiores também. Que ao mesmo tempo em que fizemos a escola, escola central, nós também demandávamos buscar um transporte escolar para as crianças especiais, pra levar pra escola e pra levar depois pra casa. Era uma escola central.

**Em 1993 o Sr. foi eleito pela segunda vez como prefeito de Jandira, quais foram as diferenças que percebeu no desenvolvimento da cidade? (social, econômico, político e na educação).**

Como eu falei, inicialmente, no primeiro mandato nós tínhamos Jandira uma cidade na grande SP com características de interior, era tudo muito próximo, todo mundo se conhecia, você sabia exatamente a família A,B e C que estava em determinados bairros da cidade. E nesse período de 88 a 92 que eu fiquei nesse período fora, houve assim um aumento muito grande da população, veio muita gente de fora, a cidade começou a ganhar características da grande SP, os problemas maiores de violência, de demanda de moradia, de educação, de saúde, de trabalho, então realmente houve uma mudança muito grande em relação ao nível populacional. Ao mesmo tempo o orçamento municipal não acompanhou essa demanda de necessidades, realmente foi um mandato muito mais difícil, que nós tivemos que nos preocupar com as outras áreas também. Com a área de saúde, de segurança, com

a área de infraestrutura, de moradia, a própria educação, a pré-escola, a creche...a demanda foi muito maior e o orçamento da cidade infelizmente não acompanhou. Com a LDB de 96 houve uma adequação, a transição, o município se adequar também, então veio o outro governo, nós participamos de uma parte, mas a implantação total foi a partir do próximo governo.

**Hoje, de fora da prefeitura de Jandira, como você vê a história e o desenvolvimento do município?**

Eu acho que Jandira... Eu tenho o maior carinho por ela, eu cresci lá, fui criança, fui jovem, fui adulto, meus filhos todos nasceram lá, tive a oportunidade de ser prefeito por 10 anos, construí, ajudei a colaborar com o desenvolvimento da cidade, então, eu tenho o maior carinho pela cidade. Eu acho que Jandira teve um desenvolvimento desordenado por estarmos em um município da grande SP, mas ao mesmo tempo a população que temos lá, nós calculo que temos uns 130.000 habitantes, mas a cidade foi acompanhando o desenvolvimento. A rede de ensino aumentou muito, a rede de saúde aumentou bastante, o viário, hoje a cidade está praticamente toda pavimentada, a população está hoje, a população que veio de outros estados, está muito mais integrada na cidade, nós tínhamos problema na cidade, nessa transição, que plantava uma árvore num lugar, quando ia no outro dia a árvore estava destruída, as escolas pichadas, hoje a própria população cuida, tem os filhos que nasceram na cidade, eles mesmos começam a cuidar, da árvore, da escola, de um bico de luz no poste. A cidade hoje está indo bem, está integrada, eu acho que a cidade está num desenvolvimento natural para sua época.

**No final conversamos sobre o fato de contratar professores já habilitados na pré-escola:**

Com a educação não podemos brincar, temos que fazer o que é mais correto, então nós tivemos esse cuidado, por sermos professores, já sermos da área, nós privilegiamos professores da nossa cidade, pegamos professores que já estavam formados, não professores com muita experiência, estávamos começando naquela época, mas todos formados, preparados para dar o melhor ao ensino, de atendimento das nossas crianças.

Agradecimento pela contribuição da pesquisa

### **III. Professora Anete Fontoura (Primeira professora de pré-escola de Jandira).**

**a) Dia 20 de junho de 2009.**



**Professora Anete, aproveitando a questão da Sra. ter estudado na Caetano de Campos, uma escola tão importante na a área da educação, poderia nos contar um pouquinho deste período que esteve lá?**

Na Caetano de Campos era muito difícil de entrar. Só quem podia. Só tinha filho de rico, deputado, etc. Por acaso minha mãe conseguiu me colocar lá, era muito concorrida e você tinha que estudar muito, muito. Você não tinha repetição. Ou era 10 ou era 0. Foi uma escola fundada por D. Pedro, foi a primeira escola normal de SP, e depois para atender ao científico e ao clássico, fizeram o terceiro andar. Hoje funciona a Secretaria de Educação e Cultura, lá. Ia passar o metrô bem do lado, é uma arquitetura tradicional.

**O quê você pode falar para nós do curso para normalistas, a pré-escola que tinha...**

A escola era muito rígida. Nós não só tínhamos que saber as matérias, como nós tínhamos além das matérias, por exemplo: na parte de higiene e saúde, nós fazíamos um ano de estágio no posto de puericultura, que funcionava na própria Caetano de Campos, no subsolo, e a finalidade era você reconhecer na sala de aula, sintomas de tosse cumprida, coqueluche, varíola, varicela, saber tudo isso. Orientar as mães, como era importante ter as vacinas em dia, bem como alimentação, saber das alimentações adequadas, inclusive aproveitando talos de vegetais, sopas, etc.

**Como nos mostrou, a Sra. se formou em 65 e 67 prestou o concurso de Jandira, o qual foi na gestão do prefeito Oswaldo Sammartinho, primeiro prefeito de Jandira, como foi a realidade quando chegou na cidade com o que tinha aprendido lá?**

Quando cheguei em Jandira, isso foi muito problema! Porque uma escola-modelo, escola normal número 1 do Brasil, chega lá você conhece todos os métodos, com muito material, com a classe que não condiz com a realidade de quando cheguei em Jandira. Eu tive um choque! Então tudo aquilo que eu aprendi, eu falei: Meu Deus, eu vou ter que adaptar um pouquinho de cada método. Vamos ver o que vai funcionar. E assim eu fiz. Eu peguei cada pedacinho de cada método, do que era possível executar, e deu certo! Tanto é que as minhas alunas continuaram a fazer da mesma forma, a mesma coisa. Então, foi uma experiência muito grande. Lá quando eu cheguei, as crianças eram paupérrimas, pra você ter noção: não tinha uma avenida asfaltada, é... Quando eu lá cheguei, me deram... Pra eu dar aula num bar. O bar do Henrico Grosso, que era um bar mesmo, não tinha carteira, não tinha armário, não tinha mesa, não tinha teto, não tinha nada... (risos), não tinha nem banheiro. O recreio inclusive era feito na rua, na terra, e como as crianças não tinham materiais eu tinha que improvisar. Então eu fazia a tinta de beterraba, de espinafre, de terra, e... a massinha que eles faziam, eu mesma preparava com farinha de trigo, kisuco e um pouquinho de amoníaco para não embolorar e tinha que ficar de olho nas crianças para elas

não comerem... e o papel para elas pintarem com os dedinhos, eu pegava na padaria do Piteri, aquele papel de enrolar pão, ele me dava um monte e era ali que eu fazia os desenhos com as crianças, sentadas no chão. Depois, a primeira coisa que eu pedi para o prefeito, o Sr. Oswaldo Sammartino, foi ele que introduziu a pré-escola lá, e ele pediu que eu montasse uma modelo. E, aos poucos eu fui falando pra ele, só que ele não conseguiu terminar o trabalho dele, já estava no final do mandato, mas ele conseguiu fazer as carteiras, as mesinhas aliás, as mesinhas com os armários, tudo que foram ainda pra esse bar. Daí eu tive que ir para o Palmares, porque chovia muito lá dentro, não tinha banheiro e eu fui provisoriamente pro colégio Palmares, lá eu fiquei dois anos. Enquanto isso, o prefeito Oswaldo Sammartino já tinha o projeto da escola Raphael Gióia Martins, que foi concluído com o prefeito Clécio Soldé. E ali sim, ali começou uma escola maravilhosa, bem equipada... com persianas, tudo e as mães, no início não entendiam o que era a pré-escola, então elas ficavam assim: Vou, levo, não levo... Quando começaram a perceber o quanto tinha dado resultado, inclusive vinham, comentava, começou a se espalhar pela cidade, era a única classe, eu comecei com quinze alunos, vinte, trinta... eu era a única professora, cheguei a 45, falei: Prefeito, agora eu não dou conta. Me coloca pelo amor de Deus uma segunda professora! Foi quando colocou a Maria do Carmo, que foi minha aluna e minha estagiária. Assim fomos, ela e eu, mas o negócio se desenrolou tanto que aí teve que fazer o terceiro período, mais uma professora entrou, mas não se dava bem. Porque estudava lá em Osasco, com aquelas idéias, daqueles métodos maravilhosos, chegava lá com uma realidade tão diferente, então ela... ela resistiu a querer fazer aquela adaptação que eu tinha feito, que dava resultado. As mães chegaram a tão ponto de ficarem satisfeitas, que elas eram voluntárias, em ajudar a escola, tanto é que eu fiz os canteiros, eles as crianças plantavam couve, sabe?... e depois mais tarde elas comiam na própria sopa aquilo que elas tinham plantado.

### **Qual era a idade das crianças?**

As crianças tinham 6 anos, 5 anos.

### **O quê era dados para elas lá? Que trabalho que era feito com as crianças? Como era as brincadeiras?**

Tinha hora pra tudo. Tinha hora de coordenação motora, tinha hora da matemática, tinha hora da linguagem oral, que inclusive eu falei pra você já, que era hora da novidade, cada criança tinha que levar escondido uma coisa, pra dar oportunidade da criança falar para outras crianças. Então era feita essa atividade, para criança aprender a se expressar e... Aquela caixinha surpresa ficava tampadinha em cima da mesa e então uma criança perguntava: é um bicho, é que cor, ele se mexe, ele é vivo, ele é verde... Até alguém acertar, aí quando acertava era aquela alegria. E aí as crianças brincavam, levaram uma galinha, levaram um papagaio... Que foi a coisa mais linda que eu vi, esse papagaio era, ele, o pai era militar e ele pôs na gaiolinha... Foi difícil das crianças adivinharem, só adivinharam quando eu falei a dica: Esse animal fala. Aí falaram, ah não acredito é um papagaio. Era incrível, ele era tão militar que era só colocar o Hino Nacional que, primeiro ele ficava durinho, depois quando começava o canto propriamente dito, ele começava a marchar. Aí marchava mesmo...

### **E a questão da alfabetização? Já tinha alguma ligação?**

Já, já. Eu comecei com o método global, eu apresentava palavra e cortava as palavras: ma-ca-co. Aí contando quantas vezes você abre a boca pra falar macaco, três vezes, são três

pedacinhos, então vamos: Família do ma. Mas, antes de chegar nessa parte, eles faziam no papel a letra C: onda vai, onda vem... Do C passava para o A, tudo seguidinho, depois passava... a letra G tinha o rabo do gato, eles sabiam a diferença e, assim foi indo, a letra do macaquinho que pulava. Tudo com artifício. Era muito fácil alfabetizá-los assim. O ruim era que quando a mãe queria adiantar a criança, e ela era analfabeta, ela queria adiantar a criança e ela ia ensina alguma coisa que não sabia, por exemplo: o número 3, ao invés da mãe ensinar o número 3, com a barriga pra esquerda, pra direita, fazia pra esquerda, ensinava a letra E maiúscula, aí era muito mais difícil corrigir do que ensinar.

### **A questão da brincadeira...**

Que delícia que era! Porque essas crianças eram bem caipiras, então elas adoravam essas brincadeiras que hoje não tem mais, esconde-esconde, pula amarelinha... Lenço atrás... Essas atividades hoje em dia não tem mais. Até que um dia eu comprei um minhocão e... Depois tinha o parquinho já. A minha preocupação era com os brinquedos.

### **Como disse, você passou um período como professora e na década de 70, passou a ser diretora. Como foi essa transição?**

Foi o seguinte: Jandira não tinha nenhuma responsável pela escola e a Secretaria de Educação de Osasco mandava supervisores lá. Quando chegavam na minha classe, perguntavam que era a diretora e aí eu falei: Não tem diretora! Então ela falou assim: Você me mostra seu planejamento anual... e eu mostrei das aulas de educação física, de boas maneiras, de higiene e saúde, tudo. Mas ela falou que tinha que ter um responsável. Aí o prefeito Clécio Soldé, me nomeou como diretora da escola e eu fiquei acumulando o cargo de diretora e professora. Mas, toda vez que tinha simpósios, em outros estados inclusive, outras cidades, outras... Que era endereçado só as escolas estaduais, eu sabendo desses simpósios, eu ia no dia e sempre tinha falta de alguém e eu me apresentava e ia no lugar. Eles se acostumaram tanto com isso, que toda vez que tinha um simpósio, eles já me chamavam e me comunicavam. Eu fiz estágios em várias escolas, Experimental da Lapa, Jóquei Club, uma semana, no Anhembi, uma semana, da APEP, que era estadual e a OMEP, que eu representei o município de Jandira num simpósio internacional.

### **Conforme foi surgindo essas escolas, você passou a diretora e se aposentou em 93. O quê você percebeu desse período que participou da educação em Jandira? Quais foram os avanços de 67 ao ano que se aposentou?**

O que eu notei é que tive muitas estagiárias, não só de Jandira, como de Osasco. As professoras de Jandira, sabendo aqueles métodos maravilhosos que elas aprenderam e em Osasco também, mas que em Jandira não era possível, elas começaram a fazer exatamente o mesmo método que o meu. Conclusão: o estágio único válido era na minha sala. Era na minha classe, eu assinando, aqueles cartões das futuras professoras, ajudando, auxiliando, e não só isso, elas viam as atividades extras que eu fazia... eu dava aula de dança, eu fiz a bandinha com sucata, que mais tarde as mães se interessaram tanto que começaram a querer contribuir com a escola, e ajudavam a fazer o material, ajudavam a fazer cartazes, inclusive no desfile de 7 de Setembro elas ajudavam.

### **Quais eram os eventos que aconteciam?**

Vários, vários... Nós começamos a fazer nossa festa junina que sempre era na escola. O prefeito Clécio Soldé e depois o Alan Kardec gostaram tanto, que começaram a fazer as quermesses em volta da prefeitura e nós éramos convidados a apresentar as apresentações

que eram feitas na escola. O Dia dos Pais, tinha apresentação, e não só participava os alunos, como eles convidavam todo o povo pra assistir, porque na verdade ali era um show. Eu montava bailados, eu montava canto, eu montava um drama, e era tudo com a participação das crianças, com ajuda das mães, que confeccionavam sua própria vestimenta. E a que era costureira, que via a que não podia, se responsabilizava de fazer. Mais tarde, as crianças... Tinham os irmãos, aproveitava os vestidinhos, aproveitava aquilo... Acabava os filhos comigo, elas doavam pra escola e eu fiquei com um guarda-roupa maravilhoso, tudo de fantasia. Eu tinha roupa de noivinha, pantera cor-de-rosa, de padre, do que vocês quisessem, eu tinha.

**Você percebeu esses avanços em Jandira? Em algum momento você atendeu crianças com idades diferentes?**

Eu só atendia crianças de 7 anos e de 8 quando foi minha primeira experiência numa escola chinesa. Lá eu dava aula de primeiro ano pras crianças em mandarim.

**Mas em Jandira, não?**

Não. Sempre pré-escola. E deu muito resultado, porque eu saí e as minhas alunas que fizeram estágio comigo continuaram com mesmo método, acrescentando, é lógico, modernizando, atualizando.

**O quê foi pra você ser educadora em Jandira?**

O melhor de tudo foi o reconhecimento que eu tive dos pais. Até hoje eu tenho visitas dos meus ex-alunos, aqui na minha casa no Guarujá. Não só vêm eles, como eles me mandam e-mails. Um deles reconheceu a minha filha no avião: Fontoura... Por acaso, a sua, a sua mãe é a Tia Anette, como é que você sabe?... A tua mãe levava quando você era muito pequena, ela não tinha empregada, ela levava você pra escolinha, eu estudei com você e foi assim. E ele veio me visitar aqui. Como de fato outro dia eu fui no meu médico endocrinologista com problemas graves e chegando lá uma menina perguntou, posso lhe dar um abraço e um beijo, porque? Eu lhe conheço? Ela disse assim: olha Tia Anette!... Quando falou Tia Anette, eu falei: foi minha aluna. Aí eu perguntei quais eram os outros alunos pra mim tentar me lembrar, porque as feições mudou muito, é claro.

**E-MAIL RESPONDIDO PARA ESCLARECIMENTOS:**

On Seg 26/10/09 00:15 , Anete Fontoura

THATIANA... Rahael Gióia Martins, se não me falha a memória, foi um professor, porém não sei dizer precisamente se êle fundou, não sei se vc sabe, um semi-internato que pertencia ao colégio MACKENZIE de S.P. , e ele ficava exatamente lá no alto, onde tinha o Teatro do J.M.C., onde fazíamos as nossas festinhas de Fim de Ano. Local bem confortável, com poltronas bem arrumadas, um palco muito grande com cortinas, e o local também era usado p. grandes eventos e palestras. Lá também eram recepcionados grandes políticos e empreendedores que lá iam comprar terrenos para as futuras indústrias que ali foram se estabelecer com a isenção de taxas da Pref. dado pelo então prefeito Oswaldo Sammartino, afim de expandir e ser conhecido pois tinha recém se emancipado de Cotia, e tb p. criar novos emprêgos locais. Eu fiquei cerca de 1 ano e meio no Bar do Ricco Grossi, que era

casado com a Laura, que era a minha servente e que muito me ajudava. Então passei o resto da gestão do Sammartino, lá no "Palmares", até que o Clécio Soldé foi eleito Prefeito de Jandira [o segundo] e imediatamente começou as obras do Pré Raphael Gióia Martins". Não tenho certeza, mas me parece que esse terreno foi doado, por um homem chamado, muito influente no Município, e dono de muitos terrenos em Jandira chamado, VESSONI e que parecia ser amigo do Clécio Soldé. Foi inaugurada a escolinha, logo após ter nascido a minha segunda filha, Maetê, Ela nasceu em 6 de novembro de 1970, e as matrículas começaram logo no início de Fevereiro de 71, e como tinha sido anunciada em faixas, quando lá cheguei, a fila dava volta no quarteirão, e eu assustada, fui pedir ao prefeito uma segunda professora, que foi a minha Primeira estagiária Maria do Carmo Ribeiro, e que estava se formando no Colégio de Freiras em Osasco, que agora não me lembro do nome. Como eu "inventei" um método, colhido de um pouco de cada um, pois não tínhamos materiais, nem cadernos e lápis, como lhe disse eu pedia o papel de embrulhar pão na Padaria do Piteri, e fazia muito pintura a dedo, com as receitas de tintas [de beterraba, de espinafre, de terra, etc] e até de massinha que eu fazia com farinha de trigo, colocava Ki-Suco p. dar a cor e colocava um pouquinho de clorofórmio, ou éter, p. ela durar e não embolora...E aprendi tb a fazer vários trabalhos com sucatas, fantoches de papel -machê, teatrinho, com a caixa de papelão da t.v. etc. Lembra que eu lhe disse, que era a única representante da Zona Oeste, que frequentava os cursos da A.P.E.P, situada em S.P. e da O.M.E.P. [Organização Mundial de estudos Pré-escolar] e a outra era Associação Pré-escolar de S.P. A escolinha, Raphael G. Martins, só virou Biblioteca, alguns anos depois, quando eu já tinha me aposentada e tb pq foram feitas várias escolinhas espalhadas pelos vários bairros e a Raphael, apesar de bem localizada, e com uma única classe, ficou muito pequena, mas não sei qual o prefeito que fez a mudança, pois já estava aposentada e `ha muito tempo eu já morava em Carapicuíba, cerca de uns 11 anos, Como continuei votando lá, até 5 anos atrás, fiquei muito surpresa e com uma certa "dor no coração", quando um dia que lá fui votar, e vi todas as minhas ex-alunas formadas e dando aulas em lugares bem variados, quando me disseram que lá tinha virado uma Biblioteca. Não tenha dúvida, que logo após votar, dei uma passadinha lá, e me deu muitas saudades e uma certa tristeza, em recordar por tudo que tinha passado, e que as escolas, agora, estavam bem modernizadas, com muitos recursos e principalmente com abundância de materiais didáticos, uniformes, mimeógrafos [eu desenhava 1 por 1, com papel carbono] fazia trabalhinhos com palitos de sorvete que eram os pousos de panela... E nunca fui reconhecida pelos governantes. ANETE

### **Agradecimentos.**



Professora Anete

Fontoura, aluna estagiando no Jardim-de-Infância da Escola Normal Caetano de Campos em 1965 (Foto cedida em Jun/09).



#### **IV. Sr. Clécio Soldé (Ex-prefeito de Jandira).**

a) Dia 21 de junho de 2009.



**Sr. Clécio, nós poderíamos começar falando da primeira escola do município de Jandira? O Sr. poderia falar para nós qual foi, como aconteceu e como que era?**

A primeira escola, eu fiz o primário no caminho da estação que nos dias de hoje é Itapevi. E lá tinha uma escola que só era até o 3º ano, o 4º ano só tinha em Barueri e ginásio era só em São Paulo. Então, eu, os colegas, amigos aqui de Jandira, eu lembro mais do Massao Yamamoto. Então, nós fazíamos o 4º ano no ginásio de Barueri e quando terminava as aulas no 4º ano, no Grupo Escolar de Barueri, nós vínhamos a pé, que trem era cada 3, 4 horas, e nós preferíamos vim de a pé pela linha, passava o Jardim Silveira hoje, aquele tempo era tudo campo, não tinha nenhuma casa e como era tudo molecada, então a gente aqui em Jandira, eu fiquei conhecido na primeira escola, isso era mais ou menos nos anos 30, trinta e... Eu nasci em 26, então, eu era menino, era assim 33, 34, naquela época e tinha uma escolinha e nós, molecada foi olhar na janela, a professora achou ruim. Então foi nessa época a primeira escola de Jandira.

**Como que chamava?**

Era uma escola mista.

**Escolinha Mista de Jandira?**

Acho que era Escola Primária, essa foi a primeira. Depois a segunda escola foi feita aqui em Jandira na época do Sammartino. Mas de todas elas, a mais importante foi Instituto de Educação José Manoel da Conceição. Pra mim foi uma das primeiras faculdades que teve na região. Então, Teologia, era a principal, a formação de pastores. Mas também se formava muita coisa. Inclusive tem um genro meu que o pai dele foi um dos dirigente desse colégio era o Dr. Eduardo Gouvea Mendonça, hoje advogado da Câmara. E daí mais de 200 alunos, eu lembro naquela época, com meus 14 anos mais ou menos, foi quando eu conheci a minha esposa no trem, porque naquele tempo só tinha trem, não tinha carro, não tinha caminhão, não tinha rua. Mais ou menos nessa época que eu conheci minha esposa e eles eram tudo evangélico, eu me formei também evangélico presbiteriano e frequentava já a Igreja Presbiteriana de Jandira, que hoje nós temos aqui no centro de Jandira

**O Senhor então chegou a estudar lá?**

Não, eu estudei e me formei lá e depois de certo tempo lá, então eu fiz aí o 4º ano e o 4º ano naquela época aqui em Barueri era Raposo Tavares, Grupo Escolar Raposo Tavares de Barueri, tem até hoje, segundo a informação que eu verifiquei esses dias, existe até hoje. Então eu ia em São Paulo. Em São Paulo eu fiz algum estudo, mas eu me formei mesmo, entende quando eu trabalhava na época do Faria Lima que foi o Secretário de Viação e Obras Públicas de São Paulo, ganhei uma bolsa de estudo pra começar a estudar direito. Estudei assim, um certo tempo, mas como era com dificuldade, né?.. Terminava tarde, eu

saía de funcionário que trabalhava lá. Mas aquilo me deu uma importância muito grande, onde eu consegui ter um certo entendimento, conhecimento técnico direito. Mas a verdade de escola, voltando no assunto da escola, o qual é importante pro seu conhecimento, aí nós tivemos então a Escola Sammartino, Henrique Sammartino, hoje lá... Eu lembro quando eu entrei de prefeito, fizeram um prédio e invés de fazer a frente pela rua, fizeram errado. Começou a dar rachadura no prédio, um perigo. Aí então teve que fechar pra reforma e alugamos sala, casa para as crianças não ficarem sem aula. Nós tivemos que fazer isso. Aí no passar do tempo, com a amizade que eu tinha, e pessoas que foram governador, eu consegui em Jandira um posto de saúde em frente a Estação de Jandira e o Centro Educacional, foi um dos primeiros do estado que eu consegui pra Jandira e tem até hoje aí. Aí vieram essas escolas. Hoje parece que nós temos 20, 30 escolas, ginásio, outras coisas. E hoje teve uma transformação muito grande através do trabalho de cada um, cada um fez sua parte, né?.. nós temos a.. como é o nome?.. onde estuda aí a... não é faculdade né?.. FATECs..

### **FACEC, correto?**

É, inclusive aquele prédio que é faculdade, ali foi a primeira indústria depois que eu consegui o trevo de acesso pra Jandira com o Governador, a primeira industria nessa estrada aí, era do Geraldo Jafer, que era concunhado do Maluf. Com o Maluf eu consegui com ele. Ele foi Secretário do Transporte, Governador, eu sempre acompanhei ele, sempre ajudou Jandira e o cunhado dele se interessou por Jandira e construiu uma indústria, a primeira. Depois vieram outras nessa parte. Escola, hoje já está, acho eu, com uma situação muito boa em Jandira, teve um bom desenvolvimento. O que nós estamos achando falta é na de cultura, que eu sempre trabalhei, memória da história, as raízes das famílias, no povo. Eu sou contra, eu já falei pra você, vem o cara sanfoneiro lá não sei da onde, do nordeste que tem vila, tem cidade, tem rua, tem avenida, o nome dele não tem que por aqui, tem que por o nome de pessoas, de professores, diretores daquele tempo do colégio José Manoel da Conceição, professoras, dirigentes, põe o nome aí do primeiro médico que já faleceu, de uma enfermeira, um funcionário e assim por diante. Então a falta de cultura, isso faz parte da cultura, do entendimento, das pessoas saberem isso daí.

### **E sobre o Grupo Escolar Temudo Lessa? Professor Vicente Temudo Lessa?**

O Temudo Lessa já era centro educacional.

### **Era o que se chamava centro educacional...**

Era. E hoje tem uma placa lá com o meu nome. Agora do centro de saúde, teve um prefeito aí que foi meio desequilibrado, e mandou tirar, mas tem que respeitar, por isso que tem que ter cultura, tem que ter história, memorar, tem que respeitar, você pode até ser inimigo da gente, politico, mas tem que respeitar, ele foi prefeito. Ele pegou a placa, parece que derreteu só porque tava meu nome. Aí entrou outro e colocou uma plaquinha pequena, e novamente foi lá e me arrancou a placa também. Ah, isso não se faz. Vem lá do nordeste lá, sanfoneiro, aí sim, ninguém vai tirar. É igual, podia ter colocado o nome do Piteri, do pai do Piteri, aí onde tem a parte de recreação. Entende? Tirou fora. Agora eu pus o nome do pai dele, esse aí chegou e tirou fora também. Ah, isso aí é um absurdo viu. Em que era nós estamos. Nós estamos numa era que o pessoal tem que ter educação, tem que ter respeito. Tem que ter isso daí, ensino, juventude, ensinar as crianças de hoje tem que saber das raízes, do passado. Eu costumo dizer, porque eu já fiz palestras em diversas escolas, que me chamaram e as crianças no meio da rua não sabem quem é o pai, quem é a mãe. Quem

não sabe a história da onde ele vive, da cidade onde ele está, do país. Tem que ter um certo patriotismo também. Onde ele estuda, o respeito com as professoras, aqueles que estão trabalhando.

**O Sr. sabe nos dizer porque a escola, o grupo escolar recebeu o nome do Professor Vicente Temudo Lessa?**

Porque o Professor Vicente Temudo Lessa, ele foi um professor de universidade, se não me engano, pois eu vou lhe dizer uma coisa, tem Boanerges Ribeiro, ele foi 18 anos presidente do Mackenzie, quem que não conheci o Mackenzie, uma das primeiras universidades de São Paulo, era subsidiada por quem? Pelos americanos. Você vê: quando não houve mais aquelas condições de pagar as despesas que tinha no JMC, eles fecharam as portas. Então, passou aquela etapa que acabei de citei agora de um pai de um genro meu, falecido. Lembro de dois americanos que dirigia aqui. Então, tinha que ter respeito, alguém dessas pessoas ter o nome de rua. E o Brás também outra vez pôs o nome de alguém da rádio, e esqueceu de por um nome de uma pessoa, de um professor, de um dirigente daquela época, eu sou contra isso. Doa a quem doer, eu não escondo a verdade.

**Entendi. É que em um dos registros estava dizendo que esse Professor Temudo Lessa, foi professor do Instituto JMC. O Sr. sabe se isso foi verdade?**

Não, esse não. Foi, mas foi fora do município, mas como ele foi uma pessoa...

**Ele então não tem nada a ver com Jandira?**

É, ele não tem nada a ver com Jandira, é em respeito porque pelo menos ele foi um educador. É o que eu tô falando, o outro lado aí, só põe violeiro. É que o educador tem que ter o respeito pra se colocar em nome de escola, tem que escolher uma pessoa, tem que ter um levantamento, inclusive o povo tem que observar, não aceitar! Chegavam apoiando qualquer um só pra agradar o prefeito, mas tava agradando a ele mesmo, a família dele na história do município. Porque eles também ficam pra história.

**Sobre as creches que começou a atender crianças de 0, 1 ano, 2 anos, 3 anos... o Sr. lembra dessa época? Quando começou?**

Eu lembro dessa época. Começou, depois ela foi crescendo, foi crescendo.

**O Sr. lembra onde? O Sr. lembra onde era?**

Na época do primeiro Prefeito Osvaldo Sammartino, começou com uma creche.

**Mas o Sr. lembra onde era? Onde ficava essa creche?**

Não lembro muito bem não. A primeira, eu tenho foto aí, atendia criança maior que era onde é a biblioteca. Bem fácil, aqui em baixo, eu tenho. Aí trocou de lugar, pôs outro nome. Isso é coisa vergonhosa pra um município, precisa parar com isso, né? Esses caras precisam ter vergonha na cara e não fazer isso. Não mostra a cara dele, faz escondido, entende? É desrespeito. Então, você vê que a cidade de Jandira hoje ela está carente. Uma cidade que nós emancipamos, que nós demos nossa vida, você vê que tem esse filme aí (um filme sobre a história dele na cidade) nunca se pensou em nada, em dinheiro. Trabalhava-se de graça, com amor. Hoje eles são bem pago, até abusam disso. Enquanto os outros, os emancipadores que estão aqui... a família dos Godoy?, outros emancipadores, a maioria já falecido. Tô eu aqui com 84 anos contando a história de Jandira. São meia dúzia sobra por

aí. Não lembram mais. A verdade é essa. Então, eles estão faltando respeito conosco. Um exemplo, depois que eu saí de prefeito, nunca me convidaram pra participar de qualquer coisa. Eu procuro, as pessoas me procuram, encontro aqui pela rua, quando eu vou aqui em Jandira, todos vêm me cumprimentar, têm o maior respeito, porque eles sabem da verdade. Não adianta querer cobrir o sol com uma peneira, né? Não adianta. E é esse o trabalho que a gente tem aí.

**O Sr. falou agora da emancipação, inclusive o plebiscito ocorreu lá no Instituto JMC, por que? O Sr. sabe?**

Porque era pra fazer aquilo lá numa escola que tinha na praça, aqui...a escola... eu esqueci dessa parte. Aqui na praça, quando eu fui eleito prefeito, tinha uma escola, tem uma escola aí, naquela época, né?.. aí como se construiu esse ginásio na minha época, que é o Themudo Lessa hoje, aí, no dia da... uns dias antes da emancipação, do plebiscito, deu um temporal muito forte. E nós conseguimos com a ajuda de um e de outro, nós levamos lá no colégio. Então, foi feito lá no colégio, que foi feito então a votação do plebiscito em Jandira. Essa foi escola também que na minha época, o que eu fiz?.. eu fui no departamento, como eu sempre fui ligado ao governo, aos gabinetes, secretarias, eu fiz um pedido pra eles cederem pro município, um edifício que ficou desocupado, por causa do ginásio aí do Themudo Lessa, e eles cederam. Então, eu fiz uma reforma e construí o paço municipal e era muito bonito, viu?.. o pessoal gostava. Acredite se quiser! Eu fui diretor do DR, viajei quase todo estado, tomei conta de pedágios, que dirigi isso daí. Então eu conheci muitos municípios de 3, 4, 5, 10 mil habitantes. Todos eles aqui perto do paço municipal, na praça, jardim... puxa vida, vai pra 45 anos... os caras não tem vergonha por mérito e não construiu até hoje um paço municipal. E para pra contar em Jandira, isso daí. Não construíram. E esse prédio onde está hoje o paço municipal e o fórum, foi eu que trouxe, junto com Boanerges Ribeiro, que era o Presidente do Mackenzie, foi um dos pastores da Igreja nossa Presbiteriana de Jandira, JMC.

**O nome dele o Sr. repete?**

Boanerges Ribeiro, Juvelino Boanerges Ribeiro, foi pastor. Então quando eles chegaram aqui, que eram parentes do...., aí consta nesse filme, se vai encontrar. Daí foi esse trabalho que a gente realizou. Puxa, o paço municipal não tem jeito. Tá com 40, vai fazer 44, eu tô perdendo até o tempo, se é 44, 45 anos de idade. Eles tiveram tempo suficiente pra fazer isso daí. Infelizmente, eles prometeram, prometeu, prometeu, e agora enrolou e continua com o paço municipal lá. Conservam com o dinheiro do Estado e constrói um prédio em Jandira, o paço municipal tem condições econômicas. Hoje o governo ajuda os municípios, tem ajudado. Tem ajudado.

**O Sr. lembra da primeira escolinha de educação infantil que foi onde era o bar do Henrico Grosso?**

Não, o Henrico Grosso não teve nada com isso.

**Mas não era....**

Ele foi um bom funcionário, já faleceu, né? Foi no tempo do Sammartino, então. Não tô lembrado não, filha.

**Certo. Então, só para resumir: Como é que o Sr. contaria pra gente essa história de Jandira, vendo o desenvolvimento dela. Do período que o Sr. presenciou ao que o Sr. vê hoje?**

Jandira quando começou aqui naquela época, eu era jovem, casei, meu sogro tomava conta muito de tudo isso aí, que eu fiquei conhecendo o colégio, os pastores, até hoje tô na igreja. Ó, tudo bem?.. Queria que nós ficasse aqui na igreja, não, mas eu já tenho igreja, a minha é a presbiteriana, muitos vieram oferecer igreja pra mim, eu disse não, eu já tenho minha igreja, eu posso faltar de ir na minha igreja, mas eu num largo (risos). Eu não mudo de religião, enquanto a gente tem uma ideia a gente vai aí firme. Vai ficar mudando de religião? Eu fiquei muito tempo, mas a minha senhora não vamos lá. A minha senhora, ela trabalhou 35 anos na Delegacia de Ensino, também tem aposentadoria e faleceu há um ano atrás, agora...no dia 05 de setembro, 05 de setembro do ano passado, ela faleceu. Então ela trabalhou, trabalhou aí no posto de saúde também, era da Delegacia de Ensino, mas depois foi fazer um trabalho aí. Aí começou. O começo mais importante, foi eu consegui o trevo acesso pra Jandira, que é a indústria....o Parque Industrial, né? Já tinha uma indústria, que era um frigorífico. Esse frigorífico foi o que mais ajudou, depois você vai ver aí as fotos. Então houve isso daí, foi desenvolvendo automaticamente, né? Mas não é muito como a gente espera não. O que mais lamento, que quando emancipei Jandira, tinha 22 km<sup>2</sup>, eu consegui derrubar veto de governador, eu consegui, como é muita agilidade lhe dar com deputado, com essa gente de gabinete, eu consegui a maioria e derrubei o veto do Governador Carlos, eles chegaram lá, que era o líder do Governador pediu pra ele e ele concordou em derrubar o veto, se não Jandira não tinha sido emancipada. Não tinha mesmo condições naquela época. Em parte ele tinha razão, viu?.. que o que tinha aqui era indústria aqui em Jandira, né?.. e tinha 22 km<sup>2</sup>, hoje não chega a 18. Já diversos lugares sumiram antes de vir, sumiu as indústrias. Eu sei, entende?.. e quando eu denuncio essas coisas, só ganho inimigo. Na vida nossa é assim, quando se fala a verdade. Vê que você não está contente, você tá na universidade, vê alguma coisa errada, você tem entendimento, né?.. não é só lá o professor, o diretor, mas os alunos, as alunas, as pessoas também tem entendimento. Entende? Se você não concorda, você fica marcado na escola. Não é verdade?...Eu tomei conta de 400 pessoas no pedágio, lá eu sempre tive sorte. Só uma pessoa, que tem um juiz de Itapevi, na divisa, ele pediu pra deixar o carro no pedágio. Aí ele ia pra São Paulo, o cara foi lá foi tirar pneu dele. Aí não teve jeito, tive que mandar embora, né?.. Aí ele chorou, mas o restante, tudo que eu pude fazer por eles eu fiz, dos funcionários. Inclusive eu fiz processo contra o governo de um direito que era adquirido deles, depois de 12 anos, agora, que saiu, uns recebeu R\$2.000,00, outros recebeu R\$3.000,00, tá lá em Itapetininga, Sorocaba, telefonam pra mim agradecendo. É gostoso, né?... (risos).

**Um período bem interessante foi o período que foi chegando a luz elétrica aqui pra Jandira, a água, essa parte, o telefone aqui pra Jandira. O Sr. pode falar um pouco?**

Olha, o colégio, a principal coisa de Jandira, de desenvolvimento coube a esse Colégio José Manoel da Conceição, pessoal fala colégio, pra mim foi faculdade da região, porque na região não tinha, só tinha em São Paulo. E o que aconteceu? Então, aqui não tinha energia elétrica, eu morava numa casinha aí embaixo. Então tinha um motor, eles tinham um possante motor que era pro colégio, né?.. E eles, é aquilo de sempre, se faz um favor pra um, pra 2 ou 3 pessoas, os demais acham que tem eles direito também. E ele foi cedendo, cedendo, cedendo energia elétrica, até que estourou o motor (risos). É interessante, viu? Eu fui um deles, que precisei dessa energia elétrica duas lâmpadas e eles cederam pra mim, né?.. então aí veio, o Sammartino conseguiu com o prefeito, um deputado estadual Celso do

Amaral, ele conseguiu a extensão da energia elétrica de Barueri até Jandira, essa estrada por cima aí, naquele tempo lá, né?... Aí com a energia elétrica houve uma transformação, tem que ter transformação, né?.. Telefone a mesma coisa, o primeiro telefone tenho tudo, documento, fotografia, foi eu que inaugurei o primeiro telefone. Ginásio, colégio, 2 bancos.

### **Qual foi o primeiro banco aqui de Jandira?**

O primeiro banco foi o Bradesco.

### **Foi o Bradesco, aonde ele está hoje?**

Um parente do pessoal do Bradesco lá de Marília falou que vinha um dos donos aqui. Que que eu fiz, eu pus o nome do sogro dele (risos). Entende? Aí eu tava no fim do mandato, em dezembro mais ou menos, no fim do mandato eu falei, puxa, vai terminar meu mandato, terminou em janeiro de 73, queria terminar e deixar pelo menos um banco, em Jandira não tem nenhum banco. Ele falou em 45 dias eu instalo um banco aí. E instalou.

### **E é onde ele está?**

É, aí eles compraram o prédio que está até hoje. E depois o Banco Itaú, o segundo foi o Banco Itaú. Um dos melhores banqueiros que teve nesse país, ele veio aqui em casa, ele veio aqui com o Cláudio Lemos. Você já ouviu falar no Cláudio Lemos? Depois do Boanerges Ribeiro, ele ficou no lugar dele no Mackenzie. E foi vice-governador e foi governador. E quando eu fiz 80 anos, ele mandou de próprio punho, uma carta pra mim. Eu tenho aí, depois você vai ver o quadro (risos). Então, um homem simples, humilde, ele vinha me receber na porta, uma alegria. Filha, nunca pedi nada pra ele e nem pra esse pessoal, nunca pedi nada. Se fosse hoje, o cara já pedia dinheiro, já pedia emprego, já pedia terreno. (pausa). Os dias de hoje são diferentes, tá muito difícil, sabe?.. o problema é geral, até para as igrejas, para os estudantes. A dificuldade é muito grande. Mudou como tá mudando o tempo. O ser humano, ele tá destruindo o planeta. Hoje nós sentimos, que na época minha era bem diferente o planeta. Nesse riozinho aqui, na estação de Cotia, eu morava perto, a gente via peixe nadando, lavava roupa, pegava água pra beber, porque aquele tempo não tinha água encanada, não tinha nada. Você fica analisando a história do passado, até dos indígenas, eles formavam a cabana, aquelas coisas perto dos rios. Então era isso antigamente. E aqui já tinha esse colégio, já tinha os estudantes aqui, aonde eles tomavam banho. Hoje infelizmente tá tudo sujo, imundo. O ser humano tá destruindo tudo que é de bom pra eles. Eu falei há pouco tempo com o Ibama em Botucatu, que eu tive fazendo uma visita lá, aliás tive fazendo uma queixa. Eu falei pra ele: eu tenho dó dos meus bisnetos, eu tenho dó dessa juventude de hoje que não conheceram o que era natureza naquela época. Era tão bonito, mas tão gostoso de ver naquela época. Acabei de dizer que a gente saia a pé de Barueri e vinha a pé até a estação, que era Itapevi, tudo contente, com a molecada, sem nunca pensar, nunca saber que houve qualquer coisa, qualquer senhora, qualquer moço, qualquer criança, hoje não pode. Hoje os pais precisam tomar cuidado, se tem uma filha, um filho, criança mesmo precisa estar?.... Hoje tá muito diferente, a vida hoje tá bem diferente, hoje não tem mais respeito. Tem, claro que tem, tudo tem um ser limite, tem alguns grupos, assim, uma minoria, mas a maioria nós não podemos mais confiar. É tanta barbaridade que eu não consigo mais assistir televisão. Não dá, só crime, crime, crime, crime, né?

### **Agradecimentos.**

## **V. Dia 22.10.2009 – Entrevista: Professor Paulo (Secretário de Educação)**

**Professor pra começar, como que a gestão atual entende sobre a formação continuada? O que é formação continuada para esta gestão?**

Primeiro...uma gestão continuada, nós temos aqui algumas dificuldades estruturais, de prédios, de organização, nós temos uma secretaria com condições de trabalho, mas escolas sem condições escolares de receber 10463 alunos que nós temos, portanto a continuidade na educação em Jandira, eu creio, que desde 64 não existe essa continuidade, cada vez que troca de governo muda. Então, nós estamos preparando agora um plano de carreira pra que nós tenhamos possibilidades de ter uma educação com continuidade pra cidade. Não sei se respondo sua pergunta dessa forma.

**Só fazendo um paralelo, é...como você entende a formação continuada do professor? O que é para você a formação continuada do professor?**

É...eu volto lá no plano acadêmico. Terminar um curso superior, não dar continuidade e continuar na rede de ensino alfabetizando, educando, mostrando algumas técnicas educacionais sem formação adequada, sem ter uma continuidade ao curso acadêmico que fez, isso faz existir 25 anos prestando um serviço de formação que foi realizada. Ahh...aproximadamente nesse período aí, sem formação nenhuma. Eu creio nessa possibilidade.

**Você vê diferença entre a formação do professor de educação infantil para os demais professores?**

Sim, sim. A diferença é essa, quem tem habilidade, quem tem a, o jeito de alfabetização não pode ser contemplado de uma outra forma, deve ser habilitado para aquela função, dar um curso de capacitação, porque é uma dádiva, alfabetizar.

**Você acha isso positivo ou negativo quando agora Jandira é professor de educação básica, não como antes que tinha professor para educação infantil e professor para fundamental, agora estão todos na mesma etapa de ensino? Você acha que dificulta ou facilita?**

No primeiro momento dificulta, mas cabe ao secretário de educação, as pessoas que estão trabalhando com a educação básica no município, fazer a adequação, fazer a formação, voltar à primeira pergunta, fazer a formação continuada desses profissionais. Crítica pessoal é...nós sabemos que as pessoas que fizeram um magistério em anos aí, ahh...tem uma posição muito melhor hoje do que quem fez pedagogia e tá terminando o curso de pedagogia agora, porque não venceu isso, então eu espero que o sistema nacional de ensino consiga montar um curso de pedagogia com condição de colocar os profissionais no mercado de trabalho qualificado.

**Sobre a educação infantil, como é entendida quais são prioridades dessa atual gestão quanto à educação infantil?**

Educação infantil...é...creche. A creche começava pela formação social. A legislação permitiu que viesse para a educação. Aqui no nosso município nós temos monitores, muitas vezes monitores de creches, sem uma formação do ensino médio e hoje está na educação. Cabe essa regulamentação seja feita através do plano de carreira. A partir desse momento

que a creche está desenvolvida com profissionais da educação, com formação adequada pronto para o ensino infantil. Ensino infantil nós temos pessoas, nesse município prestando serviço nesse município pra educação infantil como monitor, muitas vezes, esses monitores também não têm a formação adequada. A preocupação nesse momento é que a sala de aula seja atendida com profissionais com formação adequada, é o primeiro passo porque é aí que nós temos condições de melhorar o infantil. Para preparar nossas crianças nesse período da educação infantil de forma tranquila, transparente, voltada a educação apenas fazendo serviço social...é...colocando em sala de aula com 3 horas aula, que hoje nós temos 3 horas, estamos mudando pra 5 horas, não existe a valorização, nós vamos ter uma sequência...é...negativa no fundamental 1, fundamental 2 e no ensino médio, então a preocupação do município hoje é adequar a casa com estrutura pra ter 5 horas, com profissionais adequados para trabalhar com a educação infantil.

**Aproveitando que você está falando de 5 horas, o que nós percebemos em muitos municípios é a separação de EMEI e EMEIEF, há proposta, há pensamento nessa diferenciação ou não?**

Sim, sim nós estamos mudando esta nomenclatura...é...para escola de educação básica. Então todas as unidades, são 25 unidades da prefeitura serão escolas de educação básica. Como 5 horas é uma briga agora, vamos na Câmara é... defender essa possibilidade de que os nossos alunos tenham 5 horas, mas só que nos últimos 40 anos, não vamos dizer do governo anterior nem dos demais, nos 40 anos da emancipação política pra cá, o que que acontece não foi construído escolas pela prefeitura, não foi construída quadras, não foi construído salas...é...com atividades extracurriculares. O que que acontece? Precisa mudar, nós não temos salas, então fomos pedir ao secretário estadual da educação que nós pudéssemos compartilhar as escolas estaduais. Foi concedida, amanhã o prefeito está indo, sexta-feira, dia 23 está indo até a secretaria do estado, assinar esse contrato nós vamos fazer essa parceria para que possamos atender as nossas crianças com 5 horas de aula, tanto a educação infantil que tem 3 horas quanto ao fundamental que tem 4 horas e fundamental com 5 horas, nós cometemos crime em Jandira oferecendo em um bairro 4 horas e outro bairro 5 horas, nós estamos tratamos pessoas iguais de forma diferente.

**Seguindo para área de formação dos professores, qual que é o objetivo da Casa do Professor?**

É...eu não consegui (risos), em 9 meses de governo definir a Casa do Professor, embora eu tenha certeza, que alguns profissionais que aqui estão, executam um trabalho relevante ao município. Agora, a Casa do Professor foi realizada em um concurso para profissionais, foi feito para o fundamental II e não para o fundamental I. E a nossa demanda é fundamental I. Eu solicitei ao departamento da Prefeitura, que mudasse essa nomenclatura e fazer um outro concurso com qualificação pra alfabetização, pra um empenho muito maior para o fundamental I que é o nosso foco.

**Um dos diferenciais do centro ainda permanece, na gestão anterior e agora, que tinha também uma pessoa pra área da educação infantil na Casa do Professor, permanece ou não, foi só no início da apresentação?**

Eu não conheço nenhum deles que sejam, seriam ligados, a não ser os profissionais de educação física, que é, que tem distinção. Mas específico, específico pra formação de profissionais da educação, no município de Jandira, voltado à alfabetização não tem. Mas



também o coordenador de educação física, também da arte, também existe de inglês, mas não precisa ter registro.

**Qual é a percepção da gestão sobre as necessidades da formação continuada para professoras de pré-escola? Vocês veem alguma necessidade, principalmente com foco pra pré-escola? Necessidade de formação...**

Sim, nós colocamos que hoje tem pessoas que não tem o ensino médio, trabalhando na educação básica, que iremos trocar, precisamos trocar para aproximá-los da área da educação, cumprindo a legislação contendo o princípio básico da educação, que é educar. Nós temos que dar formação adequada pra, pro pessoal que trabalha nessa área.

**E existe algum instrumento que, que monitora, que apura as necessidades desse professor de pré-escola?**

Sim. Existe supervisores, coordenadores. A função da Casa seria essa, auxiliar, verificar a necessidade da demanda dos professores que tiveram educação continuada.

**E é possível ver, por exemplo, quais são essas dificuldades, se é metodologia, se é a didática do professor ou lhe dar com a alfabetização. Tem uma ideia de quais são essas necessidades, principalmente com foco na pré-escola?**

Voltamos às perguntas iniciais. Nós temos uma secretaria, construíram nos governos anteriores, uma secretaria como você conhece aqui, é uma casa, com televisão na sala principal, com televisão de plasma 40 polegadas, 45, é...esqueceram de colocar na cozinha um fogão. Por exemplo a nossa realidade, fizemos uma secretaria pra funcionar adequadamente, mas nós temos pré-escola que não tem banheiro adequado, que não tem um computador, que não tem lençol, não tem a estrutura mínima necessária pra uma pré-escola, uma creche pra se lecionar com dignidade, mesmo pro ensino fundamental. Partindo desse princípio, a primeira coisa é arrumar a casa, por que assim o professor que lá está, ele vai falar o seguinte: como que eu vou trabalhar?...vocês não dão a mínima condição! Parte lúdica, você já deu uma circulada, nem toda escola tem uma quadra ou melhor, um espaço para as crianças se exercitar. Nós sabemos que a educação, não basta somente um espaço físico sete por sete, a famosa sala de aula. Condições de trabalho pedagógico, HTPC de forma proveitosa, material didático. Houve escolha esse ano dos livros, profissional da escola verificou a sua necessidade. Pediram exatamente de acordo com o pedido dos professores. Formação em julho para os profissionais da educação e todos os profissionais que trabalham com a educação. E os equipamentos, se não me falha a memória, fizeram um curso em julho, todos os funcionários da educação, até o pedreiro foi fazer o curso, pessoal da portaria, tentando melhorar a educação de Jandira. Evidentemente, nós temos aí as escolas que a partir de 22 de dezembro, entram em reforma e nós já temos a data em 2010, 23 de fevereiro. É uma luta incessante, não tem outra forma. Novas creches, biblioteca, brinquedoteca. Essa planta já está aprovada, já está em negociação.

**No caso, aproveitando esse exemplo do livro didático, que você colocou, da escolha. Se pensou nos livros, em apostilas para educação infantil, pra pré-escola ou ainda não nesse momento?**

Sim, também.

**Outra dúvida que nós tivemos foi quanto à creche noturna. Qual é a verdadeira proposta da creche noturna? Proposta educacional da creche...**

Primeira coisa é a obra que começou em maio e tá terminando, deve terminar agora em meados de novembro, dando condições de atender as pessoas na creche noturna. Nós só temos essa certeza de que à noite a criança dorme. Algumas mães têm a necessidade por trabalhar no polo industrial da região de Jandira e não ter com quem deixar a criança. Eu lembro que a conselheira tutelar disse que nós tínhamos essa dificuldade. Encontravam criança de 8 anos cuidando do irmãozinho, cinco, seis em casa, enquanto a mãe estava fora trabalhando. Então a demanda municipal fez com que pudesse abrir um espaço à noite pra que a mãe deixasse seu filho com segurança, pra que o conselho tutelar, o CTCA que é, que são as pessoas que cuidam da questão da adolescência na cidade, pudesse também fiscalizar. Então é esse o primeiro critério. Agora, posturas educacionais, nós podemos oferecer à noite, um local adequado para as crianças ficarem, com profissionais adequados, professores, monitores, nessas condições e atender uma demanda do município.

**Mas no caso você não acha que vai pro social? Continua sendo educacional ou passa pro social?**

Nesse período da noite essa criança já teve uma atividade intensa durante o dia. Automaticamente deve ter ficado em uma unidade escolar, já teve seu trabalho, ela quer dormir, porque no dia seguinte também vai ter um... pensar em educação à noite, nessas condições, não tem outra forma, passa a ser de um cunho social também.

**Certo. Por fim, como que você vê o desenvolvimento da educação em Jandira e qual o cenário dela hoje? Como foi o desenvolvimento da educação assim, resumindo como se você tivesse contando a história da educação em Jandira? O desenvolvimento que você acompanhou e o cenário dela hoje...**

Eu cheguei em Jandira em 79, 1979. eu estava no período de exército. Então, eu fui transferido aqui pra Barueri, comprei uma casa e vim morar aqui, que era próximo do quartel. Eu estudava fora, na cidade de Jundiá e depois fui pra PUC. O que aconteceu nesse período com a gente?... cidade pequena, poucos habitantes, cidade dormitório, cidade de Osasco pra cá, em toda a vida na linha do trem. Naquele tempo ainda tinha a escola de madeira na praça central. Uma escola de madeira em frente ao Itaú. Onde é o coreto. Tinha umas salas de madeira ali. Depois passou a ser um prédio da prefeitura. Onde é a rodoviária, tinha uma bandeira, a praça era uma bandeira, tinha um relógio e essa escola ficava na proximidade da praça central. Pois bem, prestei concurso em 87, 88, fui trabalhar na Secretaria da Educação. De 79 a 88 eu tenho pouca coisa pra falar de educação em Jandira, porque eu estava mais fora. Era cidade dormitório, eu vinha aqui só pra dormir, porque eu estava no quartel e ficava fora daqui. Em 89 pra cá, trabalhando na Secretaria da Educação, sempre pensou no lado político da educação em Jandira, sempre. É por isso que dava voto. Faz uma escolinha pequena, vem uma verba de R\$150.000,00, constrói 3 salinhas e não pensa em retorno. E cresceu muito a cidade de 89 pra cá. Só não pensou em fazer educação planejada. Jandira é uma cidade de 17 km quadrados. Se tivesse pensado, embora também não tínhamos empresa. Vamos citar uma mesma dimensão, um pouquinho menos, 16 km quadrados, São Caetano: lá tem a GM, tem grandes empresas, aqui não tem. Porque faltou planejamento. A ideia agora é, o tempo que eu ficar aqui é deixar alguma coisa planejada. Plano de carreira, escola com padrão e a pessoa que sentar aqui vai encontrar que o trabalho deve continuar, independente da forma que eu recebi. Até hoje o antigo secretário não veio me passar o que tinha na secretaria. Eu

recebi os computadores só com o sistema operacional. Então, a educação de Jandira precisa de planejamento. A partir do momento que os governantes e as pessoas que por aqui passam, planejar a estrutura física, a contratação de profissionais da educação, respeito à integridade física dos nossos alunos, alimentação de qualidade e educação de qualidade, eu creio que vai resolver. Então, a gente precisa trabalhar nesse foco. Infelizmente, o Mackenzie, o Instituto Mackenzie que era pra ser aqui, você tá fazendo a pesquisa, que era pra ser aqui, foi pra Alphaville. O JMC prestou grandes serviços à comunidade de Jandira. Então, nós dois, nós não temos escola, nenhuma escola, que podemos dizer escola com boa qualidade. Eu circulei no período enquanto professor, as escolas da comunidade e outras, a Renascença, e fiquei pasmo quanto ao Pueri Domus, que é uma escola com padrão de classe média. A gente tem padrão de escola de classe média e temos o padrão de escola do nosso município, que eu sei que a qualidade aqui é muito ruim. Eu preciso auxiliar, não dá pra mudar tudo porque eu não tenho essa qualidade, esse poder político pra fazer isso. Mas o prefeito Brás Pasqualin, ele está envolvido com isso, o que tem pedido tem feito, mudou a alimentação esse ano que se passou, é o que era o que é hoje. Precisa melhorar um pouco mais, o uniforme para as crianças... um lado ainda social e agora a reestruturação de todas as unidades escolares. Então precisa mudar. É isso.

### **Agradecimentos**

**VI. Dia 19/08/09 às 17:00h, entrevista: Professora Liliane Barbosa (Coordenadora da Casa do Professor).**

**Professora, só pra nós começarmos como que foi o seu ingresso na área educacional?**

Bom, eu comecei a fazer o magistério já era, uma vontade desde quando comecei a estudar. Minha mãe sempre me incentivou, fiz magistério e comecei a trabalhar já na área de educação infantil e ensino fundamental I e aí fui fazer licenciatura em letras e comecei a trabalhar com ensino fundamental II, médio, comecei a entrar na área mais de, da formação pedagógica, fui pra Pedagogia e to até hoje na educação.

**Como foi a sua chegada à Casa do Professor, como foi o surgimento da Casa do Professor?**

A Casa do Professor surgiu para suprir uma necessidade de formação dos professores no município. Toda ação de formação pedagógica, de acompanhamento, de suporte técnico-pedagógico deveria sair da Casa do Professor. Então, um grupo pensou por um bom tempo o que seria viável ser desenvolvido no município para resolver essa questão, que ainda não está resolvida, mas esse grupo foi criado para atender o professor. Nós temos professores de áreas específicas, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências... todas as áreas e a partir de um concurso esse grupo foi formado.

**Você já atuou então na educação infantil?**

Já. Eu trabalhei na educação infantil aqui mesmo no município.

**Como que você definiria a educação infantil? O que é pra você a educação infantil?**

Pra mim, educação infantil é um momento de trabalhar todas as áreas, todos os estímulos para o desenvolvimento da criança, mostrar para a criança, trabalhar com a criança tudo aquilo que ela já tem, que ela está no processo biológico, mas a gente aproveita isso e traz questões pedagógicas na escola. Sem escolarizar.

**Você vê alguma coisa assim mais importante de ser trabalhada na educação infantil?**

Eu penso que o mais importante na educação infantil tem a ver com o desenvolvimento psicomotor.

**Você diferencia entre professora de educação infantil e professora de ensino fundamental, diferença de atuação?**

Sim, porque as vezes o professor de ensino fundamental atua mais pensando em conteúdos, pensa muito na questão burocrática do ensino, aquela coisa didática e professor de educação infantil ele vê o ser humano como um todo, pensa na realidade com muito mais facilidade que o professor de ensino fundamental, embora nem sempre ele tenha formação adequada, mas ele tem mais visão do todo do que o professor de ensino fundamental.

**Você vê algum ponto crítico na educação infantil?**

Porque quando a gente fala de educação infantil, agora nós estamos até vivendo um momento legal, porque com essa questão da educação básica foi incluída como uma parte obrigatória do ensino, então a coisa melhorou um pouco, mas a gente sabe que a educação infantil sempre ficou é pra trás, os professores que eram contratados às vezes nem precisavam ser professor, então a gente passou por momentos muito difíceis na educação infantil nacionalmente falando. E tem a questão mesmo de políticas públicas, políticas públicas educacionais específicas para a criança de pré-escola, porque a gente percebe que, o ensino fundamental, inclusive com essa política de ensino fundamental de nove anos é pra mostrar exatamente isso, que educação infantil é tão importante que a gente precisa aumentar mais um ano no ensino fundamental porque a criança desde pequena ela pode receber contato com a escrita, leitura, mas não deixar de ser criança e brincar.

**Você de fora da sala de aula aqui numa gestão, você que no município ainda existe a educação infantil assistencialista?**

Em alguns momentos sim, principalmente quando a gente fala de início mesmo, pré escola, crianças de quatro anos, acabaram de sair da creche, então as pessoas ainda olham pra esse lugar como espaço de cuidar, de deixar a criança lá porque a mãe não tem onde deixar, então ainda tem essa visão assistencialista sim, de entregar, de se preocupar com o alimento simplesmente e não se preocupar com a questão pedagógica, desenvolvimentista, né, pelo menos.

**Outra questão, agora voltando mais pra questão de formação, vocês aqui da Secretaria, Casa do Professor, já utilizou de algum instrumento de alguma pesquisa pra observar as dificuldades de um professor de pré escola? Dificuldade de atuação?**

A gente até trabalhou com os professores, a gente fez uma pesquisa de é....., na verdade não foi só para a educação infantil, mas nós fizemos uma pesquisa em todos os professores

da rede pra descobrir as dificuldades, descobrir onde estão as nossas fraquezas, onde estão as nossas forças, onde a gente pode atuar pra melhorar a educação infantil.

**Você tem algum indicativo das dificuldades desses professores de pré escola ?**

As principais dificuldades são, tem relação com a formação continuada e a formação é.... inicial, que muitos não tem curso superior ainda e nem perspectiva de fazer.

**Essa questão da formação continuada, como você falou essa dificuldade, você consegue demonstrar um pouquinho mais pra gente? Quais dificuldades essas da formação continuada?**

Às vezes é uma questão de tempo, porque aqui todo professor trabalha dois, três períodos e não tem hora nem, nem lugar pra fazer e em outras vezes, mesmo oferecendo pra eles a formação aqui em horários diferentes é....tem gente que não, mesmo tendo tempo não tem muita vontade e tem a questão financeira, porque se não tem aqui né, poderia pagar uma formação, mas também o professor não se dedica identifica muito pra isso.

**Vocês percebem alguma dificuldade prática pedagógica desses professores de pré escola?**

Principalmente com relação ao movimento, arte, música, a gente percebe, às vezes eles caem muito na questão da linguagem escrita e da matemática, muito é... tradicional e não conseguem trabalhar movimento e arte e a música.

**Existe alguma, algum foco da Secretaria de visar alfabetização, por exemplo, a escrita na pré-escola ou não parte nada da secretaria?**

Da Secretaria não. Na Secretaria a gente prioriza a questão do letramento, de vivenciar o ambiente de futura escrita, de relacionar com escrita muito cedo, isso sim. Inclusive a gente orienta desde a creche pra trabalhar com leitura, colocar cartazes, mas que isso não seja pra virar um saber é... escolarizado, ó, vamo lá, colocar o aluno pra escrever no caderno, inclusive a gente tem um certo problema com folhas mimeografadas, o professor quer fazer tudo no mimeógrafo, quer fazer aquelas atividades já prontas, pra passar os pontinhos, de ligar, essas coisas.

**Essa poderia ser uma das dificuldades do professor, da atuação pedagógica dele. Certo. Você percebe assim, diferenças na questão de, da comunidade, na questão dos pais, chega aqui na Casa do Professor alguma dessas dificuldades do professor de pré-escola? De comunidade, de gestão, de apoio pedagógico na escola? Chega aqui alguma dessas dificuldades do professor?**

A gente não tem tanto essa , essa ligação com que a comunidade, mas a gente percebe que a comunidade ainda vê a educação infantil como um espaço de assistencialismo ou quer que seja uma escola é....que vai ensinar já o saber lá de 3ª e 4ª série que teve lá na pré escola, então ou os pais jogam a criança e a gente tem que fazer tudo ou eles querem que seja uma escola já de ensino fundamental.

**Certo. Como que o departamento entende formação continuada? O que pra vocês é formação continuada?**

Bom, a gente vê a formação continuada como processo contínuo como já diz o nome, mas não aquela formação que se preocupa simplesmente com conteúdos, pra eu saber o

conhecimento didático. O conhecimento didático tem que ser importante, mas a gente vê que o, a prática pedagógica tem que ser colocada em pauta. Então a gente é.. prioriza nas nossas formações a, o saber é..do professor enquanto professor, então o que que ele sabe quando ele vai dar aula e como a gente pode dentro da nossa atuação melhorar isso. A partir do que ele já faz, a gente melhorar o que ele pode fazer.

### **Vocês consideram o HTPC como formação continuada?**

Com certeza, aliás é...a formação continuada deveria ser, deveria acontecer na HTPC pra gente né, porque nosso trabalho deveria ser um trabalho complementar, o coordenador pedagógico deveria ser ããã... o parceiro mais experiente na escola, que tenha essa condição de dar toda essa formação e esse apoio ao professor, teórico e prático.

### **Vocês desenvolvem alguma ação com esse coordenador pedagógico pra fazer essas formações?**

Sim. Este ano inclusive, estamos desenvolvendo uma formação, aos coordenadores, aos diretores e aos vices voltadas para gestão e essas questões, então o diretor ele tem um coordenador, tem momentos de gestão administrativa, gestão pedagógicas, gestão de pessoas e agora com os coordenadores a gente quer focar os parâmetros nacionais né, da educação infantil, a gente ta discutindo muito a questão de um currículo que priorize a questão do movimento, da musica e das artes, então a gente faz um trabalho com o coordenador. Ainda não há trabalho como a gente sonha, ta um pouco distante daquilo que a gente quer, mas a gente já analisa a pratica desse coordenador, pra melhorar a atuação dele lá, pro 2º semestre a gente tem planos de já desenvolver com eles como faz no HTPC, ir na escola se for o caso, então a gente vai fazer intervenções da Casa do Professor, mas já é uma forma de formar o coordenador. Ensinar, fazendo.

### **É agora vamos tratar um pouquinho mais especifico do RCNEI? O curso do, o programa dos referenciais. Qual foi a necessidade da Secretaria pra lançar esse programa na rede?**

A necessidade da Secretaria é exatamente essa dificuldade que o professor tem de práticas, de atividades mesmo voltadas pra essa finalidade e que não sejam escolarizadas. Eu sempre uso termo assim escolarizada, porque é aquela coisa da folha mimeografada, do papel, de.. “vamu terminar a aula de português, agora vam pra matemática, agora senta vou contar uma estória, pro professor perceber que dentro de uma rotina é... escolar, você pode trabalhar diversas coisas sem parar tudo isso e dividir sem o aluno perceber, que não precisa ser num papel, numa folha, que numa situação às vezes de conversar com eles, de ouvir o que eles tem a dizer, já é uma situação pedagógica que precisa ter.

### **Quais eram os objetivos desse curso pra rede?**

Cada módulo, na verdade o referencial ele foi dividido em módulos, por que a gente pegou os eixos dos referenciais, então tinha lá, linguagem moral escrita, tinha de matemática, tinha de música, cada módulo foi ministrado pra um grupo que era daquela área, então a gente teve o de linguagem moral escrita que foi feita por um professor de língua portuguesa, coordenar, então ela focou muito a questão da leitura é... enfatizou as questões pertinentes aos objetivos gerais especificos daqueles níveis de ensino e todas as outras foram assim, os meus profissionais já são cada um é de uma área específica e eles trabalhavam nas suas áreas.

**E o planejamento desse curso, você acompanhou desde o início? Esse acompanhamento da Casa do Professor como foi o planejamento?**

Na verdade esse programa é um programa nacional que é dos parâmetros curriculares em ação. Então o que nós fizemos, adaptamos até porque a gente precisou dar uma mudada na carga horária e aí a gente analisou os objetivos parâmetros vinculados em ação, que é na verdade colocar a prática de sala de aula em pauta. Na formação a gente muda um pouco o foco da formação olhando só pra conteúdos e trabalha a prática, quais são, qual é a realidade da sala de aula, todos esses objetivos e organizar os módulos de acordo com os eixos do referencial.

**Analisando as listas de presença, os participantes, foi mínima a participação de professores da escola. Foi muito maior da questão dos monitores de creche. Seria por conta do oferecimento dessas vagas?**

Na verdade essas vagas quando foram oferecidas, foram oferecidas mesmo pra os dois níveis, só que os monitores eles tavam num período que eles nunca tinham tido formação nenhuma, nunca tinham tido nenhum olhar nesse sentido né, pedagógico. Então eles vieram em peso, mas os professores de educação infantil tão naquela situação, porque não tenho horário, não tenho tempo, trabalho em outra rede, então foi por isso que dificultou a participação deles.

**Vocês conseguiram medir o retorno desse curso pra rede, pra os professores que participaram?**

Conseguimos em parte, né, porque a gente teve muita mudança nesse período, né, teve troca de professores de uma escola pra outra, a gente mudou de horário, então a gente, houve uma variação de coordenadores também que trocaram, que eram quem acompanhava, então nossa forma de medir era com os coordenadores com o trabalho que eles faziam em sala, porque o curso ele era feito, os professores desenvolviam atividade no curso e tinha que levar uma lição de casa, a lição de casa era uma, um plano de aula, era alguma sugestão que surgiu na aula do curso que voltava depois para os formadores.

**Agora vamos pro Letra e Vida. As mesmas questões que nós falamos do RCNEI, mas para o Letra e Vida. Qual foi a necessidade de trazer esse programa pra qui?**

Na verdade a principal necessidade do Letra e Vida foi por se um programa que contempla a alfabetização em textos, para tirar um pouco aquela alfabetização tradicional, por meio de sílabas e letras, ampliando mais os horizontes dos professores alfabetizadores. Só que o Letra e Vida acabou não sendo só para os professores alfabetizadores, porque nós temos alunos de 4ª série, agora 5º ano, que não está alfabetizado. Todo professor precisa fazer um curso que mostre pra ele a necessidade de trabalhar com salas heterogêneas, com alunos diferentes, com agrupamento, então essa era a nossa necessidade. Quando a gente ofereceu as vagas do Letra e Vida começou até uma certa exigência, um pouco obrigação que todos os professores de 1ª série fizessem. Quando lançamos pra rede, começou muitas outras professoras, de outras series também interessar, 2ª série, 3ª e aí, começaram os professores de educação infantil também entrar na briga. Foi ate muito interessante, tem uma professora que ela ligava pra mim todos os dias.. “- e aí já liberou pra educação infantil?”. Enquanto a gente não fechou o quadro que contemplava os professores de 1ª série do fundamental, a gente não pode abrir pra professores do infantil, porque tinha uma coordenação de fundamental e infantil que não autorizaria isso. Aí a gente começou a brigar, e aí teve um momento que eles falaram, não coloca a educação infantil, porque

precisa também e as nossas participantes não foram muitos na educação infantil, mas eu não, mas eu acho que a pergunta vem mais pra frente, mas os participantes da educação infantil não tinha uma, um olhar muito mais é, e eles nos surpreenderem porque era mais legal trabalhar com eles do que com os professores do fundamental. Eles inham uma visão muito mais próxima daquilo que a gente discutia do que os do fundamental.

**Qual foi a maior proposta para os professores de pré escola, o programa Letra e Vida contemplava o professor de pré escola ou vocês deram algumas adaptadas?**

Na verdade o Letra e Vida , ele não contempla é uma serie, ele contempla a questão mesmo da alfabetização, porem a gente conseguiu dar essa, esse foco porque, a gente trabalhou a questão do professor pra desenvolver suas atividades em função do que os alunos já sabem e o que eles precisam saber, então qualquer professor pode fazer o Letra e Vida, inclusive os, as salas que são apresentadas nos vídeos, a maioria dela são de creche, são de educação infantil. Então isso dava pras professoras de educação infantil uma proximidade com a realidade delas.

**O que vocês mais esperavam desenvolver nos professores?**

O que nós mais esperávamos em desenvolver nesses professores era a autonomia de planejar e executar as suas aulas, melhorar as intervenções junto aos alunos, o trabalho de agrupamento. Falo como formadora de Letra e Vida que nosso maior objetivo era ver o professor elaborar uma atividade que contemplasse exatamente aquilo que os alunos dele precisa, nem mais nem menos, era trabalhar com que o aluno sabe e o que ele deveria aprender e que ele consiga fazer agrupamentos produtivos, que ele trabalhe é a circulação de informação em sala, que ele consiga trazer a realidade, o conteúdo que ele trabalhe tenha tudo a ver com o objeto real, né, que não seja só função social.

**Como foi o preparo? Vocês receberam alguma formação antes, passaram por alguma formação? Como que foi?**

O processo do, da formação do Letra e Vida, ele é, é concomitante, enquanto a gente vem fazer a formação aqui, a gente tem, a gente recebe formações lá, que é a Coordenadoria de Estudos de Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo. Então a gente faz, inclusive a gente começou três meses antes, então a formação mesmo começou em 2007, 2006, desculpa, começou no início de, meio de 2006, porém a gente tinha começado a formação no final de 2005. Então a gente já vinha fazendo formações, a gente já adiantava a, os módulos, as unidades que a gente ia trabalhar, porque o processo de formação de formador consiste em é, fazer uma testação daquilo que vai acontecer na aula, então a gente imagina, quais são as perguntas que o professor vai fazer se a gente lançar essa atividade? A professora vai perguntar, vai dizer que na sala dele, não dá porque tem muitos alunos ..... ah, então o que a gente vai responder, então a gente vai treinando já é, como as perguntas que a gente já tem que antecipar que eles vão fazer. A gente treina pra lidar com um grupo que sempre é tem, é diferente, difícil, as vezes de atender, porque é uma nova concepção, então...

**E vocês conseguiram ter esse retorno dos professores? Ou melhor, impactou a prática pedagógica deles em sala?**

Nós percebemos que é, a pratica desses professores, é, não, os professores de pré escola nós conseguimos ver resultados, que mudou muito, é que, o processo de formação realmente ele é pra gente que é formador ele é muito ingrato, né? Não é igual professor que



a gente vê o aluno crescendo, é diferente. Então é, o formador, a gente analisa que os professores eles vão aos poucos se apropriando de algumas coisas, mas que tem coisas que muitas pessoas saíram e não vão fazer por enquanto, tem que ter mais formações, a gente vai ter que acompanhar mais, outros suportes, porque não muda, mas a gente pega algumas coisas assim, pratica de leitura na escola, que é uma coisa que logo de cara as pessoas começam a querer fazer, porque é mais simples, parece mais simples. Mas é, tem um impacto muito grande, muda muito a cultura na escola, de escrita e de leitura. E a gente percebe também que eles se preocupam muito mais, de preparar a aula. Até esse ano eu estava vendo umas professoras da, do Letra e Vida, folheando livros do , e aí, elas estavam abominando um determinado livro que eu tava pensando: "Ai, meu Deus tomara que elas não escolham". E elas realmente, não, esse não, esconderam lá. Então tem, ficou algumas coisas que a gente percebe que, que mudou na pratica, isso é legal, com a escolha do material didático.

### **Um desses dois programas tem proposta de dar continuidade ou não?**

Tem. É que, a gente teve mudança de gestão e com a mudança da gestão a gente teve que reestruturar algumas coisas, a Secretaria agora tem novos objetivos e outras formas de, de coordenar as coisas, mas pra agora pro inicio do ano que vem a gente quer começar com, com os referenciais e o Letra e Vida também já tem proposta de apresentarem novo a formação pra rede.

### **Quanto aos materiais distribuídos para os professores dessas duas formações, você pode dizer um pouquinho o que foi distribuído para eles?**

Então, os referenciais, ele é composto por um material de textos de referência teórica e a parte prática que são as atividades que eles desenvolvem na aula. Já o Letra e Vida, ele tem um material próprio desenvolvido pela equipe da Secretaria do Estado, que são 3 livros com, são módulos, cada módulo ele traz os livros pra leitura pessoal, que são textos de literatura em geral e textos de referencia mais as atividades.

### **Qual o foco de conteúdos abordados pra educação infantil nesses estudos? Você colocou a questão do letramento, da leitura diária, e outras áreas também, por exemplo, foi dividido em módulos, em eixos temáticos, mas o que era mais privilegiado nesses módulos?**

Na verdade, a prioridade era mostrar que é possível fazer o cuidar, mas por meio da educação, então a gente não vai tirar o cuidar, mas também não deixar de fazer o cuidar, na educação infantil. Então a gente valorizava muito a questão do desenvolvimento do aluno, em qualquer, é de acordo com a atividade dele e não vamos trazer os conteúdos e não importa quantos alunos ele tem. A gente analisava isso.

### **O que para vocês é um bom programa de formação continuada?**

Um programa de formação continuada é, é uma pergunta difícil de responder, inclusive eu bato muito nisso. Eu acho que formação continuada deveria ser é, não pela questão da carga horária, eu acho que todo professor deveria receber formação durante o ano inteiro. Por mais que a gente tenha aquelas formações de 20 horas, 30 horas, 40 horas, mais uma formação que vá direto aquela necessidade do professor. Porque é, nós somos um departamento que cuida exatamente disso. Então você vai a escola, você já diz, ah eu tenho dificuldade de preparar uma aula que eu consiga contemplar várias disciplinas. Então a gente tem que formar um grupo, uma oficina e trabalhar com isso. Então eu imagino que a

formação continuada tem que também partir daquilo que o professor precisa. Se a gente ensina, que a gente tem que trabalhar com os alunos seus conhecimentos prévios, então o professor também tem que ser assim. Porque ele também já sabe muita coisa. Então muitas vezes as formações, elas são chamadas de continuadas, mas não continuam muito. Elas começam de novo aquilo que as pessoas já sabem. Então quando chega no momento que ela deveria aprender algo novo, ela já tá terminando de novo a formação. Então, eu acho que a formação continuada tinha que ser um processo que cada um se encaixa no ponto que ele precisa.

**Nas propostas futuras da Secretaria, existe alguma proposta específica para professores de pré-escola ou continua uma proposta de participação deles em programas direcionados a outras etapas da educação?**

Existe. Inclusive esse ano a gente mudou nosso, nosso meio de organizar nosso plano, que foi exatamente olhar pra os níveis de ensino que a gente tem. Então, vamos preparar um formação específica pra creche, outra pra infantil e outra pra fundamental e inclusive até no fundamental os ciclos específicos. Porque não adianta também levar o professor na carona como você disse e ele ficar sempre dependendo de que as pessoas estejam indo pra onde ele quer ir, ele precisa também ter os próprios destinos e a gente levá-lo né?.. não ficar esperando, ô você vai pra, pra jogos matemáticos, então eu também quero ir. Então a nossa intenção é preparar inclusive formações voltadas pro movimento que a gente percebe que é onde a gente tem maior dificuldade, pra matemática, a questão dos jogos. Então a gente sim, está elaborando jogos de matemática pra professora de educação infantil.

**Quais foram os pontos positivos e negativos do RCNEI? Do programa de formação RCNEI?**

Bom, primeiro a questão mesmo dessa mistura de públicos, isso é uma coisa que atrapalha porque a gente não pode negar, porque o professor de creche, porque o monitor de creche era muito contemplado, o professor de educação infantil era menos contemplado. Então as atividades eram muito pensando na criança de berçário, de maternal, enquanto que o professor de educação infantil ficava esperando o momento que ele fosse, é, ah, agora vamos falar de criança de quatro anos. Então essa mistura desses dois públicos foi um ponto negativo. Porém, essa mistura também é positiva, porque o monitor de creche ele tem pouca formação na rede. Então, o professor de educação infantil traz uma, uma visão diferente e o inverso também ocorre, porque o professor de educação infantil precisa ter contato com essas pessoas que tem esse maior convívio com crianças pequenas, porque o professor de educação infantil às vezes chega pra atender uma criança de quatro anos que acabou de largar a fralda, de deixar a chupeta e ele já quer que ele escreva no caderno perfeitamente. Então, essa mistura de público é ruim, mas também é boa nesse sentido, mas isso não significa que a gente não pode fazer um curso pra cada um., ter momentos pra cada coisa. Então, não é por isso que a gente vai continuar fazendo sempre a mesma coisa.

**E quanto ao programa Letra e Vida?**

O Letra e Vida aqui no município... o ponto negativo pra esse professor de educação infantil foi exatamente ocupar as vagas que sobraram, isso foi ruim e como a gente trabalhou com turmas muito numerosas, foi difícil atender especificamente esses professores. E pensando nisso, pouco tempo teve dos formadores irem acompanhar a atividade do professor em sala, porque a proposta é essa, né?... você vai à sala, você analisa o professor em sala, você traz a aula dele como discussão de pauta e isso foi um ponto que a gente não conseguiu

contemplar. Mas a gente teve um ponto positivo foi a possibilidade de mexer nessas concepções que há um tempo não se mexia. Então, começou a mostrar pro professor que é possível trabalhar com salas numerosas mesmo que seja uma coisa tão difícil, que dá pra trabalhar com heterogeneidade, que é impossível não existir. Então algumas coisas foram boas, mostrar pra ele a importância da rotina, isso é uma coisa que a educação infantil tem costume de fazer. Mas otimizando essa rotina.

### **Agradecimentos.**

## **VII. Dia 18 de março às 11:00h – Entrevista: Professora Amarela**

### **Como você veio a se formar e atuar como professora?**

Essa ideia veio aflorar quando eu atuei como monitora numa creche em Itapevi, ou melhor, numa pré-escola. Então eu me interessei pelo assunto e achei que eu poderia fazer mais. Procurei estudar e me matriculei num curso de Pedagogia.

### **Desejava continuar em educação infantil?**

Sim, eu comecei a trabalhar com crianças e eu me apaixonei pela causa e fui procurar me atualizar.

### **Como você definiria a educação infantil? / O quê você entende por educação infantil?**

Acredito que a base de tudo é a educação infantil. A formação da personalidade da criança está de 0 a 7 anos, então é de supra importância, precisando de pessoas interessadas na causa para contribuir nessa base, que é tudo na vida de um ser humano.

### **Como você vê os pontos críticos da educação infantil?**

Infelizmente o resíduo do passado de ser assistencialista. Você vê salas mal planejadas, com estruturas mal feitas para educação infantil...é ver torneiras altas, banheiros altos, salas pequenas, sem espaço, sem pátio para a criança brincar. Eu acho que tem muito a trabalhar.

### **Você acredita que a educação infantil não é mais vista pelo lado assistencialista?**

Eu creio que está se mudando essa concepção, mas ainda é vista sim, por conta da própria história. Seria preciso trabalhar nas políticas públicas, trabalhar os pais, os professores para poder estar realmente mudando isso.

### **Como poderia nos descrever sobre sua prática diária com as crianças?**

Bom... (pausa). Eu procuro está ouvindo eles, procuro partir da realidade deles com que estou trabalhando. Os conteúdos às vezes, eu estou com uma coisa e eles mudam totalmente para outra coisa... Eu tenho que está ouvindo essa criança e entendendo ela como criança...naquela faixa etária, tentando...não atropelar as coisas, acompanhando o seu momento.

### **Qual sua maior dificuldade de atuação na educação infantil?**

Eu acho que é a falta de apoio, como...agora que está se pensando em materiais pedagógicos para crianças. Os professores praticamente tem que fazer tudo, e é complicado, por falta de tempo, de disponibilidade para estar confeccionando jogos, porque a criança precisa trabalhar com jogos para aprendizagem. Os materiais em si, eu acho que município de Jandira ainda é muito pobre, há muito que se fazer. Minhas maiores dificuldades, eu creio, que são essas... A indisciplina dos pequenos também se torna difícil, a falta de parceria com alguns pais e às vezes a insensibilidade de alguns gestores.

**Hoje você percebe diferença de sua atuação de quando iniciou, podendo nos dar alguns exemplos?**

Sim!! Por exemplo, eu brigava muito, achava que falar alto, gritar, resolveria o caso e não resolve nada, a sala fica mais bagunçada. Outra coisa, a criança rabiscou a atividade, antigamente eu rasgava aquilo, hoje eu não faço mais. Eu pego aquela atividade, coloco como primeira tentativa, ofereço uma outra para a criança e anexo, na hora da reunião eu coloco que essa foi a primeira, essa foi a segunda... olha como melhorou! Isso são coisas assim... que melhorou muito. Essas diferenças eu atribuo às leituras, as discussões com colegas durante a formação de pedagogia... são aos estudos mesmo. Estudar o funcionamento da criança, e quando você começa a entender como lidar com elas, vai melhorando.

**Acredita que algumas destas necessidades podem ser sanadas ou minimizadas através de programas de formação continuada?**

Sim, curso é sempre muito bem-vindo. Porém, os cursos mais práticos, eu sempre bato na mesma tecla: falta oficina pra ter um espaço de fazer alguma coisa prática. Fica muito na teoria...

**Como e quando você buscou pela sua formação?**

Quando eu estava atuando eu senti a necessidade. Ser auxiliar ali era pouco pra mim. Eu queria ter mais voz, e só atuando como professora para isso.

**Você acredita que a formação universitária lhe preparou para sua atuação como professora de educação infantil? Por quê?**

Deu uma base. Preparar, preparar... é a prática mesmo, umas adequações que eu tive que fazer e... não dá nada pronto, o tempo todo você tem que estar lendo e na prática você consegue.

**O que você entende por formação continuada?**

Seria um momento do professor estar se atualizando, tendo espaço de expor suas opiniões, ouvindo outras opiniões, tendo um apoio teórico-prático.

**O que achou dos programas de formação continuada em que participou durante sua trajetória?**

Eu achei tudo válido, só em você estar reunido com outras pessoas, trocando ideias, conversando, refletindo você já está aprendendo. E, às vezes é até repetitivo, mas sempre você está aprendendo alguma coisa.

**Dos programas que você participou quantos e quais foram específicos para a educação infantil?**

O mais voltado que eu tive foi o RCNEI foi ele. O Letra e Vida ficou muito na alfabetização... mas, o mais voltado para a educação infantil foi o RCNEI. Pena que foi mal planejado e muita gente teve que desistir, mas foi muito bom.

**Sobre a formação RCNEI oferecida pela SME, lhe serviu para sua atuação na educação infantil? Por quê?**

As discussões... foi colocado todos os referenciais, todas as matérias que nós trabalhamos na educação infantil, com especialistas, foi muito bom. Eu gostei muito. Como negativo foi o mau planejamento dele, como falei. Porque era bastante gente, a mau localização no início, por causa da demora de inauguração da Casa do Professor, enfim, se deslocar para lá, o pessoal não conseguia, era muito cansativo, não tinha ônibus...

**E quanto à formação LETRA E VIDA nas propostas voltadas para educação infantil?**

Reforçar o uso de listas, de rótulos, de coisa prática para alfabetizar essas crianças. Foi muito bom, reacendeu o que a gente trabalhava na sala de aula, esse curso veio para reforçar tudo isso.

**Considera que a formação continuada impacta sua atuação dia-a-dia com os alunos? Por quê?**

Sim, sim...

**O quê para você seria um bom programa de formação continuada?**

Seria... um curso voltado para as disciplinas que nós temos dificuldade, como a matemática, como o pró-letramento que existiu na rede. É... incentivar os professores a participar de cursos, o que eu espero que mude, como pontuação. Os professores que fazem curso poderiam ter uma escala além daqueles que não fazem nada. Tem professor que não faz curso nenhum e ganha da mesma forma. Gratificação, salário, acho que isso aí é muito importante. Ter um bom planejamento para não ficar maçante, aulas mais práticas... oficinas, dinâmicas, não ficar só aquela coisa de leitura... leitura... apesar de ser muito importante, mas tem que fazer coisas mais práticas.

**Você acredita que a carga horária do programa influencia no aproveitamento da proposta? Por quê?**

Muito longo fica muito cansativo... Tem que ser médio, nem muito curto, nem muito comprido.

**Participar de programas de formação, com conteúdos destinados aos professores de ensino fundamental, satisfaz suas expectativas para atuar na educação infantil? Por quê?**

Uma coisa está ligada na outra, mas como o fundamental é muito mais avançado eu acho que... serve para um conhecimento seu, mas deveria ter mais para a educação infantil, com mais foco. Porque a gente tem uma visão do amplo com o fundamental, mais além da educação infantil que é uma etapa mais básica...

**Você acredita que a formação continuada possa contribuir para sua docência?**

Sim. Contribui sim, ajuda com os conteúdos, com as reflexões das práticas da gente, com a interação com outros colegas, outras experiências.

### **Agradecimentos.**

## **VIII. Dia 25 de março às 11:00h – Entrevista: Professora Azul**

### **Como você veio se formar e atuar como professora?**

Éhh... Na verdade foi meio sem intenção. Eu me mudei para Jandira...iii... Não conhecíamos nada e a minha mãe não deixou eu estudar a noite, onde tinha contabilidade, curso normal, aí eu fui fazer o magistério pra ter uma profissão. Comecei fazer, gostei, levei a sério e to desde 92 na área e gosto muito do que faço.

### **Você já pensava em atuar na educação infantil?**

Não... Foi à chance que eu tive de iniciar na educação infantil, prestei o concurso, comecei a trabalhar com educação infantil, gostei, tentei trabalhar em outras fases, não me adaptei e prefiro até hoje, tenho preferência pela educação infantil.

### **Como você definiria a educação infantil?**

Olha, é à base de tudo. Então eu acredito assim... Por que a criança que tem uma educação infantil bem trabalhada ela vai bem na escola, você pode até ver as pessoas que trabalham com fundamental do 2º ao 5º ano que a criança que veio da educação infantil e foi bem trabalhada são as que menos apresentam dificuldades. Então, é onde você trabalha o lúdico, onde a criança desenvolve e aprende por si, simplesmente com auxílio do professor, né.

### **Como já atuou em outras etapas de ensino, você percebe alguma diferença entre ser professora de educação infantil das demais etapas?**

Ahh sim, muito grande, até mesmo pelo interesse dos alunos. Porque o aluno da educação infantil, ele está ali apto a aprender, ele tem vontade, tem interesse. Os alunos do ensino fundamental ainda estão na escola porque os pais levam, porque os pais querem. Agora quando já se passa do fundamental, eles já vão obrigados, ehh... Não tem respeito pelo professor, não tem vontade de aprender e isso dificulta muito o trabalho do professor.

### **Como você vê os pontos críticos da educação infantil?**

Éhh... A educação infantil agora com a entrada da FUNDEB, eu acredito que ela está dando uma melhorada. Porque antigamente a educação infantil era em sua maioria das vezes era por conta do município e o município alegava não ter dinheiro para mantê-la, aonde a gente sempre costumava dizer que era a rabeira da situação, porque o fundamental faz tal coisa porque vem dinheiro do FUNDEF, o infantil não, porque não tem dinheiro. Então eu acredito assim, que a educação infantil, agora com a chegada do FUNDEB vai melhorar bastante, vai ter mais atenção vão se trabalhar mais com ela, também com a inclusão do primeiro ano para o fundamental, já estão se dando, que não deixa de ser um infantil, pelo que eu li ele é apenas pra quê, pra trazer mais crianças para a escola. Então eu acredito que ela vai melhorar bastante.

### **Você acredita que a educação infantil não é mais vista como assistencialista?**

Em alguns locais eu acredito que ainda seja, principalmente a creche, principalmente a creche ela ainda é vista pelo lado assistencialista. Ela ainda é vista como um meio de se chegar às urnas com votos. Então assim, ela está lá, dentro da educação básica, simplesmente no papel, mas na prática, ela ainda é vista como lado assistencialista. Você tem que cuidar não educar, tanto que eles sobrelotam as escolas, as creches e até os primeiros... A fase inicial da educação infantil, de crianças... éhh... sem preocupar com a educação, com o que você vai trabalhar com a criança, com a quantidade de crianças que tem e o cuidado, o banho, trocar.

### **Na pré-escola você acredita que é menor?**

Sim, na pré-escola eu acredito que já está sendo bem menor a... aaa...falta de assistencialismo.

### **Como você poderia nos descrever sobre sua prática diária com as crianças?**

Em que sentido?

### **Na sala de aula: o que você trabalha, como que é o seu tratamento com eles?**

Eu trabalho assim, eu não gosto muito do construtivismo porque eles sabem que tem os resultados, mas é a longo prazo i eu trabalhei muitos anos na escola particular, eu tenho aquela ansiedade de ver a criança aprendendo, vê-lo desenvolver rápido e a cobrança do pai, ah mas você só brincou hoje? Eles não entendem que daquela brincadeira você está trabalhando uma coisa e eles tão aprendendo. Então eu estou fazendo agora, é... trabalho um pouco do que eu aprendi no Letra e Vida, trabalho um pouco do que eu já trabalhava antigamente no tradicionalismo, estou trabalhando questões de rodízio, duas vezes por semana, aonde eu trabalho alguns projetos como parlendas, estou trabalhando este mês parlendas, circo e alimentação... iii nestes 2 dias eu trabalho por mesas, cada grupo terminou a atividade daquela mesa, passo pra outra e vão se fazendo rodízio, e sempre fica um grupo de revisão e um de lúdico. Então os que terminaram, passaram por todas as mesas, vão pro lúdico, coloco bastante brinquedos e eles vão brincar e os demais que estão, que tem mais dificuldade, é onde eu sento pra gente ta trabalhando mais a parte que ele tem a dificuldade, também gosto muito de fazer a leitura diária com eles, eles já se habituaram, eles já sentem falta, um monte de coisas, eu pego um textinho de jornal, eu não fico só presa em livrinhos de estória infantil, eu leio qualquer texto pra que eles tenham conhecimento de vários tipos de textos.

### **Qual é a sua maior dificuldade de atuação na educação infantil?**

Olha é..., o número excessivo de alunos em sala de aula, porque assim, pra você fazer um bom trabalho, você teria que ter, ou um monitor constante dentro da sala pra estar te apoiando, ou um número menor de alunos. Também a falta de material que nós não temos, porque a questão de disciplina, isso daí acho que assim, vai de cada professor, cada professor molda sua turma de acordo com o que ele deseja desde o início, tem uma criança mais rebelde ou outra, tem, mas se você souber trabalhá-la, trazer ela pro seu lado, ela se sobressai até mais do que os outros.

**E quanto a sua prática, você tem alguma dificuldade de lidar com essas crianças? Você encontra outra, além do excesso de crianças, alguma dificuldade sua, que você acha que poderia se desenvolver melhor?**

Não, acho assim, eu acho que não tem nada que eu penso que poderia estar fazendo melhor, eu sempre tento fazer o melhor de mim, né. Tem assim as questões daquelas crianças que têm mais dificuldades pra aprender, então talvez assim, se tivesse mais tempo, se tivesse uma outra pessoa, você passa a atividade, a pessoa vai ajudando os que já sabem, você teria como ter mais tempo pra aquela criança.

**Você acredita que uma dessas necessidades que você falou pode ser sanada ou minimizada através dos programas de formação continuada?**

Sim, eu acredito que eles possam, já ajudam muito, como eu falei, eu fiz o Letra e Vida, vi coisas diferenciadas, vi coisas que eu acho interessantes trabalhar, como também vi coisas que eu sei, que naquela sala com meia dúzia de crianças numa escola particular, a coisa vai de vento em popa, agora na nossa realidade é diferente, Então, assim, a formação continuada ela auxilia muito o professor que tem interesse e que ele não precisa fazer exatamente como ele viu ali, ela adequa à realidade dele.

**Você percebe diferenças da sua atuação de quando iniciou, podendo nos dar alguns exemplos até hoje. Alguma diferença?**

Ah... tem muitas né. Porque assim, você inicia, costumava dizer quando saí do magistério, que tudo que você vê no papel é bonito, agora quando você entra numa sala com quarenta alunos que foi quando eu comecei, e olha pra cara deles e fala meu Deus, deixa eu sair correndo daqui, (risos)... e ali você tem que se moldar, você tem que aprender, você busca socorro na colega do lado, então você vai meio que engatinhando. Então eu olho pra trás agora e vejo assim, tem coisas que eu fazia naquela época que eu não faria hoje, como tem coisas que eu faço hoje que eu trouxe daquela época, então assim, até mesmo na forma da didática, eu gosto muito mais de contar histórias hoje, eu sou bem mais calma, entendeu, então assim, se a criança ta conversando, se ela ta muito bagunçada, eu, psiu, silêncio, vamos conversar, então eu chamo atenção deles, eu não fico na gritaria e antigamente eu gritava, então eu já chamo atenção deles pra uma outra atividade e quando eles estão em silêncio, eu ensino, a gente pra aquilo que é a pauta do momento. Então são coisas assim, eu acho que a minha postura mudou bastante e eu acredito que pra melhor.

**Como e quando você buscou pela sua formação universitária?**

Foi também meio por acidente, eu era professora do fundamental...aí eu terminei a faculdade, terminei o magistério, e nós éramos muito pobres na época, né...(risos)... e assim, eu não tinha condições, mas pelo embalo da turma, aí foram prestar vestibular e eu também fui, e por infelicidade fui a única que passei da sala, que na época no vestibular era realmente um vestibular, né. Aí... eu entrei em desespero e meu pai, no último dia de fazer matrícula, ele recebeu o dinheiro da aposentadoria dele, aí ele me deu e eu fui fazer a faculdade. Então assim, eu dei muito valor a essa faculdade, porque ela começou de uma forma já difícil, aí na sequência fui chamada no concurso, comecei a dar aula, então só que todo dinheiro que eu recebia do concurso era direto pra faculdade e assim, os meus pais me ajudavam com lanche, com material, e foi uma faculdade muito difícil e sofrida, e não troco por essas faculdades de hoje em dia, porque eu aprendi métodos excelentes, aprendi muito e se tivesse assim que voltar tudo de novo eu gostaria de fazer da mesma forma.



**Você acredita que a formação universitária te preparou pra atuação na educação infantil?**

Sim, preparou bastante. Foi aquilo que eu falei, no magistério você sai cru, se depara com aqueles 40 alunos e você não tem noção do que fazer e na faculdade você já trabalha mais especificamente o infantil, o fundamental, então eu aprendi que a minha formação melhorou muito, tanto que após eu fazer a faculdade que eu decidi que realmente eu ficaria na educação infantil.

**O seu diploma habilita pra educação infantil?**

Sim, tanto da faculdade, quanto do magistério.

**O que você entende por educação continuada?**

Olha, eu entendo que é um auxílio que o professor tem, entendeu? Que ali ele vai estar vendo novas diretrizes, vai tá tendo novas diretrizes, e que é uma formação que não adianta eu fazer aquele curso, me limitar aquela apostila e pronto, entendeu. Tenho que fazer aquele curso, trocar ideias, trocar experiências, e tá sempre em busca de novas coisas, em busca de novos cursos, em busca de novos aprendizados. Porque ah...legal fiz Letra e Vida, pronto, eu já fiz Letra e Vida, não olha mais pra mim porque eu já fiz minha formação continuada. É...eu me formei em 96. Então se eu fosse ficar lá na minha formação da faculdade, eu estaria brigando com o povo como eu disse até agora, eu quero a tradicional e só, eu não teria essas aberturas. Então é a mesma coisa a formação continuada, se você parar ali, você não tem como fugir.

**Nos programas que você participou, poderia dar uma ideia pra mim, quantos foram específicos pra educação infantil?**

Olha, o que deu abertura, né, pras professoras de educação infantil e participei assim, eu não participei de programas, eu participei de alguns cursos que foram totalmente voltados para a educação infantil, pra você trabalhar com o lúdico, pra você trabalhar com estórias, Então assim, foram poucas horas, mas foram mais voltados pra educação infantil.

**O que você achou dos programas que você participou durante sua trajetória, não somente o “Letra e Vida”, mas os demais?**

Assim, assim, eu gosto muito, geralmente quando eu vou participar de algum programa ou coisa do gênero, eu sempre procuro voltado para a educação infantil, justamente por isso, foi aonde eu aprendi a contar estórias, foi aonde eu aprendi a assim, a ter mais domínio na sala, como trabalhar o lúdico, é as atividades de rodízio que eu tô desenvolvendo agora também eu acho super interessante também eu aprendi com a formação do Letra e Vida bastante...

**Sobre a formação do “Letra e Vida”, que você fez pela secretaria, este lhe serviu para sua atuação na pré-escola?**

Assim, bastante, porque ele trabalha bastante alfabetização, né. Então, na sala de alfabetização é...assim, eu não tinha muito conhecimento na questão do silábico, pré-silábico, silábico alfabético, então no Letra e Vida a gente trabalhou muito essa questão, é...como tá trabalhando com as crianças em dupla, como estar formando essas duplas, então assim...ainda tenho muitas dúvidas, é claro, acho que uma formação, é o que eu falei,

não é o suficiente pra gente estar sanando todas essas dificuldades, mas foi o que auxiliou bastante.

**Do que é tratado sobre a educação infantil nesses momentos, nesses cursos, nesses programas, qual conteúdo que é mais abordado?**

A leitura, a leitura e a escrita são os conteúdos mais abordados.

**Você considera que a formação continuada impacta na atuação no dia-a-dia com os alunos, na sua atuação?**

Sim, é onde eu já coloquei, é...tirando várias coisas dessa formação continuada que eu trouxe pra minha sala a leitura diária, independente do texto que seja, a diferenciação, né...da formação de grupos, dos silábicos, pré-silábicos, a...o diagnóstico que eu não fazia antigamente, agora eu já tenho o hábito de estar fazendo os diagnósticos pelo menos mensal, então são coisas que eu trouxe dessa formação continuada.

**O que pra você seria um bom programa de formação continuada?**

É...seria um programa que não tivesse um fim lógico, igual eu tenho um tempo de 180 horas e depois eu não ofereço um outro programa, então seria assim, é...um programa como ocorreu o Letra e Vida, mas também dar abertura pra que o professor pudesse participar independente de ter participado do curso ou não eles ta tendo essa abertura de participar do outro e estar sempre fazendo uma reciclagem, um acompanhamento pra ver, é...não seria um acompanhamento, seria um plantão de dúvidas, porque às vezes você se pega numa situação e fala...e agora? Então por minha conta eu faço isso, né. Mas será que eu fiz a interferência correta? Então é assim, a gente ter este suporte, então assim além da formação continuada, você ter um suporte pra você estar executando.

**Você acredita que a carga horária influencia no programa?**

Sim. Eu acredito, porque eu acho assim, é...as vezes, depende do programa, se você tem muito pra aprender, pouco tempo para isso. É o que eu falei, a gente deveria ter esse apoio constante, esse suporte. É as vezes também dependendo do programa é muito, muita carga horária e pouco conteúdo, eu acho que é bem relativo.

**Participar de programa de formação com conteúdo destinado aos professores do ensino fundamental, satisfaz suas expectativas pra atuar na pré-escola?**

Não, é, você tem assim, geralmente, professor do ensino fundamental ele culpa o professor da educação infantil, né. Eles se eximem da culpa. Então até mesmo dentro dessas formações quando participam vários professores, eles falam...ai, mas o professor da escola infantil não fez nada, então assim, traz alguma experiência, traz alguma ajuda, mas eu acho, eu acredito, é...na, na fase da criança, cada criança tem a sua fase, ela tem seu desenvolvimento. Tem crianças que com 5 anos, que é o caso da minha filha, lê e escreve, entendeu e tem crianças que com uma 4ª série não consegue escrever o próprio nome. Ihhh, sei lá, ela vai prum 5º ano e fica como se tivesse sabendo ler e escrever, isso acontece também na educação infantil, você fica lá o ano todo e quando chega em novembro, a criança olha pra mim e começa...cê fala...o que aconteceu. Então cada criança tem o seu desenvolvimento, o professor é o mediador pra que a criança consiga chegar nesse desenvolvimento...então por isso eu acho que é assim, é a questão do professor

fundamental em conjunto com o infantil, teria que se trabalhar primeiro a cabeça desses professores pra que eles trabalhassem em conjunto e não um contra o outro.

**Ter acesso desses conteúdos do fundamental lhe permite adaptar na pré-escola ou isso é praticamente inviável?**

É praticamente inviável, porque assim, escola como eu te disse é a base de tudo, então você tem que começar ali, então não adianta pegar um conteúdo de um 3º ano e tentar adaptar pra uma educação infantil, pra uma pré-escola. Eu acho que é meio inviável.

**Por fim, você acredita que a formação continuada possa contribuir pra sua docência?**

Sim, acredito sim e gostaria que o município sempre tivesse mais, né. Que a gente não tivesse só que estar indo buscando fora, que tivesse o espaço dentro da própria rede pra gente estar sempre com essa participação continuada, mais pelos professores que tem interesse em fazer e desenvolver, porque alguns também querem fazer simplesmente porque é feito dentro do horário de trabalho e vão fugir da aula e chega lá, fica 2 horas lá cochilando, reclamando e depois volta pra sala de aula e...como se nada tivesse acontecido.

**Agradecimentos.**

## **IX. Dia 02 de junho às 10:00h – Entrevista: Professora Branca**

**Professora, como você veio a se formar professora e atuar nessa área?**

Bem, eu terminei o magistério em 86 e não tinha nenhuma vontade de dar aula. Não tinha mesmo, foi falta de opção. Eu me formei no Ceará e não tinha outra opção, era só magistério. Quando eu cheguei aqui em São Paulo, em 2000 eu fui contratada pra ser monitora de creche e daí veio...a grande sim...deu um estalo: É isso que eu quero e fiquei três anos sendo monitora e logo prestei concurso, já passei no concurso, me chamaram e estou até hoje.

**Quando você ingressou como monitora foi através de concurso ou contrato?**

Contrato. Aqui mesmo em Jandira.

**Como você falou, não pensava em atuar no magistério, dando aula, então, como você optou por educação infantil, foi opção também?**

Foi por causa da creche, eu trabalhei com pequeninhos, então eu me identifiquei mais com eles.

**Como você definiria a educação infantil? O que seria para você, o que representa estar na escola nesta idade, no período pré-escolar?**

Eu acho muito importante. É a base... é a base... as crianças... Não sei, eu percebo até assim: se você tem crianças pega em um pré III, e a criança não fez o I ou II, ela tem grandes dificuldades, então é importante pra criança, eles comecem desde cedo mesmo a primeira fase, porque é a base deles né, o desligamento.

**O que você acha que eles aprendem? O que você percebe de maior aprendizado durante esses anos na escola?**

Pra mim, a socialização, a integração com os outros, eles aprendem a ser mais independente, a dividir... muitas... Bom, como é a base né, eles aprendem muito mesmo.

**E quanto ao desenvolvimento psicomotor deles? Pegar no lápis...esse desenvolvimento mesmo que a gente percebe de coordenação motora.**

Eles desenvolvem muito mesmo na primeira fase deles é ... vai embora, porque aí eles começam.

**Você acredita que é um momento de alfabetização na pré-escola? O que você acha sobre esse discurso de alfabetização na pré-escola?**

É um momento sim de alfabetização, porque... é onde a gente começa a inserir informações e eles vão absorvendo. É uma fase de alfabetização sim.

**Você acha que a educação infantil é prioritária no nosso sistema de ensino?**

É. Pra mim é prioridade.

**Deveria ser obrigatória para as crianças?**

Sim.

**Como que você percebe essa diferença entre ter atuado como monitora de creche e como professora de pré-escola. Você vê alguma diferença?**

Não. Não vejo diferença não. Porque é tudo é educador né, e assim... na creche na verdade, é mais o cuidado com as crianças, na pré-escola já tem que alfabetizar, já tem outra ... mas, é um ligado ao outro. Não tive muita, não achei muita diferença.

**Como você vê os pontos críticos da educação infantil, você vê algum que prejudica a educação infantil, o desenvolvimento dela?**

Pontos críticos... são... o apoio mesmo. Críticos assim ... apoio... de material pedagógico, material didático né, a criança necessita ser alfabetizada, mas também ter o espaço, espaço físico na escola, e isso prejudica muito o desenvolvimento da criança.

**Você acha que a pré-escola ainda é vista pelo lado assistencialista, o fato de apenas cuidar ainda na pré-escola você acha que é presente ainda isso?**

Sim, é bem presente. Os pais acha que estamos aqui para ser babá dos filhos, na verdade. Muitos pais, eles não acreditam que eles puseram os filhos na escola para serem alfabetizados, que a educação se dá em casa, que aqui a gente só auxilia.

**Como você trabalha isso com os pais, com as crianças?**

Geralmente na reunião de pais, eu tenho colocado os pais no lugar deles. Não estou aqui para educar, estou aqui para auxiliar a educação dos filhos de vocês, a educação é dada em casa. Então aqui eu só to dando um auxílio.

**Como que você poderia descrever a sua prática diária com as crianças na sala de aula? O que você trabalha, como você conduz, como você prepara sua aula..**

Minha aula é preparada semanalmente, né. Eu trabalho muita coordenação, mas também muita leitura, muita parte escrita também.. Eu vou intercalando. Eu deixo brincar, escrever.. dar espaço de escrita e leitura..

**Como você busca seus recursos? Você pesquisa em algum material didático, você confecciona.**

Através de pesquisa, a gente compra muito, muito, muitas coleções.. Tem que estar comprando sempre, buscando coisas novas, pegando até mesmo com as colegas, emprestado, é.. dividindo uma com a outra, vai dando ideias.. E assim a gente..

**E na sua aula, quando você prepara e surge um problema, surge alguma situação que desvia essa aula, como você conduz?**

Se tenho aula preparada, e hoje não é o dia ideal, vamos supor: Tem uma aula que eu achava que ia ser 10, aí chove, tem pouca criança ou acontece alguma coisa na sala, a gente tem que ter uma outra atividade preparada, né. Já tem que ter, porque às vezes não deu certo essa, a gente passa pra outra, faz e vai dar certo.

**Como se dá a avaliação dos alunos? (pausa) Você percebe os erros, os acertos, você replaneja... Como você faz?**

Onde eu percebo mais dificuldade né, eu vou planejar aquelas aulas, preparo de uma outra forma mais focada nas dificuldades dos alunos. Eu avalio pro bimestre todo, na verdade todo dia a gente vê uma diferença, é diária, mas assim, a avaliação que eu faço é bimestral.

**Qual é a sua maior dificuldade de preparar a aula?**

Acho que em todas as salas, ainda é o comportamento. O comportamento deles.. eles não param para ouvir, né.. toda hora parando, vamos lá, conversando com eles, às vezes fica com sala, pára por conta do comportamento, são hiperativas não conseguem parar, porque pra eles estão aqui só para brincar.

**Neste ano você está dando aula para que idade?**

Segunda fase, cinco anos.

**Quantos alunos você tem na sala?**

Vinte e cinco. Não tem monitor de apoio dentro da sala de aula, tem ajuda por aqui... os monitores olham, sempre ajudam a gente com as atividades, nos estêncil, eles rodam, a ajuda que tem é nas.. eles ajudam com bilhetes, alguma coisa que precisa colar no caderno, eles ajudam.

**Tem alguma área de conhecimento que você tem mais dificuldade de preparar aula?** Matemática, Linguagem oral e escrita... Na verdade, nessa nossa grade minha maior dificuldade é Ensino Religioso. Eu acho que é falta de conhecimento, né, assim.. a gente não pode entrar no ensino específico, tem muitas crianças de outras religiões. A gente fica meio presa a isso.

**Você percebe diferença de quando você iniciou para hoje?**

Sim, percebo sim. Eu era muito ligada a fazer atividades repetitivas, sempre tava guardando alguma coisa para amanhã, pro próximo ano, sabe?.. e agora não, eu já vou buscando coisas novas.

**A que você atribui essas diferenças?**

A tudo isso , a formação, as pesquisas e prática diária que a gente vai ver que não deve se apegar só naquilo. Deu certo? Deu, então vamos buscar coisas melhores, vamos inovando.

**Essas dificuldades que você colocou, acredita que alguma delas poderia ser sanada pela formação continuada?**

Sim, os cursos, as formações, são muito boas. O professor que vai absorve, vai buscar... porque tem uns que fazem e guarda, aprendeu aprendeu e ficou pra ele, não usa.

**Como você procurou pela sua formação universitária?**

Eu já estava na rede, já estava em sala de aula e eu vi que o magistério estava bem pra trás, tudo isso faz muito tempo e fui buscar ideias novas, e foi aí que busquei a Pedagogia, porque eu já continuava dentro da área, né?..

**Você acredita que o curso de Pedagogia te preparou para trabalhar com crianças de pré-escola?**

Na verdade não, não para trabalhar com crianças de pré-escola, deu umas ideias, agora preparação mesmo pra trabalhar.... o Normal Superior, o Magistério, Pedagogia é mais só uma habilidade a mais, conteúdo a mais.

**Esses conteúdos que foram trabalhados na Pedagogia, você sabe me dizer quais foram dados mais foco?**

Mais conteúdos para ensino fundamental...

**O que você entende por formação continuada?**

Estão sempre renovando, sempre com ideias novas, às vezes não tão novas, mas coisas que a gente sabe que já esqueceu.. então é um lembrete mesmo. Vai continuando, vai reciclando, vai indo.

**Qual a sua opinião sobre os programas de formação continuada que já participou?**

Eu achei que foi uma preparação muito boa, porque a gente entra em cada situação que tem que sair, e através desses cursos, das formações que fiz, tem um escape, a gente vê uma brecha e resolver situações. Eu nunca participei de uma formação específica para pré-escola.

**Qual a sua opinião sobre a formação do “Letra e Vida”, de acordo com a sua atuação na pré-escola?**

É.. acrescentou.. o curso em si foi muito bom. Nas atividades eles deram bastante ideias pra gente trabalhar, e às vezes está afim e pensa: o que eu vou fazer, como eu vou fazer... vai lá, dá uma olhada nos livros e vê. Foi muito bom o curso. Poderia ter outros cursos, mais

específicos para educação infantil. Eu consegui utilizar os materiais da formação com a pré-escola, eu usei nas leituras, nós aprendemos que tem que ser feita a leitura diária, é.. diagnóstico, que nunca tinha feito na vida, e agora eu aprendi como fazer. Porque quando a gente fazia, era um ditado simples, agora a gente já sabe que tem que chamar o aluno. Pra gente avaliar mesmo como ele está. Pra mim foi muito bom.

### **Em algum momento foi tratado de alguma fase da pré-escola?**

Foi geral. O curso em si era voltado pro fundamental, eu fui porque estava com um Pré III em 2007, me interessei, bati o pé que queria fazer e fui.

### **Quando é tratado a respeito da educação infantil nesses cursos, o que mais é abordado?**

É mais o lúdico, quando fala de educação infantil eles dão dicas pra trabalharmos mais com o lúdico. Partindo da rede não tem muita cobrança quanto a alfabetização... existe, mais a maioria da cobrança é dos pais. Eles falam: "Ah, meu filho está indo pra 1ª série e não sabe, então os pais cobram mais.

### **Você acredita que a formação continuada impacta na sua prática docente?**

Acrescenta...(pausa)

### **O que para você seria um bom programa de formação continuada?**

Ai meu Deus! Bom programa... que tivesse um auxílio na preparação de atividades, que seja voltada ao lúdico, mas que fosse voltada a alfabetização das crianças. Seria mais a prática diária, que ajudasse a gente a preparar uma boa aula e que o aluno saísse alfabetizado da pré-escola. Alguns instrutores eu acho que são preparados para dar os outros, eu não posso falar que não... as duas facilitadoras do curso que eu fiz, eu achei que elas estavam bem preparadas pra dar um auxílio. Sobre os conteúdos, eu acho que tem que ter todos da grade, e que a carga horária fosse de 30, 40, no máximo 80 horas, se você faz um curso extenso, no final você já está cansado, já começa as faltas, dá problemas, então um curso bem preparado, com a grade toda, vamos supor: Linguagem Oral e Escrita, Matemática, cada um, numa quantidade de horas daria mais certo. Às vezes, um curso de 25, 36, 40 horas, rende mais do que um de 100. às vezes um curso mais... que sejam com formadores preparados, um curso com carga horária menor rende mais que um maior. Os cursos deveriam ser fora do horário de aula, porque aí não prejudica a criança. Você saindo da sala, mesmo que fique um monitor, não é igual, cada um tem seu jeito.

### **E a respeito dos horários de HTCP, como funciona?**

Às vezes a gente troca ideias quanto as atividades, até mesmo sobre os alunos... um aluno que está com tal problema, com alguma dificuldade, e aí a gente comenta no HTCP ou passa pra coordenadora e os outros, outras colegas ajudam a solucionar o problema. Então é mais uma troca de ideias mesmo.

### **Você acredita que os conteúdos abordados nos cursos para o ensino fundamental é possível adaptar para a pré-escola?**

Tem muitas coisas que eles falam para o ensino fundamental que a gente consegue aplicar no ensino infantil, consegue adaptar.

**Você acredita que a formação continuada impacta na sua prática diária?**

Vale a pena, tudo é válido. Sempre participar das formações, é coisa nova, a gente vai aprendendo e lembrando o que já sabe, as vezes a gente já esqueceu. É muito bom.

**Agradecimentos.**

**X. Dia 02 de junho às 12:00h – Entrevista: Professora Laranja**

**Professora, como você veio a se formar professora e atuar nessa área?**

Por gosto mesmo, porque a família tem bastante professores e então eu estava sempre por dentro do que eles faziam e eu gostava do que eles faziam.

**Você trabalhou em outra função ou sempre trabalhou na educação?**

Trabalhei em várias funções bem diversificadas.

**Que motivos lhe trouxeram para a área da educação?**

Por necessidade no primeiro momento, porque eu tive um problema de saúde e que pediu que eu fizesse uma nova readaptação, né...trabalhista. Então dentro do que eu poderia mudar, eu escolhi o que eu poderia gostar mais, e eu escolhi o Magistério porque eu já tinha conhecimento, eu já estava no meio.

**Você quando se formou, fez magistério, já pensava em atuar na educação infantil?**

Sim, porque eu já trabalhava antes com educação infantil não formada.

**Como você definiria a educação infantil, esse período pré-escolar da criança?**

Uma necessidade, mas não só da escola, mais da família do que da escola, também da escola.

**O que representa a aprendizagem nesse período? O que as crianças aprendem na fase pré-escolar?**

Nossa! Aprende tudo, a independência, aprendem a independência, a conviver, é... a coordenação motora, porque eles tem um espaço dentro de casa, da coordenação motora que eles aprendem mais por decorar, o que tem na... no dentro de casa, então ele não se machuca, porque eles estão acostumados com o espaço que tem. Então eles vão desenvolver a habilidade visual, a coordenação motora fina, é... correr, pular, o desenvolvimento global, não tem, não tem explicação de tanto que muda.

**O que você acha dessa discussão quanto à alfabetização presente na idade pré-escolar?**

É.. eu acho que é assim, é tudo muito é...total, ou você alfabetiza na pré-escola ou você não alfabetiza, não existe um meio-termo, eu acho que deveria existir um meio-termo. Porque se a criança tem necessidade de aprender você pode colocar pra ela, mas se a criança não está preparada, você não tem que forçar. Infelizmente aqui no Brasil é assim, ou você



alfabetiza e você é obrigada a alfabetizar, instiga a criança de livros e folhas, ou você não alfabetiza e aí vem um e fala que você não está fazendo nada. Então eu acho que tem que ser um processo, a criança tem que ir com a idade que está indo pra pré-escola. Só que deveria ter programas melhores que pudessem fazer com que essa criança aprendesse assim... ela tá na pré-escola, então tem o pré I, que é bem socialização e brincadeiras, no pré II você começa a socializar com letras, revistas, recortes, cola, tesoura e no pré III uma pré-alfabetização, não forçando com que ela estude, com que ela faça aquele monte de coisa e aí agora colocaram ensino de 9 anos, tirando a criança da fase que ela tá de 6 anos, que ela teria esse tempo pra aprender na pré-escola, deveria melhorar mais a qualidade da pré-escola, investir mais nessa criança, que ela está ali não por obrigação, mas por prazer e colocar esse ano no ultimo ano, que ela tá numa fase de transição e aí essa criança não iria por exemplo pro 1º ano agora com a parte infantil, que na minha, no meu ver foi quebrada essa barreira e vai para alfabetizar, que ninguém sabe o que fazer com essa criança de 6 anos. Então, ao meu ver tá muito assim, muito total. Ou você alfabetiza ou não alfabetiza, eu acho que tem que ter um meio-termo.

### **Você acredita que deveria ser obrigatório para as crianças a fase pré-escolar?**

Obrigatório. Obrigatório mesmo, mas que desse condição, porque a gente percebe que pelo que vem do governo, sabe?, os recursos financeiros que vem do governo teria a possibilidade sim, de fazer uma pré-escola agradável. E hoje a pré-escola ela não é agradável, e coloca em cima do professor que o professor tem que fazer com que a escola seja alegre, mas o que eles esquecem que o professor para fazer uma escola alegre, ele precisa ter recursos pra isso. Ele não tem que ficar fazendo nada de sucata, eu acho que essa não é a obrigação do professor. O professor tem que ter disponível, ele tem que estar aberto e tá com vontade de ensinar, mesmo que seja por sucata, então alguém tem que fazer essa sucata. Então ele pode até fazer por prazer junto com os alunos, mas não falar assim pra ele assim: olha, você não tem recursos, porque você não quer, tem sucata, você faz sucata. Então tá muito desse jeito. Então se tivesse espaços, materiais pedagógicos pra você trabalhar, não é o papel que vai ensinar a criança aprender, a criança aprende, lógico, ela precisa escrever, desenvolver isso, mas falta muito recurso e a escola deixa de ser agradável e por isso que ela não é obrigatória, porque se ela fosse obrigatória, teria muita evasão, aliás as mães nem colocariam mesmo.

### **E você acredita que os pais colocam as crianças no pré porque?**

Porque alguns acreditam no desenvolvimento e outros porque eu acho que tem bastante programas do governo, se o seu filho está ali matriculado, ela vai ter o benefício em casa, na realidade na minha visão de... de professora e da sociedade mesmo, que, eu nunca, nunca dependi, graças a Deus, de um benefício do governo, mas pelo que eu percebo, na sociedade está sendo dessa forma.

### **Mudando um pouquinho, você percebe alguma diferença entre ser professor de educação infantil na fase pré-escolar das outras etapas de ensino? Fundamental, da creche... você vê diferença?**

Eu vejo por mim, eu trabalho com as duas fases e eu percebo que o que eu quero colocar pros meus alunos na pré-escola eu tento colocar da melhor maneira possível. Só que eu percebo que quando eu estou no fundamental, alguma coisa deixou de ser ensinada e aí eu falo: poxa vida, mas eu passava isso pros meus alunos, porque não passaram pra eles? Então, hoje.... hoje... aqui nessa escola, eu estou trabalhando com alunos que foram meu da

pré-escola, hoje...no dia de hoje, 2009... os alunos meus do 4º ano, são alunos que foram meus no pré II e os professores do pré II passaram muitas coisas pra eles, que hoje eu conversei com mesmos alunos do 4º ano que não fizeram pré-escola aqui e eles falam: eu não conheci isso, eu não vi isso. Então, eu acho que o trabalho que foi unificado, então ninguém deixa de saber tudo.

**E quanto a sua atuação como professora? É diferente ser professora do pré e professora do fundamental?**

Ah...eu sou muito diferente. Eu sou mais dinâmica, mais alegre, é.....por isso que às vezes eu fico triste de estar no fundamental. Porque no caso meu é uma necessidade financeira e aqui não tanto por necessidade financeira, eu fui praticamente obrigada a ir pro fundamental se eu não quisesse perder meus pontos de casa. Então, porque de manhã onde eu trabalho com o infantil, então as meninas falam: nossa! Não parece você... então, as mesmas que me veem lá e trabalham também aqui, elas falam: nossa! Como você muda. Incrível, mas eu mudo muito. Porque aqui eles trazem uma carga de casa, uma responsabilidade... um....sabe, uns... maus jeitos, e que o professor não tem obrigação de consertar essa parte. E o professor fica sendo punido, por um aluno muito indisciplinado e que não quer aprender, e que o professor não tem essa obrigação de querer saber o porque ele não quer aprender, isso é problema social. Então tão começando a inverter os papéis na escola, o professor ele tem obrigação de ensinar da melhor maneira possível, ele deve mudar as suas aulas de vários jeitos. Agora....trocar papel social, de que o professor tem que ser médico, psicólogo, meio mãe, amorosa, tudo pra suprir essa necessidade que a criança não tem na escola, não tem em casa e vai pegar na escola pra poder aprender, então já tá começando a inverter o meu papel. Essa parte de mãe, a gente faz mesmo que a gente não quer. A gente tem cuidado, são crianças. Mas eu tenho que parar a aula pra falar de educação!... então, eu perco às vezes meia hora, uma hora só pra fazer uma palestra sobre educação e higiene, coisas que eu poderia estar dando explicações mais sobre uma situação problema, uma atividade... uma operação...matemática, as quatro operações, muito divertido.

**Como que você vê os pontos críticos da educação infantil? O que você acha crítico na pré-escola por exemplo?**

Conscientizar os pais que as crianças não vem pra escola só pra brincar. Primeira coisa, os pais tendo essa consciência, os pais começam a dar mais valor, tá?! Eles começam a colocar valores pras crianças de que a escola não é um lugar que ele tá vindo porque a mãe precisa fazer faxina em casa, porque muitos são assim. Que a criança tem que entender, os pais tem que fazer as crianças entender, que tudo devagarinho eles vão conseguindo, que isso é um passo a passo e eu acho que a educação infantil ela só não é melhor por falta de investimento mesmo...tá... mas não tem investimento nem na etapa obrigatória, que é o fundamental, então.....falam que a educação infantil faz parte da educação básica. Ela faz parte no papel, mas no concreto não, ela não fez parte ainda, vai acabar esses 10 anos aí, que nós tivemos pra planejar a educação infantil e eu acho que, infelizmente, não vai caí na educação básica. Ela vai ficar ali, da educação se quer, não básica.

**Você acredita que a educação infantil não é mais vista como assistencialista?**

Não é mais vista não. Ainda é....ainda o governo coloca como assistencialista. Porque se tem por exemplo, duas mães querendo colocar a criança assim, na questão de creche, né?!.. duas mães querendo colocar e não tiver vaga, vai colocar a mãe que é.. que trabalha. Então, ainda está assistencialista devido a formação social das pessoas. Então, não tem

condições, não tem vaga, então vai dar pra mãe que necessita mesmo, né?!.. mas a visão está sendo mudada, tanto na creche como também na pré-escola, porque, pelo fato de que, a criança tá vindo, tá aprendendo, então não é mais assistencialista. Agora, tem fato de ser assistencialista e ser paternalista. O governo tá fazendo com que a educação vire paternalista. Então, tão deixando a obrigação dos pais, os pais deveriam ter mais obrigações. Eu sei que antigamente a família tinha uma renda maior, se você for olhar pela....pela condição financeira que um pai há 20 anos teve seu primeiro filho tinha condições de comprar material escolar e de um tempo pra cá ele não tem mais condição, então isso é problema social. Então, a prefeitura achar que tem que dar material escolar, que tem que dar roupa, que tem que ser isso, então tá virando assistencialista! Ela tem que dar condição pro pai comprar o material que quer. Tem que dar condição, fazerem... ou a prefeitura pega esse dinheiro que vai investir no material que vai dar pro aluno, faça uma lojinha na própria prefeitura e comece a vender esse material, 50% mais barato, com a mesma qualidade, porque se ela vai te dar um material de qualidade, então porque não vender 50% mais barato, do que ela vai encontrar na lojinha da esquina. Então, aí a mãe passa a dar valor a este material. Então a mãe passando a dar valor a esse material, ela vai incentivar o filho a usar direito. O filho usando direito, aí a professora vai ter mais prazer. Então aí vai, sabe?... é um...sabe?...é um....circulo. Aí vem da prefeitura, vem dos pais, a criança aprende e cada vez vai melhorando. Agora, deixa de ser assistencialista e passa a ser paternalista. Então, não é bem assistencialista. Aí eu acho que essa condição tá dessa maneira porque...

**Cuidar dessa criança, o fato de o pré ainda ser visto como tem que cuidar da criança, o fato “tia” você acha que ainda é presente no pré?**

É eu tenho crianças do 4º ano que chama de tia. Eu nunca me importei, com esse... com a maneira de falar. Eu falo que o respeito está em primeiro lugar. Eu acho que o cuidar... a gente tem que cuidar, mas não o fato de você ter que dar remédio, trocar a fralda, tá?!... que é o caso da inclusão, que entra muito em cima, é... não assim na educação infantil, creche sim. Então você está ali pra essa função. Só que até trocar a fralda, trocar a fralda você tá educando a criança, cê conversa com ela, vai falando que aquilo que ela tá fazendo é sujo....não! cada um tem sua maneira. Mas eu falo que na pré-escola, está numa época em que se traziam-se remédio na mochila e o professor tinha que dar. Eu falei: não! Aqui é uma pré-escola, é pré-escola, é uma fase antes da escola, mas não deixa de ser escola. O próprio nome diz, é uma pré, você tá iniciando. Você está sendo o..... é como se fosse é..... um cursinho pra você saber o que que é uma escola. Não sei nem colocar dessa maneira, mas é... o professor ele não tem que ficar dando remédio, só cuidando da criança, mas ele tem que brincar, ele tem que fazer as atividades que tem que ser feita, ensinar, porque quando ele pede pra criança escovar os dentes é uma educação... então, não é o cuidar só, é estar ensinando. Quando fala pra ele: vamos brincar de correr, ele está educando o corpo da criança, mas vai também está ensinando que pra ele poder correr, ele tem que também dar espaço pro outro do lado, que é um jogo de competição. Então, nesse sentido, eu acho que é um cuidar, porque são crianças pequena, em qualquer momento você cuida, até no..no..no ensino fundamental I ou II, você esta dando aula, você está cuidando. Cuidando pra que o mais violento não venha bater, dessa maneira você acaba cuidando. Mas mesmo cuidar de uma maneira diferente.

**Como você poderia nos descrever agora sobre sua prática diária com as crianças? Como você prepara a aula, onde você busca, se você pesquisa material, seu planejamento...**

Oh...eu preparo aula, eu nunca preparo aula assim no fim de semana, muitas aulas. Eu no começo, eu trabalhava no magistério, tudo, eu preparava aula pra semana inteira. E aquela aula que eu preparava a semana inteira, mesmo na pré-escola, porque se o previsto, ficava com um monte de atividade, de coisas que eu não conseguia dar. No fundamental, eu sempre preparei aula pra 2 ou 3 dias no máximo, por falta de tempo, tá?!...que o tempo vem em primeiro lugar, que eu gostaria de ter condições de preparar varias aulas, mas e tempo?.. e eu levo muito tempo pra preparar uma aula. Eu por exemplo, hoje eu vou trabalhar historia e geografia com o fundamental, então eu quero trabalhar dobradura, só que eu tenho que cortar papel antes, eu tenho que preparar papel, eu vou fazer a rosa-dos-ventos com eles, então eu quero que eles montem a rosa-dos-ventos. Então, eu leio bastante, meu recursoo é internet por falta de tempo mesmo de sentar e folhear. Eu vou lá, pego alguma coisa de lá e coloco no planejamento e na educação infantil, na pré-escola eu trabalho assim, um pouco de atividade que eu preparo, eu já procuro englobar todos os conteúdos. Matemática.... e português, preparar duas atividades...com uma só. E isso eu só aprendi com o tempo. Foi.. foi devagar, foi experiência mesmo.

### **Você avalia a criança quando? No final do mês, bimestre, diário?**

Bom, eu, professora, eu avalio no período, mas eu não conto pra eles que eu avalio no período. Porque eles sabem, que se eles não fizé nada no mês inteiro, chega no dia eles tiram uma nota boa na prova, eles acham que vão ficar com "S", ou seja, satisfatório, mas aí eles não ficam com satisfatório, e eles vem e questionam, mas você não fez nada o mês inteiro, então você foi regular, você decorou e colocou. Então eu ava.., eu avalio o aluno assim, processo mesmo, sabe?!... peço trabalho, faço muito trabalho em grupo. Só que é como eu falei, estou tendo muito problema com a questão da educação e disciplina. Se a indisciplina fosse menor na minha sala, talvez dava pra fluir muito, porque com as experiencias dos meus colegas, eu aprendi bastante. E o.. você quer aplicar e não dá pra aplicar. É uma avaliação no dia-a-dia mesmo.

### **Como que você faz quando ocorre um imprevisto durante a aula fugindo do seu planejamento?**

Olha, eu acho que pelo tempo que eu tô trabalhando aqui, eu já percebi que aqui tem muito imprevisto, muito imprevisto. Então, essa aula, como eu sempre dou uma parta escrita na lousa e uma folhinha, essa folhinha geralmente eu mando pra casa e na próxima aula, eu preparo aula em folha, pra que ele leve pra casa a próxima aula, só explico, que ele faz as atividades em casa. E aquela que seria pra sala e não deu tempo, eu faço na sala, porque geralmente eu tenho que explicar. Então, as vezes no semanário eu aponte tal dia e a aula tá no outro, né?! Aconteceu isso mesmo, na semana passada, eu levei uma aula pra segunda-feira de matemática, não deu tempo, a sala tava agitava, tudo. Depois na quinta-feira, a mesma aula da segunda eu ia dar na quinta, aí teve os desafios, né?!.. dos movimentos, tudo. A sala ficou também super agitada. Eu completei a atividade agora, segunda-feira. Então, quer dizer, uma semana, sete dias, pra eu poder concluir uma atividade que tava programada pra semana passada.

### **Depois que você prepara, você pára para avaliar o que foi feito daquele planejamento?**

Olha, depende do que é planejamento. Porque assim, eu planejo as minhas aulas, então eu tenho rascunhado tudo que eu tenho que dar. Então, no início do bimestre, eu já vi tudo que eu tenho que dar naquele bimestre. Lógico que fica falha, por exemplo, eu tive falha de coisas que eu não consegui dar no primeiro, né?!.. então muitos conteúdos do primeiro

bimestre eu não dei. E eu não dei porque eu tive que fazer revisão de 2ª série, e a maioria não tinha o conteúdo necessário.

**E vindo no caso o pré... você consegue refletir sobre os erros e os acertos? Por exemplo, você explicou uma coisa, ah! Isso deu errado, ah! Isso deu certo.... você pensa num novo caminho?**

Deixo eu ver.... é que eu tava voltando...

**Pensando na pré-escola...**

É.....que eu tava voltando pro fundamental...(risos)... Então, no fundam.... na pré-escola é mais fácil você voltar, porque tá todo dia, você vê todo dia, matemática mesmo, todo dia você faz a contagem dos alunos...é.... na linguagem oral, um dia você conta estória, outro dia você conta música. Então, não tem como perder o conteúdo, né?! Fica mais difícil de perder o conteúdo Você até perde conteúdo, mas aí como pré-escola não dá pra ser conteudista, então você consegue retomar sempre, todo dia, toda hora.

**Qual a sua maior dificuldade com pré-escola, pra trabalhar uma turma de pré? A sua dificuldade? É.....alguma área específica, matemática, linguagem oral, escrita? Tem alguma dificuldade?**

Olha... no caso teria que ter aula de geografia, que a gente chama de natureza e sociedade, né?!.. é... é essa parte aí, eu nunca sei o que vou dar pra criança....sempre natureza e sociedade, sempre cai datas comemorativas.... e aí você não quer falar sobre datas comemorativas, mas você não sabe que o conteúdo que você vai passar, a criança talvez não entenda daquela maneira. E aí, você faz brincadeira, tudo... por exemplo, a sinalização de trânsito é fácil trabalhar, porque tá bem no cotidiano dele, é... mapa, essas coisas, você mostra o desenho na sala, junto com eles. Esquema corporal, dá pra fazer, ciências dá pra fazer muita coisa, mas eu tenho dificuldade em natureza e sociedade. Tenho muita dificuldade.

**Você percebe muita diferença na sua atuação de quando você começou pra agora?**

Ah... eu acho que agora eu tenho mais paciência. Eu era muito ansiosa. Nossa! Eu não conseguia fazer as coisas, eu ficava num nervoso, ai não deu certo, não deu certo. Aí vinha a coordenadora e falava não, não, não, é assim mesmo, né?!.. você vai ver como vai mudar. Hoje eu sei que não deu certo, semana que vem ele vai conseguir fazer. Então, eu tô menos ansiosa.

**Você atribui isso a que?**

Acho que é mais da experiência, acho que nenhuma formação traz realmente isso pra você não. Formação é muito conteúdo, muita coisa pra ler. Então, não traz receitinha de nada, então é muito difícil que curso te ensinou alguma coisa.

**Essas suas dificuldades, que você colocou... O próprio comportamento da criança que você citou, você acha que pode ser sanada ou minimizada através de um programa de formação continuada?**

Eu não fiz o RCNEI, mas eu já vi muitos amigos... Agora, eu acho que se a formação continuada se fosse voltada pro lúdico, entendeu?.. pro lúdico. Você fazer assim, é... como trabalhar, por exemplo assim, é porque.... a bola?... porque tem livros, inclusive eu comprei

uma coleção de livros que ensina trabalhar o lúdico com a bola, com bambolê, com tudo. Só que assim, com materiais que fosse mais fácil de carregar pra sala de aula, sabe?!...e eu não sei, eu na minha visão, esses materiais ao dá pra ser feito, já tem uma linha de produção, eu acho que teria que ter esse material, pra você trabalhar mais o lúdico com a criança. Eu acho que é bem isso. Então, se eles ensinarem uma, um.. ter um curso que ensina você a trabalhar esse lúdico e explicando qual esse material, aí eu acho que dá sim pra ajudar. É... um curso que ensina a cantar, brincadeiras, sabe?!.. eu acho esse tipo de curso sim, e não tem. Ninguém passa isso em curso. Passa numa formação a cada não sei quanto tempo, tem uma formação que chega uma pessoa, passa uma brincadeira e vai embora, né?!... então...

### **Quando você buscou sua formação universitária?**

Bom, quando eu fiz magistério, eu já fiz, na escola pública que eu fiz, seria a penúltima turma que iria se formar, que não ia ter mais o magistério. Porque na realidade, eu comecei a fazer o magistério... em 84, 85 eu fiz meu primeiro ano de magistério, né?!.. aí quando foi em 85 eu parei o magistério, que já era sonho de criança ser professora. E aí fui pra outras áreas, por uma necessidade mesmo minha, eu fui para outras áreas de trabalho. Quando eu voltei, eu não imaginava que teria tanta mudança e que o magistério só não seria o suficiente. Como eu também estava num processo difícil da minha vida, eu queria ter feito uma outra faculdade, e não fiz por questões financeiras, então eu fiz essa, que seria o normal superior. Então, eu sabia que eu ia precisar, por pontuação mesmo. Porque acho que a base quem deu mesmo, foi o magistério, foi muito bem feito. O que eu aprendi no magistério, o que toda teoria que passou no curso superior, eu já tive no magistério. Então, eu falo, nossa mas eu já vi isso, nossa mais eu já vi isso. Então, agora eu tô buscando a psicopedagogia, algo que eu posso descobrir e melhorar o meu trabalho em sala. Por que a formação no, no curso superior, num.... no meu caso, tá?!... como meu magistério havia sido muito recente, estava muito bom.

### **Então você acredita que sua formação universitária, principalmente na questão da pré-escola, ela não te preparou pra pré-escola?**

Não. Ela não me preparou. O que eu tive, tudo foi o magistério. Agora pode ajudar muito, porque com esse curso vai melhorar muito, aprender a ver a criança de maneira diferente, aprender a ver um outro lado, sabe?!.. o lado psicológico da criança. Você consegue ensinar, você consegue ver as coisas melhores.

### **Por curiosidade, qual era a outra faculdade que você desejava fazer? O outro curso?**

Eu queria ter feito pedagogia mesmo e eu não pude fazer, por questão financeira. Aí eu fiz o normal superior. Porque assim...era na área da educação..é...então, por questão financeira e por questão mesmo de tempo, né?!...eu não tinha tempo, tudo, por questões pessoais, aí vai puxando, né?!..

### **Você vê a diferença do normal superior pra pedagogia?**

Vejo, porque eu comecei e quando comecei eu percebi que em questão de conteúdo sim. Os professores eram mais... na realidade eu não tive professor, no curso do normal superior, eu tive tutor porque foi a distância, por isso eu falo que não teve boa qualidade. E lá na faculdade mesmo, na Pedagogia, não, eu tava ali, eu tinha uma dúvida, era direto. Esse negócio via on-line, eu não acredito muito, tá muito avançado, mas infelizmente as pessoas esquecem que tem lá uma mensagem e que a sua dúvida tá ali naquela hora, não

é pra semana que vem a sua dúvida. E na faculdade todos os dias você vai lá ver, conversa com o professor, fica tudo melhor. (INTERRUPÇÃO) A boa faculdade faz diferença, a minha não fez. Isso é assim, resposta bem pessoal.

### **Falando sobre formação continuada: O que você entende por formação continuada?**

Isso mesmo, formação continuada. Não é dá um cursinho aqui, parou, acabou, opa, que maravilha! Dez dessa escola, mais dez da outra escola e acabou. Aí vem um outro assim, bonitinho, com uma ideia mirabolante, vou fazer um cursinho... oh, aquele curso é legal, vou vender esse curso pra prefeitura e vai fazer de novo. Não! Formação continuada, fez Letra e Vida, ótimo. Fez RCNEI, bom, então vamos ver um outro curso baseado no Letra e Vida, mas que traga outra maneira de trabalhar, tá! Porque eu costumo falar que o meu Letra e Vida não foi bom. Porque o que eu aprendi no Letra e Vida, eu já tinha visto muito na faculdade, já tinha visto no magistério, inclusive as mesmas fitas no magistério, eu assisti no Letra e Vida. E também não tava nada diferente do que a gente tá acostumado a fazer em sala de aula. Só que devido a quantidade numeral de aluno, a gente acaba deixando. Então, o Letra e Vida tava mais voltado a alfabetização e como eu tava com o pré, eu fiquei frustrada nesse ponto. Dava pra trabalhar, mas qualquer coisa que eu fizesse parecia que eu tava forçando o aluno aquilo ali, que eu queria alfabetizar o aluno. Então, pra mim não foi bom. Agora, esse RCNEI eu não fiz, então não sei o que elas aprenderam. Mas teve um curso lá em outro município, que eu sei que foi muito que era o ideal sobre educação infantil, eu gostaria de ter feito e não fiz, porque num.. foi escolhido por unidade, né!... então, eu também não fiz esse curso de educação infantil. Eu acredito que teria que ser um curso voltado, eu fiz agora Letra e Vida, tô com a educação infantil, vamos ver agora um curso que encaixe no Letra e Vida, continue o Letra e Vida, isso é formação continuada, não é só o professor fazer qualquer curso e fizer, ah!..eu tô continuando minha formação, tá continuando, mas não voltado pra área que ele tá, né?!

### **Tirando o Letra e Vida, os outros programas de formação continuada que você participou, o que você achou? Que te impactou na sala de aula...**

O curso que fiz também de libras, um curso que fiz que não foi vinculado a município nenhum, foi por uma igreja e...quando eu fiz, eu aprendi muita coisa pra lidar com criança, coisa que não tinha nada a ver, eu fui interessada nessa parte, mas como tinha musiquinhas, contar histórias, tudo em libras, eu achei maravilhoso, só que eu não tinha nenhum aluno com problema de audição, né...então que dizer, como eu não tinha problema de audição, eu não pude aplicar, eu não pude dar continuidade. Por falta de tempo também, aí eu acabei deixando de lado.

### **Voltando sobre o Letra e Vida... Contribuiu para o seu trabalho com a pré-escola? O que você achou da organização dele, do planejamento, da carga horária, dos conteúdos.... Apesar de você já ter falado um pouquinho, mas centralizado no Letra e Vida e a pré-escola, o que você achou que mais impactou na sua prática da sala?**

Bom, falou sobre trabalhar com letras moles, eu já trabalhava com letras moles, então não mudou nesse sentido pra mim. É...falou sobre trabalhar em duplas, eu não poderia fazer muito isso porque criança tem muita competição, então ela quer chegar, isso aí é um processo longo. Então tem que começar em fevereiro pro mês de junho você começa a ver resultado se aquela dupla vai dar certo e eles vão trabalhar, eles não vão trabalhar todo dia também, vai trabalhar dois ou três, dois ou três dias na semana. Então você vai demorar uns 3 meses pra você, com que aquela dupla eles aprendam. Um coloca as letras o outro faz a

leitura, você dita pra um e o outro vai escrever, vai tentar escrever. Então na pré-escola é mais longo. Eu só trabalhei junto mesmo.....cê dá licença só um pouquinho, eu quero pegar minha bolsa que ficou.... (INTERRUPÇÃO) Bom eu acho que tem isso, ajudou muito pouco, sabe?...bom eu acho que poderia ter ajudado mais, poderia ter sido passado de uma outra forma. Eu fui com muita sede ao pote, entendeu?...eu fui esperando muito. E pelo que eu fiquei esperando, eu recebi pouco.

### **E você foi esperando o que?**

Eu fui esperando.... talvez a gente tá atrás de uma receitinha, né?...eu acho que é bem isso. Mas eu esperava que ensinasse mesmo eu trabalha, eu trabalha com criança de pré-escola com letras, com jogos, com brincadeiras, sabe?!...que pra mim, o Letra e Vida representava assim, dá mais vida ao conteúdo que você tem. Eu imaginava isso, mas eu também tenho uma mania, tudo que eu começo eu vou até o final, eu não desisto nunca, né?... então gostando ou não gostando, eu ia até o final. Eu acho que ajudou, mas nem tanto, eu esperava mais.

### **O que pra você seria um programa de formação continuada?**

E agora... um bom programa....bom, tudo que é bom pra gente não é bom pra secretaria...é..pra eu fazer um curso de formação continuada, eu poderia fazer no meu horário de trabalho e deixar uma pessoa no meu lugar dando continuidade ao meu trabalho em sala de aula, pra não deixar o aluno prejudicado. Que quando você faz a aula dentro do seu horário de trabalho, no meu ver, eu acho que você faz com mais vontade, porque você não está na sua sala, mas você está em um outro lugar buscando algo pra sua sala. Essa estória de colocar o curso no fim de semana, colocar o curso à noite, colocar o curso de manhã, hoje em dia é muito raro o professor ter um emprego só, um emprego não mantém família, infelizmente na rede, até na rede particular, mas na rede pública tem muitas mães de família, e eu acho que nossa qualidade de trabalho só não está melhor por nossa carga efetiva de trabalho. Então você deixa de qualidade dentro de sala de aula, porque você não tempo pra se formar e eu acho que deveria ter, pra ser um bom curso, pessoas realmente qualificadas e não pessoas que saíram desse lugar que eu tô sentada aqui só porque eu fiz Letra e Vida, eu vou fazer um extensão do Letra e Vida, vou estudar o livro e vou dar formação pra quem não fez e eu não acho que é assim. Então ter que ser pessoas especialistas mesmo, em alfabetizar, pessoas especialistas em educação. Não é uma pessoa que fez experiência, deu certo em sala de aula e agora só porque não tá na sala de aula, ela acha que ela vai passar a receita e vai dar certo pra todo mundo. Deu pra seus alunos naquela época, as crianças são diferentes todos os dias, a mesma criança de hoje não é a mesma de amanhã. Amanhã ela vem com outros pensamentos, porque o que ela já conheceu hoje não interessa mais, mesmo que você faça diferente, ela quer coisas diferentes. Então, teve pessoas da formação que acha que a receitinha que trouxeram pra ela, era só ela passar pro professor que ia dar certo. Então ter que ser com professor especialista mesmo. Tá faltando bons profissionais pra que leve o trabalho a sério e que traga realmente conteúdo que possa ser aplicado em sala de aula. Não adianta falar, oh...se eu tivesse... falar de xerox, não existe xerox, xerox sai do meu bolso, eu pago xerox. Eu gasto por mês R\$30,00 a R\$40,00 de xerox, dinheiro que eu não tenho, mas pra facilitar os atrasados, pra esperar o melhor, eu faço minhas aulas no computador, recorto daqui, recorto dali, colo, moldo bonitinho e mando pra impressão. Mas você chega aqui e uma pessoa fala: olha, dá pra fazer isso, com que material?...o professor vai ter que ficar quantas horas aqui tendo que fazer letrinhas m cartolina e depois recortando, se ele já não tem tempo pra família, pra ele mesmo.



### **Que tipo de conteúdo você acha que teria do pré, nessa formação?**

Que tipo de conteúdo?...olha eu acho que falei pra você no começo, eu acho que trabalhar, alguém que ensinasse trabalhar o lúdico, sabe?...brincadeiras que colocassem letras, colocassem nomes, música que colocasse letras, que colocasse nomes. O que a gente tem é o que algum professor foi mudando ao longo do tempo e aí transformou em paródia, uma música da rádio e fez a música pra alfabetizar, sabe?... acho que falta isso.

### **Você acredita que a carga horária influencia?**

A carga horária?... não eu acho que não influencia, por exemplo, quando ainda era 3 horas aqui, não ainda é 3 horas....

### **A carga horária da formação continuada...**

Ah, tá...ah, da formação?...

### **A carga horária da formação, por exemplo, o Letra e Vida teve 180 horas, você acha que a carga horária do programa influencia, é carga horária é pouca, muita?**

A carga horária do programa.....não....não e sim, não é esticando a carga horária do curso que vai melhorar. Se o seu conteúdo é baseado naquela carga horária e você for capaz de aplicar o curso realmente com seriedade, você pode fazer um curso aí de....de 90 horas, que é metade, 3, 4 meses e ser um curso muito bom, depende do formador, de quem está ali, então você pode ter uma qualidade muito boa. O meu foi isso, cento e poucas horas e aí?...eu já fiz curso em menos tempo, eu fiz um curso a AACD pra inclusão e no curso eu fiquei bem menos, o curso acho que teve 36 horas, foi todo dia, 36, foi uma semana, 2, 3 horas por noite, então assim foi pouquíssimas horas, eu aprendi coisas assim, maravilhosas, então não é a quantidade de horas em alguns determinados cursos, vai do formador mesmo.

### **Outra questão é sobre os conteúdos destinados ao ensino fundamental? Você acha que participar de curso que traz conteúdo para o ensino fundamental te acrescenta pra pré-escola?**

Não, eu acho que não, porque é.... sempre no planejamento, eu acho que o planejamento da pré-escola tá sempre voltado pra.. no caso leitura e escrita que é o que mais pede e matemática. Então, você até pode trabalhar sim alguma coisa... então assim, não... eu não sei nem o que dizer assim, nesse ponto. Porque eu aprendi algumas coisas Pró-letramento de matemática, que eu também tô e não conclui, por isso que eu não coloquei, no Pró-letramento de matemática eu tô aplicando agora, entendeu?...que é uma brincadeira de números, da idade da criança, do tamanho da criança, é uma brincadeira que eu aprendi no início do Pró-letramento e eu tô aplicando pra pré-escola. O que eu tive que fazer?...adaptar, só que você vai ter que sempre adaptar pro nível que você tá, todos os cursos vão fazer isso, né?... alguns sim, mas outros conteúdos não dá, por exemplo, assim, o que você aprende em Historia e Geografia, não dá. O que, o conteúdo de português, da Língua Portuguesa não dá pra aplicar, porque você tá no início da alfabetização, o mais importante são as letras, o som, entendeu?... a fonética...ali direitinho. Então, eu acho que não flui.

**Por fim, você acredita que a formação continuada pode contribuir pra sua docência, pra sua prática diária na pré-escola?**

A formação continuada voltada pra escola, pode sim, se for boa, né?..eu gostaria de ter feito esse curso do RCNEI, eu sempre coloco, mas ele foi em horário de trabalho, então dá no meu horário de trabalho, eu trabalho em outro município, né?... então eu não tinha como fazer. Então eu vim, fiz o Letra e Vida todos os sábados durante um ano e pouco, sem preguiça. Teve dia que eu não queria vim, mas eu vinha porque eu tinha interesse em concluir. Aí chegou uma hora que passou a ser ponto de honra pra mim, eu vim até agora, vou até o final. O de matemática também era aos sábados, eu vinha, eu só não continuei porque eu tive problema de saúde e não dava pra continuar e até agora eu falo, quero voltar a fazer esse curso, porque ele era muito bom, né? Como eu falei, o único que eu consegui adaptar foi ele, porque por exemplo, eu fiz o do EJA, aprendi muita coisa sobre História e Geografia, mas não tinha nem como aplicar, né?..tentei fazer lá em Osasco, também não dei continuação porque eu mudei de horário de trabalho. O curso de Português, que eu comecei a fazer em outro município, não deu pra mim continuar, mas algumas coisas pra última fase da pré-escola, que Seri o pré III ou até mesmo agora que é o 1º aninho daria pra adaptar algumas coisas, né?...mas tem sim que você adaptar o conteúdo.

**Agradecimentos.**

**XI. Dia 18 de agosto às 11:00h – Entrevista: Professora Preta**

**Professora, como você veio a se formar e atuar como professora?**

Foi uma escolha do meu pai, no começo. Até fiquei muito revoltada, porque ele decidiu, ele escolheu, eu fiquei sabendo no primeiro dia de aula. Aí comecei a fazer, aí me formei, fiz um estágio numa escola estadual. Foi traumatizante. Era de 1ª à 4ª, eu chorava todo dia, todo dia eu chorava, chorava, chorava, porque eu não gostava, até que eu fiz o concurso pra tentar educação infantil. Aí foi minha paixão, eu tô até hoje.

**Porque que foi seu pai que escolheu?**

Eu fiz a matrícula pra contabilidade na época. Aí ele: não, de jeito nenhum. Ele foi lá cancelou a matrícula e fez pra magistério. Você vai ser professora, ele falava.

**Você então ao fazer o curso não pensava em atuar na educação infantil?**

Foi.

**Como que foi essa sua experiência no início, o seu primeiro ano atuando lá na educação infantil, com as crianças pequenas, como que foi?**

Nossa, eu era muito nova, né?... e queria colocar em prática tudo que eu aprendi no.... (interrupção)...

**Como você definiria a educação infantil?**

Eu acho assim, que é a fase mais importante, de todas as fases da escola, eu acho que é a mais importante.

**Em que sentido? Porque seria a mais importante?**

Ah, o caráter, o amor pela escola, é ali que a gente começa a preparar pra pré-escola, né?.. antes era pré-escola, tem todo aquele amor, e se você maltratar a criança ou não tratar ela bem ela pode pegar raiva, ódio da escola, caminho, as atitudes dela, virtudes.

**O que é trabalhado na educação infantil? Focado na pré-escola, com crianças de 4, 5 anos de idade?**

Eu vejo mais a parte assim, psicomotora, né?.. a parte motora, o psicológico da criança, o carinho.

**Você percebe alguma diferença entre ser professora de educação infantil entre as demais etapas de ensino, por exemplo, do 1º ao 5º ano?**

Percebo.

**Quais diferenças seriam?**

Eu acho assim, respeito... respeito, no infantil eu acho que eles têm mais vontade, por ser uma novidade, você vê muito mais resultado do que no fundamental. Aquela vontade, aquela paixão.

**E de você como professora, é diferente sua atuação da educação infantil do fundamental? (interrupção)**

Eu senti assim, né?... no fundamental eu trabalhei mais por obrigação, eu precisava e eu acho que eu não me entreguei tanto quanto pro infantil.

**E no infantil?**

É paixão, é o que eu mais gosto.

**Como você vê os pontos críticos da educação infantil?**

Eu acho que é colocado de lado.

**Em que sentido?**

É assim, cursos, material, material pedagógico, fica devendo demais. Deveria ser mais, deveria ser mais investido.

**Você acredita que a educação infantil não é mais vista pelo lado assistencialista, do cuidado apenas?**

Dependendo da fase, agora tem fase 1, fase 2, dependendo da fase, igual agora tem o 1º ano, que é o antigo pré III, já tem toda aquela preparação pro ensino fundamental. Menos brincadeiras, menos... onde eu trabalhava a gente dava até a parte da higiene, escovação, focada demais pra parte pedagógica.

**E no caso da sua prática diária, como você resumiria a sua prática diária com alunos de pré-escola?**

Eu gosto de diversidade, então até o curso me ajudou muito nisso, o Letra e Vida, sempre assim no final de semana tem aquela preparação, né?..você prepara pra semana, então,

diversidade de textos, né?.. atividades mimeografadas, mais jogos, brincadeiras, eu tentava diversificar o máximo, usar menos caderno.

**E quais os recursos que você utiliza para preparar aula?**

Internet, os livros, né?.. algumas coisas assim.. muita conversa com as amigas, né?.. troca de livros, revistas. Adoro! (risos). Guia prático do professor.

**E no caso, por exemplo, você prepara uma aula e de repente foge do controle, como é que você resolve isso, como é a sua atuação nesse replanejamento?**

É complicado, porque você tem que aproveitar o momento, né?.. de repente surge algum assunto que não tem nada com o que você preparou, eu prefiro abordar o assunto

**Você consegue me dizer qual é a sua maior dificuldade de atuação na pré-escola?**

É a falta de material.

**Material pedagógico?**

Material pedagógico. Porque a maioria das vezes, a maioria das vezes eu levava pra escola o meu material, de casa. Eu sempre comprei livros, revistas, cd's, dvd's, brinquedos pedagógicos, blocos lógicos, eu tenho o meu acervo. (risos). E eu levava pra escola.

**A questão dos pais, de apoio pedagógico, coordenação pedagógica? Como que era? Pra fazer as atividades o relacionamento com os pais, comportamento dos alunos, não há dificuldade?**

Não.

**Você percebe diferença de quando você iniciou pra hoje?**

Percebo.

**Que tipo de diferença?**

Na direção ou de professora?

**Na atuação como professora de pré-escola.**

Você vê, quando eu comecei, comecei muito sozinha e assim.... como se diz... de cabeça fresca, né?...tinha acabado de me formar, então era muita, era época do construtivismo, então muitos, muitos escutavam o que eu tinha pra mostrar, né?.dava uma importância, porque eu entendia melhor o construtivismo, né?.. era novinha ainda. Pra agora assim, eu acho difícil. Se eu tiver com uma ideia, às vezes eu tenho que trabalhar sozinha essa ideia, diferente de antes. Porque muitos companheiros falam: ah, não, vai dar trabalho, ai porque tá inventando isso. Eu sinto falta do companheirismo, que antes era bem maior.

**Por que você buscou pela formação universitária?**

Na verdade, antes foi por causa dos pontos.

**Por causa da pontuação?**

É. Eu não, eu demorei muito pra fazer, 10 anos eu demorei pra voltar a estudar. E na época foi exigência da LDB, logo quando surgiu a cobrança por curso superior, aí eu fui fazer.

**Você acredita que a Pedagogia te ajudou na atuação com a pré-escola?**

Muito, muito, muito.

**No caso, você teve alguma disciplina voltada pra educação infantil especificamente ou não, foi abordada no geral?**

A que mais contribuiu foi Administração. Meu curso superior foi voltado pra administração, porque eu já tenho magistério.

**O que você entende por formação continuada?**

Acho que são cursos que a Secretaria te que... como é que eu posso dizer... fornecer, né?...para os professores durante todo o ano, sempre dados atualizados, você não parar.

**Desses programas que você participou, não exclusivo da prefeitura de Jandira, da área da educação, ou só o Letra e Vida, mas todos esses cursos que você participou na sua trajetória da educação, o que você achou deles?**

Eu sempre busquei cursos assim, ligados a minha atuação. Então a maioria das vezes eu fiquei satisfeita, né?... eu fiz curso de contar histórias, de matemática, sempre ligado ao infantil

**Então desses que você fez, a maior parte foi específicos pra educação infantil?**

Sim.

**E quanto a formação do Letra e Vida, o que você achou? Pensando Letra e Vida pra sua atuação na pré-escola?**

Eu já estava pensando à frente, eu já estava preparando pro 1º ano, eu sempre peguei o pré, as salas de pré III, né?... então eu.... eu era coordenadora e quando dera abertura pra fazer a coordenadora, eu falei: eu quero! Mas já pensando à frente.

**E dos conteúdos que foram trabalhados lá não curso, o que seria aplicável pra pré-escola?**

Os tipos de texto, né?... as dinâmicas.

**Do que foi tratado da educação infantil nesse curso? Você lembra se foi tratado alguma coisa especificamente pra educação infantil, pra pré-escola no Letra e Vida?**

Mais a hora do conto, né?... de contar as histórias, assim as parlendas, a produção deles, a produção oral dos alunos.

**Você acredita que o Letra e Vida impactou na sua atuação docente?**

Com certeza. Me ajudou muito, eu fiz o concurso em Itapevi, muitas coisas que foram cobradas no concurso era do Letra e Vida.

**Era do Letra e Vida. E assim, você acredita que a formação continuada impacta na atuação do professor de pré-escola?**

Eu acho que sim, porque não pode parar, né?.. tem que sempre buscar, melhorar e acompanhar a tendência, né?.. não ficar pra trás.

**O que pra você é um bom programa de formação continuada?**

Teria que ser um programa assim, que tenha a ver com a nossa realidade, nada por fora, né?.. que mostre coisas novas, né?.. futuro.

**E quanto a carga horária, você acha que influencia?**

Influencia. O último que eu fiz era o dia todo, inclusive final de semana, aí foi cansativo.

**Foi cansativo, mas valeu ou foi cansativo e não valeu?**

O tema valeu a pena, mas nos últimos dias tava todo mundo ali pra entregar os pontos. Porque tem que analisar bem uma carga horária pequena, que passe todas as informações.

**Você acredita que os facilitadores, eles demonstravam um certo conhecimento na área de educação infantil ou não? O domínio do conteúdo também...**

Transmitiram.

**Outra questão: te satisfaz participar de um programa de formação continuada voltado pro ensino fundamental?**

Não.

**Por que?**

Acho que porque eu não gosto, eu não me identifico.

**Por fim, o que você acha que precisa ainda pra sua formação?**

O que preciso... A gente sempre precisa de alguma coisa, né?.. não pode parar, eu acho que sempre precisa de alguma coisa.

**Agradecimentos.**

**XII. Dia 19 de agosto às 14:00h – Entrevista: Professora Rosa**

**Como você veio a se formar, a ser professora?**

No primeiro ano eu trabalhei como estagiária, aí eu já recebi uma sala, eu ficava uns 15 dias com essa sala, o professor faltava, eu ficava, aí já me deram a sala. Aí, eu já fiquei no estágio trabalhando assim, por 5 anos.

**Você fez magistério e depois de alguns anos que você foi fazer a faculdade? Porque que você procurou a faculdade?**

Ah, porque eu achei que me acrescentava, né?...como pedagoga, ia me acrescentar mais conhecimentos, melhoria também na...nos meus currículos, né?

**Você acredita que a faculdade, ela te ajudou a trabalhar com crianças de pré-escola?**

Ah, sim....sim

**A teoria, as práticas, o que foi falado durante o curso, você acha que te preparou para dar aula numa pré-escola?**

Olha, Psicologia ajudou, Didática ajudou, sabe?...é...um todo, Sociologia também, você tira um pouco de cada coisa, vê o que é melhor e aplica, né?

**Quando você se formou você já pensava em atuar na educação infantil ou a educação veio com o tempo? Uma oportunidade?**

Veio como uma oportunidade.

**Como você definiria a educação infantil?**

(pausa)... Educação infantil ela é uma educação que já desde o início do...da...da vida da criança, você já tem que preparar ela. Então já começa desde pequeno. Eu acho assim, que não tem uma parada pra ela. Você vai aprendendo nos degraus.

**Você acha que a gente prepara em que sentido essa criança? A criança de pré-escola que está com 4, 5 anos de idade, você acha que a gente prepara o que? O que a gente trabalha com eles?**

Prepara pra ele ser um cidadão, porque desde o começo você tem que preparar a criança pra isso.

**Quais são as habilidades que a gente trabalha numa criança de pré-escola? As que você mais foca dentro da sala de aula, nas suas habilidades, o que você tenta despertar neles ou capacitá-los?**

(pausa)...

**Por exemplo, as aulas que você prepara... Você prepara as aulas, você pesquisa em algum lugar, como que é o seu preparo da aula?**

É assim, eu pesquiso em livros, revistas, é... na internet também a gente pesquisa, e grade é a grade é a grade de educação infantil. Então cada dia você trabalha uma coisa, né?... a linguagem oral e escrita, movimento, matemática, tudo, artes visuais, tudo né?...toda a grade.

**E diante do que você prepara essa aula, de repente no decorrer da aula foge do que você tinha preparado ou surge uma situação que não dá pra você dar o que você tinha preparado....como é que você refaz a sua aula?**

Ah, eu tenho que retomar, se surgir algum, alguma coisa no meio da aula, você tem até que pegar aquilo que é de bom e fazer uma aula pra frente ou naquele mesmo dia dependendo do, do....do acontecido, do apanhado daquele dia. Você deixa, você pode deixar aquela aula que não tava tão interessante pra criança e um acontecido no dia você trabalha em cima daquilo, dá pra trabalhar....na criança.

**Você vê diferença entre ser professora de pré-escola e professora do fundamental?**

Ah, eu acho que há uma pequena diferença, porque nós assim, somos tratados assim como quase que umas tias e o fundamental ele é mais respeitado como professor, embora todos nós somos professores, é lógico. Mas eu vejo essa diferença assim.

### **Essa diferença é positiva ou negativa?**

Ah, pra nós do infantil é negativa. Agora....

### **Porque negativa?**

Ah, porque a gente queria ser respeitado como professor, né?...todos somos professores, educadores e a gente vê as vezes na escala, na escala assim de, como que eu posso te dizer.... de cima assim, o que vem de lá da secretaria ou mesmo da escola, dos diretores. Porque você às vezes você não é bem reconhecida assim.

### **Você acha que essa falta de reconhecimento do professor da pré-escola é somente da secretaria, da direção ou não, é geral?**

Acho que não, já é uma cultura, já é uma cultura.

### **Dos próprios pais, dos alunos...**

Até que dos pais não muito, né?...mas no geral acho que é uma cultura mesmo. Porque quando você se refere, o que você é, se você falar: ah, eu sou professor, se você disser até numa loja, numa coisa, qualquer coisa, se você disser que é um professor de educação infantil, eles já te olham assim....com outros olhos, entendeu?...não sei....não sei, mas alguma coisa tem.

### **Quais são os pontos críticos da educação infantil?**

Olha, ainda tem que trabalhar bem a criança no sentido de ter parque, de ter brinquedos didáticos, de ter jogos, de ter um lego, sabe?...da criança tá mais envolvida com o lúdico e a gente vê que ela não, num tá muito envolvida, a gente tem que procurar outros meios, meios nossos, de ter que ficar fazendo em cartolina, coisa que leva muito tempo, você deixa sua família em casa, você fica até meia-noite fazendo as atividades e a escola poderia fornecer um material assim, um material plástico, né?.. a gente vê as escolas que tem mais condições financeiras como Osasco, a gente vê que o trabalho é mais focado nisso aí.

### **Qual é a sua dificuldade de atuação, você tem alguma dificuldade pra lidar com as crianças ou com os conteúdos ou com as áreas mesmo disciplinares, você tem alguma dificuldade de atuação?**

(pausa)... às vezes só em disciplina, assim... é o que pega, né?...porque a pré-escola quando eles vêm no começo do ano, eles vêm chorando muito, né?...muito apego em casa aos pais, então muitos problemas dentro da família que ele trazem, de pais separados..é uma carga muito grande que vem pra gente, então aí isso torna, eles geram um pouco de indisciplina e até você contornar essa situação no começo, até você entrar no eixo no começo, isso demora. Você tem que ter um jogo de cintura, saber lidar com a criança

### **Você tem alguma dificuldade em alguma área de conhecimento, por exemplo, matemática, artes visuais, movimento...alguma delas você apresenta dificuldade de trabalho com eles?**

Eu acho que não.



## **Não? Ensino Religioso?**

Não, não.

## **Você percebe diferença na sua atuação de quando você começou a trabalhar pra hoje? Você mudou?**

Mudei.

## **Em que sentido?**

Antes eu trabalhava só no tradicional, aí depois eu fui mudando, introduzindo outras coisas, trabalhando positivismo, aí vendo a realidade de hoje da criança, a criança de hoje é outra, ela tem internet, ela tem televisão, aí você tem que se informar mais é que eles já trazem muita coisa de casa pra gente e você tem que tá atualizado. Eu mudei bastante também, através dos cursos também a gente vai aprendendo.

## **Essas dificuldades que você colocou, retomando um pouquinho, você acha que essas dificuldades com os alunos, pode ser minimizada através da formação continuada?**

Ah...talvez sim, né?... às vezes também é o número muito grande de crianças que a gente tem na sala, não dá pra atender todos de uma vez, porque é uma sala muito grande, né?...no início eu tinha 34 crianças, agora eu tô com 29. Então, onde eu trabalho, lá a sala é menor, tem 24 crianças, então, já dá pra você dar uma atenção maior. Então, eu acho que o número, a quantidade de alunos também influencia muito.

## **Por que você se interessa pelos cursos oferecidos?**

Porque eu quero aprender mais mesmo, ter ajuda em alguma coisa, alguma coisa que me acrescente. Então, acho que é só por isso. Porque, eu acho que é só esse o sentido, ir me reciclando, procurar, né?..

## **O que você entende por formação continuada?**

Ah, é um aprimoramento que vai acontecendo, vai te dando mais clareamento, mais luz, vai vendo, vai percebendo. Que às vezes você reluta, não quer aquilo, né?... alguém fala: ah, não num vai atrás, não faz, então tem curso que você vê mais, você clareia mais a sua cabeça, você vai vendo o que é mais certo, vai tirando o que é bom de lá e vai tentando adaptar.

## **O que você acha dos programas de formação continuada que você participou?**

Ah, pra mim foram bons, foram bons, deu pra aplicar no pré, por exemplo Letra e Vida pra trabalhar em grupo deu pra tá aplicando com eles.

## **O que te ajudou, te auxiliou, aproveitando que você começou a falar do Letra e Vida. O que você aplicou, o que foi mais útil pra você nesse curso de formação?**

Olha, a leitura que a gente não fazia diariamente com os alunos, trouxe um grande benefício pra eles. Porque eu não tinha o costume de ler todos os dias, né?... diferenciados textos, né?... assim, jornal, cada dia tem que ler uma coisa, então todo dia. Então não ficava só no contos de fadas, como a gente fazia antes, agora a gente varia, né?...lê um jornal , vê a capa, depois outro dia conto de fadas, outro dia lenda e isso melhorou.

**Você gostou, então, de ter participado do curso Letra e Vida?**

Gostei.

**Valeu a pena? Você acha que o curso foi mais voltado pra pré-escola ou mais pro fundamental?**

Ah, fundamental, fundamental.

**Por que?**

Ah, porque tinha mais atividades, porque falava mais como lidar com o fundamental, tinha mais coisas direcionadas para o fundamental. Teve também pra pré, mas, assim mais focado pro fundamental.

**Você tinha alguma outra expectativa pro Letra e Vida que não foi contemplada ou não? Você esperava alguma coisa do curso pra uso na pré-escola que de repente faltou?**

Sim, eu esperava que eles mandassem mais material didático pra nossa escola, pra gente tá trabalhando, pra gente não ficar confeccionando as coisas com tanto papel, tanta coisa, mas ajudou sim, nesse sentido.

**Sobre o curso do RCNEI, aqueles dos referenciais curriculares, você ficou sabendo que teria na rede?**

Quando foi? Não me lembro.

**Teve mais participação dos monitores de creche e foram pouquíssimos professores de pré-escola que participaram...**

Eu não fiquei sabendo não.

**Bom, retomando, você acredita que a formação continuada impacta na sua prática docente diária?**

Ah, sim...às vezes sim.

**Às vezes sim?**

Às vezes sim, não diariamente, né?... se você for pra aprender alguma coisa, de qualquer forma você vai...

**O que pra você é um bom programa de formação continuada? Pensando no pré, o que que pra você seria um programa de formação que fosse mesmo te acrescentar no seu dia-a-dia?**

Ah, que não tivesse tanta coisa teórica, né?...às vezes você vai no curso e volta desanimada, porque só tem leitura de texto, texto, texto e não tem assim, umas atividades lúdicas, coisas do dia-a-dia que acontece na sala de aula. Às vezes a gente volta até com problema também, em ter muita expectativa naquilo e voltou mais com teoria mesmo.

**Você acha que a carga horária influencia? Do curso, influencia dele ser bom ou ruim?**

Acho que sim, porque se for um curso muito curto, não dá também e se for muito longo também, muitas horas se torna cansativo.

**Quanto aos facilitadores, aos que conduzem as formações. Você acha que eles abordam pra pré-escola ou não? Você acha que eles focam mais no fundamental?**

Mais no fundamental. A pré-escola é bem deixada um pouco de lado. Talvez seja porque aqui, assim, não sei, não tem muito recurso aqui em Jandira pra pré-escola. A nossa escola não tem parque, aqui. A criança precisa sair e brincar, né?... então a gente tem que sair, dar movimento lá fora, às vezes vou contar uma historinha, eu ter que sair d sala, vou contar lá fora na escada. Então, tem que ficar ajeitando pra... porque eles não tem parque, a criança precisa brincar também, eles têm que aprender também brincando, tem que ter o momento deles. Porque se você ficar só na sala de aula vai se tornar tanto cansativo pra você quanto pra ele.

**Aproveitando que a gente está falando dessa questão do pré e do fundamental, te satisfaz participar de cursos do fundamental?**

Sim, porque eu posso tá no pré hoje e no ano que vem eu posso pegar um fundamental. Então, se a escolha for geral, né? Então dependendo do horário, você vai ter que pegar o fundamental e como eu já trabalhei e gosto também... então não seria bom você ficar só no infantil, tem que participar dos dois.

**Enfim, qual seria a real necessidade de formação pra professor de pré-escola? Você acha que precisa de formação continuada?**

Precisa sim, porque tem gente que entra na escola e não se atenta pra nada, pensa que porque é criança você vai... tipo dar qualquer aulinha e enrolar, não. Não é criança, é criança, mas é cidadão que você tá formando. Você tem que levar a serio, são seres pequenos que vão ser grandes, vão ser adultos e quando tiver lá no final, eles vão lembrar do que você falou, da aula que você deu.

**Agradecimentos.**

### **XIII. Dia 19 de agosto às 17:00h – Entrevista: Professora Verde**

**Professora, para gente começar eu desejo saber um pouquinho como você veio a se formar e a atuar como professora.**

Bom, quando eu terminei o meu ensino fundamental, aí eu fiz um vestibular, aí eu entrei no CEFAM, porque o meu sonho sempre foi ser professora. Estudei os quatro anos no CEFAM, aí me formei, fui para uma escola particular, de lá fui conhecendo mais professores. Fui para o Estado. A principio de Carapicuíba, fui prestando vários concursos até que cheguei em Jandira, no município de Jandira.

**Certo. Você já desejava atuar em educação infantil ou não?**

Sim, sim.

**Você chegou a fazer estagio em educação infantil?**

Cheguei, eu me lembro que primeiro estagio foi o infantil, formas geométricas.

### **Como você definiria a Educação Infantil?**

Como educadora, a Educação Infantil pra mim é o educar e o brincar que se prevalece. Não o assistencialismo, mas sim, além, ele não é uma tia e sim uma educadora. Uma pessoa que tá ali mediando e cada vez mais aumentando é o conhecimento prévio que o aluno tem.

### **Que habilidades você mais trabalha com seus alunos de pré-escola?**

Olha, de inicio eu sempre trabalho tanto na 1ª fase até a 3ª fase, é de inicio eu faço um levantamento prévio dos meus alunos e trabalho o projeto identidade. Porque? Porque eu preciso saber o que sabem, quem são eles e eles também descobrirem quem são. Então eu já parto do quê? Da onde que eles vieram? Como os pais se conheceram? Então eu trabalho com fotos, com recortes, com mensagens, é discussão entre os pais, essa história do nome, como os pais se conheceram? Então todo esse percurso eu venho com a criança, do que ela mais gosta até eu chegar no corpo humano dela, de toda essa identidade. Então no 1º bimestre eu faço isso. No segundo, eu já gosto de trabalhar o quê? a comunidade, a escola, o bairro onde nós trabalhamos, onde mora, onde nós moramos, eles moram. Trabalho meio de transporte, então eu vou trabalhar tudo nesse projeto comunidade. Quando a gente volta depois das férias, eu venho com o projeto ecologia, trabalhando meio ambiente, trabalhando é... os animais, até nesse 3º bimestre é a bruxa maluca, que é uma bruxa muito boazinha que ela fez umas pesquisas, que as crianças estavam meio preocupadas com o meio ambiente, aí eu já trabalho em cima disso. E no 4º bimestre, eu gosto de fechar com uma história de literatura infantil.

### **Você no caso trabalha também com a psicomotricidade, a questão da alfabetização já dá essa introdução?**

Sim. Tudo de uma maneira interdisciplinar, tudo dentro desse projeto. E assim, nesse projeto eu coloco as brincadeiras, eu já coloco todos os movimentos e trabalho a parte jogos e brincadeiras de A à Z, artes e desenhos.

### **Essa questão também da disciplina deles e essa questão da introdução ao ensino fundamental, você também foca isso ou não, você acha que uma coisa é infantil outra coisa é fundamental?**

Eu acredito assim, hoje em dia nós estamos um pouco abandonados, né. Mas de acordo com RCNEI, nós sabemos que quem tá no pré III ou na 2ª fase de agora, é interessante o professor levar os alunos pra conhecer a escola, os professores do próximo ano talvez sejam deles, a escola onde eles vão estudar na 1ª série. Esse ano eu gostaria de fazer isso, porque eu estou com a 2ª fase, mas infelizmente não tem respaldo assim, não tenho, como que eu posso dizer, não tenho ajuda. E ao mesmo tempo, eu já trabalhei com o pré III há uns 2 anos atrás e eu não pude fazer isso, porque? Porque tem que pedir autorização pra Secretaria da Educação, que era Dr. Rene aí pra você tirar um aluno de uma escola pra outra é complicado. Mas eu acredito que isso dá certo.

### **Você já trabalhou também no fundamental. Você vê diferença entre ser professora de educação infantil e ser professora do fundamental?**

Para a sociedade sim. Porque infelizmente pra sociedade, a educação infantil é aquele que apenas cuida, né? Então é aquela tia, aquele assistencialismo. Até para alguns pais também

é dessa maneira. Então, primeiro dia de aula eu sou a professora, né?...aí tem pai que questiona, não, não vem questionar porque nenhum policial você chama de tio. Então cada um tem a sua função. E o fundamental, eu gosto muito também, é uma paixão minha, mas eu acho que todo professor de fundamental ele tem que ser antes professor de educação infantil. Porque o professor de fundamental, ele não tem carinho, não tem vínculo com o aluno, ele é apenas ponte principal dos alunos, a essência e o infantil querendo ou não o professor tem aquele vínculo, porque se não tiver esse vínculo, não tem jeito.

### **Como você vê os pontos críticos da educação infantil?**

Começa pelos próprios professores, infelizmente, porque os professores do infantil muitos, não tem a preocupação de se aperfeiçoar. Então, assim, enquanto os professores não mudarem isso, claro tem o sistema tem tudo o ambiente externo, tudo, mas eu acho que se vier de dentro cada um faz a sua parte na sala de aula, aos poucos vai abrangendo isso daí.

### **Como você pode descrever a sua prática diária com crianças, o seu planejamento da aula, a sua rotina?**

Bom, é...nos tempo atrás, quando eu fiz o Letra e Vida, eu tinha a, a, a minha professora a Liliane e ela toda vez ela fazia uma leitura comigo, comigo não, com o grupo, né? E aquilo sim, até então eu não conhecia isso, a gente lia algumas vezes por ler. Com o Letra e Vida eu percebi a importância da leitura. Então assim, eu comecei a ter essa prática na sala de aula. Aí a partir disso, até este ano agora tem um projeto de leitura que a gente faz, eu acredito que a maioria faça, mas assim de eu conhecer isso foi com, com o curso Letra e vida. Então assim, de início tem aquele acolhimento com os alunos, né? Aí eu faço aquela rotina de contagem meninos e meninas, a contagem do calendário, né?..... uma roda de conversa, faço geralmente uma leitura no início. Essa leitura às vezes é o que eles trazem, às vezes eu que trago, é atual ou não é. Geralmente é, no início a cada 15 dias eu trago um jornal pra depois ser uma coisa toda semana, porque o infantil eles não sabem folhear um jornal, né? Então assim, eu gosto muito disso. Aí depois já é o lanche, a higiene, aí eu volto já com uma atividade dirigida de acordo com o projeto que eu estou desenvolvendo, dependendo do dia já tem também os movimentos no caderno e sempre deixo um tempinho de pelo menos uns 20 minutos pra recreação. Porque eu acho que é um momento muito importante pra eles, que é o faz de conta. E na sexta-feira já tem um tempinho um pouco maior.

### **Você planeja suas aulas, você busca algum tipo de material específico pra preparar essas aulas, faz pesquisas?**

Então, geralmente tem os livros, né?... que os professores tem na mão, outros tipo de livros ... eu na minha casa, eu e mais uma professora, amiga minha, então, uma vez a cada bimestre ou a cada mês conforme nosso tempo, nós nos reunimos com vários livros e montamos o nosso projeto. E esse projeto é meu e dela. Que que acontece, nós tiramos um desenho dali, uma atividade dali, então nada é igual como está naquele livro. Então, assim eu não pego essa página desse livro e vou tirar uma xerox, não, muito pelo contrário, eu pego tiro uma coluna, faz um lista dali, a gente supõe uma coisa ali e monta esse projeto.

### **Outra questão: Como você lida com imprevistos no seu planejamento diário?**

Olha, esse ano eu tô tendo esses imprevistos, até então eu tinha um ali outro aqui. Eu até eu levo isso muito de boa, a minha amiga já não leva, tá. Mas assim, a gente sempre prepara o nosso calendário, então, por exemplo, quarenta dias letivos do 1º bimestre, por

exemplo, a gente prepara geralmente uma atividade de pelo menos de 30 a 35, porque? Porque a gente sabe que tem dias que não dá e nesses dias quando a gente consegue tudo certinho, esses outros dias ficam pra quê? E também tem mais uma outra coisa, o currículo tá um pouquinho difícil, tem que seguir a risca, né?... mas são coisas que acontece, eu acho que é a flexibilidade, deu deu, não deu não deu, amanhã a gente retorna. Porque? Não adianta fazer qualquer coisa bagunçada, deixar a folha lá eles fazerem o que quiserem, fazer uma atividade com eles sem ter um , uma, um aprendizado, um aprendizado assim total, realmente, se não, não tem porque de dar.

### **Qual a sua maior dificuldade de atuação na pré-escola?**

Falta de ... apoio pedagógico. Porque falta de material a gente dá um jeito. Eu acho que assim, é muito difícil o professor tirar dinheiro do bolso, realmente, mas eu não gosto de atividades mal feitas, por isso que as minhas são xerocadas. Eu levo pra minha casa, tiro cópia na minha casa, porque eu acho muito desagradável um aluno pegar uma folha mimeografada e não estar enxergando. Eu acho isso um absurdo. Então, assim, material falta muito, falta, mas nós temos sucata, nós temos jogos que é muito interessante, você montar os jogos pras crianças, não ter o jogo pronto, montar um quebra-cabeça, como você monta um quebra-cabeça, né? Eu acho que isso, que esse processo muito interessante. Agora eu acho que o apoio pedagógico, o material pedagógico, o apoio, o coordenador, não é alguém que chega em você e fale.. ah, ta bonito... eu não quero alguém que fale que tá bonito, eu quero que você acrescente algo mais pra eu poder melhorar.

### **E a sua pratica, a sua ação, a sua atuação, você tem alguma dificuldade de atuação com as crianças?**

Ah, eu acho que cada ano que passa, cada vez mais a gente vai aprendendo e eu não sei nada. Tenho muito que aprender. Sinceramente, tanto inclusão como os alunos normais. Eu acho que é assim, a gente cada vez mais temos que aprender. Então assim, hoje em dia em vista de 10 anos atrás as coisas são diferentes, são muito. A indisciplina, a indisciplina ta demais, a falta de apoio dos pais, eu acho que a gente trabalha uma realidade de pais separados, são pais novos, que os alunos acabam não tendo aquela educação, você querendo ou não a educação ela vem de casa, nós complementamos. Então, assim, principalmente no início do ano aquelas boas maneiras, com essa gripe, eu acho que essas são as dificuldades, é uma espera constante.

### **Você acredita que alguma dessas dificuldades pode ser solucionada com a participação em programas de formação continuada?**

Sim, sim com certeza, porque eu acho que essas, esses cursos que que acontece?...é uma troca de ideias e sempre, eu acho que a troca de ideias, a troca de informações ela tem o que, ela vai aumentando o seu aprendizado e dali não é que você vai fazer igual, aquela receita mas alguma mudança, o que você vai fazer que nem por exemplo o Letra e Vida se a Liliane não fizesse a leitura eu não ia ter o habito da leitura, né, eu não ia descobrir o quanto a leitura é importante.

### **Como e quando você buscou a sua formação superior? O que te motivou a buscar?**

Bom, o que me motivou? Então assim, quando eu me formei em 98 eu fiz o concurso de Barueri e passei mas naquela época eu era tão tontinha que eu dei o endereço de uma casa de qualquer mulher lá, e eu ... não fui chamada, nunca fui chamada na realidade porque nem sei onde essa mulher mora, aí quando fui trabalhar na prefeitura de Carapicuíba eu vi

que eu tinha que ser, eu era contratada e tudo, e aí a gente vai conhecendo e a gente vai vendo que pra prestar um concurso precisa ter mais qualificações. O sistema começou também a cobrar isso de nos e eu não pensei muito não porque pra mim a pedagogia ela abrange tudo, eu gosto de preparar aulas, eu gosto de dar arte, de dar, de dar aulas, entendeu? Então assim, por isso que hoje em dia, fiz Artes, foi uma coisa difícil pra eu escolher, e outra porque nenhuma outra disciplina me interessa só aquele foco de português, só isso ... pra mim tem que ser tudo junto. Preparar aula é uma coisa que eu gosto muito, mas de uma maneira interdisciplinar.

**Você foi buscar a Pedagogia, e o que que você achou do seu curso? A Pedagogia que você fez, te preparou para trabalhar com a pré-escola?**

Bom, a Pedagogia que eu fiz foi muito diferenciada porque, porque é a pedagogia do Paulo Freire, então assim, primeiro porque a gente tem que ter autonomia, segundo porque a minha faculdade ela me ensinou a pesquisar, terceiro porque eu tive professores maravilhosos principalmente de educação infantil e muitas propostas da creche da USP. Então assim, eu não tenho o que falar.

**Você vê diferença da sua atuação de quando começou a trabalhar com crianças pra hoje?**

Nossa e como! E cada ano que passa vai melhorando. Eu ensinava a, e, i, o, u, a sequência certinha do alfabeto, os pontinhos, tudo. Ai de repente né ... eu não vou ensinar mais pontinho, mais nada disso. Viu, hoje em dia depois que eu fui fazer a psico, aí você cai de paraquedas de novo né, porque os pontinhos é importante, né ... mas você tem que ter um objetivo, né então hoje em dia é, por mais que se fale não dá pra você por um pouco daqui, outro dali, um complementa o outro, então a cada ano que passa a gente vai vendo, nossa! que coisa feia que eu fiz, entendeu? Principalmente nas atividades, também quando a gente elabora.

**O que você entende por formação continuada?**

Eu entendo que a formação continuada ela já tinha que ser no HTPC, porque é função do coordenador dar a formação continuada não passar os recados que tem que ser passados então é assim a formação continuada, e a formação continuada para os professores é uma coisa chata, mas pra mim é a coisa mais maravilhosa que existe, eu acho que, um dia que eu sai da sala de aula é enriquecimento, eu acho o máximo, sabe, porque você fala com aquele poder assim, o poder assim, eu entendo desse assunto. Que nem você, você tá pretendendo isso, vai poder falar disso com outra propriedade e é muito legal quando você defende isso. Eu defendo muito a formação e acho que todos os professores tem que fazer sim, eu acho que isso aí infelizmente não é aproveitado, mas deveria, entendeu? Porque, eu fico muito triste quando eu não tenho um livro pra não ler.

**O que você achou desse programa de formação continuada que você participou, não em, em específico o Letra e Vida ou o RCNEI, mas os demais?**

Bom, é quando eu fui fazer o Letra e Vida é ... veio quem pode, é .... era um espaço pra professores de 1ª a 4ª série, eu não era, aí depois teve sorteio porque não podia ser todo mundo, aí eu não fui sorteada, aí de repente eu me inscrevi lá que eu tinha que ir na Editora Moderna e lá eu conheci a Milma, aí falei eu tinha tanta vontade de fazer esse Letra e Vida, você sabe de um lugar onde eu possa fazer? Que eu possa pagar pra fazer? Ela falou, não, porque você não faz onde, onde nós estamos cursando? Ah, porque não fui sorteada, não é

assunto infantil, o infantil não pode, não pode fazer o Letra e Vida. Então você liga lá e consegue. Eu sei que eu liguei durante uma semana, tentando e consegui. E fui fazer. É cansativo, mas é prazeroso. Porque que é cansativo? Porque ... assim nos, querendo ou não devido nosso salário temos que ficar dobrando, trabalhando o dia inteiro, então muitas vezes eu cheguei no curso cansada, angustiada mas depois de um tempo você relembra todas essas coisas, você relembra um vídeo que você assistiu, uma discussão que teve. Muita gente fala mal do Letra e Vida, que era o Letra e Morte, né? pra mim ele nunca foi um Letra e Morte, porque, por mais que o Letra e Vida as pessoas falam não estava direcionado a 1ª a 4ª série o que eu pude aprender é assim, eu acho que cada pessoa tem que sugar o que ela tem de melhor, e ali eu consegui trazer muita coisa pro meu infantil e eu consegui muito entender a história. Porque assim até hoje eu converso com os professores, tanto aqui quanto nas outras unidades escolares eles não entendem isso ainda isso daí ficou como uma coisa decorada ... eles não, sabe, eles vão ali apenas coloca a criança pra que lado e acabou ... o que você faz então? Por isso que eu achei muito importante, isso por que lá você aprende, é ... não é que você aprendeu eu convivi porque muitas coisas eu também tinha que fazer na sala de aula pra apresentar lá, é ... juntar grupos de aluno, fazer agrupamentos alunos que sabe, alunos que não sabe, então assim, isso pra mim foi uma base muito importante.

### **No caso então, do, do RCNEI, por exemplo, o que ele contribuiu pra atuar nas crianças de pré-escola? Os pontos positivos e negativos...**

Os pontos negativos do RCNEI, porque o RCNEI também veio e ninguém queria saber como sempre, e RCNEI quando eu vi eu quis fazer porque, eu fui conhecer o referencial na educação infantil quando eu entrei neste conforto de Jandira e eu li ele de ponta a ponta e eu me apaixonei, aí muita gente sabe que o que ta ali é impossível mas não é impossível, eu acredito muito no que ta ali então eu queria ver no curso. O ruim deste curso foi além do horário de quem quis fazer não pode realizar porque trabalha em outro município, essas coisas ... primeiro que me deixou chateada neste curso é que não teve professor interessado, ... professor que eu sei que tem tempo, que não quis fazer, então assim, eu me via no curso só, a única professora. ... aí você vem e fala: nossa eu fiz o curso e não sei pra que, e este curso, gente, foram profissionais muito, profissionais olha ... maravilhosos, que se esforçaram tanto com materiais, tanto com conteúdo e praticamente escutaram muitas angustias, tanto de monitores como a minha. E o RCNEI complementou todas as duvidas que eu tinha, todas as duvidas que eu tinha, é um eterno aprendizado que eu acho que cada vez mais a gente vai aprofundando, né? Hoje em dia mesmo eu ainda tenho muita indecisão de fazer um mestrado por eu não sei se eu vou pra educação infantil de vez, a gente fica indecisa. Eu peguei fundamental um pouco este ano .... aí você fala: ai meu Deus do céu, então é assim uma paixão que ta muito dividida, mas assim foi maravilhoso o curso. E de positivo é que ele contribuiu em todas as funções, em todas, em todas mesmo, tanto na autonomia das crianças, tanto em relação assim, ah mas você não pode, é por exemplo fazer um bolo, mas você pode fazer um suco, um cinema com as criança, então vamos fazer um suco, como faz um suco com a gelatina, isso você consegue fazer em uma sala de aula, porque todo ano eu faço uma salada de frutas ... (escondida, com a porta fechada)... Mas eu faço. Tudo de positivo.

### **Você acredita que pode ser aplicado em sala de pré-escola as propostas?**

Com certeza, o RCNEI praticamente é obvio e o Letra e Vida tem como ser aplicado sim, com certeza. Principalmente porque você não ensina o aprendizado, você trabalha com



parlendas, com musica e disso você vai tirando as letras e a gente acha que a criança não sabe, a criança sabe muito.

**Nesses programas de educação infantil que você participou, qual conteúdo que é mais abordado?**

A dificuldade de aprendizado dos alunos e a inclusão, né. A inclusão ainda é uma coisa muito nova, tive uma experiência o ano passado, to tendo essa, este ano, pra mim ainda é muito novo, muito ... E a dificuldade da criança a gente sabe que, ah o que que a gente vai fazer, como psicopedagogo hoje em dia dificuldade ela vem um pouquinho mais pra trás né, mas eu também vejo dificuldade muitas vezes existe não só porque, é muito fácil colocar a culpa na família, mas também porque não existe vinculo entre o aluno e o educador.

**Pra você o que seria um bom programa de educação continuada?**

Primeiro. Horários alternados. Segundo, é ... que sejam, sejam dinâmicos.... né. Terceiro que tenha realmente, sabe, que não seja coisa assim, eu não digo assim, ah que sejam de poucas horas, pode pegar um tema tal o ano inteiro mas que seja sub temas de várias assim, nossa, leva um mês pra xapichar esse tema e um tema só pelo resto do ano é cansativo. Então, assim, eu acho que ele tinha que ser uma coisa constante, o HTPC não é constante? Eu acho que isso também devia ser.

**Você acha que a carga horária influencia?**

Muito. Muito. E infelizmente. De muitas discussões que agora é muito fácil falar assim: Ah eu não fiz o curso porque ninguém me ofereceu e agora vai valer pontos, alguma coisa assim. Eu acho que primeiro, o curso vai valer para o meu aprendizado, segundo porque claro a gente precisa de um estímulo pra isso, que vale realmente pontos. O RCNEI, O Letra e Vida eu fiz, por vontade, no final do ano eu gostaria muito que valesse na minha pontuação porque minha condição eu sou uma das finais na minha classificação, infelizmente não valeu, isso me deixou triste porque muitas vezes saia 6horas da manhã, deixava meu filho pequeno em casa com a minha mãe pra eu poder ta lá no Letra e Vida, pra poder ta lá no RCNEI porque pelo esforço, não é que você faz o curso chega, pronto e acabou, você vai embora como se nada tivesse acontecido, você fica pensando, você fica planejando, então assim se valesse ponto iria estimular, né. Iria ser mais estimulante.

**Participar de programas direcionados ao ensino fundamental, pensando n sua atuação com pré-escola, você acredita ser positivo?**

Infelizmente não, porque? Porque vai depender do curso. Porque eu vejo os professores do fundamental, quando eu trabalhei no Estado eu tive uma coordenadora hoje ela está no Espírito Santo que ela me, que ela falou assim faz o seu planejamento e eu fiz ai, aí eu peguei o livro (Fiz o planejamento) aí ela me ensinou a trabalhar com projetos ela falou: Menina você recém-formada vai fazer isso? Ai ela me ensinou que a partir de uma historia poderia alfabetizar uma criança, aí eu me lembro que foi o Menino rola a bola. Na época que ela me ensinou e a partir daí que eu comecei a desenvolver os projetos e o que acontece, o infantil quando eles olham os projetos eles falam que é lindo, maravilhoso e eles dão esse meu projeto em uma semana, porque é interdisciplinar eu encaixo todos trechos e é um projeto interdisciplinar porque ali não é só dar, tem o ato de brincar, tem o ato de construir, não é só você dá coisa, então tem todo um aprendizado por trás e ai quando a gente conversa com um professor do fundamental dá trabalho, realmente dá trabalho mas dá para fazer, por exemplo, eu fiz agora com a 3ª série eu fiz, Histórias de Arrepiar, o projeto com a

3ª série que foi muito legal que eu trabalhei tudo com eles, todas as disciplinas então dá trabalho, realmente, mas eu acho que é mais prazeroso. Então o professor de educação infantil que não tem, é ... este leque, ele vai chegar num curso fundamental e que esse curso também fala que matemática vai ensinar isso, português vai ensinar isso, ele vai continuar do mesmo jeito. Então eu acho que é muito difícil é ... esconder essa questão.

**Enfim, você acredita que a formação continuada possa contribuir para sua docência?**

Com certeza, eu aposto 100% nisso, a prática, a experiência, é importante, é. Ah isso é só na teoria, é, é só teoria, mas ajuda a prática, ela pode ser, pode ser que nem está com ponto e virgula lá no texto, na teoria, eu acho que a gente precisa acreditar, se a gente acredita, a gente tenta, até hoje na minha vida em todos os momentos eu quero tentar, se deu certo ou não, eu tentei.

**Agradecimentos.**



# Prefeitura do Município de Jandira

## CONVOCAÇÃO

FICAM OS CANDIDATOS APROVADOS CONFORME RELAÇÃO ABAIXO, A COMPARECEREM PARA EXAME MÉDICO NO HOSPITAL MUNICIPAL, NO PERÍODO DE 5 A 11 DE ABRIL DE 1.990, NO HORÁRIO DAS 9:00 AS 16:00 HORAS.

RELAÇÃO DE CANDIDATOS APROVADOS NO CONCURSO PÚBLICO DE 02/90 - EDUCAÇÃO

CARGO : 02 - PROFESSOR I

1	Vera Lucia Assaloni Allemang	78,00
2	Kedias Martins Bezerra Furukava	76,30
3	Leda Pereira dos Santos	75,37
4	Maria Jose Vinto Pavlovski	74,29
5	Nancy Alves Gomes	73,00
6	Elson Rochane Neves	72,00
7	Belaira Cardoso Duna	72,34
8	Zenaida da Costa Silva	70,22
9	Maria Shirley dos Santos	70,25
10	Eunice Machado Costa	70,24
11	Ana Cristina Tunipomba Santos	70,14
12	Virginia Ferrari	67,05
13	Solange Gallardi	68,36
14	Maria Teresa Bestin	68,26
15	Sueli Luprete Fernandes	67,39
16	Raquel de Alencar	67,00
17	Niriano Pereira	67,00
18	Ivassilda Ludovico Carrera Gonçalves	67,00
19	Romilde Arlinda Silva	66,09
20	Mercia de Oliveira	66,08
21	Dumitilda de Fátima Fortes Pedro	66,14
22	Silvia Aparecida Leite	65,36
23	Maria Rodrigues Rosa Santos	65,13
24	Maria Aparecida de Oliveira	65,11
25	Luciana Andrea Paes	65,20
26	Ivassilda Lira Gomes	65,00
27	Lazara Rita Paes	64,20
28	Isabel Correa de Oliveira Santana	64,00
29	Sandra Regina de Silva Santos	63,25
30	Nilza Ferreira de Souza Batista	63,19
31	Bernádia da Luz Nimoto	63,00
32	Aurora Silva de Almeida	63,00
33	Angela Maria Rodrigues	63,33
34	Eloisa Gomes Rosa	61,00
35	Rosana Quirino Severo	60,00
36	Rita de Cassia Pereira dos Santos	60,19
37	Lucia Oliveira dos Santos	60,22
38	Teracina Assis do Prado	60,27
39	Ruth Dias Tavares de Melo	59,00
40	Solange Carminhato Rosatti	58,00
41	Silvana Francisca de Oliveira	58,00
42	Selma dos Santos Araujo	58,00
43	Maria Joana Martins	58,14
44	Marcelo de Rodrigues Pontes	58,00

45	Cristina Onisko de Oliveira	58,00
46	Cleoneide da Silva Santos	58,15
47	Adão José Chiavitti Ribeiro	58,00
48	Roseli Dorcas Waugeter da Silva	57,35
49	Maria Yolanda Senna dos Santos	57,04
50	Maria Regina Nolini	57,14
51	Monica Elaine Manichi	56,00
52	Sueli Figueiredo Silva	56,12
53	Cláudio Carmo de Oliveira	56,00
54	Marli Josefa da Silva	55,00
55	Marilene Diaz Buca	55,00
56	Silvia Aparecida Maciel	55,00
57	Leila Alves de Melo	53,00
58	Solange Rostinatti	51,00
59	Ziuler Borges Calvão	50,00
60	Zenilda dos Santos	50,00
61	Vera Lucia Gonçalves	50,39
62	Solange Rocha Ferreira	50,00
63	Elisa de Oliveira Fontes	50,00
64	Edinalva Aparecida da Costa Silva	50,00
65	Sueli Aparecida de Souza	46,00
66	Nilzete de Jesus Santos	45,00
67	Tereza de Lourdes Diniz	44,00

TOTAL : 67

CARGO : 01 - DIRETOR DE ESCOLA

1	Valderez Cristina da Silva	83,00
2	Gilson Maciel Francisco Abbiati	73,00
3	Bete Pereira dos Anjos	65,00
4	Suelly Tauguie Koba	64,00
5	Sandra Mara Robles Domingues	62,00
6	Marta Cardoso de Azevedo	61,00
7	Ivanise Rocha Telusso Pereira	60,00
8	Josiane Maria Nobles Pereira	59,00
9	Maria de Fátima Santos Silva	58,00
10	Rivaldo Rodrigues da Silva	57,00

TOTAL : 10

CLASSIFICAÇÃO DOS CANDIDATOS APROVADOS NO CONCURSO PÚBLICO DE SUPER. 308 DE ENBINO.

1	Ana Maria Belli	85,00
---	-----------------	-------

## CONCURSO

A Comissão do Concurso nº 7216 de 28 de 19 de março de 1990.

ARTIGO 1º) Ficam as 9:00 horas, na Escola de Ensino Fundamental de Jandira, as provas escritas.

ARTIGO 2º) O resultado das provas escritas, à disposição dos candidatos, em 1990, na Procuradoria.

ARTIGO 3º) Ficam com ratificação o Edital nº 03/90.

Jandira

COM

DECR

de C

DECRETA ESTA

WALDERI BR

Município de Jandira

Insua

CONSIDERANDO

te data e, tendo em

em todo o período

comunicável e totalme

CONSIDERANDO

com praticada com a

CONSIDERANDO

CONSIDERANDO

rias estão sujeitas

CONSIDERANDO

D E

ARTIGO 1º) Ficam

doce pública no Munic

ARTIGO 2º) Este

publicação.

Nome do arquivo: THATIANA PINEDA  
Diretório: \\pegasus\MyDocs2\henrique\My Documents  
Modelo: C:\Documents and Settings\henrique\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dotm  
Título: Mestranda: THATIANA FRANCELINO GUEDES PINEDA  
Assunto:  
Autor: Milton e Esposa  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 17/6/2010 12:11:00  
Número de alterações: 3  
Última gravação: 11/8/2010 15:37:00  
Salvo por: henrique  
Tempo total de edição: 6 Minutos  
Última impressão: 11/8/2010 15:38:00  
Como a última impressão  
Número de páginas: 259  
Número de palavras: 89.091 (aprox.)  
Número de caracteres: 481.097 (aprox.)